TEMAS DE PESQUISA NA FORMAÇÃO DO TÉCNICO DE ENFERMAGEM

construindo a iniciação científica

Organizadores
Daniele Vasconcelos Fernandes Vieira
Marcélid Berto da Costa
Ismael Moreira de Sousa

TEMAS DE PESQUISA NA FORMAÇÃO DO TÉCNICO DE ENFERMAGEM

construindo a iniciação científica

Fortaleza
IMAC
Editora
2021

Editora IMAC

E-mail: contato@editoraimac.br

Site: www.editoraimac.com.br

Conselho Editorial

Profa. Dra. Ivana Cristina Vieira de Lima Maia
Profa. M.^a Daniele Vasconcelos Fernandes Vieira
Prof. M.^e Francisco Régis da Silva
Profa. Dra. Greicy Coelho Arraes
Prof. Dr. Helder Levi Silva Lima
Profa. M.^a Isabelle Cerqueira Sousa
Profa. M.^a Juliana Barbosa de Faria
Profa. M.^a Marcélid Berto da Costa
Profa. Dra. Niédila Nascimento Alves
Profa. M.^a Paula Pinheiro da Nóbrega
Profa. Dra. Samyla Citó Pedrosa
Profa. Dra. Vanessa da Frota Santos
Profa. Dra. Virna Luiza de Farias

Organização

Daniele Vasconcelos Fernandes Vieira, Marcélid Berto da Costa e Ismael Moreira de Sousa

Direção editorial

Ivana Cristina Vieira de Lima Maia

Normalização bibliográfica

Rosana de Vasconcelos Sousa (CRB-3/1409)

Diagramação e capa

Talita Pontes Mendes

Como citar esta obra:

VIEIRA, Daniele Vasconcelos Fernandes; COSTA, Marcélid Berto da; SOUSA, Ismael Moreira de (org.).

Temas de pesquisa na formação do técnico de enfermagem: construindo a iniciação científica. Fortaleza: IMAC, 2021.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T278 Temas de pesquisa na formação do técnico de enfermagem: construindo a iniciação científica /
Organizado por Daniele Vasconcelos Fernandes Vieira, Marcélid Berto da Costa e Ismael Moreira de
Sousa. — Fortaleza: IMAC, 2021.

219 p.: il., color.

ISBN 978-65-995347-3-7

1. Enfermagem. 2. Curso técnico de enfermagem – Iniciação científica. I. Vieira, Daniele
Vasconcelos Fernandes. II. Costa, Marcélid Berto da. III. Sousa, Ismael Moreira de. IV. Título.

CDD 610.7

OS ORGANIZADORES

Prof.ª M.a

Daniele Vasconcelos Fernandes Vieira

Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/3649870369145728>

Enfermeira. Graduação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Especialista em Terapias Holísticas e Complementares pela Faculdade Educare. Mestre de Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde do Programa de Pós-Graduação de Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde (PPCCLIS) da UECE. Interesse de pesquisa e estudos na área de Ciências da Saúde com as temáticas de Promoção da Saúde; Bem-estar e Qualidade de Vida com enfoque em Práticas Integrativas e Complementares em Saúde no Sistema Único de Saúde (PICS-SUS); Espiritualidade e Saúde; Linguagem, Cuidado e Comunicação na Saúde; Realidade Fractal e Ciência da Complexidade. Na área de Educação na Saúde com ênfase na formação do profissional de nível técnico e superior; Formação Profissional em Práticas Integrativas e Complementares em Saúde. Atua na coordenação, qualificação e capacitação de Cursos de Terapias Holísticas/Integrativas e Complementares, na qualidade de Especialidades e/ou Aperfeiçoamentos. Atua na Coordenação de Grupos de Estudos, Pesquisa e de Práticas sobre essas temáticas. Membro da Associação dos Jovens de Irajá (AJIR, 2010 a 2014). Membro do Conselho Fiscal da Associação Brasileira de Enfermagem (Aben)-Seção Ceará (2017-2019). Membro da Comissão de Práticas Integrativas em Saúde do Conselho Federal de Enfermagem Cpics-Cofen (2018-2020). Atualmente, contribui como avaliadora de Cursos Técnicos Profissionalizantes do Conselho Estadual de Educação do Ceará (início em 2017) e como avaliadora do Banco de Avaliadores (BASis) do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes) (início em 2018). Ocupa o cargo de professora temporária da Faculdade Veterinária da UECE (FAVET-UECE).

OS ORGANIZADORES

Prof.ª M.ª
Marcélid Berto da Costa

Currículo Lattes:
<http://lattes.cnpq.br/8160103683997296>

Bacharel em Enfermagem pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR) (2007). Mestra em Ensino na Saúde pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) (2018). Especialista em Saúde da Família pela UECE (2008). Especialista em Educação Profissional, Científica e Tecnológica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) (2019). Possui experiência profissional nas áreas de ensino (Gestão, preceptoria e docência) e na prática assistencial de enfermagem (Clínica Médica e Cirúrgica). Atua como coordenadora e docente do Curso Técnico de Enfermagem da Escola Estadual de Educação Profissional Ícaro de Sousa Moreira e integrou a equipe de apoio pedagógico do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec)/ Fundação Universidade Estadual do Ceará (Funece) (2016-2018).

OS ORGANIZADORES

Prof. Esp.
Ismael Moreira de Sousa

Currículo Lattes
<http://lattes.cnpq.br/9080502953872172>

Graduado em Enfermagem pela Faculdade de Ensino e Cultura do Ceará - FAECE (2015). Especialista em Saúde da Família pelo Centro Universitário Ateneu (2020). Mestrando em Enfermagem pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Experiência como Enfermeiro da Estratégia de Saúde da Família, docente de nível técnico e preceptor de estágio de nível superior e técnico no âmbito da APS. Bolsista pela Fundação Cearense de Apoio e Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). Membro do Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão para Promoção da Saúde Sexual e Reprodutiva. Atua principalmente nas temáticas Promoção da Saúde Sexual e Reprodutiva, Infecções Sexualmente Transmissíveis e Formação Pedagógica em Enfermagem.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 13

SENTIMENTOS VIVENCIADOS PELA EQUIPE DE ENFERMAGEM EMERGENCISTA EM TEMPOS DE PANDEMIA DO COVID-19: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Jhully Emily Aires de Oliveira

Ana Vitória Pinheiro da Silva Sousa

Antônia Bárbara Alves Martin

Camila Santos Barros¹⁴

Maria Cecília Cavalcante Barreira

CAPÍTULO 2..... 29

VIVÊNCIAS DA EQUIPE DE ENFERMAGEM NO ACOLHIMENTO À MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA SEXUAL E DOMÉSTICA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Adriell Yuri dos Santos Alves

Caroline Araújo Marques

Lara Christie Ferreira Lima

Camila Santos Barros

Andréa Coutinho Pessoa de Oliveira

CAPÍTULO 3..... 44

CONSTRUÇÃO DE UM VÍDEO EDUCATIVO COMO ESTRATÉGIA DE ADESAO À DIETOTERAPIA EM PORTADORES DO DIABETES TIPO 2: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Alana de Souza Dias

Edmar Max Brenner Sousa de Mesquita

Francislaura Paulo de Sousa

Carlos Kellery Feitosa da Silva

Maria Cecília Cavalcante Barreira

Francisco José Mendes dos Santos

Jorge Luís Jardimino

CAPÍTULO 4..... 58

ESTADO PSÍQUICO DOS ESTUDANTES DE UM CURSO TÉCNICO EM ENFERMAGEM DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ana Gabriele Oliveira da Silva

Cauã do Nascimento Silva

Zeferina Bezerra Pimentel Monteiro do Rêgo

CAPÍTULO 5..... 78

CONSEQUÊNCIA DO ESTRESSE GERADO NOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM ATUANTES NO CENÁRIO DA PANDEMIA DE COVID-19: UMA REVISÃO NARRATIVA

Andressa Quintela de Castro

Jonathan Sousa da Silva

Tainara Maria Dias da Silva

Edwiges Maiara Florencio Cruz

Marcélid Berto da Costa

CAPÍTULO 6..... 96

CONSTRUÇÃO DE UMA TECNOLOGIA EDUCATIVA PARA A PREVENÇÃO DO ABUSO SEXUAL EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Ana Carolina Cavalcante Pereira

Cinthia da Silva Souza

Julia Kelly Lima de Andrade

Amanda Peres Lustosa

Andréa Coutinho Pessoa de Oliveira

Daniele Vasconcelos Fernandes Vieira

CAPÍTULO 7..... 111

CARACTERIZAÇÃO DOS FATORES DE RISCO E PREVENÇÃO DA DEPRESSÃO PÓS-PARTO: REVISÃO NARRATIVA

Arimá Gomes Braga

Dayane Cristina Sousa Vasconcelos

Yara da Silva Moreira

Andreia Elne Silveira

Ismael Moreira de Sousa

Alessandra Luiza Alves do Nascimento Celedôni

CAPÍTULO 8..... 128

COVID-19 E GESTANTES NO CONTEXTO DA PANDEMIA: UM ESTUDO RELACIONAL ENTRE FATORES DE RISCO E MORTALIDADE

Ana Caroline Freitas da Silva

Everton Rodrigues Mota

Vitória Pereira Freires

Edwiges Maiara Florencio Cruz

Daniele Vasconcelos Fernandes Vieira

Ismael Moreira de Sousa

CAPÍTULO 9..... 140

CARACTERIZAÇÃO DA SÍNDROME DE BURNOUT EM PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM: REVISÃO NARRATIVA

Francisca Thayná Ferreira do Monte

Maria Kailany Barros de Sousa

Andréia Elane Silveira

Marcélio Berto da Costa

CAPÍTULO 10..... 154

CONSTRUÇÃO DE UM VÍDEO EDUCATIVO PARA ORIENTAR A AUTOADMINISTRAÇÃO DE INSULINA À PACIENTES INSULINODEPENDENTES

Gabriel da Silva Ferreira

Jamilly Lillian Silva de Sousa

Maria Eugênia de Sousa Lino

Carlos Kellery Feitosa da Silva

Alessandra Luíza Alves do Nascimento Celedônio

Francisco José Mendes dos Santos

Jorge Luís Jardimino

CAPÍTULO 11..... 166

ACIDENTES DOMICILIARES ENVOLVENDO QUEIMADURAS OU INTOXICAÇÕES DURANTE A PANDEMIA: REVISÃO SOBRE OS CUIDADOS EMERGENCIAIS

Andressa Carneiro do Nascimento

Anny Tamires de Sousa

Francisca Rafaelly Alves Farias

Zeferina Bezerra Pimentel Monteiro do Rêgo

Ana Zaiz Flores Hormain Teixeira de Carvalho

CAPÍTULO 12..... 177

A DEPRESSÃO NA PESSOA IDOSA: UMA REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA

Ana Lúvia Carvalho Lima

Layara Layra de Almeida Alexandre Silva

Adriano Silva Eugenio

CAPÍTULO 13..... 196

ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NAS DOENÇAS REUMATOLÓGICAS: CARACTERIZAÇÃO E CONTRIBUIÇÕES NO CUIDADO ASSISTENCIAL AO PACIENTE

Ana Thaís de Sousa Ribeiro

Bárbara Vitória Oliveira Barbosa

Maria Clara Lima dos Santos

Adriano Silva Eugenio

**ATIVIDADES DE PRIMEIROS SOCORROS NAS ESCOLAS: REVISÃO
NARRATIVA**

João Felipe Martins da Silva

Rafaela Pereira da Silva

Tamires Nascimento da Silva

Amanda Peres Lustosa

Ana Zaiz Flores Hormain Teixeira de Carvalho

PREFÁCIO

Com grande alegria temos o prazer de compartilhar com a comunidade esta obra escrita por professores e estudantes do Curso Técnico de Enfermagem da Escola Estadual de Educação Profissional Ícaro de Sousa Moreira, localizada em Fortaleza-Ceará.

O e-book é composto de 14 capítulos com estudos realizados pelos estudantes de enfermagem com foco no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que abordam diversos temas relacionados à Assistência de Enfermagem em diferentes contextos, a saber: COVID-19 (Capítulos 1, 4, 5 e 8); Assistência de Enfermagem às Vítimas de Violência (Capítulos 2 e 6); Condições Crônicas (Capítulos 3 e 10); Saúde da Mulher (Capítulo 7); Saúde do Trabalhador (Capítulo 9); Urgência e Emergência (Capítulos 11 e 14); Saúde do Idoso (Capítulo 12); e Doenças Reumatológicas (Capítulo 13).

Esta obra é um incentivo para que o trabalho do futuro técnico de enfermagem seja pautado em princípios chaves como humanização e integralidade. O fomento à iniciação científica já no âmbito do Curso Técnico de Enfermagem é uma iniciativa louvável, tendo em vista a necessidade de se aliar a prática assistencial dos futuros técnicos de enfermagem ao prisma da pesquisa baseada em evidências, com vistas a promover maior segurança à assistência prestada. Além disso, esses princípios serão úteis para aqueles estudantes que irão dar continuidade a sua formação ao longo da graduação, seja em enfermagem ou em áreas afins.

Desejamos aos leitores uma agradável leitura! Esperamos que as informações compartilhadas possam fornecer subsídios para que outros professores e estudantes de Escolas de Educação Profissional desenvolvam iniciativas com foco no estímulo à iniciação científica no decorrer do curso técnico.

Ivana Cristina Vieira de Lima Maia

Editora Chefe da IMAC

Capítulo 1

*SENTIMENTOS VIVENCIADOS
PELA EQUIPE DE ENFERMAGEM
EMERGENCISTA EM TEMPOS DE
PANDEMIA DO COVID-19: UMA
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA*

SENTIMENTOS VIVENCIADOS PELA EQUIPE DE ENFERMAGEM EMERGENCISTA EM TEMPOS DE PANDEMIA DO COVID-19: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Jhully Emilly Aires de Oliveira¹
Ana Vitória Pinheiro da Silva Sousa¹
Antônia Bárbara Alves Martins¹
Camila Santos Barros²
Maria Cecília Cavalcante Barreira³

RESUMO

O *Coronavirus Disease-19* é uma doença infecciosa que, devido ao nível altíssimo para a transmissão da doença, do crescimento de incidência de casos por dia e do risco “moderado” para o percentual de ocupação das Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) por pacientes com a doença, requer a máxima atenção, sendo a enfermagem protagonista na prestação do cuidado por estar em contato ininterrupto com os pacientes. O objetivo do artigo é analisar o que as literaturas relatam sobre os sentimentos dos profissionais de enfermagem emergencistas e especificamente conhecer o lado emocional da equipe de enfermagem ao trabalhar em uma unidade de emergência de COVID-19. Trata-se de um estudo do tipo revisão bibliográfica narrativa da literatura. A coleta de dados aconteceu entre fevereiro e março de 2021, e o recorte temporal dos artigos para análise compreendeu os anos de 2020 e 2021. Os resultados destacam sentimentos e fatores estressores: exaustão, angústia pela possibilidade contaminação própria e de familiares, vontade de ajudar; sentimento de medo devido a constante falta de EPIs; ansiedade, obrigação, impotência por não conseguir salvar vidas, preocupação com a morte, tristeza, discriminação, isolamento, incerteza e dúvidas em relação ao futuro. A urgência em evidenciar os cenários vivenciados pelos profissionais e como estes se sentem, a fim de elucidar a necessidade de debates de como ajudar e proporcionar o suporte necessário a essas equipes.

Palavras-chave: COVID-19; sentimentos; enfermagem; emergência; hospital.

¹ Estudante do Curso Técnico em Enfermagem. Escola Estadual de Educação Profissional (EEEP) Ícaro de Sousa Moreira.

² Enfermeira Especialista em Obstetrícia. Professora orientadora de Estágio da EEEP Ícaro de Sousa Moreira. *E-mail:* santosbarroscamila@gmail.com

³ Enfermeira Mestre em Saúde Coletiva - Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Assistente técnica da célula de promoção e acompanhamento de estágios - Coordenadoria de Educação Profissional (COEDP)/Secretaria da Educação do Ceará (SEDUC-CE). *E-mail:* cecilia.cavalcante@educ.ce.gov.br

INTRODUÇÃO

O *Coronavirus Disease-19* (COVID-19) é uma doença infecciosa causada por um vírus recém-descoberto. Seus sintomas mais comuns são: sensação de febre, dor de garganta, tosse, coriza, dificuldade para respirar, perda de olfato e paladar, distúrbios gastrointestinais, cansaço e diminuição do apetite (BRASIL, 2019).

O vírus pode ser transmitido de uma pessoa doente para outra, ou por contatos próximos, como: gotículas de saliva, espirros, tosse ou pelo toque do aperto de mãos contaminadas. Os primeiros casos foram localizados no sul da China, na cidade de Wuhan. Os pacientes relataram ter consumido alimentos de um mercado que vendia frutos do mar e animais selvagens, como: cobras, morcegos e castores. Desde então, pesquisas apontaram que o vírus estava sendo transmitido de pessoa para pessoa. Com a rápida propagação do vírus, a Organização Mundial da Saúde (OMS), declarou uma pandemia Mundial no dia 11 de março de 2020 (OMS, 2020).

Após 1 ano e 11 meses de pandemia, o panorama mundial da COVID-19, consiste em 104.816.244 de casos confirmados e 2.281.024 de óbitos até o final do mês de fevereiro, sendo os países com mais índices de mortalidade: Estados Unidos no topo com 207 mil óbitos, seguidos por Brasil (144.680), Índia (99.773), México (78.078), Reino Unido (42.292), Itália (35.918), Peru (32.463), França (32.034), Espanha (31.973) e Irã (26.567). E com menores índices: Taiwan no topo com 8 óbitos, Nova Zelândia (25), Noruega (574), Finlândia (685), Austrália (909), Coreia do Sul (1.448), China (4.636) e Japão (6.068) (COVID-19..., 2021).

A COVID-19 chegou à América Latina em 25 de fevereiro de 2020, quando o Ministério da Saúde do Brasil confirmou o primeiro caso da doença em um homem brasileiro de 61 anos, que viajou de 9 a 20 de fevereiro de 2020 para a Lombardi, norte da Itália. Até o dia 26 de março de 2020, o Brasil já tinha 2.915 casos confirmados da COVID-19 e 77 óbitos, de acordo com os dados oficiais do Ministério da Saúde.

O Governo do estado do Ceará, através de um decreto com efeito a partir do dia 20 de março de 2020, determinou medidas mais severas de isolamento social visando conter a propagação da COVID-19 que, naquele momento, contava com 20 casos notificados. Atualmente o Estado indica nível altíssimo para a transmissão da doença, indicando crescimento de incidência de casos por dia e risco “moderado” para o percentual de Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) ocupadas por pacientes com a doença (BRASIL, 2021).

A enfermagem presta assistência em setores considerados desgastantes, tanto pela carga de trabalho, como pelas especificidades das tarefas, e nesse panorama encontra-se a Unidade de Emergência (UE) que é uma unidade apropriada para o atendimento a pacientes com afecções agudas específicas, onde existe um trabalho de equipe especializado. Os profissionais de enfermagem enfrentam circunstâncias diversas, geradoras de estresse, já que estão em contato direto e ininterrupto com a dor, o sofrimento, a impotência, a angústia, o medo, a desesperança, a perda e a morte, podendo trazer graves consequências físicas, emocionais, e até mesmo, na qualidade do cuidar (SALOMÉ; MARTINS; ESPÓSITO, 2009).

Como a UE é um ambiente estressante, não se pode descuidar da equipe. Diante das diversas circunstâncias vivenciadas na pandemia, surgiu a seguinte indagação: O que os artigos científicos têm publicado nos últimos 12 meses sobre os sentimentos dos profissionais de enfermagem que trabalham na unidade de urgência e emergência de COVID-19?

O estudo se justifica a partir da realidade observada de que os trabalhadores estão vivenciando sobrecarga de trabalho e risco de morbimortalidade no cenário de pandemia. Surgiu o interesse para estudar as vivências e emoções ao analisar que, desde 2020, 44.441 enfermeiros, técnicos e auxiliares foram afastados do trabalho e colocados em quarentena após serem infectados pelo novo coronavírus, um número significativo dentro de um universo de pouco mais de 2 milhões de trabalhadores da área no Brasil. De acordo com dados do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN, 2021), mais de 500 mortes de profissionais ocorreram entre 2020 e 2021, trinta deles apenas em janeiro deste ano. Segundo pesquisas do Conselho Regional de Enfermagem do Ceará (COREN-CE) e Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), profissionais de saúde que atuam na linha de frente no enfrentamento da pandemia em unidade de emergência estão constantemente submetidos a agentes estressores no contexto de trabalho, o que tem afetado a saúde mental dos mesmos (CONSELHO REGIONAL DE ENFERMAGEM, 2020; FIOCRUZ, 2021). Destarte, torna-se vital estudar como o cenário atual de trabalho que os profissionais de saúde enfrentam diariamente afeta suas emoções.

Assim, esse trabalho trará contribuições para a categoria a partir da comparação de resultados e discussões de diferentes artigos científicos, com possibilidade de gerar debates sobre o cuidado da saúde mental e sentimental dos profissionais de saúde visto que, para a equipe executar uma assistência dentro dos seus valores éticos, além do conhecimento das técnicas e da tecnologia utilizada no setor, é necessário também reconhecer que o profissional é um ser humano e possui sentimentos a serem relevados e também cuidados.

A presente investigação teve como objetivo analisar o que as literaturas relatam sobre os sentimentos dos profissionais de enfermagem emergencistas e mais especificamente

conhecer o lado emocional da equipe de enfermagem ao trabalhar em uma unidade de emergência de COVID-19.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo do tipo revisão bibliográfica narrativa da literatura, de natureza básica, objetivos exploratórios e descritivos e abordagem qualitativa. A análise das publicações referente aos sentimentos vividos pela equipe de enfermagem no enfrentamento da pandemia na emergência hospitalar foi feita dentro do recorte temporal dos anos de 2020 e 2021. A coleta de dados ocorreu no período de fevereiro a março do ano de 2021.

Segundo Polit, Beck e Hungler (2004, p. 110) a pesquisa bibliográfica “é a atividade de localização e consulta de fontes diversas de informações escritas, para coletar dados gerais ou específicos a respeito de um tema”.

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. Além disso, a pesquisa bibliográfica é indispensável para a realização de estudos históricos (GIL, 2006).

O autor continua a afirmar que o ponto negativo deste método é porque muitas vezes são encontrados dados equivocados, ou processados erroneamente. Por causa disso é necessário que o pesquisador esteja atento para não acreditar em informações erradas e sempre buscar o maior número de fontes possíveis.

Para iniciarmos a busca das referências, foi utilizado a Biblioteca Virtual de Saúde e plataforma Google scholar, utilizando-se as palavras descritoras em português. Foi consultado o Descritor em Ciências da Saúde (DeCS), no qual se identificou os seguintes termos: “COVID-19”, “sentimentos”, “enfermagem”, “emergência” e “hospital”. Os critérios de inclusão para este estudo foram: O texto está disponível em um dos bancos de dados na íntegra e em português, abordam a temática em estudo e escrito nos últimos 12 meses. Foram excluídos estudos incompletos ou indisponíveis, dissertações, teses, artigos repetidos ou que não atendessem ao objeto de estudo elencado.

Assim, para avaliação dos artigos elencados, os dados foram organizados através de um quadro teórico apresentando as seguintes variáveis: Informações sobre o periódico; Tipo de

metodologia usada; os objetivos de cada estudo; citação das vivências do profissional de enfermagem no ambiente de emergência e ano de publicação dos artigos.

Essa pesquisa pretendeu basicamente localizar, dentro das publicações classificadas, aquelas capazes de responder as perguntas do pesquisador com custo mínimo de tempo. Os dados coletados foram analisados através de categorização temática, a partir do referencial teórico de Minayo, para melhor visualização dos resultados. De acordo com Minayo (2007), a partir do quadro teórico desenhado, o analista fará inferências e interpretações que abrirão novas dimensões teóricas sugeridas pela leitura do material.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao final da pesquisa, foram selecionados dez de doze artigos, onde dois dos doze encontrados foram excluídos por não focar no objeto escolhido. Todos os dez estudos selecionado foram analisados conforme mostra o Quadro 1.

Quadro 1 – Comparativo entre os estudos selecionados. Fortaleza, CE, 2021

Nº	Título	Autores/Revistas	Ano/Método	Evidências
1	Percepção do impacto emocional da equipe de enfermagem diante da pandemia de COVID-19: relato de experiência.	PORTUGAL, J. K. A. <i>et al.</i> Revista Eletrônica Acervo Saúde / Electronic Journal Collection Health.	2020/ Relato de experiência.	Foi relatado maior incidência em traumatização direta e indireta, devido às altas cargas de trabalho, a falta de dispositivos de proteção, e medo constante de contaminar a família.
2	Uma reflexão sobre saúde mental do enfermeiro emergencista no contexto da pandemia pelo COVID-19.	FERREIRA, F. G. P. <i>et al.</i> Research, Society and Development	2020/Estudo teórico-reflexivo.	Os riscos ocupacionais, as longas horas de trabalho, a culpa de uma eminente contaminação de familiares, os sentimentos de perda de pacientes e companheiros de trabalho, contribuem negativamente para o processo de desumanização na assistência.
3	Condições de trabalho e o impacto na saúde dos profissionais de enfermagem frente a COVID-19.	MIRANDA, F. M. D. <i>et al.</i> Cogitare enferm.	2020/Revisão de literatura.	Recomendou-se uma padronização de EPIs por órgãos nacionais e internacionais, e promoção de profissionais de outras áreas da saúde demonstrarem solidariedade e ensinamentos sobre cuidados físicos e emocionais pelas mídias sociais e canais oficiais.

4	Sufrimento emocional dos enfermeiros no contexto hospitalar frente à pandemia de COVID-19.	PEREIRA, M. D. <i>et al.</i> Research, Society and Development.	2020/Revisão narrativa de literatura.	Deve-se vigiar e tratar previamente os riscos para sofrimento emocional em enfermeiros, sendo tais, baixa autoestima, diagnóstico prévio de transtorno mental, pouco suporte social e indevidas condições de trabalho e pouco poder aquisitivo.
5	Violência ocupacional antes e em tempos da pandemia da COVID-19: ensaio teórico e reflexivo.	ROBAZZI, M. L. C. <i>et al.</i> Braz. J. Hea. Rev, Curitiba.	2020/Teórico-Reflexivo	Os enfermeiros sofrem atos de violência por pessoas externas e internas, das próprias unidades de pronto atendimento e os gestores, evidenciando a necessidade de olhar reflexiva e criticamente para as violências e implementar ações para evitá-las.
6	Saúde mental dos profissionais de enfermagem do Brasil no contexto da pandemia COVID-19: Ação do conselho federal de enfermagem.	HUMEREZ, D. C.; OHL, R. I. B.; SILVA, M. C. N. Cogitare enferm.	2020/Estudo qualitativo.	O COFEN elaborou um projeto de atendimento por enfermeiros especialistas, mestres ou doutores em Saúde Mental aos profissionais de enfermagem que se encontram na linha de frente. Os sentimentos mais declarados foram: ansiedade, estresse, medo, ambivalência, depressão e a exaustão.
7	Reações e sentimentos dos profissionais de saúde no cuidado de pacientes hospitalizados com suspeita COVID-19.	PAULA, A. C. R. <i>et al.</i> Rev Gaúcha Enferm.	2020/Estudo qualitativo.	Evidenciou as ambivalências tanto como o impulso motivador e cuidados de si, como de reclusão e temor no enfrentamento do COVID-19, enquanto os sentimentos mais relatados eram de medo, ansiedade, obrigação, preocupação com a morte e tristeza, discriminação, isolamento, incertezas e dúvidas em relação ao futuro.

8	Fatores de estresse nos profissionais de enfermagem no combate à pandemia da COVID-19: Síntese de Evidências.	BARBOSA, D. J. <i>et al.</i> Com. Ciências Saúde.	2020/Revisão da literatura.	Número elevado de horas de trabalho e de pacientes, alta pressão gerada por treinamentos e sobrecarga de trabalho, o medo de contaminar seus familiares com a doença desconhecida, utilização de medidas estritas de segurança e o aumento na necessidade de concentração e vigilância também foram fatores levantados.
9	COVID-19: impacto emocional da equipe de enfermagem na linha de frente no combate a pandemia.	PORTUGAL J. K. A. <i>et al.</i> Saúde em Foco: Temas Contemporâneos.	2020/Relato de experiência.	Em vários países, as reclamações foram principalmente pela escassez e uso inadequado de Equipamentos de Proteção Individual, os altos níveis de estresse que aumentam os desgastes psicológicos, a incerteza quanto ao tempo de progressão do surto, o medo e angústia de morrer e perder seus familiares.
10	Enfermeiro na linha de frente ao COVID-19: a experiência da realidade vivenciada.	MARINS, T. V. O. <i>et al.</i> Research, Society and Development.	2020/ Estudo descritivo.	Os profissionais apontam: o risco aumentado de ser infectado, adoecer e morrer; possibilidade de infectar outras pessoas; sobrecarga e fadiga; exposição a mortes em larga escala; frustração por não conseguir salvar vidas; ameaças e agressões por pessoas que buscam atendimento e não podem ser acolhidas pela limitação de recursos; e, a perda dos colegas da equipe.

Fonte: elaborado pelas autoras (2021).

No Quadro 1 mostra-se a distribuição dos dez artigos lançados entre 2020 e 2021 que foram alvos de estudo, sendo estes separados por seus títulos, autores/ revistas, ano/método, instrumento e evidências.

No que concerne ao tipo de estudo, verificou-se a ocorrência de relato de experiência, estudo teórico-reflexivo, revisão de literatura, revisão narrativa de literatura e abordagem qualitativa. Quanto aos instrumentos de coleta de dados, verificamos a ocorrência de entrevistas, questionários, além de levantamento bibliográfico. Com relação ao método de estudo, nota-se preferência por estudos do tipo revisão de literatura, de natureza básica, objetivos exploratórios e descritivos e abordagem qualitativa. A caracterização qualitativa dos 10 artigos selecionados permitiu a formação de duas categorias temáticas:

1. Sentimentos vivenciados pelos profissionais de enfermagem emergencista em tempos de pandemia COVID-19.
2. Estratégias de prevenção e cuidado da saúde mental dos profissionais de enfermagem emergencista em meio a pandemia.

Sentimentos vivenciados pelos profissionais de enfermagem emergencista em tempos de pandemia COVID-19

Referente ao estado de saúde mental dos profissionais de saúde, é notório a exigência de atenção a esse fator, por isso é necessário investigar e determinar os principais fatores de impacto no psicológico dos trabalhadores durante a pandemia de COVID-19.

Em “Fatores de estresse nos profissionais de enfermagem no combate à pandemia da COVID-19: Síntese de Evidências”, estudo realizado por Barbosa *et al.* (2020), é relatado como o excesso de trabalho parece favorecer o adoecimento mental e físico em trabalhadores da área da saúde, além de facilitar a ocorrência de absenteísmos, acidentes de trabalho, erros de medicação, exaustão, sobrecarga laboral e ausência de lazer, e, em decorrência, o autocuidado fica reduzido, tendo em vista a falta de tempo e energia, colaborando assim para o estresse emocional. Portanto, foram realizados estudos sobre o trabalho no enfrentamento da pandemia de COVID-19 e como ocorre a dor emocional dos enfermeiros mediante um trabalho em ambiente hospitalar, gerando crescente preocupação com as sequelas emocionais.

Em “Sofrimento emocional dos Enfermeiros no contexto hospitalar frente à pandemia de COVID-19”, estudo feito por Pereira *et al.* (2020), é salientado como o trabalho do enfermeiro no âmbito hospitalar é determinado por diversas obrigações, e situações que os faz lidar com a dor, sofrimento, mortes e perdas, a que se adicionam às circunstâncias inadequadas

de trabalho e a baixa remuneração, condições que, associadas e com o peso adicional da pandemia, podem gerar sofrimento emocional. Assim, pode surgir um quadro de transtorno mental comum, e a longo prazo depressão.

Em “Percepção do impacto emocional da equipe de enfermagem diante da pandemia de COVID-19”, um estudo do tipo relato de experiência feito por Portugal *et al.* (2020), foi destacado na discussão proposta pelo artigo que muitos profissionais de saúde que trabalham em unidades de isolamento não recebem treinamento adequado, o que se soma com a aflição referente a estabilidade de seus empregos, com o desgaste psicológico intensificados em indivíduos com doença mental pré-existente, e a drástica mudança na rotina de trabalho. Durante o processo de enfermagem, principalmente ao trabalhar durante uma pandemia, os enfermeiros podem vivenciar certo grau de estresse, o que pode causar danos físicos e psicológicos. Nesse sentido, os atuais pesquisadores de enfermagem objetivam identificar e analisar as fontes de estresse nos profissionais de saúde na linha de frente da luta contra o COVID-19.

No artigo “Violência ocupacional antes e em tempos da pandemia da COVID-19: ensaio teórico e reflexivo”, trabalho produzido por Robazzi *et al.* (2020), é descrito que os principais estressores ocupacionais mais recorrentes em várias partes do mundo, antes e durante a pandemia, caracterizaram-se por: assédio moral, agressão verbal e física, a constante falta de equipamentos de proteção individual e condições de trabalho, bem como ao número insuficiente de recursos humanos atuantes. Destaca-se, inclusive, a preocupação desses trabalhadores em transmitir a doença aos familiares, vivenciando sensações de medo intenso ao tratar pacientes com a COVID-19.

No artigo “COVID-19: impacto emocional da equipe de enfermagem na linha de frente no combate a pandemia”, estudo feito por Portugal *et al.* (2020), é discorrido como a maioria dos profissionais de saúde que trabalham em unidade de isolamento, não possuem treinamento adequado para lidar com esse novo problema de saúde. Este fato corrobora com uma das aflições observadas nas equipes de enfermagem de Coari (unidade alvo do estudo do artigo) em relação ao despreparo profissional frente a gravidade dos pacientes.

E no estudo “Enfermeiro na linha de frente ao COVID-19: a experiência da realidade vivenciada”, feito por Marins *et al.* (2020), relata os estressores no contexto de pandemias, como sendo: o aumentado risco de ser infectado, adoecer e morrer; a possibilidade de inadvertidamente infectar outras pessoas; a sobrecarga e fadiga; a exposição a mortes em larga escala; frustração por não conseguir salvar vidas, apesar dos esforços; ameaças e agressões propriamente ditas, perpetradas por pessoas que buscam atendimento e não podem ser acolhidas

pela limitação de recursos; afastamento da família e dos amigos; e, também, a perda dos colegas da equipe.

Quanto aos resultados da investigação qualitativa do estudo “Reações e sentimentos dos profissionais de saúde no cuidado de pacientes hospitalizados com suspeita COVID-19”, desenvolvido por Paula *et al.* (2020), desvelaram-se doze temas significativos das análises, sendo estes: motivação; vontade de contribuir; sentimento de medo, ansiedade; obrigação; impotência; preocupação com a morte; tristeza; discriminação; preconceito; isolamento; incerteza e dúvidas em relação ao futuro.

Vale ressaltar como os profissionais vêm sendo desencorajados a interagir de maneira próxima com outras pessoas, o que tende a aumentar o sentimento de isolamento; têm lidado com mudanças frequentes nos protocolos de atendimento, em decorrência de novas descobertas sobre a COVID-19; e, ainda, costumam despende um tempo significativo do seu dia para colocar e remover os equipamentos de proteção individual, o que aumenta a exaustão relacionada ao trabalho (MARINS *et al.*, 2020).

Estratégias de prevenção e cuidado da saúde mental dos profissionais de enfermagem emergencistas em meio a pandemia

O COVID- 19 apresenta alta taxa de virulência, o que explica o porquê de muitas pessoas serem acometidas rapidamente. Todavia, o despreparo dos serviços de saúde para atenderem essa crise sanitária foi logo evidenciado.

Em “Enfermeiro na linha de frente ao COVID-19: a experiência da realidade vivenciada”, estudo feito por Marins *et al.* (2020), é destacado como os profissionais de saúde, que já vinham sofrendo com atos de violência dentro dos locais de trabalho, após o surgimento da COVID-19 passaram a ser vítimas também de agressões que podem ser verbais e até físicas, além de atos de discriminação e humilhação, que vão desde xingamentos até expulsão de transportes públicos e hotéis.

Diante do novo coronavírus, o medo e a insegurança dos profissionais da enfermagem ficaram ainda maiores. As rotinas de todos foram alteradas drasticamente, tendo que se adaptarem a nova realidade de forma dura, devido as pressões psicológicas.

Neste contexto, todo cuidado com a limpeza teve que ser dobrado, sendo obrigatório o uso de máscaras, aventais, gorros e óculos de proteção. Acessórios que antes só eram usados para procedimentos específicos, passaram a ser utilizado diariamente, mesmo trazendo

desconforto para os profissionais devido ao cansaço da rotina nova e das muitas horas de usos destes EPIs que podem provocar lesões por pressão.

Como uma das estratégias para prevenção e cuidado da saúde mental dos profissionais de enfermagem, o artigo “Saúde mental dos profissionais de enfermagem do Brasil no contexto da pandemia COVID-19: Ação do conselho federal de enfermagem”, desenvolvido por Humerez *et al.* (2020) explicou a ação do COFEN ao determinar à Comissão Nacional de Enfermagem em Saúde Mental para efetivar atendimento a ser realizado por enfermeiros especialistas, mestres ou doutores em Saúde Mental aos profissionais de enfermagem que se encontram na linha de frente na atuação da pandemia, a fim de proporcionar todo o suporte emocional através de uma corrente humanista, que ressalta os aspectos positivos do ser humano, destacando a força de auto realização que cada um carrega em si. Outra tática de intervenção apresentada foi a escuta empática planejada.

No estudo “Condições de trabalho e o impacto na saúde dos profissionais de enfermagem frente a COVID-19”, realizado por Miranda *et al.* (2020), é também reforçado a necessidade de uma padronização dos EPIs preconizados por órgãos nacionais e internacionais como o *Centers for Disease Control and Prevention, Occupational Safety and Health Administration, National Institute for Occupational Safety and Health*, OMS, e o Ministério da Saúde.

No estudo “Uma reflexão sobre saúde mental do enfermeiro emergencista no contexto da pandemia pelo COVID-19”, um estudo baseado em um discurso reflexivo produzido por Ferreira *et al.* (2020), em seu terceiro eixo aborda sobre algumas possíveis estratégias de prevenção e cuidado da saúde mental em meio a pandemia, sendo algumas destas as crenças culturais, como a religião, Práticas Integrativas e Complementares (PICs) inseridas na rotina de trabalho, e também a biodança, a musicoterapia, quiropraxia e até mesmo a reflexoterapia, além da capacitação psicológica com foco na equipe de enfermagem como programa a ser inserido dentro do SUS.

Concomitante às possibilidades apresentadas que auxiliam na manutenção da saúde mental, o profissional deve estar ciente do momento em que a ajuda especializada se torna necessária, uma vez que o monitoramento e o cuidado contínuo subjugam-se as únicas formas de prevenção. De uma forma geral, conhecer a própria mente e entender como reagir diante desse momento tão delicado é de fundamental importância para atuar de maneira saudável e produtiva (FERREIRA *et al.*, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O referente estudo sobre os sentimentos vivenciados pelos profissionais de enfermagem que atuam no setor de urgência e emergência em tempos de pandemia do novo coronavírus pôde levantar a reflexão de que equipe de enfermagem, independentemente de sua localização no mundo sofre, de acordo com relatórios e pesquisas, os sentimentos de: medo, ansiedade; obrigação; preocupação com a morte; motivação para ajudar; tristeza; impotência; discriminação; isolamento; incertezas e dúvidas em relação ao futuro. Todavia, são obrigados a ultrapassar seus medos e inseguranças para enfrentar a situação adversa de tamanha magnitude.

Vários são os desencadeadores de estresse durante o trabalho, como: o alto risco de ser infectado e infectar, adoecer e morrer; a falta de EPIs; sobrecarga e fadiga; exposição a mortes em larga escala; frustração por não conseguir salvar vidas; ameaças e agressões por pessoas que buscam atendimento e não podem ser acolhidas pela limitação de recursos; e, a perda dos colegas da equipe.

A COVID-19, além da vacina, ainda não possui medicamento específico para sua cura, e por isso milhares de pessoas morrem todos os dias. Portanto, ao atender pacientes em situações de frustração, os profissionais de enfermagem são levados a passar por experiências dolorosas. Destarte, para um cuidado de sucesso é imprescindível haver mais debates e criações de estratégias de intervenções cabíveis que podem estar sendo colocadas em práticas, a fim de se prevenir e intervir no surgimento de transtornos como insônia, ansiedade, angústia e, até sintomas depressivos.

Conclui-se existir a urgência em evidenciar os cenários vivenciados pelos profissionais e como estes se sentem, a fim de elucidar a necessidade de debates de como ajudar e proporcionar o suporte necessário a essas equipes.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, D. J. *et al.* Fatores de estresse nos profissionais de enfermagem no combate à pandemia da COVID-19: síntese de evidências. **Com. Ciências Saúde**, Brasília, DF, v. 31, p. 31-47, 5 maio 2020. Disponível em: <http://www.esccs.edu.br/revistaccs/index.php/comunicacaoemcienciasdasaude/article/view/651>. Acesso em: 15 fev. 2021.

BRASIL. COVID19: painel coronavírus. **Coronavírus Brasil**, Brasília, DF, 2019. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 2 fev. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Coronavírus. **COVID-19**, Brasília, DF, 2021. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/>. Acesso em: 7 fev. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (Brasil). Brasil representa um terço das mortes de profissionais de Enfermagem por covid-19. **Cofen**, Brasília, DF, 2021. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/brasil-responde-por-um-terco-das-mortes-de-profissionais-de-enfermagem-por-covid-19_84357.html. Acesso em: 9 fev. 2021.

CONSELHO REGIONAL DE ENFERMAGEM (Ceará). Cofen publica nota técnica sobre o coronavírus. **Coren-CE**, Fortaleza, 27 fev. 2020. Disponível em: <http://www.coren-ce.org.br/cofen-publica-nota-tecnica-sobre-o-coronavirus/> Acesso em: 9 fev. 2021.

COVID-19/Johns Hopkins: mundo supera 109 milhões de casos e 2,4 milhões de mortes. **Estadão Conteúdo**, [s.l.], 16 fev. 2021. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2021/02/16/interna_nacional,1238110/covid-19-johns-hopkins-mundo-supera-109-milhoes-de-casos-e-2-4-milhoes-de.shtml. Acesso em: 16 fev. 2021.

FERREIRA, F. G. P. *et al.* Uma reflexão sobre saúde mental do enfermeiro emergencista no contexto da pandemia pelo Covid-19. **Research, Society and Development**, [s.l.], v. 9, n. 7, 704974534, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/342136582_Uma_reflexao_sobre_saude_mental_do_enfermeiro_emergencista_no_contexto_da_pandemia_pelo_Covid-19. Acesso em: 12 fev. 2021.

FIOCRUZ. COVID-19: Novo Coronavírus. **Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)**, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/Covid19>. Acesso em: 10 fev. 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2006.

HUMEREZ, D. C.; OHL, R. I. B.; SILVA, M. C. N. Saúde mental dos profissionais de enfermagem do Brasil no contexto da pandemia COVID-19: Ação do Conselho Federal de Enfermagem. **Cogitare enferm.**, Curitiba, v. 25, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v25i0.74115>. Acesso em: 15 fev. 2021.

MARINS, T. V. O. *et al.* Enfermeiro na linha de frente ao COVID-19: a experiência da realidade vivenciada. **Research, Society and Development**, [s.l.], v. 9, n. 8, e710986471, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/6471/5869/100797>. Acesso em: 11 jul. 2021.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007.

MIRANDA, F. M. D. *et al.* Condições de trabalho e o impacto na saúde dos profissionais de enfermagem frente a COVID-19. **Cogitare enferm.**, Curitiba, v. 25, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v25i0.72702>. Acesso em: 11 fev. 2021.

OMS. Folha informativa sobre COVID-19. **OPAS/OMS**, Brasília, DF, 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 5 fev. 2021.

PAULA, A. C. R. *et al.* Reações e sentimentos dos profissionais de saúde no cuidado de pacientes hospitalizados com suspeita COVID-19. **Rev. Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v. 42, n. spe, e20200160, 2021. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472021000200404&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 1 mar. 2021.

PEREIRA, M. D. *et al.* Sofrimento emocional dos enfermeiros no contexto hospitalar frente à pandemia de COVID-19. **Research, Society and Development**, [s.l.], v. 9, n. 8, e67985121, 2020. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/download/675/1168/1224>. Acesso em: 11 jul. 2021.

POLIT, D. F.; BECK, C. T.; HUNGLER, B. P. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação e utilização**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.

PORTUGAL, J. K. A. *et al.* COVID-19: impacto emocional da equipe de enfermagem na linha de frente no combate a pandemia. **Saúde em Foco: Temas Contemporâneos**, [s.l.], v. 1, n. 48, p. 623-632, 2020. Disponível em: <https://downloads.editoracientifica.org/articles/200700760.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2021.

PORTUGAL, J. K. A. *et al.* Percepção do impacto emocional da equipe de enfermagem diante da pandemia de COVID-19: relato de experiência. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, São Paulo, n. 46, p. e3794, 21 maio 2020. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/3794>. Acesso em: 12 fev. 2021.

ROBAZZI, M. L. C. C. *et al.* Violência ocupacional antes e em tempos da pandemia da covid-19: ensaio teórico e reflexivo. **Braz. J. Hea. Rev.**, Curitiba, v. 3, n. 6, p.19042-19064. nov./dez. 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/21872>. Acesso em: 13 fev. 2021.

SALOMÉ, G. M.; MARTINS, M. F. M. S.; ESPÓSITO, V. H. C. Sentimentos vivenciados pelos profissionais de enfermagem que atuam em unidade de emergência. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, DF, v. 62, n. 6, p. 856-862, dez. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-716720090006000009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 mar. 2021.

Capítulo 2

*VIVÊNCIAS DA EQUIPE DE
ENFERMAGEM NO
ACOLHIMENTO À MULHER
VÍTIMA DE VIOLÊNCIA SEXUAL E
DOMÉSTICA: UMA REVISÃO
BIBLIOGRÁFICA*

VIVÊNCIAS DA EQUIPE DE ENFERMAGEM NO ACOLHIMENTO À MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA SEXUAL E DOMÉSTICA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

*Adriell Yuri dos Santos Alves¹
Caroline Araújo Marques¹
Lara Christie Ferreira Lima¹
Camila Santos Barros²
Andréa Coutinho Pessoa de Oliveira³*

RESUMO

A violência contra as mulheres define-se como qualquer ação violenta que resulte em sofrimento físico, sexual ou mental às mulheres, destacando-se ameaças, coação ou privação arbitrária de liberdade. A equipe de enfermagem é a primeira a prestar atendimento as vítimas de violência doméstica e/ou sexual, devendo ser uma assistência humanizada, com ética, responsabilidade e empatia para com essas mulheres. Diante do exposto, o presente estudo objetivou analisar as publicações referente às vivências da equipe de enfermagem na assistência e acolhimento às mulheres vítimas de violência sexual e doméstica em tempos de pandemia COVID-19. Trata-se de um estudo do tipo revisão narrativa de literatura, de natureza básica, objetivos exploratórios e descritivos e abordagem qualitativa. A busca dos estudos foi realizada por meio do portal Biblioteca Virtual em Saúde-Enfermagem (BVS) através de três bases de dados indexadas — *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Banco de Dados em Enfermagem – Bibliografia Brasileira (BDENF) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). Mediante a combinação os descritores “vivências”, “enfermagem”, “violência” e “mulheres” foram encontrados 12 artigos, sendo apenas quatro elegíveis dentro dos critérios de inclusão. Os resultados desta pesquisa evidenciaram que, independentemente dos problemas e desafios apontados, a atuação de enfermagem pode ser definitiva para identificação e melhor manejo dos casos de violência sexual e doméstica. Concluímos ser necessário a criação de novas pesquisas que relacionem a violência sofrida por essas vítimas e a assistência de enfermagem com o intuito de facilitar a identificação dos sinais

¹ Estudante do Curso Técnico em Enfermagem. Escola Estadual de Educação Profissional (EEEP) Ícaro de Sousa Moreira.

² Enfermeira Especialista em Obstetrícia. Professora orientadora de Estágio da EEEP Ícaro de Sousa Moreira. *E-mail*: santosbarroscamila@gmail.com

³ Mestre em Filosofia - Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora de Filosofia da EEEP Ícaro de Sousa Moreira. *E-mail*: andrea.oliveira@prof.ce.gov.br

da violência durante o atendimento, bem como é também mister uma preparação do profissional de enfermagem no cuidado prestado à essas mulheres para uma assistência eficiente.

Palavras-chave: vivências; enfermagem; violência; mulheres.

INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU, 2017), a violência contra as mulheres define-se como qualquer ação violenta que resulte em sofrimento físico, sexual ou mental às mulheres, destacando-se ameaças, coação ou privação arbitrária de liberdade.

Dados levantados em 80 países chegou a uma estimativa de que um terço de todas as mulheres que estiveram em um relacionamento sofreram abuso físico e/ou sexual por parte de seu parceiro. Para além disso, 7% das mulheres em todo o mundo já sofreram algum tipo de assédio sexual (ONU, 2017).

No Brasil, pelo conceito da Lei Maria da Penha (nº 11.340/2006), violência doméstica e familiar é “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial” (BRASIL, 2006, p. 1). Quanto a violência sexual, é definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como qualquer ato sexual ou tentativa de obter-se sexo, investidas ou comentários sexuais indesejados; tráfico ou qualquer outra forma que infrinja a sexualidade de uma pessoa (OMS, 2017).

Em 2019, a cada 2 minutos uma mulher era vítima de violência doméstica e 66.041 casos de violência sexual foram registrados, sendo em sua maioria vítimas do gênero feminino, segundo infográficos do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2021). Apenas no Ceará, durante a pandemia de coronavírus, 90% dos casos de violência contra mulher atendidos pela Defensoria Pública aconteceram dentro de casa, divulgados pelo Consórcio de Veículo e Imprensa G1, em abril de 2020 (QUARENTENA..., 2020).

A equipe de enfermagem é a primeira a prestar atendimento as vítimas de violência doméstica e/ou sexual, devendo ser uma assistência humanizada, com ética, responsabilidade e empatia para com essas mulheres. Diante do exposto, faz-se a seguinte indagação: o que os artigos científicos têm publicado nos últimos 2 anos sobre as vivências da equipe de enfermagem na assistência às mulheres vítimas de violência sexual e doméstica?

O interesse pela temática justifica-se a partir da visualização das vastas publicações nos noticiários sobre o alto índice de violência contra mulher e por acreditarmos que é fundamental conhecer as vivências e experiências da equipe de enfermagem no atendimento e acolhimento a essas vítimas para avaliar como tem se dado a condução dos casos na perspectiva do cuidado de enfermagem. Assim, a relevância do problema de pesquisa está em buscar dados que subsidiem uma análise acerca dos cuidados prestados pela enfermagem neste contexto, ajudando a identificar dificuldades e percalços, omissões ou ações pouco efetivas ao combate à violência contra as mulheres, gerando reflexões e discussões que levem a ações eficazes a serem adotadas no trato à mulher vitimizada.

Diante do exposto, o presente trabalho objetivou analisar as publicações referente às vivências da equipe de enfermagem na assistência e acolhimento às mulheres vítimas de violência sexual e doméstica em tempos de pandemia COVID-19 na perspectiva de levantar as experiências da equipe de enfermagem na assistência e acolhimento às mulheres vítimas de violência sexual e doméstica, quadro este que se mostra ainda mais alarmante durante a pandemia de COVID-19 em 2020.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo do tipo revisão de literatura, de natureza básica, objetivos exploratórios e descritivos e abordagem qualitativa. A coleta de dados ocorreu no período de fevereiro a março do ano de 2021.

Segundo Polit, Beck e Hungler (2004, p. 110) a pesquisa bibliográfica “é a atividade de localização e consulta de fontes diversas de informações escritas, para coletar dados gerais ou específicos a respeito de um tema”. A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. Além disso, a pesquisa bibliográfica é indispensável para a realização de estudos históricos (GIL, 2006).

O autor continua a afirmar que o ponto negativo deste método é porque muitas vezes são encontrados dados equivocados, ou processados erroneamente. Por causa disso é necessário que o pesquisador esteja atento para não acreditar em informações erradas e sempre buscar o maior número de fontes possíveis.

Para iniciarmos a busca das fontes de dados foram utilizadas a Biblioteca Virtual de Saúde e plataforma *google scholar*, através da combinação de descritores em português. Foi consultado o Descritor em Ciências da Saúde (DeCS), no qual se identificou os seguintes uni-termos: “vivências”, “enfermagem”, “violência” e “mulheres”.

Os critérios de inclusão para este estudo foram: o texto de artigos, teses e dissertações estarem disponíveis em um dos bancos de dados na íntegra e em português e que abordassem a temática em estudo e escrito nos últimos 2 anos (2019/2020).

Assim, os dados foram avaliados e organizados didaticamente em um quadro teórico onde apresentaram as seguintes variáveis: informações sobre o periódico; tipo de metodologia usada; os objetivos de cada estudo; citação das vivências da equipe de enfermagem diante do acolhimento e atendimento das mulheres vítimas de violência sexual e doméstica e ano de publicação dos artigos.

Os estudos foram elencados dentro da conveniência dos pesquisadores, sendo elencadas àquelas capazes de responder à pergunta norteadora com custo mínimo de tempo. Os dados coletados foram apresentados em quadros para melhor visualização dos resultados. Durante a etapa da exploração do material, o processamento deu-se por meio de análise de discurso: buscou-se encontrar categorias que são expressões ou palavras significativas em função das quais o conteúdo de uma fala será organizado. A categorização, consiste num processo de redução do texto às palavras e expressões significativas. A partir daí, o pesquisador propõe inferências e realiza interpretações, inter-relacionando-as com o quadro teórico desenhado inicialmente ou abre outras pistas em torno de novas dimensões teóricas e interpretativas, sugerida pela leitura do material (MINAYO, 2007).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram encontrados apenas quatro artigos científicos dentro dos critérios de inclusão estabelecidos, a saber: os textos estavam disponíveis em um dos bancos de dados na íntegra e em português e abordavam a temática do estudo, sendo escritos nos últimos dois anos (2019/2020). Inicialmente encontramos 12 estudos: no entanto, oito não estavam dentro dos critérios de inclusão. Utilizamos a letra A seguido de um numeral (1, 2, 3 e 4) para a identificação do artigo e assim facilitar a organização e compreensão da pesquisa. Logo abaixo, demonstraremos o quadro 1, abordando os artigos segundo os seus títulos, autores/revista, ano/método, instrumento e evidências.

Quadro 1 – Distribuição dos artigos segundo o título, autores/revista, ano/método instrumento e evidências

Nº	Título	Autores/Revista	Ano/Método	Instrumento	Evidências
A1	Assistência à mulher vítima de violência sexual.	Autor(es): Paloma Petricio. Revista: Revista Saúde – UNG -SER	2018; Revisão de Literatura.	Levantamento bibliográfico	Ainda são presenciados impasses para a efetivação das políticas na assistência às mulheres vítimas de violência de estupro e que os profissionais de saúde necessitam de capacitação e ambiente adequado para assisti-las.
A2	Atuação dos profissionais de enfermagem frente às mulheres vítimas de violência doméstica.	Autor(es): Renata de Lima Galvão, Halley Ferraro Oliveira, Maria Adriely Cunha Lima, Tiago Almeida Costa, Giovanna Freitas Munaretto, Mariana Soares Faria, Tatiane de Oliveira Santos, Thaís Francielle Santana Vieira, Fabiana de Oliveira Pinto, Márcia de Araújo Delgado. Revista: Revista Eletrônica Acervo Saúde.	2021; Revisão Integrativa de Literatura.	Levantamento bibliográfico	Profissionais de enfermagem são os que detectam com maior facilidade situações e/ou casos de violência doméstica, uma vez que realizam uma assistência por tempo integral aos pacientes. É visto ainda, a recomendação da elaboração de novas pesquisas sobre a violência doméstica, com o intuito de identificar as situações que facilite a atuação dos profissionais de enfermagem nesse atendimento.
A3	O papel da enfermagem na assistência à	Autor(es):	2019; Revisão de literatura.	Levantamento bibliográfico	Se mostra relevante baseado no alto índice de violência praticada contra a mulher, sabendo que o atendimento de emergência primário, ou até o

	mulher vítima de violência.	Danielle Viera Rodrigues, Sheylla Ormino Soares e Romildo Armindo da Silva. Revista: Centro Universitário CESMAC			atendimento ambulatorial, é na maioria das vezes o primeiro contato da mulher com o atendimento depois de ter sofrido a violência, a preparação do enfermeiro para prestar uma assistência qualitativa e eficiente para essa vítima.
A4	Serviços de atendimento a mulheres em situação de violência	Autor(es): Cristiane Lopes Amarijo, Aline Belletti Figueira, Alex Sandra Ávila Minasi, Silvana Possani Medeiros, Aline Marcelino Ramos e Edison Luiz Devos Barlem. Revista: Brazilian Journal of health Review.	2020; Pesquisa exploratória, descritiva, qualitativa, transversal.	Levantamento bibliográfico	A consulta de enfermagem revelou-se como momento propício para o relato de violência sofrida pelas mulheres. É durante essa consulta que são acolhidas, ouvidas, orientadas acerca dos recursos legais disponíveis e das instituições que possuem expertise em violência doméstica bem como são realizados os encaminhamentos necessários.

Fonte: elaborado pelos autores (2021).

Após a identificação dos títulos nos periódicos, foi feita uma leitura exploratória para a familiarização do pesquisador com o material selecionado, tendo-se um cenário mais geral sobre as informações contidas nos artigos.

No que concerne aos tipos de estudo, verificamos a ocorrência apenas de revisão de literatura. Quanto aos instrumentos de coleta de dados, verificamos a ocorrência de levantamento bibliográfico. Com relação ao método de estudo, nota-se preferência por estudos do tipo revisão de literatura, de natureza básica, objetivos exploratórios e descritivos e abordagem qualitativa.

A caracterização qualitativa dos 4 artigos selecionados permitiu a formação de duas categorias temáticas:

- 1 - Vivências da equipe de Enfermagem no acolhimento à mulher vítima de violência sexual e doméstica
- 2 - Problematização do atendimento humanizado à mulher vítima de violência doméstica.

Vivências da equipe de enfermagem no acolhimento à mulher vítima de violência sexual e doméstica

Sobre as vivências da equipe de enfermagem no acolhimento e assistência à mulher vítima de violência sexual e doméstica, em todos os estudos analisados os profissionais relataram que o acolhimento é um fator essencial para uma assistência humanizada e singular, assim como é primordial no estabelecimento de vínculo e empatia com a cliente. Para tanto, se faz necessário mostrar empatia com a sua dor e sofrimento e estabelecer uma relação de solidariedade com a mulher, ou seja, uma resposta afetiva vicária e apropriada.

O Ministério da Saúde preconiza a garantia da assistência à mulher vítima de violência sexual e destaca ser crucial o acolhimento e atendimento à essas mulheres para a diminuição de agravos, tais como Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e gravidez não desejada. Ainda segundo o artigo, o enfermeiro é um dos profissionais de maior presença durante o cuidado prestado às vítimas. No entanto, esses profissionais encontram-se pouco familiarizados para a prestação desses cuidados (PETRICIO, 2018).

No estudo de Reis *et al.* (2010, grifo dos autores) encontramos as seguintes falas dos profissionais de enfermagem quando indagados sobre as suas vivências no acolhimento às mulheres vítimas de violência sexual:

É indispensável deixar que o sentimento dela chegue até mim, permitir que o meu sentimento chegue até a ela e demonstrar que sou receptiva a sua dor. (E1)

Para que eu consiga interagir de forma saudável é importante me colocar no lugar da vítima. (E1)

Um dos fatores para a humanização da assistência é a motivação pessoal, que dá origem à ação e se transforma, isto é, muda o agir, torna a ação do cuidar mais humanizada. Considerando a competência técnica e uma assistência humanizada, o acolhimento será um dispositivo que vai muito além da simples recepção do cliente em uma unidade de saúde (HENNINGTON, 2005).

Acolher mulheres que sofreram violência gera sentimentos relacionados a vivências profissionais, pois requer interromper a atividade no momento para dedicar-se exclusivamente a elas, podendo não haver tempo suficiente para atender a outras clientes internadas que necessitam da mesma atenção. Assim, o desejo de não realizar esse atendimento pode estar relacionado à alteração da rotina diária. Outro possível fator é não se sentir preparado para esse tipo de assistência.

No estudo de Petricio (2018), os profissionais identificaram a necessidade de estarem capacitados para o atendimento, sendo a falta de capacitação um fator que pode interferir nas diversas maneiras de agir. Neste sentido, Galvão *et al.* (2021) ressaltam que a confiança da mulher para falar de violência dentro dos serviços de saúde se dá quando há conhecimento adequado da rede permitindo realização de ações preventivas com registro, encaminhamentos e acompanhamentos adequados, transmitindo assim um elo de confiança, potencializando a assistência.

Corroborando, estudos realizados por Amarijo *et al.* (2020) evidenciaram o acolhimento, a construção do vínculo e conhecimento do funcionamento da rede para realização do direcionamento correto como as principais intervenções de enfermagem. Entretanto, pode-se observar que é importante a criação de vínculos entre profissional e as mulheres durante as consultas com o intuito de estreitar os laços de confiança através da promoção do diálogo, acolhimento e escuta qualificada.

Confrontados com o estresse, a violência, a doença, o sofrimento e a morte, os profissionais de saúde estão muitos expostos e, portanto, muito necessitados de acolhimento e sensibilização para manutenção do seu bem-estar (REIS, 2010).

Nos artigos estudados, os profissionais relataram reagir com medo, explicitaram os sinais de alerta na vida pessoal. Alguns se acostumaram com a situação, tornaram-se mais precavidos e outros ficaram com medo da violência do dia a dia.

Frente a isso, parece ser adequado propiciar ao profissional a opção por atuar ou não nesse serviço para que não haja comprometimento da qualidade de assistência prestada e, principalmente, para diminuir o sofrimento e a angústia decorrentes desse atendimento. Realizar esse tipo de atendimento provoca sentimentos diversos de acordo com experiência pessoal e profissional de cada indivíduo.

Problematização do atendimento humanizado à mulher vítima de violência doméstica

No tocante aos problemas causas e consequências decorrentes à violência contra mulher, apresentamos a seguir o quadro 2 com as principais propostas de soluções segundo os artigos estudados para um atendimento humanizado à mulher vítima de violência doméstica.

Quadro 2 – Distribuição dos artigos segundo os problemas, causas, consequências e soluções para um atendimento humanizado à mulher vítima de violência doméstica

Nº	Problemas	Causas	Consequências	Soluções
A1	Atendimento que desrespeita o preconizado pelo Ministério da Saúde à vítima de violência sexual	Ambiente ambulatorial inadequado e profissionais incapacitados	Predominância do modelo hegemônico biomédico que despreza ações de caráter preventivo e de promoção à saúde	Necessita-se de profissionais capacitados e de ambiente adequado para o atendimento preconizado pelo Ministério da Saúde.
A2	Incapacidade de o profissional de saúde em poder acolher e orientar corretamente à mulher que	Muitos profissionais não conseguem identificar os	Os agravos decorrentes da violência doméstica podem perpetuar	Capacitação adequada aos profissionais de saúde para que possam identificar os sinais da violência e assim

	vivenciou/vivência a violência doméstica	agravos da violência doméstica que em sua maioria é gerada pelo próprio companheiro da vítima	em decorrência dessa não percepção profissional durante o atendimento	orientem e acolham as vítimas adequadamente
A3	Falta de uma equipe multidisciplinar que possa acolher a mulher desde os agravos físicos quanto os traumas psicológicos	Predominância da ideia infundada e enraizada na sociedade machista de que a mulher é propriedade do homem	Lesões físicas, distúrbios ginecológicos, ISTs, gravidez indesejada, traumas psicológicos e comportamentais etc.	Olhar mais atento das autoridades governamentais visando a criação de Políticas Públicas na luta contra a violência à mulher
A4	Inexistência de um fluxo que direcione o agir profissional de uma rede integrada de órgãos e instituições com interface nessa atenção	Falta de estrutura e organização adequada que dificulta o processo da assistência	Dificuldade na realização de uma assistência integral à mulher vítima de violência doméstica	Assistência multiprofissional e integral à mulher vítima de violência doméstica

Fonte: elaborado pelos autores (2021).

O Quadro 2, traz as principais problemáticas apontadas pelos profissionais nos artigos estudados. Com relação aos resultados apresentados em cada artigo, vale destacar que no A1 o estudo apresentou que o atendimento integral preconizado pelo Ministério da Saúde é desrespeitado devido aos ambientes ambulatoriais inadequados e aos profissionais incapacitados para atender às mulheres segundo as normas. Predomina a assistência medicalizada, tradicional e fragmentada, que valoriza o modelo hegemônico biomédico e despreza ações de caráter preventivo e de promoção à saúde. As mulheres desconhecem os seus

direitos, e sofrem reflexo de uma sociedade que ainda a culpabiliza pela agressão sofrida (PETRICIO, 2018).

No A2 a abordagem do tema deu-se por meio dos fatores associados à violência doméstica, como pobreza e nível ensino (GALVÃO *et al.*, 2021). Além disso, foi notável que a violência doméstica ocorre de diferentes formas, como física, verbal, moral e psicológica. Referente aos profissionais de saúde, a atuação dos profissionais de enfermagem frente às mulheres vítimas da violência doméstica é imprescindível, até mesmo para auxílio na criação de políticas públicas.

No A3, ao fim a pesquisa aponta para a necessidade de maior preparo do profissional de enfermagem no processo de identificação da violência sofrida pela mulher em atendimento médico, para o total amparo da vítima, em termos psicológicos e físicos (RODRIGUES; SOARES; SILVA, 2021).

No A4, foi evidenciado que a consulta de enfermagem se mostrou como momento propício para detecção da ocorrência da violência. A pesquisa apontou que mulheres que sofrem violência por parceiros íntimos frequentam com maior assiduidade os serviços de saúde, sendo este fenômeno observado nacional e internacionalmente e que a consulta é fundamental.

Durante a consulta elas se sentem acolhidas, respeitadas e visualizam no profissional da enfermagem uma pessoa na qual podem confiar para desabafar e expor a vivência da violência no âmbito doméstico (AMARIJO *et al.*, 2020). Os resultados desta pesquisa evidenciaram que independente dos problemas e desafios apontados, fica claro que a atuação de enfermagem pode ser definitiva para identificação e melhor manejo dos casos de violência sexual e doméstica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo objetivou analisar as publicações referente às vivências da equipe de enfermagem na assistência e acolhimento às mulheres vítimas de violência sexual e doméstica em tempos de pandemia COVID-19.

Os resultados indicam que, embora os profissionais de enfermagem sejam os primeiros a detectarem sinais de violência sofrida por essas mulheres, ainda é necessária a criação de novas pesquisas que foquem e relacionem a violência sofrida por essas mulheres e a assistência de enfermagem, com o intuito de facilitar a identificação dos sinais da violência nas vítimas

durante o atendimento, bem como é também mister uma preparação do profissional de enfermagem no cuidado prestado à essas mulheres para uma assistência eficiente.

Por fim, durante a consulta com o profissional de enfermagem, é de extrema importância o atendimento humanizado e a seriedade do profissional durante o acolhimento prestado às mulheres que sofreram violência sexual ou doméstica, pois é nesse momento que a vítima pode prestar informações relevantes para o restante da assistência.

REFERÊNCIAS

AMARIJO, C. L. *et al.* Serviços de atendimento a mulheres em situação de violência doméstica. **Braz. J. Hea. Rev.**, Curitiba, v. 3, n. 1, p.1306-1323, jan./feb. 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/7174>. Acesso em: 20 fev. 2021.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal [...]. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 8 ago. 2006. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2006/lei-11340-7-agosto-2006-545133-publicacaooriginal-57150-pl.html>. Acesso em: 11 jul. 2021.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Práticas de enfrentamento à violência contra as mulheres (2019). **Fórum Brasileiro de Segurança Pública**: Homepage, São Paulo, 16 fev. 2021. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/tag/violencia-contra-a-mulher/>. Acesso em: 8 fev. 2021.

GALVÃO, R. L. *et al.* Atuação dos profissionais de enfermagem frente às mulheres vítimas de violência doméstica. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, [s.l.], v. 13, n. 1, p. e5165, 8 jan. 2021. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/5165/3497>. Acesso em: 15 fev. 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2006.

HENNINGTON, E. A. Acolhimento como prático interdisciplinar num programa de extensão universitária. **Cad. Saúde Pública**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 256-265, fev. 2005. Disponível em: http://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0102311X2005000100028&script=sci_arttext&tlng=e DOI:10.1590/S0102-311X2005000100028. Acesso em: 11 jul. 2021.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007.

OMS. Organização Panamericana de Saúde. Folha informativa - Violência contra as mulheres. **PAHO/WHO | Pan American Health Organization**, Brasília, DF, nov. 2017. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5669:folha-informativa-violencia-contra-as-mulheres&Itemid=820. Acesso em: 7 fev. 2021.

ONU. ONU alerta para os custos da violência contra as mulheres no mundo. **ONU Mulheres**, [s.l.], 24 maio 2017. Disponível em: <http://onumulheres.org.br/noticias/onu-alerta-para-os-custos-da-violencia-contra-as-mulheres-no-mundo/>. Acesso em: 5 fev. 2021.

PETRICIO, P. Assistência à mulher vítima de violência sexual. **Revista Saúde**, [s.l.], v. 12, n. 1, 2018. Disponível em: <http://revistas.ung.br/index.php/saude/article/view/3607>. Acesso em: 5 mar. 2021.

POLIT, D. F.; BECK, C. T.; HUNGLER, B. P. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem**: métodos, avaliação e utilização. 5. ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004. QUARENTENA no Ceará: 90% dos casos de violência contra a mulher atendidos pela Defensoria Pública aconteceram dentro de casa. **G1 CE**, Fortaleza, 30 abr. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/04/30/quarentena-no-ceara-90percent-dos-casos-de-violencia-contra-a-mulher-atendidos-pela-defensoria-publica-aconteceram-dentro-de-casa.ghtml>. Acesso em: 9 fev. 2021.

REIS, M. J. *et al.* Vivências de enfermeiros na assistência à mulher vítima de violência sexual. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 44, n. 2, p. 325-331, abr. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102010000200013&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 29 mar. 2021.

RODRIGUES, D. V.; SOARES, S. O.; SILVA, R. A. Serviços de atendimento a mulheres em situação de violência. **Revista Centro Universitário CESMAC**, [s.l.], v. 13, n. 1, 2021. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/5165>. Acesso em: 21 fev. 2021.

Capítulo 3

*CONSTRUÇÃO DE UM VÍDEO
EDUCATIVO COMO ESTRATÉGIA DE
ADESÃO À DIETOTERAPIA EM
PORTADORES DO DIABETES TIPO 2:
RELATO DE EXPERIÊNCIA*

CONSTRUÇÃO DE UM VÍDEO EDUCATIVO COMO ESTRATÉGIA DE ADESÃO À DIETOTERAPIA EM PORTADORES DO DIABETES TIPO 2: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Alana de Souza Dias¹
Edmar Max Brenner Sousa de Mesquita¹
Francislaura Paulo de Sousa¹
Carlos Kellery Feitosa da Silva²
Maria Cecília Cavalcante Barreira³
Francisco José Mendes dos Santos⁴
Jorge Luís Jardimino⁵

RESUMO

A constante observação da dificuldade enfrentada por pacientes diabéticos, no que se refere à adesão da terapia nutricional, alertou os pesquisadores à clara necessidade de introduzir uma medida educativa, com metodologia leve e divertida para repasse de informação. Com base nisso, relata-se uma experiência com objetivos exploratório-descritivos e abordagem qualitativa, utilizando-se de uma construção audiovisual para auxiliar o processo dietoterápico de usuários portadores do diabetes 2. Conclui-se que a utilização de vídeos como método educativo pode ser eficaz nas atividades de promoção à saúde e prevenção de agravos. Todavia, para a consolidação desse tipo de material em unidades de saúde, é necessário que essas instituições disponibilizem de recursos tecnológicos (como televisores) e ambiente adequado, pois esses fatores interferem diretamente nos resultados da experiência. Espera-se, portanto, que essa ferramenta seja aplicada nas atividades de educação em saúde, recordando aos profissionais a importância de produzir conteúdos alternativos no processo de cuidar.

Palavras-chave: medida educativa; construção audiovisual; educação em saúde.

¹ Discente do Curso Técnico em Enfermagem da Instituição Ícaro de Sousa Moreira.

² Enfermeiro. Professor do Curso Técnico de Enfermagem da Instituição Ícaro de Sousa Moreira.

³ Enfermeira Mestre em Saúde Coletiva - Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Assistente técnica da célula de promoção e acompanhamento de estágios - Coordenadoria de Educação Profissional (COEDP)/Secretaria da Educação do Ceará (SEDUC-CE).

⁴ Química - Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor de Química da Instituição Ícaro de Sousa Moreira.

⁵ Biologia - UNINOVE. Professor de Biologia da Instituição Ícaro de Sousa Moreira.

INTRODUÇÃO

Diabetes mellitus caracteriza-se como uma doença crônica não transmissível, que afeta o metabolismo e causa um déficit na produção do hormônio insulina. Quanto aos tipos da doença, destacam-se três principais: tipo 1, que afeta crianças e adolescentes, mas pode ser diagnosticado em adultos também, sendo caracterizado pela impossibilidade do pâncreas em produzir insulina; tipo 2, que ocorre quando o organismo não consegue usar de forma adequada a insulina que produz, ou produzir insulina suficiente para controlar a taxa de glicemia; e o tipo 3, que seria a Diabetes Gestacional. Durante a gestação, a mulher passa por processos de alteração hormonal em seu corpo. A placenta, por exemplo, é uma fonte importante de hormônios que reduzem a ação da insulina. Como forma de compensar esse déficit de produção hormonal, o pâncreas produz insulina em maior escala. No entanto, em algumas mulheres, esse processo não ocorre, o que caracteriza um quadro de diabetes gestacional, conforme a Sociedade Brasileira de Diabetes (SBD, 2019).

No contexto mundial, calcula-se que 463 milhões de pessoas entre 20 e 79 anos possuem diabetes, sendo que o tipo dois é responsável por quase 90% dos casos. No Brasil, os números também são alarmantes, pois é estimado que cerca de 6,9% da população é portadora do diabetes, o que corresponde um valor em torno de 13 milhões de pessoas (SBD, 2019).

O diabetes mellitus está associado a uma série de complicações, cuja origem pode ser aguda ou crônica. O risco de desenvolver distúrbios crônicos é superior em diabéticos (30 vezes maior para cegueira, 40 vezes maior para amputação de membros inferiores, de 2 a 5 vezes maior para Infarto Agudo do Miocárdio e de 2 a 3 vezes maior para Acidente Vascular Encefálico). O não tratamento dessa enfermidade implica no declínio da expectativa de vida do portador, contribuindo para a diminuição da autonomia do mesmo. Em contrapartida, o tratamento adequado e precoce irá prolongar a saúde e a longevidade dos doentes, além de aumentar as chances de um bom prognóstico em seu quadro clínico (BRASIL, 2013).

Em virtude do crescimento alarmante da doença, pesquisadores classificam o diabetes como um problema de saúde pública. O mais preocupante é que grande parte desses portadores estão localizados no Brasil, Estados Unidos, na China, Índia e Indonésia, sendo que o Brasil está na 5ª posição entre os dez países com maiores casos da doença, registrando um aumento significativo de 31% nos anos de 2018 e 2019 (CAPOMACCIO, 2020).

Ao analisar o contexto histórico e social do Brasil, é possível notar que a população carece de educação. Tal fato pode ser comprovado pela desestruturação do sistema educacional brasileiro.

Dentre outros 77 países avaliados em 2019 pelo Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes (PISA), o Brasil ocupou a 57ª posição no ranking de educação.

Entende-se por educação todo método libertador de ensino e aprendizado, cujo principal objetivo é assegurar a formação e o desenvolvimento intelectual, onde o educador transforma o educando e o educando transforma o educador (FREIRE, 1996).

No contexto da saúde, a educação é utilizada como estratégia para conscientização da população, mediante uma abordagem multiprofissional que acolhe os pacientes e cria métodos para a desenvoltura do acesso à informação, fornecida através da ferramenta educação em saúde.

A educação em saúde objetiva promover a saúde de forma universal, equânime e integral. Tal ferramenta apropria-se de um método eficaz na capacitação para o autocuidado, através do qual os usuários são corresponsáveis pelo controle da enfermidade, processo este conhecido como empowerment, ou empoderamento (IQUIZE *et al.*, 2017).

Vincular o diabetes apenas ao consumo de açúcar propaga uma falsa ideia que anula outros fatores contribuintes para o surgimento e agravamento da doença, como excesso de peso e alto consumo de gordura. Tais crenças influenciam negativamente na dietoterapia, posto que o diabético apresentará maior dificuldade para aderir à nutrição prescrita, principalmente no que diz respeito ao desapego de alimentos que lhe proporcionam sensação de prazer e bem-estar momentâneo.

Como se sabe, viver com uma doença crônica pode representar um desafio tanto para o portador quanto para os familiares e pessoas próximas. No caso do diabetes, as sequelas deixadas pela patologia comprometem a produtividade, qualidade de vida e sobrevivência dos indivíduos acometidos pela enfermidade. Para diminuir a incidência de complicações crônicas oriundas do diabetes, é importante que esses pacientes participem de programas de saúde destinados à atenção dessa clientela. Assim, a utilização de educação em saúde para controle do diabetes subsidia a construção de conhecimentos que favorecem a autonomia do cliente, com a perspectiva de minimizar os danos à saúde dele (IQUIZE *et al.*, 2017).

Pensando nisso, o presente trabalho objetivou criar um vídeo educativo como estratégia de contribuição à dietoterapia em portadores do diabetes 2, vislumbrando contribuir para maior adesão ao tratamento nutricional por parte dos clientes.

A escolha do tema se justifica pela clara necessidade de assistência multiprofissional em saúde, que auxilie os usuários na adesão à dieta e promova, por parte do cliente, o desinteresse em alimentos que agravam a enfermidade, a fim de evitar complicações crônicas oriundas da doença. Outrossim, um cenário de pandemia, onde os usuários utilizam com maior frequência a internet, demonstrou ser outro fator importante que justifica a elaboração desse projeto.

Logo, a construção desse vídeo é relevante não só para conscientizar os portadores do diabetes sobre a importância do controle glicêmico, através da adoção de hábitos alimentares saudáveis, como também para comprovar que as tecnologias podem ser facilitadoras e uma aliada da equipe de enfermagem durante as práticas de educação em saúde, principalmente em um contexto no qual a internet apresentou ser o veículo mais usual para se obter acesso à informação.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa do tipo relato de experiência, de natureza básica, objetivos exploratório-descritivos e abordagem qualitativa.

Relato de experiência é toda pesquisa que descreve, com linguagem objetiva, uma vivência relevante e contribuinte para estudos futuros apresentando, de forma contextualizada, as dificuldades enfrentadas pelos pesquisadores durante a elaboração do projeto (ENFAM, 2016).

A pesquisa de natureza básica orienta-se para um conhecimento aperfeiçoado, visto que o estudo já foi realizado (MUNIZ, 2021). As pesquisas exploratórias aprimoram ideias, tornando o pesquisador familiarizado com o problema e flexibilizado com os variados aspectos que podem ser abordados no estudo. Em proximidade com o objetivo exploratório, a pesquisa descritiva é focada em retratar um determinado assunto, que servirá como base para análise e comparação de informação (GIL, 1987).

O estudo em questão, iniciado em janeiro de 2021, foi realizado a partir da construção de um projeto audiovisual, cuja finalidade é garantir maior adesão à dietoterapia em usuários que estão no tratamento de diabetes mellitus tipo dois. A animação foi construída com linguagem clara, organização e layout diversificado (características associadas à produção de projetos audiovisuais como esse).

Os conteúdos utilizados para produzir o material didático foram obtidos a partir de recomendações fornecidas por associações de saúde, como Sociedade Brasileira de Diabetes (SBD), Associação Americana de Dietética e Ministério da Saúde; Guias de Alimentação para Diabéticos, jornais eletrônicos, reproduções cinematográficas (documentário) e até mesmo por outros artigos científicos. A busca por informações foi feita de forma aleatória, ou seja, os pesquisadores não utilizaram base de dados. Os conteúdos foram pesquisados através do navegador *Google*. Após a seleção dos artigos, foi feito o *download*, onde os pesquisadores puderam ler e analisar o conteúdo dos mesmos e usá-los como fonte de obtenção de dados para a elaboração do trabalho.

Selecionaram-se aqueles em que o conteúdo se correlacionava com a temática abordada nesse trabalho, portanto não houve critérios pré-estabelecidos para a escolha dos artigos.

Além de apresentar um planejamento alimentar adequado, o conteúdo produzido traz estratégias para desmistificação do conceito de alimentação saudável, distorcido pela indústria, mídia e pessoas, além de conscientização sobre a importância da seriedade ao tratar o diabetes.

A produção da animação baseia-se na necessidade do público-alvo (diabéticos do tipo dois). Acredita-se que esses usuários, em grande maioria, não conseguem aderir à dieta pela falta de incentivo ou acesso à informação detalhada, com linguagem clara e acessível, sobre as opções dietéticas do paciente diabético. Segundo a Federação Internacional de Linguagem Clara (PLAIN, c2021, p. 1), “uma comunicação está em linguagem clara quando o texto, a estrutura e o design são tão claros que o público-alvo consegue encontrar facilmente o que procura, compreender o que encontrou e usar essa informação”. Desse modo, a proposta do projeto se baseia na perspectiva de protagonizar o leitor e priorizar os seus desejos, traçando metas para assegurar o repasse de informação.

O programa utilizado para construir o projeto audiovisual foi o *VideoScribe*, um software britânico criado em 2012 com intuito de construir animações em um quadro branco. A escolha do referido programa se deu pela variedade de ferramentas, que podem ser utilizadas durante a elaboração do projeto desejado, e pela facilidade de uso. No entanto, apesar da riqueza de possibilidades que ele oferece, não é um programa acessível, visto que não é gratuito, portanto, sua utilização fica restrita a quem pode pagar por ele.

Apesar da diversidade em imagens, desenhos e ferramentas, o *VideoScribe* não dispõe de recursos para fazer colagem de áudios. Por isso, optou-se pela utilização do *Audacity*, um programa que permitiu a unificação das músicas e dos efeitos especiais do vídeo. O *Audacity* é um software livre de edição de áudio, ideal para quem quer registrar faixas de músicas ou realizar modificações nelas, e está disponível de forma gratuita. O vídeo pode ser acessado através do link: https://www.youtube.com/watch?v=4_5cFcP2LXQ&t=213s.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Análise e problematização do tema

A modernidade persuadiu os brasileiros a optarem pela ingestão de alimentos hipercalóricos e pouco saudáveis, tanto pela praticidade quanto pela correria do dia a dia. Sob a perspectiva de George Simmel (1858-1918), o corpo civil vive em tempos nervosos, onde a metrópole acelerada influenciou, de forma direta, os indivíduos na adesão ao estilo de vida contemporâneo. Devido ao avanço do capitalismo e, conseqüentemente, à aceleração dos meios de produção, a saúde dos indivíduos foi colocada em segundo plano posto que, no século XXI, o mais importante é produzir. O constante aumento dos casos de diabetes alertou os pesquisadores à necessidade de elaborar uma estratégia pedagógica como forma de promover saúde.

A observação de dados publicados acerca de pacientes reabilitados em diabetes permitiu compreender a omissão dessa clientela no que se refere à adoção da terapia nutricional. Inferiu-se que uma parte considerável de diabéticos apresenta bastante dificuldade para seguir o tratamento. Com base nessa análise, surgiram possíveis dúvidas sobre as razões desse quadro situacional. As vivências compartilhadas pelos orientadores do projeto permitiram que os pesquisadores chegassem à conclusão de que esses pacientes negligenciavam a dietoterapia por dois motivos principais: em primeiro lugar, pela ausência de clareza nas informações sobre o tratamento farmacológico e alimentar, instruindo o cliente a acreditar que o processo terapêutico é constituído apenas pela administração medicamentosa. Em segundo lugar, pela dificuldade do usuário em desapegar de alimentos inapropriados que lhe proporcionam bem-estar momentâneo.

Projeto: produção e concretização da estratégia pedagógica

A ideia de produzir o material surgiu a partir da vivência dos orientadores do projeto, que sinalizaram que portadores do diabetes tipo 2 enfrentam dificuldades para mudar o estilo de vida, principalmente no que diz respeito à adesão da dietoterapia. Como se sabe, a utilização de métodos educativos facilita o aprendizado, pois se torna mais fácil repassar a informação e garantir que essa informação seja processada por determinado público-alvo. Pensando nisso, decidiu-se elaborar uma animação como estratégia de garantir a reeducação e maior adesão alimentar de portadores do diabetes do tipo dois, tornando o usuário protagonista no processo terapêutico e consolidando a ideia

de que a família e a equipe multiprofissional participam diretamente da reabilitação, através do incentivo e apoio emocional.

Após a escolha do tema, iniciaram-se as pesquisas para produzir o artigo. As reuniões foram feitas de forma remota, através de links de acesso à plataforma *Google Meet*, disponibilizados via *WhatsApp*. No início, as reuniões ocorriam diariamente devido à necessidade dos pesquisadores em receber informações sobre a metodologia do trabalho científico, conteúdo este que não consta na matriz curricular do curso técnico de enfermagem. Diante disso, estudos introdutórios foram necessários para a aprendizagem dos conceitos sobre a execução e produção do artigo. O processo de apropriação do método científico demandou tempo e dedicação, até que os pesquisadores se familiarizassem.

Posteriormente, uma vez que se compreendeu bem o que deveria ser feito, os encontros passaram a ser mais espaçados, intercalando o uso do tempo entre orientações e correções, redação do trabalho e construção do vídeo. A carga horária de projeto destinada à elaboração do artigo foi de 180 horas.

No decorrer do projeto, foi dificultoso escolher um programa de edição. Entre sugestões e experiências, optou-se pela utilização do software já mencionado, pois o recurso tecnológico ofertado superou as expectativas iniciais dos pesquisadores. Depois de pesquisar e referenciar, iniciou-se a digitalização do roteiro.

O esquema contém três páginas e foi produzido a partir das recomendações do Manual de Nutrição de Pessoa com Diabetes (SBD, 2009), ofertado pelo Departamento de Nutrição e Metabologia da SBD. De forma lúdica, o roteiro foi dividido em quatro etapas:

1. Introdução: nessa parte, conceituou-se de forma breve o diabetes, apresentando uma explicação sucinta sobre o processo fisiológico do corpo durante a ingestão de alimentos e discutindo sobre o impacto da patologia no contexto atual;
2. Desmistificação de ideias falsamente atribuídas à doença e à alimentação saudável: ao acessar o material de nutrição que foi utilizado para elaborar o roteiro, foram selecionadas algumas dúvidas a serem respondidas no vídeo didático (fato ou fake);
3. Apresentação de formas alternativas para reeducação alimentar e mudança do estilo de vida;
4. Desfecho: seção de conscientização, utilizada como estratégia de incentivo à adesão da dieta alimentar por parte do usuário.

A construção do vídeo foi dividida em três etapas: primeiro, optou-se pela produção estética. Logo após, foram introduzidos áudio e narração. Por fim, realizou-se uma revisão sistemática do material.

Pela inexperiência dos pesquisadores e ineditismo da prática realizada, a elaboração do material demandou um tempo estimado de 15 dias, sendo que 8 dias foram destinados à produção estética (conteúdo) e 7 dias foram destinados à colagem de áudio, narração e revisão sistemática.

Figura 1 – Diagramação do projeto audiovisual

Fonte: elaborada pelos autores (2021).

Circulação do material didático em plataformas digitais

O vídeo foi publicado no *YouTube* e divulgado em outras redes sociais como *Instagram* e *WhatsApp*. Observou-se, na primeira semana, que o número de visualizações, curtidas e comentários estavam crescendo. Isso não era esperado, portanto os pesquisadores ficaram surpresos pela quantidade de pessoas que tiveram acesso ao conteúdo produzido. Em três semanas, obteve-se um

total de 291 visualizações, sendo que 76 pessoas curtiram e 21 comentaram. Selecionaram-se quatro comentários dos quais comprovam a acessibilidade, clareza e simplicidade lúdica do vídeo.

Pessoa 1: “Ótimo vídeo! Bem didático e nada cansativo, gostei!”

Pessoa 2: “Amei! Extremamente importante e de fácil entendimento!”

Pessoa 3: “[...] Tecnologias como esta, na era das ciberculturas e dos ciberespaços, tem um grande potencial de alcançar diferentes públicos e realidades, com uma linguagem acessível, simples, artística e educativa [...]”.

Pessoa 4: “Vídeo muito bom! Informações repassadas de forma interativa, e de fácil entendimento [...]”.

Os comentários só reafirmam que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) podem ser fortes aliadas nesse processo de educação em saúde, pois permitem estabelecer uma relação entre a comunidade e o profissional, facilitando o processo do cuidar. Dessa forma, quando o conhecimento é ofertado de forma inovadora e criativa, é possível que a informação seja processada com maior facilidade pelo paciente (DALMOLIN *et al.*, 2016).

As orientações de grandes associações de saúde ao isolamento social, intensificadas pelo levantamento da *hashtag* #FiqueEmCasa, possibilitaram maior interação de usuários com a internet, isso porque as redes sociais tornaram-se grandes aliadas da sociedade e o acesso às plataformas digitais mostrou ser uma forma de interação das pessoas com o mundo real (MALAVÉ, 2020). Posto isso, pode-se afirmar que a utilização das redes sociais, impulsionada pelo contexto pandêmico, serviu como facilitadora do processo de educação em saúde, uma vez que, pela inviabilidade de promover essas práticas educativas de forma presencial, os profissionais de enfermagem precisaram criar medidas alternativas como forma de garantir o acesso à saúde para a população.

Eficiência e desafios para a consolidação do material na arte do cuidar

A utilização de vídeos como tecnologia educacional é comprovada por outros autores como uma experiência inovadora e eficiente, uma vez que “o vídeo se destaca como um dos recursos audiovisuais mais populares, [...] pois ele tem papel fundamental na ligação de pessoas com o mundo, [...] abrindo possibilidades para que a aprendizagem significativa apresente eficiência na educação” (PAZZINI; ARAÚJO, 2013, p. 2). Pazzini e Araújo (2013) afirmam, ainda, que a reprodução desse tipo de material permite experimentar sensações diversas. Esse tipo de experimentação sensibiliza os ouvintes, principalmente quando há representação desses, pois o sentimento de reconhecimento atua como gatilho motivador para a execução de determinada ação.

Como o processo de ensino-aprendizagem engloba vários desafios, a aplicação de estratégias pedagógicas motiva a procura de conteúdos educativos, uma vez que a informação passa a ser mais interessante para o leitor, tornando-a fácil de ser compartilhada (PAZZINI; ARAÚJO, 2013).

O papel de mediador e facilitador, desempenhado pela equipe de enfermagem no cuidado, permite o acolhimento de dúvidas, medos e anseios dos pacientes e seus familiares. Dessa maneira, é necessário que o profissional estabeleça uma relação com o usuário, através da escuta sensível, com propósito de atender as suas queixas e assim, planejar uma intervenção adequada. A visualização da produção audiovisual permite às pessoas a possibilidade de desfrutar de um contexto desconhecido, e muitas vezes isso pode causar uma sensação de estranheza, tanto por se tratar de um método inovador quanto pela carência da produção de materiais instrutivos como esse, tornando as pessoas menos familiarizadas com essa abordagem. Nesse sentido, a produção de vídeo é essencial para o progresso do processo educativo, tanto pela metodologia simples quanto pela facilidade do acesso (DALMOLIN *et al.*, 2016).

A enfermagem, atuando como equipe central no desenvolvimento das atividades de educação em saúde, precisa dispor de recursos diversos para garantir o acesso à informação.

Logo, a utilização de TICs, é fundamental para facilitar o trabalho dos profissionais e favorecer o aprendizado, a autoconfiança e capacitação do usuário para o autocuidado. De acordo com Dalmolin *et al.* (2016), a aplicação de vídeos permite a contribuição ao protagonismo do cliente, utilizando tecnologia para atender à demanda de acordo com o ritmo de aprendizagem de cada um e constituindo um recurso que possibilita acesso ao conhecimento multidimensional, pois integra o material produzido às orientações ofertadas pelos profissionais da saúde.

Mesmo sendo uma ferramenta efetiva de educar em saúde, a produção de vídeos possui determinadas limitações durante a sua abordagem, pois o cuidado é singular a cada pessoa, portanto deve-se dar enfoque às individualidades e especificidades de cada sujeito.

Ademais, é perceptível, através do relato desenvolvido por Pazzini e Araújo (2013), a clara necessidade de um ambiente adequado para exibição do vídeo educativo; esse ambiente deve disponibilizar ferramentas suficientemente capazes de assegurar o acesso à reprodução audiovisual, garantindo assim resultados positivos e continuidade do projeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conscientização da população diabética, em relação à alimentação, é essencial para o alcance de uma qualidade de vida e de saúde e para minimização dos danos causados pela patologia. Assim, a criação de um vídeo educativo cumpriu o propósito de levar informação de forma clara e acessível, favorecendo a conscientização do usuário quanto à importância da dietoterapia no processo terapêutico para tratamento de diabetes do tipo 2.

Como se sabe, a construção de um projeto científico demanda tempo, dedicação e paciência. Pela inexperiência dos pesquisadores com iniciação científica, a construção desse projeto foi bem difícil, desde a escolha do tema (pela indecisão dos autores diante da diversidade de conteúdos que poderiam ser abordados no trabalho) até a realização de reuniões remotas diárias (devido à dificuldade de acesso à internet apresentada pelos pesquisadores).

Conclui-se, a partir das leituras realizadas, que a utilização de vídeos educativos como estratégia pedagógica podem ser eficazes nas atividades de educação em saúde. Contudo, para a consolidação dessa prática e utilização do material para manejo e reabilitação de pacientes diabéticos em unidades de saúde, são necessários recursos básicos para garantir a reprodução da ilustração, como ambiente adequado (silencioso, calmo) e a disponibilização de meios eletrônicos (televisores) em recepções, consultórios, enfermarias, entre outros.

A aplicação de medidas educativas, mediante o uso das TICs, permitiu elaborar um método alternativo de promoção à saúde, de contribuição ao processo terapêutico e disseminação de informação, sob a perspectiva de uma metodologia criativa, inovadora e lúdica.

O vídeo elaborado pode ser utilizado como ferramenta adicional à terapia de pacientes diabéticos, uma vez que esse material atende à necessidade do público-alvo em desfrutar de materiais com linguagem clara, acessível e dinâmica. Portanto, anseia-se que o trabalho em questão possa ser utilizado como fonte de pesquisa e motivação para o desenvolvimento de outros projetos neste campo de estudo.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, M. L. G. *et al.* **Dietoterapia diabetes mellitus tipo 2**. Ouro Fino: ASMEC, 2018. Disponível em: <https://portal.unisepe.com.br/asmec/wp-content/uploads/sites/10006/2018/10/Enfermagem-002.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2021.
- BRASIL. Departamento de Atenção Básica. **Caderno de atenção domiciliar**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2013.
- CAPOMACCIO, S. Brasil ocupa a quinta posição no ranking do diabetes. **Jornal da USP**, São Paulo, 29 jan. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/brasil-ocupa-a-quinta-posicao-no-ranking-do-diabetes/>. Acesso em: 17 mar. 2021.
- DALMOLIN, A. *et al.* Vídeo educativo como recurso para educação em saúde a pessoas com colostomia e familiares. **Rev. Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v. 37, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rngen/a/gCB5xxTX4wcSrGKfDBnDngQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 11 jul. 2021.
- ENFAM. Roteiro para orientar o relato de uma experiência. In: ENCONTRO NACIONAL DE FORMADORES, 3., 2016, Brasília, DF. **Anais eletrônicos** [...]. Brasília, DF: ENFAM, 2016. Disponível em: <https://www.enfam.jus.br/wp-content/uploads/2016/12/Orienta%C3%A7%C3%A3oEscritaTextoRelatoExperi%C3%Aancia.pdf>. Acesso em: 22 maio 2021.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1966.
- GAMBA, E. *et al.* Brasil é o 57º do mundo em ranking de educação; veja evolução no Pisa desde 2000. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 2 dez. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/12/brasil-e-57o-do-mundo-em-ranking-de-educacao-veja-evolucao-no-pisa-desde-2000.shtml>. Acesso em: 27 mar. 2021.
- GEORG Simmel - A vida na metrópole. [S.l.: s.n.], 2018. 1 vídeo (5 min). Publicado pelo canal Sociologia Animada. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6_F_A4E8j9M. Acesso em: 14 jun. 2021.
- GIL, C. A. **Como elaborar projeto de pesquisa**. Fortaleza: UECE, 1987.
- HEIMBECHER, A. Diabetes: o que é, tipos, sintomas e remédios. **Minha Vida**, [s.l.], c2021. Disponível em: <https://www.minhavidacom.br/saude/temas/diabetes>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- IQUIZE, R. C. C. *et al.* Práticas educativas no paciente diabético e perspectiva do profissional de saúde: uma revisão sistemática. **J Bras Nefrol.**, [s.l.], v. 39, n. 2, p. 196-204, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbn/a/3CBcqXBfYJKWsQGJqJQBBTM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 mar. 2021.
- MALAVÉ, M. M. O papel das redes sociais durante a pandemia. **IFF/Fiocruz**, Rio de Janeiro, 18 maio 2020. Disponível em: <http://www.iff.fiocruz.br/index.php/8-noticias/675-papel-redes>

Capítulo 4

*ESTADO PSÍQUICO DOS
ESTUDANTES DE UM CURSO
TÉCNICO EM ENFERMAGEM
DURANTE A PANDEMIA DE
COVID-19: RELATO DE
EXPERIÊNCIA*

ESTADO PSÍQUICO DOS ESTUDANTES DE UM CURSO TÉCNICO EM ENFERMAGEM DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ana Gabriele Oliveira da Silva¹
Cauã do Nascimento Silva¹
Zeferina Bezerra Pimentel Monteiro do Rêgo²

RESUMO

Durante a pandemia, percebemos alterações emocionais significativas em nosso cotidiano e de nossos pares, na condição de estudantes de um curso técnico de enfermagem. Isto nos impeliu a pesquisar o estado psíquico dos discentes. Assim, relata-se a experiência de diagnóstico situacional a partir da questão norteadora: como se apresenta o estado psíquico dos estudantes do 3º ano do curso Técnico em Enfermagem de uma escola de ensino médio integrado? O estudo objetivou identificar e caracterizar a ocorrência de fatores predisponentes ou desencadeantes para surgimento de sofrimento mental em discentes do curso Técnico em Enfermagem de uma instituição de ensino médio integrado, e mais especificamente de comparar estes achados aos apontados pela literatura nos acadêmicos de enfermagem. Foi utilizada a base de dados Google Acadêmico para pesquisar artigos e um questionário semi-estruturado aplicado via formulário no *Google Forms* contendo 05 perguntas para caracterização os alunos de nível médio. A pesquisa aconteceu entre o período de janeiro a março de 2021 de forma virtual com discentes de uma escola situada na periferia da Cidade de Fortaleza-CE. A análise dos dados deu-se de forma qualitativa por categoria temática de Minayo. Os resultados mostram que os sentimentos de estresse e ansiedade são os mais prevalentes. Conclui-se ser necessário o planejamento de ações que possam proporcionar subsídios para o autocuidado e melhoria da saúde mental, auxiliando-os no enfrentamento dos problemas e desafios diários, evitando prejuízos em seu processo formativo.

Palavras-chave: saúde mental; estudantes de enfermagem; coronavírus.

¹ Estudante do Curso Técnico em Enfermagem. Escola Estadual de Educação Profissional (EEEP) Ícaro de Sousa Moreira.

² Enfermeira - Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Especialista em Qualidade e Segurança no cuidado ao paciente - Hospital Sirio Libanes.

INTRODUÇÃO

A Saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a mera ausência de doenças ou enfermidade, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2016). Considerando que a Saúde Mental é um dos componentes que garantem o bem-estar, é importante desconstruir a cultura de que suas afecções só devem ser tratadas em casos extremos, evitando que algumas de suas manifestações e problemas sejam menosprezados.

Podemos dizer que a saúde mental contempla, entre tantos fatores, a nossa capacidade de manter harmonia relacional entre o homem e a natureza, a nossa habilidade em manejar de forma positiva as adversidades e conflitos, o reconhecimento e respeito dos nossos limites e deficiências, nossa satisfação em viver, compartilhar e se relacionar com os outros.

A manutenção de um estado psíquico saudável é fundamental para estudantes e profissionais de saúde, uma vez que não conseguimos cuidar do próximo se a nossa própria integridade emocional estiver abalada. Um bom equilíbrio psicológico permite que estes utilizem suas habilidades de maneira produtiva e eficiente. Os fatores de risco que alteram sentimentos, pensamentos e atitudes nos indivíduos são diversos: entretanto, estão sendo evidenciados com mais veemência quando relacionados a pandemia de COVID-19.

No fim de 2019 foi identificado pela primeira vez na China, a SARS-COV-2, causador da doença COVID-19, que se espalhou por todo o mundo, tornando-se uma pandemia. No Brasil, foi registrado o primeiro caso doença em 26 de fevereiro de 2020, conforme Ministério da saúde (2020). Uma importante questão epidemiológica diz respeito à elevada infectividade do SARS-COV-2 (sigla em inglês para *severe acute respiratory syndrome coronavirus 2*), agente etiológico da COVID-19. A elevada infectividade do SARS-CoV-2 e a ausência de uma vacina contra esse vírus fazem com que o aumento do número de casos seja exponencial. Em vista disso, foi necessário restrições severas para conter a propagação do vírus, dentre elas, o fechamento de escolas, faculdades e atividades consideradas não essenciais (MALTA, 2020).

Devido a pandemia de COVID-19, vários estudantes do ensino médio integrado e graduandos do curso de Enfermagem de diversas instituições enfrentaram dificuldades relacionadas a mudança na dinâmica das aulas (de presenciais para remotas ou híbridas), suspensão de estágios, isolamento social e confinamento no lar, o que exacerba conflitos familiares, falta de espaço adequado para estudar, problemas envolvendo recursos materiais para garantir acesso a salas virtuais (possuir tablets, computadores, celulares e internet), além do medo de contaminação do vírus, adoecimento e morte de amigos ou familiares, entre outras

coisas. Isto influi diretamente na Saúde mental, prejudicando e fazendo surgir vários indicadores de sofrimento e desequilíbrio psicoemocional.

Manter a Saúde mental não é tarefa fácil, principalmente em meio à essa pandemia que afetou tanto a vida das pessoas. De acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS, 2019, p. 1):

Os determinantes da saúde mental e transtornos mentais incluem não apenas atributos individuais como a capacidade de administrar os pensamentos, as emoções, os comportamentos e as interações com os outros, mas também os fatores sociais, culturais, econômicos, políticos e ambientais, como as políticas nacionais, a proteção social, padrões de vida, as condições de trabalho e o apoio comunitário.

O desequilíbrio emocional que persiste durante um período considerável e sem receber intervenção adequada facilita a transição de um quadro de sofrimento mental para a instalação de transtornos mentais. É importante frisar que existe diferença entre Sofrimento Mental (SM) e Transtorno Mental (TM). Conforme Rodrigues, Rodrigues e Carvalho (2020), SM é um estado leve e transitório de determinados sintomas, que não ocasiona o comprometimento de seu desempenho cotidiano, já o TM é o conjunto de alterações que comprometem o desempenho do indivíduo em seu dia a dia.

Os transtornos mentais, em geral, resultam da associação de múltiplos fatores como genéticos, exposição aumentada estresse, alterações do funcionamento do cérebro, agressões de ordem física e psicológica, características da própria personalidade da pessoa, entre outros (POLANCZYK, 2009). Existem diversos Transtornos Mentais: dentre eles, pontua-se a depressão, o transtorno afetivo bipolar, a esquizofrenia e até mesmo ansiedade. A ansiedade pode ser caracterizada como Transtorno Mental quando os sentimentos se tornam excessivos, obsessivos e interferem a vida cotidiana. Esse tipo de transtorno pode, ainda, originar a síndrome do pânico (caracterizada principalmente pelo medo de estar sozinho em lugares públicos) ou a fobia social, conforme apontamentos da OMS (OPAS, 2019).

Após leitura de alguns artigos científicos que apontavam aspectos do estado psíquico dos estudantes (acadêmicos) do curso superior de Enfermagem durante a pandemia de COVID-19, surgiu em nós a curiosidade de investigar se estes mesmos aspectos se repetiam em alunos de curso de nível médio-técnico a partir da pergunta norteadora: como se apresenta o estado psíquico dos estudantes do 3º ano do curso Técnico em Enfermagem de uma escola de ensino médio integrado?

A temática de saúde mental está sendo amplamente discutida e pesquisada em virtude da pandemia, visto que autoridades gestoras estão em alerta diante das consequências dos agravos geradores de sofrimento mental na vida pessoal e profissional de trabalhadores e estudantes de enfermagem. Observamos, também, alterações emocionais significativas em nosso cotidiano e de nossos pares, na condição de estudantes de um curso técnico de enfermagem, o que justifica a escolha de discussão dessa questão.

A relevância de tal pesquisa está em comparar a realidade dos estudantes dos níveis superior e médio pelo traçado paralelo que permitisse caracterizar as duas realidades, obtendo uma visão científica ampliada do fenômeno, enfatizando igualdades ou disparidades.

Dessa forma, o presente trabalho tem por objetivo identificar e caracterizar a ocorrência de fatores predisponentes ou desencadeantes para surgimento de sofrimento mental em discentes do curso Técnico em Enfermagem de uma instituição de ensino médio integrado, e mais especificamente de comparar estes achados aos apontados pela literatura nos acadêmicos de enfermagem.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência, de natureza básica e objetivos exploratórios e descritivos, com abordagem qualitativa. A pesquisa aconteceu entre o período de janeiro e março de 2021 em dois momentos: o primeiro de busca na literatura e o segundo com alunos do terceiro ano do curso técnico de enfermagem de uma escola de ensino médio integrado, localizada em bairro periférico da cidade de Fortaleza-CE.

Adotamos o modelo de relato de experiência por tratar-se de uma questão particular que se limita a um diagnóstico situacional local, não gerando necessariamente dados que possam ser generalizados. Utilizamos método comparativo para proporcionar maior densidade e amplitude para a análise. De acordo com Prodanov e Freitas (2013), o método comparativo estuda as semelhanças e diferenças, esse método realiza comparações com o objetivo de verificar semelhanças e explicar divergências. O método comparativo, ao ocupar-se das explicações de fenômenos, permite analisar o dado concreto, deduzindo elementos constantes, abstratos ou gerais nele presentes.

Um estudo de natureza básica é aquele o qual objetiva-se em gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Segundo Prodanov e Freitas (2013), um objetivo exploratório, é quando a pesquisa se encontra na fase preliminar, tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto que vamos investigar, possibilitando sua definição e seu delineamento, isto é, facilitar a delimitação do tema da pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto. Ainda segundo Prodanov e Freitas (2013), objetivo descritivo é quando o pesquisador apenas registra e descreve os fatos observados sem interferir neles. Visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis, envolvendo o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática.

Conforme Prodanov e Freitas (2013), caracteriza-se a abordagem qualitativa a pesquisa que tem o ambiente como fonte direta dos dados. A utilização desse tipo de abordagem difere da abordagem quantitativa pelo fato de não utilizar dados estatísticos como o centro do processo de análise de um problema, não tendo, portanto, a prioridade de numerar ou medir unidades.

A pesquisa foi realizada de acordo com o seguinte percurso metodológico: A fixação de uma pergunta norteadora, a definição dos objetivos, delimitação de descritores para busca, escolha e análise de artigos científicos referentes ao tema em questão com foco nos estudantes acadêmicos de enfermagem para a fase um e elaboração e aplicação de questionário semiestruturado para coleta de dados de nossos pares para a fase dois.

A busca dos artigos foi realizada na plataforma Google acadêmico a partir da combinação dos descritores Saúde Mental, Estudantes de Enfermagem e Coronavírus. O operador booleano utilizado foi o AND. O resultado geral da busca e como os artigos escolhidos foram filtrados pode ser visto na Figura 01.

Os critérios de inclusão foram: artigos, que estivessem disponíveis na íntegra, em idioma português, que atendessem a temática pretendida, ou seja, que identificassem ou caracterizassem a Saúde Mental dos acadêmicos de enfermagem de forma geral, com análise do estado psíquico dentro do contexto da pandemia de COVID-19. As publicações limitam-se ao corte temporal de 2020 a 2021 devido à associação ao coronavírus. Esta primeira parte nos permitiu caracterizar os estudantes de nível superior para posterior comparação com nossa própria turma de nível médio.

Foi necessário utilizar alguns critérios de exclusão a partir da leitura do resumo dos trabalhos, sendo excluídos artigos duplicados, em língua estrangeira como à exemplo inglês e espanhol, teses, dissertações e artigos que não estavam focalizando os acadêmicos de

Enfermagem. A partir dos critérios de inclusão e exclusão criamos o fluxograma a seguir, para evidenciar os achados.

Figura 1 – Fluxograma sobre elegibilidade dos artigos

Fonte: elaborada pelos autores (2021).

Inicialmente identificamos 1800 artigos na base de dados Google Acadêmico com os seguintes descritores: Saúde mental, Estudantes de Enfermagem e Coronavírus, filtramos esses artigos utilizando os seguintes critérios: corte temporal da pandemia de COVID-19 (2020 e 2021) e em português restando 1415 artigos, sendo escolhidos 15 artigos por respeitarem os critérios de inclusão. Ademais, com uma análise minuciosa através da leitura da introdução e resumos dos artigos, apenas 5 artigos correspondiam diretamente as nossas buscas, sendo assim utilizados como amostra para a análise de literatura.

Salienta-se que, dos 05 artigos elencados para análise, 02 deles permeiam o tema de forma generalizada a todos os acadêmicos universitários citando, porém, os alunos do curso de Enfermagem no corpo do texto. Esses artigos foram incluídos por manter relação com a temática abordada e por nos ajudar a compor quantidade amostral mínima que garanta relevância à pesquisa.

No que tange ao estado psíquico de nossos pares, foi elaborado questionário semiestruturado através do *Google Forms* contendo perguntas que pudéssemos relacionar e comparar com os dados obtidos na análise de literatura de universitários de Enfermagem. Diante do questionário criado para os alunos de uma turma de nível médio integrado composta por 39

alunos, é de suma importância ressaltar que 3 pessoas não concordaram em participar, sendo assinalado na seção do termo de consentimento livre e esclarecido/assentimento que foi elaborado para conscientizar os discentes de que estariam contribuindo para a pesquisa e que os dados seriam divulgados de forma a preservar a identidade do informante. Outras 02 pessoas não conseguiram ter acesso ao questionário online.

O link do formulário foi disponibilizado através de aplicativo *WhatsApp*, sendo respondido ao final por 34 alunos. O formulário não exigiu identificação dos participantes, ficando preservados os dados pessoais. Apenas o sexo e a faixa etária serão utilizados para traçar perfil etnográfico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A leitura e análise da revisão de literatura amostral nos permitiu identificar e caracterizar o perfil psíquico dos acadêmicos de enfermagem durante o período da pandemia. Os resultados foram compilados e organizados no quadro a seguir, estando descritos o título do artigo, autores e revista, ano de publicação, método de pesquisa e evidências encontradas.

Quadro 1 – Caracterização dos artigos selecionados

Título	Autores	Ano/Método	Evidências
Saúde mental de estudantes universitários durante a pandemia de COVID-19	GUNDIM, V. A. <i>et al.</i> Rev baiana enferm.	2021 / Revisão integrativa de literatura.	Formas de apresentação do sofrimento psíquico e ações de proteção e promoção da saúde mental em estudantes universitários.
Aspectos psicossociais de acadêmicos de enfermagem durante a pandemia de COVID-19	GALVÃO, D. S. <i>et al.</i> Rev enfermagem em foco.	2020/ Estudo descritivo do tipo relato de experiência.	Descrever as experiências de acadêmicos durante a pandemia de COVID-19, evidenciando as dificuldades e mudanças ocorridas por tal fato.

Impactos da pandemia na vida acadêmica dos estudantes universitários.	MORALES, V.; LOPEZ, Y. A. F. Rev angolana de extensão universitária	2020/ abordagem qualitativa, tendo como foco interpretações de fenômenos e atribuição de significados.	Mudanças que a pandemia de COVID-19 causa na vida dos acadêmicos, alterando expectativas, interação social e saúde mental.
Panorama da saúde mental dos estudantes de enfermagem: uma revisão integrativa de literatura	RODRIGUES, S. B.; RODRIGUES, D. S. C.; CARVALHO, R. D. Braz. J. Hea. Rev, Curitiba	2020/ Revisão integrativa de literatura realizada entre março e novembro	Desencadeadores do estresse/perturbação mental dos estudantes, estratégias de enfrentamento, e consequências do estresse.
Dificuldades educacionais de estudantes de enfermagem durante a pandemia de COVID-19: Relato de experiência.	RIBEIRO, B. M. S. S.; BOLONHEZI, C. S. S.; SCORSOLINI-COMIN, F. Rev. enferm UFPI	2021/ A experiência foi produzida na disciplina de saúde ocupacional com universitários de enfermagem de uma universidade do Paraná.	Dificuldades dos discentes desencadeadas pelo período de isolamento social.

Fonte: elaborado pelos autores (2021).

Para que fosse possível comparar o estado psíquico de acadêmicos de Enfermagem com o estado psíquico de uma turma de estudantes de Enfermagem de nível médio integrado, foi elaborado e aplicado um questionário semiestruturado a 39 alunos de uma escola localizada na periferia da cidade de Fortaleza-CE. Devido a problemas de acesso limitado a internet, somente 37 alunos responderam ao questionário e apenas 34 alunos concordaram em participar da pesquisa ao ler o termo de consentimento que foi adicionado ao formulário. Assim, o quadro a seguir contém a compilação dos resultados obtidos através do questionário.

Quadro 2 – Caracterização do estado psíquico dos estudantes

Sexo	Faixa etária	Evidências	Possíveis causas	Mudanças percebidas	Rede de apoio
HOMEM / HOMEM CIS (9)	17 anos (2)	Tristeza, Ansiedade, Medo, Estresse, Insegurança.	As alterações devido ao contexto social atual e o atraso nas atividades escolares para a conclusão do curso.	Desânimo	Família e namorada
	18 anos (5)	Ansiedade, Tristeza, Medo, Insegurança, Estresse	Incerteza do futuro, falta de interação social, má alimentação, preocupação excessiva causando insônia, trabalho exaustivo, alterações na vida cotidiana devido à pandemia, sentimento de incapacidade em ajudar a família por falta de emprego.	Pensamentos , atitudes, alimentação, sentimento de culpa, tornar-se antissocial.	Amigos, e em alguns casos, não houve nenhum tipo de apoio.
	18 anos/ homem cis (1)	Tristeza, Crises de pânico, Ansiedade,	Sentimentos de incapacidade, medo de se infectar com a Medo, Insegurança, Estresse.COVID-19 e infectar	Pensamentos negativos, no entanto, como método para evitar	Consultas ao Psicólogo.

			familiares, insegurança nas atividades executadas e incerteza do futuro.	procura-se fazer outras atividades. (Ex: ler, ouvir música)	
	20 anos (1)	Estresse.	As restrições impostas devido a pandemia, que compromete a execução de certas atividades.	A forma de lidar com os problemas do cotidiano.	Não houve busca de auxílio.
MULHER / MULHER CIS (25)	17 anos (10)	Insegurança, Tristeza, Medo, Estresse, Ansiedade.	Pensamentos sobre o futuro, falecimento de entes queridos, mudanças no contexto atual pandêmico, isolamento social, falta de interação social e o atraso nas atividades escolares.	Irregularidade e no sono, desmotivação, baixa produtividade e em atividades rotineiras.	Familiares e amigos.
	18 anos (12)	Tristeza, Crises de pânico, Ansiedade, Medo, Insegurança, Estresse, Solidão.	Conflitos familiares, incerteza e preocupação com o futuro, medo de se infectar com a COVID-19 e infectar familiares, dificuldade	As dificuldades impulsionaram para a formação pessoal (responsabili	Familiares e amigos.

			financeira e falta de interação social.	dade, paciente)	
	18 anos / mulher cis (1)	Tristeza, Crises de pânico, Ansiedade, Medo, Insegurança. Estresse.	Pensamentos sobre o futuro, medo de se infectar com a COVID-19 e infectar familiares, traumas e pensamentos excessivos.	Tornou-se mais emotiva, antissocial e relato de que familiares observaram mudanças no comportamento.	Não houve busca de auxílio.
	19 anos (2)	Ansiedade, Estresse, Insegurança, Medo, Tristeza.	Falta de interação social, medo de se infectar com a COVID-19 e infectar familiares e a turbulência de mudanças ocasionadas devido a pandemia	Alterações fisiológicas (perda de peso, queda de cabelo), mudanças nas atitudes (ouvir música, ler, fazer exercícios).	Consultas ao Psicológico e conversar com amigos.

Fonte: elaborado pelos autores (2021).

A leitura e análise das respostas dadas às perguntas direcionadas através do formulário nos permitiu identificar e caracterizar o perfil psíquico dos estudantes de nível médio do curso técnico em enfermagem durante o período da pandemia e compará-los com os dados dos discentes de nível superior, obtidos através da revisão de literatura. Os resultados foram compilados, organizados e discutidos em categorias temáticas, estando descritos a seguir.

Caracterização do estado psíquico dos acadêmicos de enfermagem durante a pandemia

Mediante o cenário catastrófico da pandemia de COVID-19, várias mudanças sociais, físicas e psicológicas ocorreram em vários setores da sociedade. O setor educacional, incluindo discentes e docentes, também foram afetados em sua rotina pessoal e profissional. Tendo em vista responder aos objetivos deste trabalho, gostaríamos de caracterizar o estado psíquico dos graduandos do curso de Enfermagem, que apresentaram diversos sentimentos geradores de sofrimento mental nesta pandemia.

Falar sobre a Saúde mental dos universitários condiz em analisar aspectos como adaptação, motivação, interação social, higiene, segurança, dentre outras coisas. A irregularidade em algum desses aspectos podem ocasionar sentimentos nos discentes como à exemplo, estresse, ansiedade, insegurança, medo e até mesmo a crise do pânico (MORALES; LOPEZ, 2020).

Conforme Galvão *et al.* (2020), com a restrição no lar ocasionada pela pandemia de COVID-19 para cumprimento do isolamento social e também com o fechamento de universidades, discentes do nível superior passaram a ser acometidos por sofrimento mental e a apresentar alterações em seus sentimentos e emoções, incluindo sensação de incapacidade frente ao isolamento, preocupação com os cuidados preventivos, medo de perder entes queridos, estresse, sinais de ansiedade e depressão, tristeza, indisposição para a realização de atividades físicas e cotidianas, angústia e distúrbios alimentares.

Na identificação das possíveis causas de alterações na saúde mental dos discentes universitários, são perceptíveis alguns fatores, dentre eles a mudança no hábito social e na rotina acadêmica, visto que por conta do decreto governamental para o fechamento de universidades, foi adotado o ensino híbrido com aulas online, e por conta disso vários estudantes enfrentaram dificuldades em se adaptar a essa modalidade.

Diante dos entraves que surgiram pelas mudanças, fez-se necessário oferecer suporte aos discentes para adaptação ou apoio. Em uma universidade privada no norte do Estado do Paraná, foi ofertada a disciplina de saúde ocupacional para o curso de Bacharelado e Enfermagem, implementado em plataformas digitais no fim do mês de março de 2020, período que já havia sido adotado as medidas de isolamento e distanciamento social. O objetivo foi dar um suporte psicológico para os universitários (RIBEIRO; BOLONHEZI; SCORSOLINI-COMIN, 2021). Ademais, como fatores desencadeantes de sofrimento mental, podemos pontuar ainda: o afastamento de amigos e em alguns casos até de familiares e a preocupação

com o atraso de atividades, que trazem como consequências o atraso na conclusão do curso, suspensão de aulas práticas e estágios curriculares.

O estresse é um dos sentimentos que mais acarreta sofrimento mental dos estudantes. De acordo com Galvão *et al.* (2020), apesar da nocividade que o estresse apresenta, é válido compreender que se trata de uma resposta natural do organismo frente a estímulos novos ou diferentes vividos. O corpo reage gerando respostas que refletem tanto na saúde mental como física da pessoa, até que a pessoa possa adaptar-se. Dessa forma é importante que seja controlado para que futuramente não acarrete ao desenvolvimento de um possível transtorno.

Em segunda instância, a ansiedade é um sentimento que deve ser considerado digno de nosso cuidado pois, apesar de ser natural a qualquer pessoa, quando se torna excessivo, obsessivo e persistente, passa de sofrimento mental para um transtorno mental. Da mesma forma ocorre com a tristeza, que é um sentimento natural, mas, se não tiver os devidos cuidados, seja por ajuda e apoio emocional de familiares ou acompanhamentos psicológicos com profissionais habilitados, podem ocasionar a depressão, que está enquadrada como transtorno mental.

Caracterização do estado psíquico de uma turma do ensino médio integrado durante a pandemia

Em primeira instância foi questionado se durante a pandemia de COVID-19 esses alunos tinham apresentado alguma sintomatologia de sofrimento mental. Obtivemos 34 respostas ao total, sendo que 85,7% afirmaram que tinham apresentado sofrimento mental, porcentagem equivalente a 30 alunos, e 4 alunos afirmaram não ter apresentado sofrimento mental, equivalente a 14,3% dos entrevistados.

Após isso, foi solicitado que eles pontuassem quais sentimentos poderiam descrever seu estado psíquico sendo obtido os seguintes resultados:

Gráfico 1 – Sentimentos relatados pelos alunos

Fonte: elaborado pelos autores (2021).

Diante do exposto no gráfico 1, podemos concluir que o estresse é um dos sentimentos mais recorrentes nesses alunos. Vale ressaltar que o estresse é uma resposta do nosso organismo, que surge devido ao desencadeamento de novos fatores que não sejam os de costumes, como por exemplo, a mudanças ocorridas devido a pandemia de COVID-19, como o isolamento social.

Ademais, a insegurança, ansiedade, tristeza e o medo são também fatores desencadeantes para o sofrimento mental e caso não seja cuidado da maneira adequada, a junção desses fatores pode acarretar ao desenvolvimento de possíveis transtornos mentais, como por exemplo, a depressão.

Esses sentimentos relatados pelos alunos do último ano do nível médio integrado ao curso técnico em Enfermagem também foram encontrados nos acadêmicos de nível superior, em ênfase os do curso de Enfermagem. Sendo assim, podemos ressaltar que um dos fatores que causa esses sentimentos é o atraso das atividades, como o estágio curricular que devido a pandemia de COVID-19, como também o receio de o iniciar durante a pandemia.

A partir disso, foi solicitado aos estudantes de nível médio que pontuassem alguns fatores que desencadeiam esses sentimentos neles. Após a compilação das respostas foi obtido os seguintes resultados: medo de se contaminar e infectar algum familiar de COVID-19, a incerteza e a preocupação com o futuro, falta de interação social, o atraso nos estudos e atividades acadêmicas, como o estágio, má alimentação, conflitos familiares, isolamento social

e o falecimento de entes queridos. Foram pontuados diversos fatores que propiciaram o desenvolvimento desses sentimentos. É mister pontuar que esses fatores também foram identificados em artigos de relato de experiência desenvolvido com acadêmicos de Enfermagem, e um dos pontos que há igualdade entre ambos é a questão do atraso das atividades, falta de interação social e a incerteza com o futuro.

Foi solicitado aos alunos que eles pontuassem se esses sentimentos e fatores haviam alterado algo em seu cotidiano, como nas atitudes, pensamentos e sentimentos. Nas atitudes foi relatado que alguns acabaram se isolando mais dos amigos, devido a não estar se sentindo bem (achando que não é bem-vindo), a forma de lidar com os problemas, (criando maior responsabilidade e prudência), outros adquiriram novos hábitos para descontrair, como fazer exercícios físicos, ouvir músicas e ler livros. Nos pensamentos e sentimentos, um dos principais pontos foi o sentimento de incapacidade devido ao contexto social: algumas pessoas relataram que, diante das necessidades financeiras dos pais e familiares, se sentem incapazes por não conseguir ajudá-los, por não conseguirem emprego.

Ademais, perguntamos se esses alunos haviam procurado alguma rede de apoio, seja familiar, consultas ao psicólogo ou algum amigo. Diante das respostas, verificamos que os familiares e amigos são a principal rede de apoio desses estudantes. Salvas exceções possuem o acompanhamento psicológico, com hábito de ter consultas com um profissional da área. Entretanto, em alguns casos, os estudantes preferem enfrentar esses problemas sozinhos, não procurando ninguém para compartilhar a angústia que estão sentindo. Isto é perigoso se considerados os conflitos próprios da fase de adolescência, alertando-nos para a necessidade de garantir escuta ativa e apoio a este público para evitar maiores agravos físicos ou mentais.

CONCLUSÃO

Este trabalho objetivou identificar e caracterizar a ocorrência de fatores predisponentes ou desencadeantes para surgimento de sofrimento mental em discentes do curso Técnico em Enfermagem de uma instituição de ensino médio integrado, e mais especificamente de comparar estes achados aos apontados pela literatura nos acadêmicos de enfermagem.

Percebe-se a coincidência nos sentimentos estresse e ansiedade, respectivamente, visto que com a análise dos artigos, o estresse é o sentimento que mais afeta os estudantes acadêmicos do curso de Enfermagem e em segundo lugar a ansiedade, que também afeta de forma equivalente a turma do ensino médio integrado do curso Técnico em Enfermagem. É importante

ressaltar que precisamos manejar com cuidado a presença da ansiedade pois, embora seja um sentimento comum, caso se torne excessivo e uma constante cotidiana, pode evoluir para um quadro de transtorno mental.

Diante dos artigos analisados, foi visto que o isolamento de amigos e até mesmo de familiares foi um dos fatores desencadeantes de sofrimento mental para os acadêmicos de enfermagem. Contudo, na análise os dados coletados da turma do ensino médio integrado, a solidão foi o sentimento que teve o menor percentual entre os alunos, evidenciando que, embora o isolamento social seja comum a ambos os grupos, para os alunos de nível médio esse não é o principal fator desencadeante de sofrimento mental e sim a preocupação com o futuro, devido ao atraso de atividades ocasionados pela pandemia de COVID-19.

Por fim, mediante o cenário abordado, concluímos ser de suma importância debater sobre a saúde mental dos estudantes em meio a pandemia de COVID-19, ressaltando a importância de um acompanhamento psicológico mesmo à distância e do apoio fornecendo orientações de cuidados com a saúde mental. A manutenção de uma rede de apoio que possa minimizar os danos do isolamento social, adotando a realização palestras pelas plataformas virtuais como o Google Meet, por exemplo, ajuda e garante a interatividade com outras pessoas, para preservar o processo ensino-aprendizagem e os relacionamentos sociais.

Logo, diagnosticar o estado psíquico dos discentes de níveis médio e superior permite a obtenção de dados para balizar o planejamento de ações que possam proporcionar subsídios para o autocuidado e melhoria da saúde mental, auxiliando-os no enfrentamento dos problemas e desafios diários, evitando prejuízos em seu processo formativo.

REFERÊNCIAS

CRUZ, S. Saúde mental Einstein. **Hospital Israelita Albert Einstein**, [s.l.], c2021. Disponível em: <https://einstein.br/saudemental>. Acesso em: 5 fev. 2021.

DEL'OLMO, F. S.; CERVI, T. M. D. Sofrimento mental e dignidade da pessoa humana: os desafios da reforma psiquiátrica no Brasil. **Sequência**, Florianópolis, n. 77, p. 197-220, dez. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-70552017000300197&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 mar. 2021.

FARIA, C. Como saber se é ansiedade (com teste online). **Tua Saúde**, [s.l.], jun. 2020. Disponível em: <https://www.tuasaude.com/sintomas-de-ansiedade/>. Acesso em: 8 fev. 2021.

GALVÃO, D. S. *et al.* Aspectos psicossociais de acadêmicos de Enfermagem durante a pandemia da COVID-19. **Enfermagem em Foco**, [s.l.], v. 11, n. 2, p. 143-147, 18 dez. 2020. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/4001>. Acesso em: 23 abr. 2021.

GUNDIM, V. A. *et al.* Saúde mental de estudantes universitários durante a pandemia de COVID-19. **Rev. baiana enferm.**, Salvador, v. 35, e37293, 2021. Disponível em: http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-86502021000100505&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23 abr. 2021.

MALTA, D. C. *et al.* A pandemia de COVID-19 e as mudanças no estilo de vida dos brasileiros adultos: um estudo transversal, 2020. **Epidemiologia e serviços de saúde**, Brasília, DF, v. 29, n. 4, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ress/a/VkvxmKYhw9djmrNBzHsvxrx/?lang=pt>. Acesso em: 6 fev. 2021.

MORAIS, P. Saúde mental: o que é? **Politize!**, [s.l.], 29 ago. 2018. Disponível em: <https://www.politize.com.br/saude-mental-o-que-e/>. Acesso em: 6 fev. 2021.

MORALES, V.; LOPEZ, Y. A. F. Impactos da pandemia na vida acadêmica dos estudantes universitários. **Revista Angolana de Extensão Universitária**, [s.l.], v. 2, n. 3, p. 53-67, 25 jul. 2020. Disponível em: <https://www.portalpensador.com/index.php/RAEU-BENGO/article/view/205#:~:text=Diante%20dos%20achados%2C%20concluiu%2Dse,%2C%20inclusive%2C%20sua%20sa%C3%BAde%20mental>. Acesso em: 23 abr. 2021.

OMS. OPAS/OMS apoia governos no objetivo de fortalecer e promover a saúde mental da população. **PAHO/WHO | Pan American Health Organization**, Brasília, DF, 2016. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5263:opas-oms-apoia-governos-no-objetivo-de-fortalecer-e-promover-a-saude-mental-da-populacao&Itemid=839. Acesso em: 23 abr. 2021.

OPAS. Transtornos mentais. **PAHO/WHO | Pan American Health Organization**, Brasília, DF, 2019. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/transtornos-mentais>. Acesso em: 14 jul. 2021.

POLANCZYK, G. V. Em busca das origens desenvolvimentais dos transtornos mentais. **Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul**, Porto Alegre, v. 31, n. 1, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rprs/a/Wmxwn9gdS9zvL6xWcSkg7gd/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14 jul. 2021.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <https://www.feevale.br/institucional/editora-feevale/metodologia-do-trabalho-cientifico---2-edicao>. Acesso em: 5 maio 2021.

RIBEIRO, B. M. S. S.; BOLONHEZI, C. S. S.; SCORSOLINI-COMIN, F. Dificuldades educacionais de estudantes de enfermagem durante a pandemia da COVID-19: relato de experiência. **Rev Enferm UFPI**, Teresina, v. 10, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/reufpi/article/view/814>. Acesso em: 23 abr. 2021.

RODRIGUES, S. B.; RODRIGUES, D. S. C.; CARVALHO, R. D. Panorama da saúde mental dos estudantes de enfermagem: uma revisão integrativa de literatura. **Braz. J. Hea. Rev.**, Curitiba, v. 3, n. 3, p. 5928-5942 maio/jun. 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/11249/9405>. Acesso em: 16 fev. 2021.

Capítulo 5

*CONSEQUÊNCIA DO ESTRESSE
GERADO NOS PROFISSIONAIS DE
ENFERMAGEM ATUANTES NO
CENÁRIO DA PANDEMIA DE
COVID-19: UMA REVISÃO
NARRATIVA*

CONSEQUÊNCIA DO ESTRESSE GERADO NOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM ATUANTES NO CENÁRIO DA PANDEMIA DE COVID-19: UMA REVISÃO NARRATIVA

Andressa Quintela de Castro¹
Jonathan Sousa da Silva¹
Tainara Maria Dias da Silva¹
Edwiges Maiara Florencio Cruz²
Marcélid Berto da Costa³

RESUMO

Em dezembro de 2019 ocorreu a transmissão de uma nova variante de coronavírus, a qual afeta os humanos. Essa mutação foi identificada na China, sendo em seguida disseminada e transmitida de pessoa a pessoa, sendo classificada como pandemia em 11 de março de 2020 pela Organização Mundial da Saúde. Esse vírus apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves. Atuando na linha de frente, os profissionais de enfermagem sofrem com exaustão física e mental, gerando um grande estresse. Pensar nesse estresse sofrido em meio a pandemia torna-se uma reflexão válida, que pode apontar a necessidade de melhoria para os trabalhadores da categoria. Objetivou-se discutir a consequência do estresse gerado nos profissionais de enfermagem atuantes no cenário de pandemia da COVID-19. Trata-se de um estudo tipo revisão narrativa, com objetivos exploratórios e descritivos e de abordagem qualitativa. A coleta de dados ocorreu no período de 4 a 11 de fevereiro do ano de 2021, realizada com base em artigos em português sobre o estresse dos profissionais de enfermagem em meio à pandemia do novo coronavírus. É notória a necessidade de se discutir mais sobre o tema na busca por estratégias que possam minimizar os efeitos do estresse gerado pela pandemia na equipe de enfermagem. Apesar de algumas intervenções, a promoção da saúde mental está sendo pouco discutida, mesmo sendo evidente

¹ Discente do Curso Técnico em Enfermagem da Escola Estadual de Educação Profissional (EEEP) Ícaro de Sousa Moreira.

² Enfermeira - Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Residência em Saúde da família e comunidade - Escola de Saúde Pública do Ceará (ESP/CE). Professora orientadora de Estágio da EEEP Ícaro de Sousa Moreira. *E-mail:* edwigesf@gmail.com

³ Enfermeira - UNIFOR. Mestre em Ensino na Saúde - Universidade Estadual do Ceará (UECE). Coordenadora do Curso Técnico em Enfermagem da EEEP Ícaro de Sousa Moreira.

o grande risco ao qual esses profissionais estão expostos. Destaca-se, ainda, a necessidade de desenvolvimento de mais pesquisas, que poderão contribuir para a ampliação desse debate.

Palavras-chave: estresse; profissionais de enfermagem; pandemia.

INTRODUÇÃO

Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2021), os coronavírus são uma família de vírus que normalmente estão presentes em animais e raramente podem infectar pessoas. Temos como principais exemplos o MERS-CoV e SARS-CoV.

No entanto, em dezembro de 2019, houve a transmissão de uma nova variante, a SARS-CoV-2, a qual foi identificada em Wuhan (China) e causou a COVID-19. Essa doença foi em seguida disseminada e transmitida, de pessoa a pessoa, no mundo todo. Esse vírus apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) (BRASIL, 2021), cerca de 80% dos pacientes com COVID-19 podem ser assintomáticos ou oligossintomáticos (poucos sintomas) e os outros 20% dos casos detectados requerem atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória, dos quais aproximadamente 5% podem necessitar de suporte ventilatório.

Ainda segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2021), os sintomas da COVID-19 podem variar de um resfriado a uma SG (Síndrome Gripal), quando da presença de um quadro respiratório agudo caracterizado por pelo menos dois dos seguintes sintomas: sensação febril ou febre associada à dor de garganta, dor de cabeça, tosse, coriza até uma pneumonia severa. Os sintomas mais comuns causados pela doença são: tosse, febre, coriza, dor de garganta, dificuldade para respirar, perda de olfato (anosmia), alteração do paladar (ageusia), distúrbios gastrintestinais (náuseas/vômitos/diarreia), cansaço (astenia), diminuição do apetite (hiporexia) e falta de ar (dispneia).

Segundo o Centro de Operações de Emergências em Saúde COVID-19 (BRASIL, 2020), em 11 de março de 2020 a OMS classificou a doença como uma pandemia. Segundo a própria OMS, uma pandemia é a disseminação mundial de uma nova doença. É um termo usado com mais frequência em referência à gripe e geralmente indica que uma epidemia se espalhou para dois ou mais continentes com transmissão sustentada de pessoa para pessoa.

Em meio à pandemia, o alto poder de contágio fez com que muitos profissionais de saúde no mundo se contaminassem devido à insalubridade de suas atividades profissionais. A constatação de casos entre profissionais se constitui como uma das maiores preocupações do Sistema Único de Saúde (SUS) aqui no Brasil. Trabalhar em meio a uma pandemia exige dos profissionais um esforço não só físico, mas mental.

Na linha de frente, os profissionais de enfermagem lidam com dor e sofrimento, dividem-se em plantões exaustivos de trabalho, atuando tanto no cuidado de casos mais complexos, quanto na prevenção em saúde. A pandemia torna o trabalho dos profissionais de enfermagem mais exaustivo e faz com que eles sofram pelo grande risco de contágio e de seus familiares (ao voltarem à suas casas), ou podem sofrer ainda com o distanciamento social pelo receio de ser uma fonte de contaminação para outras pessoas.

O impacto nos processos de trabalho e na vida pessoal desses trabalhadores gera o estresse, que é uma reação natural do organismo e ocorre quando o ser humano vivencia perigo ou ameaça. O estresse pode ser agudo (que é quando se passa por um trauma passageiro como a perda de um conhecido) ou também pode ser crônico, quando ocorre um estresse constante no dia a dia só que mais suave que o agudo (BRASIL, 2012).

Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2012), o estresse tem três fases: a de alerta, quando a pessoa entra em contato com agente de estressor de resistência (que é o corpo tentando voltar ao equilíbrio) e a de exaustão, onde o corpo fica no limite podendo gerar comprometimento físico nos profissionais de enfermagem.

O estresse sofrido por esses trabalhadores é um problema que merece reflexão e que deve permear os aspectos da promoção da saúde, demandando a necessidade de desenvolvimento de estratégia para o cuidado com os trabalhadores. Logo, justifica-se a realização desta pesquisa pela necessidade urgente de se pensar intervenções de cuidado aos profissionais, visando preservar sua saúde e evitar agravos.

Discutir esse tema em meio a uma pandemia torna-se relevante por contribuir para que as equipes de enfermagem possam melhorar as situações de sofrimento que os profissionais vivenciam quando expostos ao estresse constantemente.

Nesse sentido, para apoiar tal processo, este estudo tem como objetivo discutir consequência do estresse gerado nos profissionais de enfermagem atuantes no cenário da pandemia de COVID-19.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de natureza básica, do tipo revisão narrativa, com objetivos exploratórios e descritivos e de abordagem qualitativa.

Segundo Bento (2012), a revisão de literatura é uma parte vital do processo de investigação que envolve localizar, analisar, sintetizar e interpretar a investigação prévia (revistas científicas, livros, anais de congressos, resumos) relacionada com a sua área de estudo. É, então, uma análise bibliográfica pormenorizada, referente aos trabalhos já publicados sobre o tema. A investigação deve sempre ser seletiva e incluir só as informações mais relevantes.

A coleta de dados ocorreu no período de 4 de fevereiro á ao dia 26 de abril do ano de 2021, nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online*/Biblioteca Científica Eletrônica Online (SCIELO) e Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) por cruzamento dos seguintes descritores: estresse, profissionais de enfermagem, pandemia. O operador booleano foi o AND. A delimitação de data foi dos anos de 2020 e 2021 visto que só em 2020 a OMS classificou a doença pelo coronavírus (COVID-19) como uma pandemia.

Além dessa base de dados, foi realizada busca em site oficiais do Ministério da Saúde do Brasil (MS) e do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN). A pesquisa resultou na seleção de dez artigos, sendo que foram usados como critérios de inclusão: somente artigos, disponíveis online na íntegra e em português relacionados ao objetivo do estudo, e como critérios de exclusão: dissertações, teses, editoriais ou outros, em outros idiomas, textos duplicados, incompletos ou indisponíveis e conteúdo não relacionado com o objetivo do estudo.

Figura 1 – Triagem dos trabalhos identificados

Fonte: elaborada pelos autores (2021).

Feita a seleção, procedeu-se a leitura criteriosa das publicações. A leitura foi realizada de forma a caracterizar as publicações e a identificar as categorias relevantes na produção científica sobre o tema. Segundo Minayo (2001), categoria, em geral, se refere a um conceito que abrange elementos ou aspectos com características comuns ou que se relacionam.

Categoria está ligada à ideia de classe ou série. As categorias são utilizadas para se estabelecer classificações. Nesse sentido, trabalhar com elas significa agrupar elementos, ideias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso. Depois de serem identificadas, por sua vez, tais categorias sofreram um processo de análise e interpretação de sua relevância, Minayo (2001).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados obtidos foram registrados em tabela de análise construída pelos pesquisadores contemplando, dentre outros, os seguintes itens: nome do artigo, ano de publicação, nome da revista ou periódico, resumo do método de pesquisa e resumo do objetivo.

Quadro 1 – Organização dos artigos selecionados

Título do artigo	Ano de publicação	Revista/periódico	Conteúdo	Objetivo
Escuta empática: estratégia de acolhimento aos profissionais de enfermagem no enfrentamento da pandemia por coronavírus.	2021	Revista Brasileira de Enfermagem	Trata-se de um estudo de reflexão com base em levantamentos de dados atualizados e aspectos teórico-conceituais da Comunicação Não Violenta e da escuta empática.	Refletir sobre o uso da escuta empática como estratégia de acolhimento para os profissionais de enfermagem no enfrentamento dos desafios durante a pandemia provocada pelo novo coronavírus.
Enfermagem e saúde mental: uma reflexão em	2020	Revista Gaúcha de Enfermagem	Trata-se de um estudo teórico-reflexivo baseado	Refletir sobre a saúde mental dos profissionais de

meio à pandemia de coronavírus.			na formulação discursiva sobre o tema e apoiado na literatura científica nacional e internacional e na análise crítica dos autores.	enfermagem no contexto da pandemia de coronavírus.
A experiência dialógica entre ser mãe de criança e enfermeira na pandemia da Covid-19.	2020	Texto & Contexto – Enfermagem	Trata-se de um estudo teórico-reflexivo baseado na formulação discursiva sobre o tema e apoiado na literatura científica nacional e internacional e na análise crítica dos autores.	Compreender a experiência de ser mãe de criança e enfermeira atuante na pandemia da COVID-19.
Adoecimento mental na população geral e em profissionais de saúde durante a COVID-19: <i>scoping review</i>.	2020	Texto & Contexto – Enfermagem	Pesquisa de abordagem qualitativa, com 17 participantes de diferentes municípios do estado de São Paulo, Brasil. A coleta de dados ocorreu nos meses de abril e maio de 2020, por meio de entrevistas	Trata-se de uma revisão sistemática, do tipo <i>scoping review</i> , que seguiu as recomendações do Joanna Briggs Institute (JBI). Para a formulação da questão de pesquisa, foi utilizada a estratégia PCC, acrônimo de

			semiestruturadas realizadas via plataforma virtual de comunicação de acesso livre. Os dados foram analisados tematicamente, apoiados no Paradigma da Complexidade.	“população” (P), “conceito” © e “contexto” ©: quais sintomas de adoecimento mental estão presentes na população geral e em profissionais de saúde no contexto da pandemia da COVID-19?
Benefícios da auriculoacupuntura em profissionais de enfermagem atuantes na COVID-19 à luz da Teoria do Conforto	2020	Escola Anna Nery	Pesquisa descritiva com abordagem qualitativa, realizada com 33 profissionais de enfermagem atuantes no combate à COVID-19. Os depoimentos foram coletados por meio de entrevista após a realização de sessões de auriculoacupuntura, em seguida organizados e analisados segundo a análise de conteúdo de Bardin,	Analisar os benefícios da auriculoacupuntura em profissionais de enfermagem atuantes na pandemia COVID-19 à luz da Teoria do Conforto de Katherine Kolcaba.

			com ancoragem na Teoria do Conforto.	
Sofrimento psíquico entre os profissionais de enfermagem durante a pandemia da COVID-19: <i>scoping review</i>	2021	Escola Anna Nery	Pesquisa que objetivou mapear sistematicamente a produção de conhecimento, com a literatura nacional e internacional, de situações de sofrimento psíquico que os profissionais de enfermagem vivenciam quando expostos à pandemia da COVID-19.	Executaram-se buscas nas bases eletrônicas entre abril e junho de 2020, por intermédio dos descritores. Revisores aos pares analisaram a relevância dos estudos, selecionando os que responderam à pergunta de investigação.
Auriculoterapia em profissionais de enfermagem na pandemia do coronavírus: estudo de casos múltiplos	2021	Revista eletrônica de enfermagem	Pesquisa que objetivou avaliar o efeito antes e depois de uma sessão de auriculoterapia nos níveis de ansiedade, depressão e estresse nos profissionais de enfermagem escalados para atuar na assistência durante a pandemia do coronavírus.	Estudo de caso, com casos múltiplos e uma unidade de análise. Estabeleceu-se uma amostra por conveniência de 41 profissionais.
Apoio psicossocial e	2020	Enfermagem em Foco	Objetivo: Pesquisa que objetivou	Método: Trata-se de uma revisão

saúde mental dos profissionais de enfermagem no combate à COVID-19			descrever e discutir a atuação dos profissionais de enfermagem, sua exposição aos fatores de risco no trabalho e a importância do apoio psicossocial na pandemia da COVID-19.	narrativa de análise dos conteúdos técnico-científicos produzidos em diferentes países acerca dos profissionais de enfermagem no âmbito da pandemia. R
Pandemia do coronavírus: estratégias amenizadoras do estresse ocupacional em trabalhadores da saúde	2020	Enfermagem em Foco	Pesquisa que objetivou sistematizar conhecimentos sobre as estratégias amenizadoras do estresse ocupacional em trabalhadores da saúde, durante a pandemia do coronavírus.	Método: revisão integrativa de artigos publicados em português, inglês ou espanhol, disponíveis na íntegra na
Fatores de estresse nos profissionais de enfermagem no combate à pandemia da COVID-19: Síntese de Evidências	2020	Revista Comunicação em Ciências da Saúde	Pesquisa que objetivou descrever os principais fatores capazes de gerar estresse psicológico nos profissionais de enfermagem; descrever as	Revisão da literatura, utilizando-se 5 artigos indexados no PubMed e LILACS .

			estratégias de <i>coping</i> para o combate ao estresse emocional.	
--	--	--	--	--

Fonte: elaborado pelos autores (2021).

Segundo Duarte, Silva e Bagatini (2021), o primeiro caso relatado de COVID-19 no Brasil foi descoberto pelo Ministério da Saúde na cidade de São Paulo, no dia 26 de fevereiro. Somente em 11 de março a OMS declarou a situação como pandemia. Em 16 de abril, o número de casos confirmados mundialmente já ultrapassava mais de dois milhões e o número de mortes superava 130 mil. Nesse mesmo dia o Brasil calculava 30.425 casos confirmados e 1.924 óbitos.

De acordo com Tobase *et al.* (2021), os profissionais de enfermagem já enfrentavam diversos problemas antes da pandemia, a exemplo de: déficit de profissionais no atendimento à sociedade, condições de trabalhos inadequadas e a necessidade de uma melhor capacitação. Contudo observamos que após a chegada do novo coronavírus, o papel desses profissionais ganhou mais visibilidade, sendo mais bem reconhecido pela população, combatendo na linha de frente a pandemia da COVID-19.

O estresse sofrido pelos profissionais é, em grande parte, gerado pela exaustão física e mental. Apesar de serem poucas, deve-se dar grande importância a algumas ações e medidas que visam apoiar os trabalhadores que atuam na linha de frente da pandemia. Isto posto, dividimos a discussão do tema em duas categorias: fatores de exaustão física e mental e medidas desenvolvidas em apoio aos profissionais de enfermagem.

Fatores estressores de exaustão física e mental

O estresse pode ser definido como um estado de tensão, sendo percebido inicialmente por sinais e sintomas físicos e mentais como: taquicardia, gastrite, alterações cardiovasculares, insônia e outros. Esse fenômeno é responsável por afetar negativamente a qualidade de vida dos profissionais, elevando encargos econômicos públicos e privados em decorrência ao adoecimento do trabalhador, ao absenteísmo e às licenças para tratamentos de agravos de saúde (SOUSA JÚNIOR *et al.*, 2020).

Muito dos trabalhadores da enfermagem temem atuar na pandemia da COVID-19, principalmente pelo receio de contaminar os familiares e pela pouca segurança nas atividades do serviço. Além disso, os profissionais da linha de frente apontaram falta de equipamentos de

proteção individuais (EPIs), de treinamentos, de fluxo nos atendimentos e sobrecarga de trabalho (MOREIRA; SOUSA; NÓBREGA, 2020).

Os pioneiros na luta contra a COVID-19 foram os profissionais de saúde da cidade de Wuhan na China, que demonstraram desempenho laboral com alto risco de contaminação, proteções inadequadas, excesso de trabalho, discriminação, falta de contato com seus familiares e cansaço para enfrentar uma doença em grande escala de transmissibilidade sem expressar vulnerabilidades pessoais e profissionais: isso contribuiu com o cansaço, o sofrimento psíquico e o adoecimento desses trabalhadores (DUARTE; SILVA; BAGATINI, 2021).

Corroborando com o que dizem Tobase *et al.* (2021), a demanda aumentada exige por mais assistência profissional na atenção integral em inúmeros casos de maior urgência e gravidade, pacientes em diferentes faixas etárias, muitos com prognósticos desfavoráveis, o que gera angústia, frustração e esgotamento emocional do profissional na luta para salvar vidas. Além disso, longas jornadas de trabalho causam estresse ocupacional, cansaço físico e mental.

As longas horas de trabalho acompanhando em tempo integral numerosos casos da doença auxilia no estresse ocupacional e na redução do desempenho desse profissional. Eles também se sentem extremamente afetados, quando se deparam com o número significativo de óbitos, que associam ao fracasso pessoal: vendo-se tão próximos da morte começam a questionar quem será o próximo a se contaminar, se irá transmitir a algum familiar ou, se for contaminado, se sobreviverá. Também ter que lidar com o sofrimento da perda de familiares e colegas de trabalho pode acabar gerando ansiedade ou depressão (TOBASE *et al.*, 2021).

De acordo com Duarte, Silva e Bagatini (2021) o combate na linha de frente tem uma influência muito grande na saúde mental desses profissionais, impactando na vida pessoal e no trabalho, visto que eles passam mais tempo ao lado dos pacientes e colegas, enfrentando a falta de EPIs e, ao chegar em casa, enfrentando o distanciamento social. Um estudo realizado na China com 1.257 profissionais de saúde (sendo eles médicos e enfermeiros), em 34 hospitais que receberam casos de COVID-19, mostrou que 50,4% apresentaram sintomas de depressão, 44,6% de ansiedade, 34,0% de insônia e 71,5% de angústia. Os sintomas foram mais expressivos em enfermeiras, que estavam em constante contato com pacientes com suspeitas ou confirmação do vírus. Segundo o COFEN (2015), 84,6% dos profissionais da área de enfermagem são mulheres, sendo elas as grandes responsáveis pela criação de seus filhos o que afeta também as relações familiares.

Segundo Carlos *et al.* (2020), o combate ao vírus fez com que as mães se preocupassem cada vez mais, mesmo as crianças não sendo classificadas como grupo de risco. Muitas vezes essas enfermeiras são obrigadas a se manterem em isolamento, pois precisam priorizar a saúde de sua família e amigos, também tiveram que contar com a ajuda para auxiliar seus filhos que acabaram ficando em casa após o fechamento das escolas e passaram a se adaptar a uma nova rotina.

Em geral as relações interpessoais dos profissionais estão sendo muito afetadas, tornando os trabalhadores mais suscetíveis a sofrimento mental como o fenômeno que vem sendo relatado em profissionais de saúde chamado de “traumatização vicária”, que é um destaque em meio à condição em que vivemos: fala sobre a empatia de pessoas que não sofreram diretamente uma determinada situação, mas foram afetadas psicologicamente com ela. Assim, elas tendem a sentir culpa, raiva, frustração e angústia (DUARTE; SILVA; BAGATINI, 2021).

Os trabalhadores envolvidos diretamente no tratamento de pacientes infectados acabam sofrendo com estigmatização social, o que contribui para um maior isolamento social e desencadeia angústia em relação ao alto risco de contaminação e ao medo de infectar familiares. O enfrentamento de situações críticas geradas pela pandemia de COVID-19 pode levar profissionais de enfermagem ao confronto com seus recursos psicológicos, o que pode ser capaz de gerar um maior nível de estresse (SOUSA JÚNIOR *et al.*, 2020).

Altas taxas de sintomas de ansiedade e estresse, além de transtornos mentais e estresse pós-traumático, têm sido comuns nos profissionais, principalmente entre a equipe de enfermagem e os médicos, o que reforça a necessidade de atenção a esse aspecto (DUARTE; SILVA; BAGATINI, 2021).

Os profissionais enfrentam sofrimento psíquico, principalmente desencadeadas por fatores relacionados às condições de trabalho, manifestando sintomas depressivos, de ansiedade e de estresse, que podem permanecer por longo período. Os resultados também salientaram que as instituições de saúde precisaram implementar ações de capacitação, proteção e segurança, bem como suporte e apoio psicossocial em curto espaço de tempo (MIRANDA *et al.*, 2021).

Medidas desenvolvidas em apoio aos profissionais de enfermagem

No decorrer da pandemia, o cenário de atuação dos profissionais de saúde não mudou muito: o excesso de trabalho só aumenta. Devido ao crescente número de casos, novos serviços foram abertos no país, como hospitais de campanha, aumentando a capacidade do SUS para receber pacientes (DUARTE; SILVA; BAGATINI, 2021).

A quantidade de trabalho global da enfermagem é estimada em 27,9 milhões, sendo cerca de 2,3 milhões no Brasil. Os profissionais de enfermagem são mal distribuídos globalmente, resultando em uma escassez de 5,3 milhões de profissionais formais, principalmente, em países de média e baixa renda. Essa falta de profissionais se torna ainda mais preocupante em situações de crise com a pandemia de COVID-19: só a China precisou recrutar 2.431 trabalhadores da saúde, sendo mais da metade profissionais da enfermagem (MOREIRA; SOUSA; NÓBREGA, 2020).

Assim, muitos gestores precisaram fazer a contratação emergencial de profissionais como medida para tentar suprir a falta de recursos humanos na grande maioria das instituições de saúde (isso para não sobrecarregar os trabalhadores e diminuir o estresse físico e psicológico). O número de pessoas contaminadas e de mortos aumentam, enquanto os profissionais lutam para salvar o máximo de pacientes com a COVID-19 (DUARTE; SILVA; BAGATINI, 2021).

Segundo Tobase *et al.* (2021), para o fortalecimento emocional desse profissional, a escuta empática tem sido muito importante: buscando ouvir com atenção o outro, de maneira compassiva e sem julgamentos, trazendo afeto, respeito, empatia e generosidade para o auxílio da relação dos trabalhadores com os demais a sua volta.

Esta estratégia tem sido bastante utilizada diante da atual pandemia, com o objetivo de acolher e dar suporte ao profissional que foi exposto a situações traumáticas. É essencial oferecer canais de escuta e espaços acolhedores para que se sintam encorajados a identificar seus sentimentos e necessidades. Alguns hospitais, como o Hospital Universitário do Estado do Rio de Janeiro, passaram a promover atendimento em saúde mental aos residentes de enfermagem, sendo uma grande assistência para os profissionais na linha de frente.

Entre os meses de março a junho de 2020, em um hospital de nível terciário, referência para doenças infectocontagiosas que atende a todo o Estado do Ceará e constitui-se em um dos polos de acolhimento, testagem e tratamento para pacientes com COVID-19, foi alvo de pesquisa. A população do estudo correspondeu a 138 profissionais de enfermagem atuantes no

referido hospital e que, portanto, atuam na linha de frente dos atendimentos a pacientes com COVID-19. Nestes, a auriculoacupuntura foi percebida como benéfica para melhorar a sensação de conforto físico e psicoespiritual pelos profissionais apresentando-se, deste modo, como estratégia de cuidado ao cuidador que atua na linha de frente no combate à COVID-19. Ressalta-se que este é um estudo inédito realizado no Brasil. Este estudo identificou redução na frequência cardíaca nos profissionais em relação ao nível de ansiedade, o qual passou de níveis mais altos para níveis mais baixos após a auriculoterapia (MELO *et al.*, 2020).

Para ajudar os trabalhadores da linha de frente que estão sofrendo com todas essas angústias e com a fadiga, o COFEN disponibilizou uma plataforma de apoio à saúde mental via chat no site do órgão. Os profissionais da área já eram atendidos antes da pandemia, mas foi gerado outro tipo de sofrimento. Grande parte das queixas que antes eram relacionadas ao processo de trabalho, carga horária, salário, agora passaram a se concentrar no medo do contágio (COFEN, 2021).

Essas ações são primordiais para ajudar os trabalhadores buscando diminuir a exaustão física e mental. A criação de estratégia de acolhimento para o fortalecimento da saúde dos profissionais de enfermagem é de suma importância, especialmente durante o enfrentamento da COVID-19.

Como dito por Tobase *et al.* (2021), o momento é de reflexão para atender às necessidades básicas e vislumbrar melhorias em prol de um sistema de saúde mais eficiente e capaz de oferecer condições de trabalho e recursos adequados, remunerações dignas, com modelos de atenção inovadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das publicações acerca do estresse nos profissionais de enfermagem em combate à pandemia de COVID-19 possibilitou discutir sobre o sofrimento por eles vivenciado na busca para se adaptar ao cenário de uma pandemia, exigindo a constante luta para reorganização de suas atividades dando atenção aos pacientes infectados e aos recursos para o enfrentamento da pandemia.

A enfermagem tem lutado na linha de frente e muitos estão com sequelas devido às doses constantes de estresse. A saúde desses profissionais está fragilizada, gerando prejuízo pela sobrecarga física e emocional. Apesar de algumas intervenções, a promoção da saúde

mental está sendo pouco discutida, mesmo sendo evidente o grande risco ao qual esses profissionais estão expostos.

A categoria destaca-se na atuação de combate, mas o estado físico e mental dos trabalhadores tem pouca notoriedade e as ações para amenizar o prejuízo da pandemia em relação à saúde mental dos profissionais parecem escassas, fazendo com que os profissionais sofram cada vez mais.

Fica evidente a necessidade de se discutir mais sobre o tema na busca por estratégias que possam minimizar os efeitos do estresse gerado pela pandemia na equipe de enfermagem. Da mesma forma, deve ser destacada a necessidade de desenvolvimento de mais pesquisas, que poderão contribuir para a ampliação desse debate. Contudo, o estudo aborda um tema muito recente, com publicações ainda escassas, o que impediu uma análise mais abrangente sobre o assunto e denuncia a pouca notoriedade da temática.

Urge a necessidade de que cada equipe do serviço de saúde busque estratégias para um melhor status quo, considerando sua singularidade, entendendo que a saúde dos profissionais precisa ser uma prioridade para garantir um atendimento de qualidade e os gestores de saúde devem buscar estratégias e políticas públicas que garantam a saúde mental daqueles que estão na linha de frente do combate à doença.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, D. J. *et al.* Fatores de estresse nos profissionais de enfermagem no combate à pandemia da COVID-19: síntese de evidências. **Com. Ciências Saúde**, Brasília, DF, v. 31, p. 31-47, 31 abr. 2020. Disponível em: <http://www.escs.edu.br/revistaccs/index.php/comunicacaoemcienciasdasaude/article/view/651>. Acesso em: 22 jul. 2021.

BENTO, A. V. Como fazer uma revisão da literatura: considerações teóricas e práticas. **Revista JA (Associação Acadêmica da Universidade da Madeira)**, [s.l.], n. 65, ano VII, p. 42-44, 2012. Disponível em: <http://www3.uma.pt/bento/Repositorio/Revisaodaliteratura.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Centro de Operações de Emergências em Saúde. Doença pelo Coronavírus 2019: ampliação da Vigilância, medidas não farmacológicas e descentralização do diagnóstico laboratorial. **Boletim Epidemiológico**, [s.l.], v. 5, 14 mar. 2020. Disponível em: <https://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2020/marco/24/03--ERRATA---Boletim-Epidemiologico-05.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Estresse. **Biblioteca Virtual em Saúde MS**, Brasília, DF, nov. 2012. Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/dicas-em-saude/2068-estresse#>. Acesso em: 11 fev. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Sobre a doença. **Ministério da Saúde**, Brasília, DF, 2021. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>. Acesso em: 8 fev. 2021.

CARLOS, D. M. *et al.* A experiência dialógica entre ser mãe de criança e enfermeira na pandemia da Covid-19. **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 29, p. 01-14, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/DjMYqPtCpr6xzx4mqxs8Rts/?lang=pt>. Acesso em: 22 jul. 2021.

COFEN. ‘Preço alto’: A exaustão de profissionais de saúde após um ano de pandemia. **Cofen**, Brasília, DF, 11 mar. 2021. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/preco-alto-a-exaustao-de-profissionais-de-saude-apos-um-ano-de-pandemia_85847.html. Acesso em: 11 mar. 2021.

COFEN. Pesquisa inédita traça perfil da enfermagem. **Cofen**, Brasília, DF, 6 maio 2015. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/pesquisa-inedita-traca-perfil-da-enfermagem_31258.html. Acesso em: 6 maio 2015.

DUARTE, M. L. C.; SILVA, D. G.; BAGATINI, M. M. C. Enfermagem e saúde mental: uma reflexão em meio à pandemia de coronavírus. **Rev. Gaúcha Enferm.**, [s.l.], v. 42, p. 01-06, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rge/f/a/MnRHwqvgq3kTrHQ3JPSLR7H/?lang=pt>. Acesso em: 22 jul. 2021.

MELO, G. A. A. *et al.* Benefícios da auriculoacupuntura em profissionais de enfermagem atuantes na COVID-19 à luz da Teoria do Conforto. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 24, p. 1-7, 22 out. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/WzFYsqBTqz8tRck4MmvQv8K/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 jul. 2021.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MIRANDA, F. B. G. *et al.* Sofrimento psíquico entre os profissionais de enfermagem durante a pandemia da COVID-19: scoping review. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 25, p. 1-10, 5 mar. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ean/v25nspe/1414-8145-ean-25-spe-e20200363.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2021.

MOREIRA, A. S.; LUCCA, S. R. Apoio psicossocial e saúde mental dos profissionais de enfermagem no combate à COVID-19. **Enferm. Foco**, [s.l.], v. 11, n. 1 especial, p. 155-161, 2020. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/3590/819>. Acesso em: 24 abr. 2021.

MOREIRA, W. C.; SOUSA, A. R.; NÓBREGA, M. P. S. Adoecimento mental na população geral e em profissionais de saúde durante a COVID-19: scoping review. **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 29, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/tRdkrqfrR4p7BvvzLv8pLqC/?lang=pt>. Acesso em: 22 jul. 2021.

OLIVEIRA, C. M. C. *et al.* Auriculoterapia em profissionais de enfermagem na pandemia do coronavírus: estudo de casos múltiplos. **Rev. eletrônica enferm.**, Goiânia, p. 1-9, 3 fev. 2021. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/65678/36310>. Acesso em: 24 abr. 2021.

ROTHER, E. T. *et al.* Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, [s.l.], v. 20, n. 2, p. 01-02, jun. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/appe/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FHTByr/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 22 jun. 2021.

SOUSA JÚNIOR, B. S. *et al.* Pandemia do coronavírus: estratégias amenizadoras do estresse ocupacional em trabalhadores da saúde. **Enferm. Foco**, [s.l.], v. 11, n. 1. especial, ago. 2020. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/3644>. Acesso em: 22 jul. 2021.

TOBASE, Lucia *et al.* Escuta empática: estratégia de acolhimento aos profissionais de enfermagem no enfrentamento da pandemia por coronavírus. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [s.l.], v. 74, n. 1, p. 1-04, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/8LYcVBpNCKfVNmkfLrmzqyp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 jul. 2021.

Capítulo 6

*CONSTRUÇÃO DE UMA
TECNOLOGIA EDUCATIVA PARA
A PREVENÇÃO DO ABUSO
SEXUAL EM CRIANÇAS E
ADOLESCENTES*

CONSTRUÇÃO DE UMA TECNOLOGIA EDUCATIVA PARA A PREVENÇÃO DO ABUSO SEXUAL EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Ana Carolina Cavalcante Pereira¹

Cinthia da Silva Souza¹

Julia Kelly Lima de Andrade¹

Amanda Peres Lustosa²

Andréa Coutinho Pessoa de Oliveira³

Daniele Vasconcelos Fernandes Vieira⁴

RESUMO

Violência sexual é toda relação sexual em que a pessoa é obrigada a se submeter, contra a sua vontade, por meio de força física, coerção, sedução, ameaça ou influência psicológica. Objetivou-se construir uma cartilha educativa visando à prevenção do abuso sexual em crianças e adolescentes, contribuindo para a prevenção e facilitando a aprendizagem sobre a temática com uma abordagem lúdica e acessível. Trata-se de um relato de experiência que englobou a construção de uma cartilha educativa com o intuito de facilitar o acesso à informação das pessoas de diferentes contextos socioculturais e graus de escolaridade. A composição dessa tecnologia educativa teve como base a realização de pesquisas, modelos, ajustes e análises. Foi realizado uma pré-avaliação incluindo três profissionais com conhecimento na área. Essa pré-avaliação incluiu perguntas com respostas de “sim” ou “não” e no caso de resposta “não” o avaliador deveria justificá-la e no final do questionário foi feita uma pergunta onde pedia sugestões de melhorias para o enriquecimento da cartilha e a partir disso foi feita a correção da mesma. Já na pós-avaliação, com a cartilha já corrigida foi feito e enviado para os avaliadores outro questionário com as mesmas perguntas incluindo o pedido de sugestões. Após isso, a cartilha foi corrigida de acordo com as últimas observações dos avaliadores. A educação sexual transmitida através da cartilha educativa é de extrema

¹ Estudante do Curso Técnico em Enfermagem. Escola Estadual de Educação Profissional (EEEP) Ícaro de Sousa Moreira.

² Enfermeira. Especialista em Centro cirúrgico, sala de recuperação pós-anestésica e central de material e esterilização - Instituto de Desenvolvimento Educacional (IDE). Residência em Saúde da família e comunidade - Escola de Saúde Pública do Ceará (ESP/CE). Professora orientadora de Estágio da EEEP Ícaro de Sousa Moreira. E-mail: amandaperesfanor@live.com

³ Mestre em Filosofia - Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora de Filosofia da EEEP Ícaro de Sousa Moreira.

⁴ Enfermeira (UECE). Doutoranda em Linguística Aplicada - Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA)/UECE.

importância, facilitando o conhecimento sobre esse assunto relevante e que requer o máximo de sensibilidade e atenção.

Palavras-chave: enfermagem; educação sexual; violação sexual de menores.

INTRODUÇÃO

Violência sexual é toda relação sexual em que a pessoa é obrigada a se submeter, contra a sua vontade, por meio de força física, coerção, sedução, ameaça ou influência psicológica. Essa violência é considerada crime, mesmo quando praticada por um familiar, seja ele pai, marido, namorado ou companheiro. Considera-se também, como violência sexual o fato de o agressor obrigar a vítima a realizar alguns desses atos com terceiros (DISTRITO FEDERAL, 2009).

De acordo com o Ministério Público do Distrito Federal e Territórios, o termo abuso sexual é utilizado de forma ampla para categorizar atos de violação sexual em que não há consentimento da outra parte. Fazem parte desse tipo de violência qualquer prática com teor sexual que seja forçada, como a tentativa de estupro, carícias indesejadas e sexo oral forçado. Pode incluir carícias, manipulação genital, seios ou ânus, voyeurismo⁵, exibicionismo e até mesmo sexo com ou sem penetração. Frequentemente, o agressor pode ser um membro da família da criança ou pessoas que moram com ela, ou alguém do círculo familiar (BRASIL, 2010).

Nesse sentido, a violência intrafamiliar é toda ação ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de outro membro da família. O abuso sexual intrafamiliar é aquele realizado por membros da família nuclear (pai, mãe, padrasto, madrasta, irmãos) ou por membros da família extensiva (avós, tios(as), primos(as), ou outros) (BRASIL, 2001).

No Brasil, a Lei nº 12.015/2009 integra o Código Penal e protege as vítimas nos casos dos chamados “crimes contra a dignidade sexual”. Também destaca-se o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que foi criado pela Lei nº 8.069, promulgada em 13 de julho de 1990, e se tornou um marco legislativo do País. É o principal mecanismo envolvido na proteção integral da criança e do adolescente, fornecendo mecanismos de proteção contra o trabalho infantil e as diversas formas de violência (sexual, física, psicológica, negligência e abandono) que podem

⁵ Voyeurismo: Desordem sexual que consiste na observação de uma pessoa no ato de se despir.

atingir esse público (BRASIL, 2009).

Em análise epidemiológica da violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, no período de 2011 a 2017, foram notificados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) 1.460.326 casos de violência interpessoal ou autoprovocada. Desse total, foram registrada 219.717 (15,0%) notificações de violência sexual contra crianças e 372.014 (25,5%) contra adolescentes, concentrando 40,5% dos casos notificados nesses dois cursos de vida. Nesse período, foram notificados 184.524 casos de violência sexual, sendo 58.037 (31,5%) contra crianças e 83.068 (45,0%) contra adolescentes, concentrando 76,5% dos casos notificados nesses dois cursos de vida (BRASIL, 2018).

A avaliação das características sociodemográficas de crianças vítimas de violência sexual mostrou que 43.034 (74,2%) eram do sexo feminino e 14.996 (25,8%) eram do sexo masculino. Do total, 51,2% estavam na faixa etária entre 1 e 5 anos, 45,5% eram da raça/cor da pele negra, e 3,3% possuíam alguma deficiência ou transtorno (BRASIL, 2018).

Quanto aos dados das características mais presentes, a violência sexual contra crianças mostrou que 69,2% ocorreram na residência e 4,6% ocorreram na escola. Além disso, a pesquisa ainda aponta que em 81,6% dos casos de violência sexual infantil notificados os autores são do sexo masculino, sendo que 37% possuíam vínculo familiar com a vítima (BRASIL, 2018).

A partir desses dados alarmantes, justifica-se o estudo pela necessidade contínua de refletir/debater a situação de vulnerabilidade de menores e por vislumbramos a escola como espaço estratégico para trabalhar esta temática. A relevância em falar sobre o abuso sexual de crianças e adolescentes está em auxiliar na prevenção de ocorrências ou na minimização de danos, pois existem diversos preconceitos e silêncios das vítimas que nem sempre entendem exatamente o que está acontecendo com elas e das famílias que se sentem 'constrangidas' ou não sabem como lidar com a situação. Coerção, manipulação e medo é uma triste realidade vivida por milhares de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual e violência, um retrato cruel traduzido em números: 70% das vítimas de estupro no Brasil são crianças e adolescentes, conforme dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2014).

É imprescindível falar sobre este assunto, porque crianças e adolescentes que conhecem seu corpo e sabem como reconhecer que sua privacidade foi violada têm maior possibilidade de denunciar o abuso a um adulto de confiança. Se conhecerem a parte privada de seu corpo, poderão evitar o abuso. Outro ponto importante é que os familiares saibam como identificar sinais de abuso sexual, a fim de protegê-los.

Nesse sentido, a partir das informações destacadas e necessidade de disseminar

informações questiona-se: como uma criança/adolescente pode facilmente identificar que sofre abuso sexual? Como podemos ajudar a prevenir o abuso sexual? Partindo desses questionamentos, decidiu-se construir uma cartilha educativa em saúde visando à prevenção do abuso sexual em crianças e adolescentes.

Destarte, o trabalho objetivou construir uma cartilha educativa visando à prevenção do abuso sexual em crianças e adolescentes, contribuir para a prevenção e facilitar a aprendizagem sobre a temática com uma abordagem acessível, tendo como público alvo direto: pais, cuidadores da criança e indiretamente a crianças e adolescentes, visto que nem todos conseguem compreender.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência vivenciado durante a formação do curso técnico de enfermagem de uma Escola Estadual de Educação Profissional do Governo do Estado do Ceará, na cidade de Fortaleza, durante os meses de fevereiro a abril de 2021. A experiência englobou a construção de uma cartilha sobre a prevenção de abuso sexual contra crianças e adolescentes.

A cartilha é um material educativo com o intuito de facilitar o acesso à informação das pessoas de diferentes contextos socioculturais e graus de escolaridade. Esse material é capaz de ensinar por meio de estratégias diversas, para que o leitor possa compreender o que está sendo informado no material (MARTINS *et al.*, 2019).

No presente trabalho, como estratégia de construção da cartilha utilizou-se o aplicativo Canva, Google Acadêmico para pesquisas sobre o assunto e programa Word. Definiram-se algumas etapas a fim de organizar e sistematizar a construção do material educativo, a saber: pesquisas, modelos, ajustes e análises.

Para construção da cartilha foi utilizado o Google Acadêmico para pesquisas de artigos e manuais sobre o assunto utilizando as palavras-chave. Para ilustrações, foi utilizado o Google Imagens, onde foram selecionadas de acordo com o assunto da cartilha.

Foram analisados diversos modelos de fontes e cores para a cartilha, sendo decidida a fonte Arial tamanho 12 e várias cores expressivas e coloridas, com o objetivo de tornar a cartilha mais atrativa para o leitor.

Após a produção, realizaram-se vários ajustes nos textos como a centralização e a justificação dos mesmos, organização das referências e de imagens.

Nessa etapa de validação, a cartilha foi enviada para três professores com conhecimento na área juntamente com um formulário a fim de coletar considerações sobre tópicos relevantes a serem abordados na construção de um material educativo, a saber: conteúdo, linguagem, ilustrações, layout, motivação e cultura.

Vale ressaltar que os aspectos éticos que envolvem trabalhos de qualquer natureza, especialmente quando trata de um tema cheio de interfaces como o que é abordado neste trabalho, foi devidamente respeitado e exalta a contribuição dos referidos especialistas na construção do material.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a construção da cartilha foi realizado uma pré-avaliação incluindo três profissionais, sendo duas enfermeiras e uma professora de Sociologia. Essa pré-avaliação (Quadro 1) incluiu perguntas com respostas de SIM ou NÃO e no caso de resposta NÃO o avaliador deveria justificar sua resposta, sinalizando os pontos que poderiam ser apreciados pelos autores. Ao final da aplicação o avaliador podia acrescentar sugestões e/ou correções para o enriquecimento da nossa cartilha.

Figura 1 – Cartilha: Prevenção de Abuso Sexual

Quadro 1 – Questionário de pré e pós avaliação

Perguntas: pré-avaliação	Respostas			Perguntas: pós-avaliação	Respostas		
CONTEÚDO	Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	CONTEÚDO	Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3
Qual sua avaliação sobre a temática da cartilha?	Excelente	Excelente	Excelente	Qual sua avaliação sobre a temática da cartilha?	Excelente	Excelente	Excelente
O assunto abordado está coerente com o objetivo?	Sim	Sim	Sim	O assunto abordado está coerente com o objetivo?	Sim	Sim	Sim
Os trechos em destaque realmente merecem ser destacados?	Sim	Sim	Sim	Os trechos em destaque realmente merecem ser destacados?	Sim	Sim	Sim
O conteúdo atende necessidades do público alvo?	Não	Não	Sim	O conteúdo atende necessidades do público alvo?	Sim	Sim	Sim
Existe lógica na sequência do texto?	Sim	Sim	Sim	Existe lógica na sequência do texto?	Sim	Sim	Sim
O conteúdo é relevante para ser informado através de cartilha?	Sim	Sim	Sim	O conteúdo é relevante para ser informado através de cartilha?	Sim	Sim	Sim
O conteúdo está correto do ponto de vista científico?	Sim	Sim	Não	O conteúdo está correto do ponto de vista científico?	Sim	Sim	Sim

LINGUAGEM	Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	LINGUAGEM	Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3
A redação é compatível com o público alvo?	Sim	Sim	Não	A redação é compatível com o público alvo?	Sim	Sim	Sim
As frases são atrativas e não cansativas?	Sim	Sim	Sim	As frases são atrativas enão cansativas?	Sim	Sim	Sim
Existem clareza e objetividade no texto?	Sim	Sim	Não	Existem clareza e objetividade no texto?	Sim	Sim	Sim
ILUSTRAÇÕES	Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	ILUSTRAÇÕES	Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3
As ilustrações condizem como conteúdo?	Sim	Sim	Sim	As ilustrações condizemcom o conteúdo?	Sim	Sim	Sim
As ilustrações são compreensíveis?	Sim	Sim	Sim	As ilustrações sãocompreensíveis?	Sim	Sim	Sim
As legendas ajudam o leitor a compreender a imagem?	Sim	Sim	Sim	As legendas ajudam o leitor a compreender a imagem?	Sim	Sim	Sim
O número de imagens é suficiente para abordar o conteúdo?	Sim	Sim	Sim	O número de imagens é suficiente para abordar o conteúdo?	Sim	Sim	Sim
LAYOUT	Avaliador	Avaliador	Avaliador	LAYOUT	Avaliador	Avaliador	Avaliador

	1	2	3		1	2	3
O tamanho e fonte da letra favorece a leitura?	Sim	Sim	Não	O tamanho e fonte da letra favorece a leitura?	Sim	Sim	Sim
As cores utilizadas no texto viabilizam a leitura?	Não	Não	Sim	As cores utilizadas no texto viabilizam a leitura?	Sim	Sim	Sim
A disposição dos itens na página é organizada?	Sim	Sim	Sim	A disposição dos itens na página é organizada?	Sim	Sim	Sim
O número de páginas e o tamanho do material é coerente?	Sim	Sim	Sim	O número de páginas e o tamanho do material é coerente?	Sim	Sim	sim
MOTIVAÇÃO	Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	MOTIVAÇÃO	Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3
O leitor é incentivado a prosseguir a leitura pelo conteúdo?	Sim	Sim	Não	O leitor é incentivado a prosseguir a leitura pelo conteúdo?	Sim	Sim	sim
A cartilha é esclarecedora?	Sim	Sim	Não	A cartilha é esclarecedora?	Sim	Sim	Sim
CULTURA	Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	CULTURA	Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3
A cartilha atende os vários perfis de leitores?	Sim	Não	Não	A cartilha atende os vários perfis de leitores?	Sim	Sim	Sim

Fonte: elaborado pelas autoras (2021).

No que diz respeito ao conteúdo os avaliadores responderam satisfatoriamente em praticamente todos os quesitos, embora no quesito de responder às necessidades do público alvo e se o conteúdo está correto do ponto de vista científico, foram feitas considerações relacionadas à apropriação do conteúdo; observações em relação à concordância e coesão; e especificar melhor o público alvo. No quesito linguagem a observação foi aprimorar a linguagem a fim de melhorar a compreensão do leitor.

Em relação ao Layout foram dadas sugestões sobre as cores para melhor visualização da leitura. No quesito motivação, a sugestão dada foi de ajustes no sentido de utilizar uma melhor interação entre cores e conteúdo, a fim de convidar mais o leitor para o assunto.

Sobre a Cultura, para dois avaliadores a cartilha atende o público comum (pais, crianças, adolescentes, avós, tios e etc). Já para o 3º avaliador a cartilha precisa ser mais elucidativa para o público infantil. Por fim, foram feitas observações gerais para acrescentar ou melhorar, a fim de enriquecer a cartilha.

Nesse sentido, ao realizarem a pré-avaliação o avaliador 1 respondeu satisfatoriamente à 90,47%, enquanto que os avaliadores 2 e 3 responderam satisfatoriamente à 85,71% dos questionamento levantados, além de considerarem a temática como excelente assunto para ser abordado.

Já na pós avaliação todos responderam satisfatoriamente à 100% das perguntas feitas, finalizando o questionário sugerindo correções para aperfeiçoar a cartilha, mostrando que a estrutura da mesma está condizente com o grau intelectual dos autores e que para implementar outros recursos demandaria investimentos que ainda não foram empregados na criação desta tecnologia.

Algumas dificuldades foram enfrentadas no decorrer da construção deste material educativo, como por exemplo, tratar de um assunto delicado de modo que se tornasse objetivo, lúdico e ao mesmo tempo educativo. Corroborando com nosso estudo Torres *et al.* (2009), também encontraram dificuldade na elaboração de cartilhas para orientação do autocuidado no programa educativo em Diabetes, tais como: adequação da linguagem científica para uma linguagem acessível ao público-alvo e a seleção de figuras didáticas.

No autocuidado sobre diabetes o paciente tem a oportunidade de ampliar a sua compreensão sobre o problema e privilegia o conhecimento da sua anatomia, do mesmo modo, o assunto sobre a prevenção do abuso sexual a criança vai desenvolver o autoconhecimento do corpo, ampliando os conhecimentos dela sobre o assunto, bem como de sua rede social.

Outro estudo semelhante foi o de Fonseca *et al.* (2004) que tinha como objetivo descrever o desenvolvimento de material didático-instrucional para o treinamento materno

durante a preparação da alta hospitalar do bebê prematuro, utilizando metodologia participativa. A semelhança desse modelo pedagógico utilizado foi a educação conscientizadora, construindo uma cartilha didática que ilustra com imagens e assuntos mais complexos a ser argumentado.

A concordância dos trabalhos é utilizar o método que enfatiza a produção e comunicação de conhecimentos, propondo-se a: promover a produção coletiva de conhecimento, rompendo o monopólio do saber e da informação e permitindo que ambos se transformem em patrimônio dos grupos (FONSECA *et al.*, 2004).

A orientação materna com os bebês prematuros e o abuso sexual infantil mesmo sendo assuntos diferentes tem o mesmo propósito em promover a análise coletiva do ordenamento da informação e da utilização que dela se pode fazer, promover a análise crítica, utilizando a informação ordenada e classificada a fim de determinar as raízes e as causas dos problemas e as possibilidades de solução; estabelecer relações entre os problemas individuais e coletivos, funcionais e estruturais, como parte da busca de soluções coletivas aos problemas enfrentados. (FONSECA *et al.*, 2004).

Galindo Neto *et al.* (2017) destaca que a efetividade de intervenções educativas em saúde é influenciada por diversas variáveis, dentre elas a disponibilidade de materiais que possam ser utilizados como recurso didático. Ao considerar que o ensino sobre primeiros socorros precisa ocorrer com a utilização de tecnologias educativas, percebe-se também que o tema abuso sexual em crianças e adolescentes, presente neste artigo, necessita de ferramentas que funcionem como ponte para atingir o público alvo. Nesse caso, a cartilha construída tem esse objetivo, funcionar como um intermediário entre o conhecimento do profissional e a disponibilidade que o agente tem de absorver determinado conhecimento.

As etapas e critérios adotados e o referencial teórico utilizado para a construção da cartilha de primeiros socorros foram compatíveis com a obtenção de um material educativo viável para ser utilizado e aprovado pelo público-alvo, assim como a cartilha sobre abuso sexual. Sendo assim, os trabalhos mesmo sendo de temas diferentes podem contribuir com a tomada de decisão metodológica de profissionais envolvidos na educação em saúde para construir tecnologias educacionais, nas diversas temáticas.

Portanto, verifica-se a pertinência de construir materiais de boa qualidade e com conteúdos adequados para viabilizar a compreensão das informações por parte do público alvo. Essa metodologia mostrou-se adequada, de fácil compreensão e pode atingir os objetivos propostos, abrindo um novo e estimulante caminho para as atividades de educação em saúde. A construção de uma cartilha educativa mostrou-se eficaz e estimuladora de uma nova estratégia de Educação.

Nesse sentido, o abuso sexual de crianças e adolescentes faz parte da realidade de diária dos profissionais de saúde e sociedade como um todo, é preocupante saber que milhares de crianças sejam vítimas desse tipo de violência a cada ano. Dessa forma, a construção da cartilha se torna importante para transmitir informações sobre o assunto, orientando pais, filhos e demais cuidadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo abordou a construção de uma cartilha educativa, mostrando que para a construção da mesma é necessário um embasamento teórico embora a dificuldade de procurar artigos, devido à grande quantidade e procurar referências confiáveis e consequentemente fazê-las seguindo a norma de pesquisas. A partir desse estudo foi possível contactar outros profissionais da área de enfermagem para realizar a avaliação da cartilha, aplicado um questionário com perguntas para a análise da cartilha e através das respostas efetuou-se considerações com o propósito de melhorar a cartilha e o seu objetivo.

A educação sexual transmitida através da cartilha educativa nas escolas é de extrema importância, facilitando o conhecimento sobre esse assunto relevante e que requer o máximo de sensibilidade e atenção. É necessário ainda, que hajam profissionais capacitados para identificar os casos de violência sexual contra crianças e adolescentes e trabalhar tanto com intervenções preventivas, quanto terapêuticas, para a superação da violência por parte da vítima e do grupo familiar como um todo.

Desta forma, a construção de uma cartilha educativa sobre prevenção do abuso sexual torna-se muito importante para o processo formativo do técnico de enfermagem, possibilitando adquirir experiências para realizar outros estudos ao longo da vida acadêmica, bem como melhorar a prática de enfermagem ao lidar com casos de abuso sexual. Vale ressaltar que outros materiais educativos merecem ser construídos, tendo em vista a relevância do assunto, utilizando tecnologias acessíveis e favoráveis ao público alvo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 12.015, de 7 de agosto de 2009. Altera o Título VI da Parte Especial do Decreto-Lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940 [...]. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 10 ago. 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/112015.htm. Acesso em: 11 fev. 2021.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Ministério divulga dados de violência sexual contra crianças e adolescentes. **Ministério da Saúde**, Brasília, DF, 18 maio 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/maio/ministerio-divulga-dados-de-violencia-sexual- contra-criancas-e-adolescentes>. Acesso em: 11 fev. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. **Violência intrafamiliar**: orientações para prática em serviço. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2001. (Cadernos de Atenção Básica, n. 8). Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd05_19.pdf. Acesso em: 24 fev. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Análise epidemiológica da violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, 2011 a 2017. **Boletim Epidemiológico**, [s.l.], v. 49, jun. 2018. Disponível em: <https://portalquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2018/junho/25/2018-024.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2021.

BRASIL. Ministério Público do Distrito Federal e Territórios. O que é abuso sexual? **Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT)**, Brasília, DF, 10 dez. 2010. Disponível em: <https://www.mpdft.mp.br/portal/index.php/conhecampdft-menu/nucleos-e-grupos/nevesca/perguntas-frequentes-mainmenu-428/3202-o-que-e-abuso-sexual>. Acesso em: 11 fev. 2020.

DISTRITO FEDERAL. **Manual para atendimento às vítimas de violência na Rede de Saúde Pública do Distrito Federal**. 2. ed. Brasília, DF: Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal, 2009. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_atendimento_vitimas_violencia_saude_publica_DF.pdf. Acesso em: 11 fev. 2021.

FONSECA, L. M. M. *et al.* Cartilha educativa para orientação materna sobre os cuidados com o bebê prematuro. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, [s.l.], v. 12, n. 1, p. 65-75, fev. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/cvxznk95dcnYKhZ7kBYP7Wc/?lang=pt>. Acesso em: 22 jul. 2021.

GALINDO NETO, N. M. *et al.* Primeiros socorros na escola: construção e validação de cartilha educativa para professores. **Acta Paulistade Enfermagem**, [s.l.], v. 30, n. 1, p. 87-93, jan. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/MSchgJRB6rds7HHx4TbWZ9B/?lang=pt>. Acesso em: 22 jul. 2021.

IPEA. Secretaria de Políticas de Saúde. Crianças e adolescentes são 70% das vítimas de estupro. **Ipea**, Brasília, DF, 27 mar. 2014. Disponível

em:https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=21848. Acesso em: 24 fev. 2021.

MARTINS, R. M. G. *et al.* Desenvolvimento de uma cartilha para a promoção do autocuidado na hanseníase. **Revista de enfermagem UFPE Online**, Recife, v. 13, 2019.

Disponível em:

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/download/239873/33009>. Acesso em: 11 fev. 2021.

SOUZA, K. R. **A aplicação do ECA frente aos casos de abuso sexual contra o menor no ambiente familiar e seus reflexos no desenvolvimentopsicossocial**. Ji-Paraná: Centro Universitário São Lucas, 2019.

TORRES, H. C. *et al.* O processo de elaboração de cartilhas para orientação do autocuidado no programa educativo em Diabetes. **Rev. Bras. Enferm.**, [s.l.], v. 62, n. 2, p. 312-316, abr. 2009. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/reben/a/XHZyTCbLFgfjNRK5PqvXRTP/?lang=pt>. Acesso em: 22 jul. 2021.

Capítulo 7

*CARACTERIZAÇÃO DOS FATORES
DE RISCO E PREVENÇÃO DA
DEPRESSÃO PÓS-PARTO:
REVISÃO NARRATIVA*

CARACTERIZAÇÃO DOS FATORES DE RISCO E PREVENÇÃO DA DEPRESSÃO PÓS-PARTO: REVISÃO NARRATIVA

*Arimá Gomes Braga¹
Dayane Cristina Sousa Vasconcelos¹
Yara da Silva Moreira¹
Andreia Elne Silveira²
Ismael Moreira de Sousa³
Alessandra Luiza Alves do Nascimento Celedôni⁴*

RESUMO

Os sintomas da depressão pós-parto (DPP) aparecem geralmente nos primeiros 14 dias do puerpério, podendo persistir por mais de um ano. Múltiplos fatores de risco estão relacionados com as alterações no período pós-parto. Entre os principais, encontram-se: idade inferior a 16 anos; histórico de transtorno psiquiátrico; eventos estressantes, conflitos conjugais; estado civil de solteira ou divorciada; desemprego; e ausência ou pouco suporte social. Seus sintomas incluem irritabilidade, choro frequente, sentimentos de desamparo e solidão, falta de energia e motivação, desinteresse sexual, alterações alimentares e do sono, sensação de incapacidade frente à nova situação que irá acometer o estado físico e mental. Este estudo de revisão narrativa, de natureza básica, objetivos exploratórios e descritivos e abordagem qualitativa teve como objetivo investigar os fatores de risco, diagnóstico e o planejamento familiar relacionado à depressão pós-parto utilizando os descritores: depressão pós-parto; puerpério; fatores de risco; Maternidade; Prevenção e Planejamento familiar. A busca por artigos na plataforma *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) e Google acadêmico ocorreu entre fevereiro e março de 2021, e resultaram em 21 artigos científicos elegíveis, dos quais todos os 21 foram selecionados, após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão. Notou-se que puérperas com baixo apoio social possuem maior tendência a ter sintomas depressivos, ou seja, quanto maior o apoio, menor a probabilidade de depressão pós-parto. Ficou nítida a necessidade de financiamentos

¹ Discente do Curso Técnico em Enfermagem da Instituição Ícaro de Sousa Moreira.

² Enfermeira - Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Especialista em Saúde da Família - Universidade Federal do Ceará (UFC). Docente do Curso Técnico em Enfermagem da Instituição Ícaro de Sousa Moreira.

³ Enfermeiro - Faculdade de Ensino e Cultura do Ceará (FAECE). Mestrando em Enfermagem - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Especialista em saúde da Família - Centro Universitário Ateneu (UniATENEU).

⁴ Enfermeira - Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Especialista em Gestão da Clínica pelo Instituto de Ensino e Pesquisa Sírion Libanês.

para programas que visem à saúde da mãe-bebê com enfoque na prevenção e tratamento da DPP.

Palavras-chave: depressão pós-parto; planejamento familiar; fatores de risco.

INTRODUÇÃO

A notícia da gravidez gera expectativas únicas na vida de uma mulher. Para muitas, surge apenas a ansiedade devido à espera do advento de mais um membro para a família. Contudo, emergem as mudanças e as dificuldades, algo que revela o que realmente é o período puerperal para muitas mulheres. O puerpério (Período de 45-60 dias após o parto) é considerado o período mais complicado de todo o processo da maternidade pois, além das transformações físicas, o psicológico pode vir a ser afetado (IBANEZ, 2018).

O maior “pesadelo” que pode vir a acometer as mulheres no puerpério é a depressão pós-parto que geralmente ocorre a partir da quarta a oitava semana após o nascimento do bebê. Os sintomas que acometem as puérperas são principalmente o humor deprimido, alteração do sono, falta de apetite, sentimento de culpa, agitação e diversos outros sintomas (PEREIRA; ARAÚJO, 2020).

De modo geral, por conta da sua flutuação hormonal, as mulheres são os indivíduos mais vulneráveis a serem afetados pela depressão, podendo estar presente até na sua gestação, o que altera consideravelmente as relações com a família (SOUSA *et al.*, 2020). É nesse momento em que o apoio paterno e familiar ajuda na interação da mãe com o bebê. A concepção de um bebê, principalmente quando é o caso do primeiro filho, tem sido visto por diversos autores como um gatilho para o surgimento de problemas emocionais nos pais, como depressões, psicoses pós-parto e manifestações psicossomáticas (SÁ; MEDEIROS, 2020).

Múltiplos fatores de risco estão relacionados com as alterações surgidas no período puerperal e que possam favorecer o surgimento de depressão pós-parto. Dentre os principais, encontram-se: idade inferior a 16 anos; histórico de transtorno psiquiátrico; eventos estressantes ocorridos nos últimos 12 meses; conflitos conjugais; estado civil de solteira ou divorciada; desemprego (puérpera ou seu parceiro); ausência ou pouco suporte social e até mesmo a espera de um bebê do sexo oposto (GOMES *et al.*, 2010).

As fases de maior prevalência para desenvolvimento de transtornos mentais são principalmente o primeiro trimestre de gravidez e os primeiros 30 dias após o parto: quase 30% das mulheres têm grande dificuldade de adaptação ao período pós-parto, e cerca de uma em

cada dez mulheres apresentará sintomas de depressão durante o último trimestre da gravidez ou no primeiro ano após o parto (GUEDES *et al.*, 2011).

Os fatores supracitados provam mais uma vez que as doenças psíquicas, sobretudo a depressão, estão cada vez mais presentes na vida das mulheres no ciclo gravídico-puerperal. Entretanto, pouco são enfatizadas pelas ações de promoção a saúde e, quando isso acontece, estas são direcionadas na atenção básica apenas a grupos específicos ignorando, na maioria das vezes, as gestantes e puérperas.

Vários estudos realizados no Brasil mostraram que a prevalência de depressão pós-parto entre as mães entrevistadas varia de 12% a 19% de ocorrências. Apesar dessas taxas elevadas observa-se que, clinicamente, a investigação do estado emocional de gestantes e puérperas não tem recebido a atenção que merece, sendo que nesse período poucas mulheres procuram tratamento quando sofrem de depressão (ALIANE; MAMEDE; FURTADO, 2011).

A Justificativa, então, para trazer esta temática à discussão foi a percepção desta lacuna com o cuidado psicológico da mãe enquanto parturiente, pois foca-se muito nos cuidados com a criança e, socialmente, existe um paradigma de que a mulher é forte e que pode superar todos estes desafios sem precisar de ajuda: existe um estigma de que a mulher sabe o que é ser mãe instintivamente e que a natureza já a preparou física e emocionalmente para este fato.

O problema é que a romantização da maternidade mascara o sofrimento psicológico, transformando-o inclusive em algo compensatório como na frase “ser mãe é padecer no paraíso”. É deveras relevante repensar a carência de práticas humanizadas e mais empáticas com mulheres predispostas ao risco de depressão pós-parto, a fim de garantir que os processos pelo qual ela passará aconteçam da melhor maneira possível, sem julgamentos e com apoio profissional, a fim de evitar ocorrências crescentes de depressão puerperal, sendo até mesmo um gatilho para o mau desenvolvimento infantil no futuro: a final de contas, a mulher precisa estar bem para poder cuidar de seu rebento.

O presente artigo tem como objetivo geral identificar, na literatura científica, os principais fatores de risco e as formas de prevenção da depressão pós-parto, de modo a ressaltar a importância do acompanhamento psicológico durante a gravidez evitando desenvolver ocorrências psicológicas para a mãe e mais especificamente de apontar carência de práticas humanizada às mães após o nascimento da criança.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de revisão narrativa, de natureza básica, objetivos exploratórios e descritivo e abordagem qualitativa.

Os dados aqui apresentados foram selecionados através de um levantamento bibliográfico, em duas plataformas de pesquisas que foram a *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) e o Google acadêmico, a partir de uma questão norteadora: “o que a literatura científica fala sobre os principais fatores de risco e as formas de prevenção da depressão pós-parto?”. Procuramos encontrar estudos que englobassem a mãe e o bebê contendo não somente a prevenção física, mas também uma atenção maior no acompanhamento psicossocial das puérperas, visto que diversos fatores são mascarados pelas manifestações puramente clínicas.

O período do levantamento bibliográfico ocorreu nos meses de fevereiro a março de 2021, e foi montado um acervo bibliográfico com os artigos científicos selecionados. Os artigos-base utilizados correspondem ao corte temporal dos últimos 17 anos, de 2003 a 2020, com preferência aos que abordavam temas como fatores de risco, diagnóstico, prevenção e apoio familiar, e que não abordavam a mulher apenas como paciente. A escolha de um recorte temporal mais amplo justifica-se pela necessidade de observar a evolução clínico-assistencial da puérpera em relação a ocorrência de depressão pós-parto (DPP).

Os critérios de inclusão foram: artigos em idioma português que estivessem disponíveis de forma completa e gratuita, dentro do recorte temporal eleito, e que respondesse a pergunta norteadora. Os critérios de exclusão foram: teses, dissertações, editoriais ou outros, em outros idiomas ou que estivessem repetidos, incompletos ou indisponíveis, que não obedecesse ao recorte de tempo ou que não respondessem a pergunta norteadora.

Após isso, os artigos elencados foram examinados, sendo ressaltados os aspectos detalhados sobre a depressão pós-parto incluindo a definição, fatores de risco, estratégias psicossociais e a prevenção. Os dados passaram por análise, gerando categorias temáticas para discussão.

RESULTADOS

O acervo bibliográfico foi construído com artigos científicos, totalizando 21 trabalhos consultados, conforme pode ser observado pelo Quadro 1 a seguir. Foram encontrados 21 artigos e todos foram utilizados como bases de pesquisas.

Quadro 1 – Relação dos trabalhos acadêmicos utilizados nesta revisão de literatura

Artigos	Autores	Ano	Revista/Editora
O impacto da depressão pós-parto para a interação mãe-bebê	SCHWENGBE R, D. D. S.; PICCININI, C. A.	2003	Revista Estudos de psicologia.
Depressão pós-parto: prevenção e consequências.	GUEDES- SILVA, D. <i>et al.</i>	2003	Revista mal-estar e subjetividade.
Prevenir a depressão pós-parto: uma análise ao conhecimento existente.	TAVARES, M.; BOTELHO, M.	2009	Revista Pensar Enfermagem.
Identificação dos fatores de risco para depressão pós-parto: importância do diagnóstico precoce.	GOMES, L. A. <i>et al.</i>	2010	Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste.
Fatores de Risco e Proteção Associados à Depressão Pós-Parto no Pré-Natal Psicológico.	ALIANE, P. P.; MAMEDE, M. V.; FURTADO, E. F.	2011	Revista Psicologia em Pesquisa.
Depressão pós-parto: incidência e fatores de risco associados	GUEDES, A. C. E. <i>et al.</i>	2011	Revista Medicina.
Acompanhamento Psicológico Durante a Gestação em Relação aos Aspectos que Podem Prevenir a Depressão Pós-Parto	CUNHA, A. B. <i>et al.</i>	2012	Revista Saúde e Pesquisa.
A importância do acompanhamento psicológico durante a gestação em relação aos aspectos que podem prevenir a depressão pós-parto.	CUNHA, A. B. <i>et al.</i>	2012	Revista Saúde e Pesquisa.
Transtornos psiquiátricos na gestação e no puerpério	CAMACHO, R. S. <i>et al.</i>	2006	Revista psiquiátrica.
Depressão pós-parto materna: crenças, práticas de cuidado e estimulação de bebês no primeiro ano de vida.	CAMPOS, B.C.; RODRIGUES, O. M. P. R.	2015	Depressão pós-parto materna.

Fatores de risco e proteção associados à depressão pós-parto no pré-natal psicológico.	ARRAIS, A. R.; ARAUJO, T. C. C. F.; SCHIAVO, R. A.	2018	Revista Psicologia, Saúde e doenças.
Depressão pós-parto: uma revisão de literatura.	IBANEZ, C. N.	2018	TCC de Enfermagem na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).
Enfermagem na prevenção da depressão pós-parto.	SOUSA, P. H. S. F. <i>et al.</i>	2020	Revista Brasileira de Desenvolvimento.
Depressão pós-parto: uma revisão de literatura.	PEREIRA, D. M.; ARAÚJO, L. M. B.	2020	Revista Brasileira de Revisão de Saúde.
Depressão pós-parto: o abismo imenso que vai do diagnóstico ao tratamento adequado	SÁ, M. F. S.; MEDEIROS, S. F.	2020	Revista Brasileira de ginecologia e obstetrícia.
Gestação e a constituição da maternidade	PICCININI, C. A. <i>et al.</i>	2008	Psicologia em estudo.
Formação e prática de enfermeiros para Atenção Primária à Saúde	THUMÉ, E. <i>et al.</i>	2018	Avanços, desafios e estratégias para fortalecimento do Sistema Único de Saúde
Vínculo: construindo as bases para um apego seguro e para a Independência.	KLAUS, M.; KENNELL, J.; KLAUS, P.	2007	Artes médicas.
O pré-natal psicológico como programa de prevenção à depressão pós-parto.	ARRAIS, A. R.; MOURÃO, M. A.; FRAGALLE, B.	2014	Revista Saúde e Sociedade.

Identificação e intervenção no transtorno psiquiátrico e intervenção no transtorno, associadas ao puerpério	ZANOTTI, D. V. <i>et al.</i>	2003	<i>Nursing.</i>
<i>Risk factors for postnatal depression</i>	BOYCE, P. M.	2003	<i>Archive of Woman Mental Health.</i>

Fonte: elaborado pelos autores (2021).

Após isso, foram analisados os aspectos detalhados sobre a depressão pós-parto incluindo a descrição da doença e o manejo clínico.

DISCUSSÃO

Apresenta-se a seguir a revisão de literatura proposta e, para melhor compreensão do assunto, optou-se por separar por categorias temáticas.

A depressão pós-parto de acordo com a literatura ocorre nas primeiras quatro semanas após o parto, podendo persistir até mais de um ano, comprometendo o físico e o humor. A predominância de pensamentos negativos traz distorções sobre o que a vida possa oferecer para a gestante, fazendo que esta julgue de forma incorreta sua realidade. Um dos motivos para desenvolver-se a depressão puerperal são conflitos familiares ou até mesmo o nascimento do primeiro filho (PEREIRA; ARAÚJO, 2020).

Além disso, mães com depressão puerperal demonstram também comportamentos mais invasivos e irritáveis em relação a seus bebês e respondem de forma menos sensível e contingente e mais negativa. Então, o cuidado materno tem implicações negativas na interação mãe-bebê e afeta o desenvolvimento da criança. Consideravelmente, essas implicações podem gerar no recém-nascido um distúrbio afetivo na idade adulta (ALIANE; MAMEDE; FURTADO, 2011).

As causas dos sintomas da depressão pós-parto variam, alguns são de ordem psicossocial e estão principalmente associados à depressão, estresse, certo histórico psiquiátrico, ansiedade, pré-natal, pouco apoio social, baixa autoestima e gravidez indesejada sem um planejamento adequado (CUNHA *et al.*, 2012).

Os principais sintomas da DPP incluem irritabilidade, choro frequente, sentimento de impotência e desesperança, falta de energia e motivação, desinteresse sexual, distúrbios alimentares e do sono, sensação de incapacidade de lidar com novas situações e desconforto físico e mental (SCHWENGBER; PICCININI, 2003).

Categoria 01 - Fatores de risco

A condição de ser mãe requer da mulher uma nova dinâmica em sua vida e a falta de preparo psicológico para essa condição pode levar algumas mães a despertarem dificuldades em assumir essa liderança, fazendo com que elas se sintam incapazes de cuidar do recém-nascido. Além das mudanças mentais e corporais da gestação, surgem mudanças no meio socioeconômico: isso porque muitas das mulheres são detentoras de atividades laborais ou sociais que não lhe garantem um foco exclusivo para o seu puerpério, o que pode acarretar um aumento de tensão sentimental e de culpa (PICCININI *et al.*, 2008).

Existem alguns fatores de risco que estão associados à ocorrência da depressão pós-parto, tais como: sintomas depressivos durante ou anterior a gestação, com história de transtornos afetivos, mulheres que sofrem de tensão pré-menstrual (TPM), problemas de infertilidade, dificuldades durante a gestação, cesarianas, primigestas, mães solteiras, perda de filho anterior, perda de pessoa importante anterior, bebê com anomalias, problemas conjugais e casamento devido à gestação (IBANEZ, 2018).

É importante ressaltar sobre os fatores sócios demográficos que muitas das vezes são mascarados pela doença, mas que estão relacionados à DPP: dentre eles estão a idade precoce, baixa escolaridade, saúde financeira ruim, desemprego e o ambiente de convivência (ARRAIS; ARAUJO; SCHIAVO, 2018).

O conhecimento e a identificação dos fatores de risco da DPP são importantes para o planejamento e execução de ações preventivas para favorecer o apoio emocional da família, amigo e companheiro proporcionando um sentimento de segurança à puérpera.

A identificação precoce da patologia irá possibilitar o encaminhamento da mãe com risco elevado para depressão pós-parto para um acompanhamento, aconselhamento ou psicoterapia, possibilitando, assim, constituir um precioso instrumento para combater esse transtorno (ARRAIS; LORDELLO; CAVADOS, 2015).

Categoria 02 - Diagnóstico

O quadro de depressão pós-parto surge no período de no mínimo 14 dias após o parto, onde geralmente as puérperas devem apresentar pelo menos cinco dos seguintes sintomas: perda do prazer nas atividades, humor deprimido na maior parte do tempo, frequente pensamento sobre morte, alteração no peso corporal (sem dieta específica), indecisão, dificuldade de

concentração, alteração do sono, sentimento de culpa ou inutilidade, diminuição da energia ou aumento da fadiga (CAMPOS; RODRIGUES, 2015).

Os indícios apontados pela literatura indicam a importância do diagnóstico precoce da depressão já durante a gestação. Através deles, o diagnóstico precoce do quadro depressivo da gestante se torna mais fácil, possibilitando ter mais êxito na realização de intervenções, sendo um dos objetivos principais o apoio neste momento importante de transição. Logo, os profissionais que atuam na área da saúde precisam agir promovendo os benefícios para a relação mãe-bebê (CAMACHO *et al.*, 2006).

A Enfermagem é uma das profissões da área da saúde com o papel central para consolidação da Atenção Primária à Saúde (APS), sobretudo pelo potencial inovador, criativo e versátil dos profissionais (THUMÉ *et al.*, 2018).

A atuação preventiva das equipes multidisciplinares nesse momento pode trazer à nova mãe o apoio que ela necessitava para enfrentar os episódios de solidão. Além do mais, o atendimento precoce à mãe deprimida representa a possibilidade da prevenção de uma futura relação negativa da mãe com o bebê, o qual pode trazer importante ajuda para o seu desenvolvimento (ARRAIS; ARAUJO; SCHIAVO, 2018).

Apenas 14% das mulheres com depressão pós-parto tiveram seu pedido de ajuda atendido por profissionais da saúde, de acordo com um estudo populacional nos Estados Unidos. Em serviços de Obstetrícia e Ginecologia, cerca de 60% a 80% das mulheres apresentavam depressão e não foram diagnosticadas (SPITZER *et al.*, 2000). Com isso, os pesquisadores têm alertado para a necessidade do rastreamento de rotina para a DPP e consideram que essa conduta deve ser uma das prioridades no combate da depressão pós-parto. Essa realidade só reforça ainda mais que a DPP coloca em risco a vida da mãe e o desenvolvimento do bebê e ações de prevenção e de diagnóstico devem ser implementadas (LEARMAN, 2018).

Um dos métodos utilizados atualmente para a detecção da depressão pós-parto é Escore de Edimburgo, onde um escore maior ou igual a 12 indica depressão pós-parto, contudo esse diagnóstico só deve ser afirmado por um profissional da área da saúde. O ideal é que o rastreio ocorra entre duas semanas e seis meses após o parto. A figura 01 pode ser consultada nos anexos.

Categoria 03 - Acompanhamento e prevenção

Durante e após o parto a prevenção e o acompanhamento é de suma importância para a mãe, pois uma boa assistência psicológica nestes períodos, utilizando um planejamento adequado favorece significativamente a diminuição dos riscos de futuras complicações para a puérpera (ARRAIS; MOURÃO; FRAGALLE, 2014).

A alta evidência de depressão pós-parto encontrada no Brasil (24,2%) reforça seu significado como problema de saúde pública, exigindo estratégias de prevenção e tratamento. Sendo assim, a fim de prevenir complicações e construir um prognóstico satisfatório, vale destacar a importância da identificação dos sintomas iniciais que desenvolvem o quadro patológico no puerpério. O quanto mais precoce se detectar os fatores de risco, melhor assistência poderá ser oferecida à puérpera (ZANOTTI *et al.*, 2003).

O acompanhamento durante todo o processo de gravidez é especialmente importante, pois, além de ter cuidado com a mãe, o bebê poderá ser acometido com o desenvolvimento do transtorno e se tornando um adulto mal desenvolvido, portanto, é necessário o autocuidado precocemente tanto para a criança como para a mulher, fornecendo uma vida de qualidade para toda família (KLAUS; KENNEL; KLAUS, 2007).

É igualmente importante, como ação preventiva, garantir a mulher acesso ao planejamento familiar para evitar gravidezes indesejadas que possam ser gatilhos disparadores de transtornos psíquicos em mulheres. A lei Brasileira nº 9.263/1996 assegura que o planejamento familiar é direito de todo o cidadão e se caracteriza pelo conjunto de ações de regulação da fecundidade que garanta direitos iguais de constituição, limitação ou aumento da prole pela mulher, pelo homem ou pelo casal (BRASIL, 1996). Ou seja, o planejamento familiar garante à família o direito de ter quantos filhos quiser, no momento que lhe for mais conveniente, com todo o apoio necessário para lhes garantir seguro nessa decisão (IBANEZ, 2018).

O Ministério da Saúde (MS) oferece o Programa Rede Cegonha que atua desde o pré-natal até o sistema logístico (transporte sanitário e regularização). Em outras palavras, é uma estratégia que visa implementar uma rede de cuidados para assegurar às mulheres o direito ao planejamento reprodutivo e a atenção humanizada à gravidez, ao parto e ao puerpério, assegurando também às crianças o direito ao nascimento seguro e ao crescimento e desenvolvimento saudáveis (BRASIL, 2011).

Durante esse período vulnerável na vida da mulher é indispensável que exista uma relação de confiança entre a paciente, seus médicos, psicólogos e outros profissionais

envolvidos e um bom planejamento familiar oferecendo programas desde a rede cegonha até o pré-natal psicológico para que seja assegurada uma boa saúde mental e social da família (BOYCE, 2003).

Categoria 04 - Tratamento

Com relação ao tratamento de saúde da mulher, o Ministério da Saúde, no Programa de Assistência Humanizada a Mulher (BRASIL, 2001), ressalta que a saúde não deve se restringir ao tradicional conceito da prevenção, diagnóstico, tratamento e reabilitação, mas deve ser abordada também no contexto cultural, histórico e antropológico, onde estão os indivíduos que se querem ver saudáveis ou livres de doenças.

Assim, vale ressaltar que, nesse momento, a mulher não deve ser vista somente como paciente ou vítima da DPP, mas deve ser observada de forma acolhedora e compreensível. Logo, os profissionais atuam no manejo clínico da doença até a área psicossocial, de modo que venha garantir um atendimento completo da puérpera.

A psicoterapia é essencial para o tratamento da depressão pós-parto, pois o terapeuta trabalhará com a mãe e seus familiares na construção de novos paradigmas a partir da realidade vivenciada. Dessa forma, intervenções adequadas relacionadas a essa nova realidade, podem ser compreendidas e mais bem planejadas (CUNHA *et al.*, 2012).

O tratamento médico da depressão pós-parto deve envolver pelo menos três tipos de cuidados: ginecologia, psiquiatria e psicologia. Além da preocupação dos profissionais médicos com essa questão, o cuidado social também é muito importante, geralmente relacionado à ocorrência de DPP. Evidencia-se a necessidade de tratar a depressão pós-parto, não apenas para a qualidade de vida da mãe, mas para evitar que o desenvolvimento do bebê seja perturbado e para manter um bom casamento e relacionamentos familiares harmoniosos (GUEDES-SILVA *et al.*, 2003).

Nos casos em que a depressão coloca em risco a função e o bem-estar da mãe, os antidepressivos devem ser usados para tratamento psiquiátrico. A relação custo-benefício dos antidepressivos durante e após a gravidez deve ser avaliada, visto que o risco geral é baixo. Atualmente, muitos antidepressivos para a lactação estão sendo estudados e os inibidores seletivos da recaptção da serotonina são os menos presentes no leite materno. Entre eles, a serotonina e a paroxetina parecem ser as melhores alternativas. Embora os antidepressivos possam ser eficazes contra a DPP, a transmissão de antidepressivos pelo leite materno pode ter um efeito potencialmente tóxico no desenvolvimento dos bebês. Portanto, as puérperas

preferem o tratamento psicossocial. Reforça-se, também, que o uso de medicamentos precisa ser prescrito e acompanhado por médico psiquiatra responsável (GUEDES-SILVA *et al.*, 2003).

Diante do exposto, a alta prevalência de depressão pós-parto revela que ela se tornou um problema de saúde pública, tornando-se o planejamento familiar imprescindível para garantir um melhor desenvolvimento social da família, tratando desde questões referentes a educação materno-infantil até a orientação da escolha adequada dos métodos contraceptivos, prevenção de uma gravidez não desejada, diagnóstico e tratamento diante de suas adversidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A gravidez é um momento especial na vida de qualquer mulher e requer inúmeros preparativos, mas ela pode se tornar um pesadelo dependendo da forma como ela é conduzida e tratada, pois diversos fatores podem vir a intervir durante a gestação ou após o nascimento do bebê. Tornam-se fundamentais as consultas ao obstetra e ao psicólogo, pois fazem com que iniciem uma gestação mais saudável na perspectiva física e psicossocial.

No decorrer do trabalho, percebemos que é necessário dar mais atenção tanto na saúde reprodutiva da mulher como nas consequências psicossociais que a condição pós-parto causa em sua vida, pois em muitos casos o recém-nascido é quem recebe maior atenção. Porém, a saúde, bem-estar e desenvolvimento deste dependem da saúde mental materna e os primeiros contatos que o bebê faz com o mundo externo ocorrem através da sua mãe, sendo fundamental garantir-lhe assistência e apoio frente a sinais de sofrimento físico, emocional ou de ambos.

REFERÊNCIAS

- ALIANE, P. P.; MAMEDE, M. V.; FURTADO, E. F. Revisão sistemática sobre fatores de risco associados à depressão pós-parto. **Psicol. pesq.**, Juiz de Fora, v. 5, n. 2, p. 146-155, dez. 2011. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472011000200007. Acesso em: 23 jul. 2021.
- ARRAIS, A. R.; LORDELLO, S. R.; CAVADOS, G. C. F. O pré-natal psicológico como fator de proteção à depressão pós-parto. In: MURTA S. G. *et al.* (ed.). **Prevenção e promoção em saúde mental: fundamentos, planejamento e estratégias de intervenção**. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2015. p. 601-621.
- ARRAIS, A. R.; ARAUJO, T. C. C. F.; SCHIAVO, R. A. Fatores de risco e proteção associados à depressão pós-parto no pré-natal psicológico. **Psicol. cienc. prof.**, [s.l.], v. 38, n. 4, oct./dec. 2018. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pcp/a/nzLTSHjFFvb7BWQB4YmtSmm/?lang=pt>. Acesso em: 23 jul. 2021.

ARRAIS, A. R.; MOURÃO, M. A.; FRAGALLE, B. O pré-natal psicológico como programa de prevenção à depressão pós-parto. **Revista Saúde e Sociedade**, [s.l.], v. 22, n. 3, p. 251-264, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/ScBXWZFtCyVFXXfzs8jQRmp/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 23 jul. 2021.

BOYCE, P. M. Risk factors for postnatal depression: a review and risk factors in Australian populations. **Arch. Womens Ment Health**, [s.l.], v. 2, p. 43-50, 2003.

BRASIL. Lei nº 9.263, de 12 de janeiro de 1996. Regula o § 7º do art. 226 da Constituição Federal, que trata do planejamento familiar, estabelece penalidades e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 561, 15 jan. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19263.htm. Acesso em: 25 jul. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Programa nacional de humanização da assistência hospitalar**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2001. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnhah01.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Rede cegonha**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2011.

CAMACHO, R. S. *et al.* Transtornos psiquiátricos na gestação e no puerpério: classificação, diagnóstico e tratamento. **Rev. Psiquiatr. Clín.**, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 92-102, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpc/a/thPtpV468Ff9sQSqd7VcxRt/?lang=pt>. Acesso em: 23 jul. 2021.

CAMPOS, B. C.; RODRIGUES, O. M. P. R. Depressão pós-parto materna: crenças, práticas de cuidado e estimulação de bebês no primeiro ano de vida. **Revista Psico.**, Porto Alegre, v. 46, n. 4, p. 483-492, out-dez. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psico/v46n4/09.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2021.

CUNHA, A. B. *et al.* A importância do acompanhamento psicológico durante a gestação em relação aos aspectos que podem prevenir a depressão pós-parto. **Revista Saúde e Pesquisa**, [s.l.], v. 5, n. 3, p. 579-586, set./dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/saudpesq/article/view/2427/1812>. Acesso em: 23 jul. 2021.

GOMES, L. A. *et al.* Identificação dos fatores de risco para depressão pós-parto: importância do diagnóstico precoce. **Rev. Rene**, Fortaleza, v. 11, n. especial, p. 117-123, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=324027973013>. Acesso em: 23 jul. 2021.

GUEDES, A. C. E. *et al.* Depressão pós-parto: incidência e fatores de risco associados. **Rev. Med.**, São Paulo, v. 90, n. 3, p. 149-54, jul./set. 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistadc/article/view/58907/61885>. Acesso em: 23 jul. 2021.

GUEDES-SILVA, D. *et al.* Depressão pós-parto: prevenção e consequências. **Revista mal-estar e subjetividade**, Fortaleza, p. 439-450, set. 2003. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v3n2/10.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2021.

IBANEZ, C. N. **Depressão pós-parto**: uma revisão de literatura. 2018. 28 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) — Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2018. Disponível em:

<https://inisa.ufms.br/files/2019/04/DEPRESS%C3%83O-P%C3%93S-PARTO-UMA-REVIS%C3%83O-DE-LITERATURA.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2021.

KLAUS, M.; KENNEL, J.; KLAUS, P. **Vínculo**: construindo as bases para um apego seguro e para a independência. Porto Alegre: Artes Médicas, 2007.

LEARMAN, L. A. Screening for depression in pregnancy and the postpartum período. **Clín. Obstet. Gynecol.**, [s.l.], v. 61, n. 3, p. 525-532, 2018.

PEREIRA, D. M.; ARAÚJO, L. M. B. Depressão pós-parto: uma revisão de literatura. **Braz. J. Hea. Rev.**, Curitiba, v. 3, n. 4, p. 8307-8319, jul./ago. 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/13286/11167>. Acesso em: 23 jul. 2021.

PICCININI, C. A. *et al.* Gestação e a constituição da maternidade. **Psicol. Estud.**, Maringá, v. 13, n. 1, p. 63-72, jan./mar. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/dmBvk536qGWLgSf4HPTPg6f/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 23 jul. 2021.

SÁ, M. F. S.; MEDEIROS, S. F. (ed.). Depressão pós-parto: o abismo imenso que vai do diagnóstico ao tratamento adequado. **FEMINA**, São Paulo, v. 48, n. 8, p. 454-461, 2020. Disponível em: <https://www.febrasgo.org.br/media/k2/attachments/EdioZWebZAtualizada.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2021.

SCHWENGBER, D. D. S.; PICCININI, C. A. O impacto da depressão pós-parto para a interação mãe-bebê. **Estudos de psicologia**, Natal, v. 8, n. 3, p. 403-411, set./dez. 2003. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/23160/000436134.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23 jul. 2021.

SOUSA, P. H. S. F. *et al.* Enfermagem na prevenção da depressão pós-parto. **Braz. J. of Develop.**, Curitiba, v. 6, n. 10, p. 77744 -77756, oct. 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/18189/16335>. Acesso em: 23 jul. 2021.

SOUZA, A. R. *et al.* Estresse e ações de educação em saúde: contexto da promoção da saúde mental no trabalho. **Rev. Rene.**, Fortaleza, v. 8, n. 2, p. 26-34, 2007. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/rene/article/view/5290>. Acesso em: 26 jul. 2021.

SPLITZER, R. L. *et al.* Validity and utility of the PRIME-MD patient health questionnaire in assessment of 3000 obstetric-gynecologic patients: the PRIME-MD Patient Health Questionnaire Obstetrics-Gynecology Study. **Am. J. Obstet. Gynecol.**, v. 183, n. 3, p. 759-769, 2000.

TAVARES, M.; BOTELHO, M. Prevenir a depressão pós-parto: uma análise ao conhecimento existente. **Pensar Enfermagem**, [s.l.], v. 13, n. 2, 2. sem. 2009. Disponível em: https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/23967/1/2009_13_2_19-29%281%29.pdf. Acesso em: 23 jul. 2021.

THUMÉ, E. *et al.* Formação e prática de enfermeiros para Atenção Primária à Saúde – avanços, desafios e estratégias para fortalecimento do Sistema Único de Saúde. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 42, n. especial 1, set. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/GnsG3ZWVxkVkSFPGNXVxmQF/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 23 jul. 2021.

ZANOTTI, D. V. *et al.* Identificação e intervenção no transtorno psiquiátrico e intervenção no transtorno, associadas ao puerpério: a colaboração do enfermeiro psiquiatra. **Nursing**, São Paulo, v. 61, n. 6, p. 36-42, 2003. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/bde-16505>. Acesso em: 23 jul. 2021.

Capítulo 8

***COVID-19 E GESTANTES NO
CONTEXTO DA PANDEMIA: UM
ESTUDO RELACIONAL ENTRE
FATORES DE RISCO E
MORTALIDADE***

COVID-19 E GESTANTES NO CONTEXTO DA PANDEMIA: UM ESTUDO RELACIONAL ENTRE FATORES DE RISCO E MORTALIDADE

Ana Caroline Freitas da Silva¹
Everton Rodrigues Mota¹
Vitória Pereira Freires¹
Edwiges Maiara Florencio Cruz²
Daniele Vasconcelos Fernandes Vieira³
Ismael Moreira de Sousa⁴

RESUMO

A presença do vírus SARS-coV-2 foi identificada na China, no final do ano de 2019. Esse microrganismo causa a doença conhecida como COVID-19, sendo os grupos mais atingidos por essa síndrome os idosos, diabéticos, hipertensos, pessoas com doenças respiratórias, entre outros. Outro grupo notório e digno de ser pontuado seriam as mulheres em período gestacional, visto que estão mais suscetíveis a patógenos respiratórios durante a gestação devido às alterações imunobiológicas e adaptações fisiológicas. Objetivou-se discutir a relação COVID-19 e gestantes no contexto da pandemia. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de natureza básica, cujos dados foram coletados nas bases de dados *Scientific Eletronic Library OnLine* (SCIELO) e Google Acadêmico de forma qualitativa no período de fevereiro e março de 2021. Compuseram o corpo de análise desse estudo 7 artigos publicados em revistas científicas no período dos últimos dois anos. A análise dos artigos permitiu evidenciar a existência de duas categorias principais: índices de mortalidade em gestantes e não gestantes com COVID-19 e riscos da Covid-19 em gestantes. Conclui-se que deve haver uma intensificação dos cuidados de profissionais da saúde à gestante contaminadas com o novo coronavírus, além da necessidade de realizar mais pesquisas para prover um maior embasamento técnico aos profissionais que lidam com as gestantes em meio a pandemia, a fim de apoiar no desenvolvimento de ações.

Palavras-chave: mortalidade; coronavírus; COVID-19; gravidez.

¹ Estudante do Curso Técnico em Enfermagem. Escola Estadual de Educação Profissional (EEEP) Ícaro de Sousa Moreira.

² Enfermeira - Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Residência em Saúde da família e comunidade - Escola de Saúde Pública do Ceará (ESP/CE). Professora orientadora de Estágio da EEEP Ícaro de Sousa Moreira. *E-mail:* edwigesf@gmail.com

³ Enfermeira - Universidade Estadual do Ceará (UECE). Doutoranda em Linguística Aplicada - Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA)/UECE.

⁴ Enfermeiro - Faculdade de Ensino e Cultura do Ceará (FAECE). Mestrando em Enfermagem - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Especialista em saúde da Família - Centro Universitário Ateneu (UniATENEU).

INTRODUÇÃO

De acordo com Tesini (2020), os coronavírus são uma grande família de vírus que na maioria das vezes afetam os animais. No entanto, sete tipos desse agente infeccioso causam doenças respiratórias nos seres humanos, que variam em gravidade desde um resfriado até uma pneumonia que pode levar a morte.

A Síndrome Respiratória Aguda Grave do Coronavírus 1 (SARS-COV-1), foi identificada pela primeira vez em 2002, na China e se espalhou para diversos locais. Já a SARS-COV-2 foi descoberta pela primeira vez também na China no final de 2019, como causador da doença COVID-19, que se espalhou por todo o mundo tornando-se uma pandemia. “Na COVID-19 os sintomas clínicos são: febre, tosse, falta de ar e pneumonia, entre outros” (TESINI, 2020).

Segundo Schueler (2020), a Organização Mundial da Saúde (OMS) considera pandemia a disseminação mundial de uma nova doença e o termo é usado quando há um surto de uma doença, que afeta uma região e se espalha por diferentes continentes com transmissão sustentada de pessoa para pessoa. Os principais grupos de pessoas que são atingidas de forma grave pela COVID-19 são os idosos, diabéticos, hipertensos e pessoas com insuficiência cardíaca, renal, além de grupos que tenham alterações respiratórias como é o caso das grávidas, que podem ficar mais expostas e terem complicações decorrentes da doença, podendo levar até a morte.

Conforme Dias *et al.* (2015), morte materna é definida pela OMS como: morte de uma gestante no período gestacional ou no período de 42 dias após o término da gestação, independentemente do tempo ou do local de implantação, devida a qualquer causa relacionada ou agravada pela gravidez ou por medidas tomadas em relação a ela, porém não devida a causas acidentais ou incidentais.

Sabe-se ainda que, segundo Furlan *et al.* (2020), as mulheres grávidas são suscetíveis aos patógenos respiratórios devido às alterações imunobiológicas e adaptações fisiológicas durante a gestação como a elevação do diafragma, aumento do consumo de oxigênio e edema da mucosa do trato respiratório. Desse modo, as mulheres grávidas se tornaram um grupo de risco para morbidade e mortalidade pela COVID-19. A incidência de mais um fator de adoecimento aumentou o estresse nas grávidas bem como pode potencializar a ocorrência de complicações gravídicas já existentes como pré-eclâmpsia, depressão, trabalho de parto prematuro e baixo peso do recém-nascido. Contudo, ainda não há estudos que comprovem que

a SARS-COV-2 pode ser transmitida da mãe para o feto, pois há poucas pesquisas que mostram os desfechos clínicos da COVID-19 durante a gravidez e parto.

Após análises de reportagens e pesquisas sobre dados e painéis diários da COVID-19, diversas curiosidades surgiram a respeito de como o vírus se comporta no organismo da gestante e quais os perigos que ele pode trazer, justificando assim a elaboração do estudo sobre a temática. Nesse sentido, é relevante discutir esse assunto, visto que o debate da temática ainda acontece timidamente no que tange às produções científicas, ficando várias questões em aberto e dúvidas na população. Dessa forma, o presente trabalho tem o objetivo de discutir a relação COVID-19 e gestantes no contexto da pandemia e relacionar aos fatores de risco e mortalidade.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo bibliográfico de natureza básica, com objetivos exploratórios e descritivos e abordagem qualitativa.

“A revisão bibliográfica, ou revisão da literatura, é a análise crítica, meticulosa e ampla das publicações correntes em uma determinada área do conhecimento” (TRENTINI; PAIM, 1999, p. 68). Já para Martins e Pinto (2001), a pesquisa bibliográfica procura explicar e discutir um tema com base em referências teóricas publicadas em livros, revistas, periódicos e outros, além de busca conhecer e analisar conteúdos científicos sobre determinado assunto.

Conforme Diana (2017), a pesquisa qualitativa é traduzida por aquilo que não pode ser mensurável, pois a realidade e o sujeito são elementos indissociáveis. Assim sendo, quando se trata do sujeito, levam-se em consideração seus traços subjetivos e suas particularidades. Tais pormenores não podem ser traduzidos em números quantificáveis. Já a pesquisa descritiva tem por objetivo descrever as características de uma população, de um fenômeno ou de uma experiência.

Em conformidade com Marconi e Lakatos (2007), podemos incluir no estudo as consultas à base de dados, periódicos e artigos indexados com o objetivo de enriquecê-lo. Este tipo de pesquisa tem como principal objetivo colocar o pesquisador em contato com o que foi escrito, falado ou gravado sobre determinada temática. Dessa forma, o presente trabalho tomou como base a seguinte questão: qual a relação entre a COVID-19 e gestantes no contexto da pandemia e a relação com fatores de risco e mortalidade?

A coleta de dados ocorreu no período de fevereiro e março de 2021, nas bases de dados *Scientific Eletronic Library OnLine* (SCIELO) e Google Acadêmico, por cruzamento dos seguintes descritores: Mortalidade, Coronavírus, COVID-19 e Gravidez, unindo os mesmos

com operador booleano “AND”. Houve delimitação de data para as publicações dos últimos dois anos, tendo em vista como justificativa o período em que o vírus foi identificado e a pandemia se estabeleceu. Foram utilizados como critério de inclusão: os artigos estarem disponíveis na íntegra em português e de exclusão: artigos repetidos, teses, dissertações e resumos.

O escopo que embasou o trabalho foi composto por toda a literatura relacionada ao tema de estudo, indexada nos bancos de dados SCIELO e Google Acadêmico. Quanto à amostra, os artigos foram selecionados a partir da variável de interesse, totalizando 23 artigos. A seleção foi realizada a partir da leitura criteriosa dos artigos, sendo selecionada apenas a literatura que atendia aos critérios de inclusão e exclusão definidos neste estudo. Após a coleta dos dados, foi feita a leitura de todo material e as principais informações foram compiladas.

Figura 2 – Triagem dos trabalhos identificados

Fonte: elaborada pelos autores (2021).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os artigos selecionados foram lidos e submetidos à análise e discussão baseados em categorias. Segundo Minayo (2001), categoria se refere a um conceito que envolve diversos aspectos com características comuns ou que se relacionam entre si, além de estar ligada ao sentido de classe ou série e juntar elementos, ideias ou expressões capazes de abranger tudo isso, podendo ser utilizado em qualquer tipo de análise em pesquisa qualitativa.

Quadro 1 – Comparativo entre os estudos selecionados. Fortaleza, CE, 2021

Título do artigo	Ano de publicação	Revista/periódico	Método	Objetivo
Covid-19 na Gravidez, o que sabemos?	2020	Acta Obstétrica e Ginecológica Portuguesa	Editorial	Expor informações sobre a evolução e as implicações da COVID-19 na Gravidez.
COVID-19: Um Novo Desafio para a Cardiopatia na Gravidez	2020	Arquivos Brasileiros de Cardiologia	Editorial	Informar por que grávidas com cardiopatia ou hipertensão arterial e infecção pelo SARS-CoV-2 devem ser consideradas grupo de alto risco para mortalidade.
Gestantes no contexto da pandemia da Covid-19: reflexões e desafios	2020	Revista de Saúde Coletiva	Comentário	Refletir sobre o bem-estar da gestante em tempos de pandemias da Covid-19 e a importância do cuidado profissional, sobretudo de enfermeiras, a fim de superar os inúmeros desafios que permeiam esse contexto
Gravidez e Coronavírus	2020	Acta Obstétrica e	Normas de orientação	Orientações clínicas perante uma infecção por

2019 (Covid-19): o que os obstetras precisam saber		Ginecológica Portuguesa	clínica	COVID-19 na gravidez.
Gravidez e infecção por Coronavírus: desfechos maternos, fetais e neonatais	2020	Revista Cuidarte	Revisão bibliográfica	Descrever os desfechos clínicos durante a gestação em mulheres que tiveram SARS-CoV 1 e SARS-CoV 2 e seu impacto na saúde fetal e no recém-nascido.
Infecção por COVID-19 em Gestante Cardiopata	2020	Arquivos Brasileiros de Cardiologia	Carta científica	Descrever os impactos da COVID-19 em gestantes.
Nota rápida de evidência: observações sobre condições de risco para o agravamento ou morte por COVID 19	2020	BSB - Manuais e Procedimentos Técnicos	Revisão Sistemática	Indicar os fatores de risco para COVID-19

Fonte: elaborado pelos autores (2021).

A análise dos dados indicou que, apesar da importância da temática, há ainda poucas pesquisas que estão direcionadas para este assunto. Além disso, quando se observa o início de publicações relacionadas ao coronavírus em 2020, a maior concentração de publicações ocorre até o mês de outubro. De acordo com Jansen (2020), existem 168.546 publicações científicas relacionadas à doença em todo o mundo e dessa produção total cerca de 4.029 foram feitas no Brasil, ocupando a 11ª colocação no ranking dos países que mais publicaram estudos sobre a COVID-19 desde o início da pandemia.

Cabe destacar que os primeiros artigos publicados em revistas científicas foram em fevereiro de 2020, assim inaugurando o debate sobre a temática. Verificou-se que foi a partir

da intensificação do debate sobre as consequências do novo Coronavírus que as autoridades brasileiras começaram a se preocupar com essa questão, ocorrendo uma forte veiculação através da mídia, informando a população sobre os casos e mortes ocasionados pela doença.

O Brasil é um país que tem o índice de mortalidade materna muito alta durante a pandemia. A partir disso, mediante pesquisas de Souza (2020) divulgadas em julho pelo *International Journal of Gynecology and Obstetrics*, o Brasil concentrava 77% das mortes de mulheres grávidas ou puérperas, em decorrência do coronavírus, no mundo.

A análise das publicações que compuseram este estudo possibilitou elaborar as seguintes categorias, que revelam as tendências da produção científica: índices de mortalidade em gestantes e não gestantes com COVID-19 e riscos da COVID-19 em gestantes.

Índices de mortalidade em gestantes e não gestantes com COVID-19

Conforme Albuquerque (2020), os índices de gravidez aumentaram durante a pandemia de COVID-19. Somente em Campo Grande houve um crescimento de 61% em relação ao mesmo período de 2019 e em consequência disso o registro de consultas de pré-natal pelo Sistema Único de Saúde também aumentou 61,50%. Segundo o estudo, o isolamento social foi um dos fatores que contribuíram para a elevação desses índices. Em contraponto ao alto número de mulheres grávidas durante a pandemia de COVID-19, está o elevado índice de mortalidade em gestantes que, devido à gestação, ficam mais expostas a patógenos respiratórios.

Os índices de mortalidade em gestantes com COVID-19 foi o achado mais expressivo entre as publicações da enfermagem brasileira sobre o tema, aparecendo nos artigos: “COVID-19 na Gravidez, o que sabemos?”, “COVID-19: Um Novo Desafio para Cardiopatia na Gravidez” e “Infecção por COVID-19 em gestante cardiopata”. Nesses artigos, são apontadas discussões acerca da importância de as grávidas serem consideradas grupo de risco, tendo como base índices de mortalidade em gestantes. Além disso, vários autores mencionam a importância de se discutir mais sobre as consequências da COVID-19 na gestante e feto, e quais problemas pode ocasionar.

Outro aspecto mencionado refere-se à necessidade de intensificação de pesquisas sobre o tema, no sentido de promover conscientização e mudança de postura no comportamento das grávidas em relação aos cuidados que devem ser tomados. Acredita-se que seja necessário investir no processo de pesquisas relacionando à prevenção e controle da infecção nas grávidas, bem como na sociedade em geral, visando uma maior conscientização dos sujeitos em seu

ambiente de convivência. Esse processo de sensibilização de todos os envolvidos torna-se crucial para a efetividade do processo, na abordagem integral da relação gravidez e Coronavírus.

Diante desse contexto, é necessário que seja dada uma atenção maior as gestantes infectadas pelo Coronavírus, visto que o índice de mortalidade é mais alarmante. Conforme Olivieri (2020), por meio de dados divulgados pelo Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC), até junho de 2020, cerca de 27 milhões de pessoas se infectaram por COVID-19 no mundo, sendo 31,5% mulheres grávidas em comparação com 5,8% de mulheres não grávidas.

Riscos da COVID-19 em gestantes

Embora os riscos aconteçam de modo similar entre as gestantes, pode haver influências para agravamento do quadro e morte relacionados a raça e tipo de variante viral contraída. Vamos frisar os índices de mortalidade comparados em gestantes brancas e negras.

De acordo com Souza (2020), no artigo “Impacto desproporcional da Covid-19 entre mulheres pretas grávidas e puérperas no Brasil através da lente do racismo estrutural”, publicado na revista *Clinical Infectious Diseases*, evidencia que a probabilidade de uma mulher negra morrer é de 17%, enquanto em mulheres brancas é de 8,9%. Um dos possíveis fatores determinantes é a situação socioeconômica, pois a maioria das mulheres negras estão situadas em periferias e inseridas na classe média baixa, assim dificultando seu acesso à assistência técnica hospitalar e consequentemente tendo o agravamento dos sintomas, como saturação baixa (quantidade de oxigênio no sangue). Já as brancas estão, em sua maioria, inseridas na classe média alta, assim favorecendo seu ingresso à assistência clínica com mais rapidez. Diante disso o nível de internação de mulheres negras é o dobro das mulheres brancas, necessitando de ventilação mecânica, o que em alguns casos leva a óbito.

Ainda convém ressaltar que, segundo Furlan *et al.* (2020), evidencia-se o índice de mortalidade das gestantes infectadas por duas variantes diferentes de Coronavírus, a SARS-COV-1 e a SARS-COV-2. É importante salientar que, desde 2004, não se identifica mais casos de SARS-COV-1. Os sintomas mais comuns na admissão hospitalar foram: febre (43,58%) e tosse (21,62%). Em análise dos dados, um total de cerca de 399 grávidas foram incluídas nesse estudo. O número de óbitos entre as grávidas foi de 12, sendo 10 por SARS-CoV-1 e 2 por SARS-CoV-2. A taxa de admissão em UTI devido às complicações por pneumonia foi de 7,26% entre as gestantes com SARS-CoV-1 e SARS-CoV-2. Embora possa evidenciar que a SARS-COV-2 tenha um índice de mortalidade alto visto que muitas grávidas estão morrendo ao serem

infectadas por esse vírus, a SARS-COV-1 supera esses índices, ou seja o tipo 1 era mais perigoso para as gestantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das publicações produzidas por pesquisadores brasileiros acerca da relação COVID-19 e gestantes possibilitou verificar que as principais temáticas abordadas nos estudos foram direcionadas para os índices de mortalidade em gestantes e não gestantes com COVID-19 e para os riscos ao público das grávidas com COVID-19.

Diante dos índices apresentados, percebe-se que mais pesquisas devem ser feitas para investigar de fato o quê o Coronavírus pode ocasionar na grávida e no feto, além da atenção de órgãos governamentais com as gestantes, visto que o índice de infecção nas mulheres grávidas em relação as não grávidas é maior e acarreta diversas consequências, tanto na continuidade da gestação como no puerpério.

Diante das possíveis complicações enfrentadas pelo binômio, faz-se necessário refletir sobre o tema gestação em tempos de pandemia de Coronavírus e a importância dos cuidados profissionais, sobretudo de enfermeiras e médicos obstetras, com o intuito de superar os inúmeros problemas que permeiam esse contexto, além da necessidade de se ter um atendimento mais especializado para grávidas acometidas pelo vírus.

Podemos destacar como principal limitação desse trabalho, a lacuna científica do tema, ou seja, o número reduzido de pesquisas encontradas na base de dados não nos permitiu fazer afirmações mais contundentes sobre a temática. Observa-se a urgência no desenvolvimento de pesquisas, preferencialmente com participação ativa das grávidas infectadas pelo Coronavírus, uma vez que o debate sobre essa problemática ainda acontece timidamente, o que não é coerente se considerada a importância do problema e dos impactos que possam ser gerados nas gestantes.

Por fim, esse aprofundamento é de suma importância para prover aos profissionais que lidam com as gestantes em meio a pandemia um maior embasamento técnico e apoio no desenvolvimento de ações que reforcem um cuidado maior das grávidas em relação a prevenção desse vírus. Assim, esperamos que os achados desta pesquisa atraiam a atenção para o tema e possam contribuir para que outros pesquisadores utilizem nossas conclusões como base para novos estudos.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, D. Em ano de pandemia, gravidez aumentou 61% em Campo Grande, MS. **Correio do Estado**, Campo Grande, 7 set. 2020. Disponível em: <https://correiodoestado.com.br/cidades/em-ano-de-pandemia-gravidez-aumentou-61/376892>. Acesso em: 22 mar. 2021.
- AVILA, W. S.; CARVALHO, R. C. COVID-19: Um novo desafio para a cardiopatia na gravidez. **Arq. Bras. Cardiol.**, São Paulo, v. 115, n. 1, p. 1-4, jul. 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0066-782X2020000800001&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 25 fev. 2021.
- CAMARGO, E. B.; ELIAS, F. T. S. **Nota rápida de evidência:** observações sobre condições de risco para o agravamento ou morte por COVID 19. Brasília, DF: Fiocruz Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/42575>. Acesso em: 22 mar. 2021.
- DIANA, J. Pesquisa descritiva, exploratória e explicativa. **Diferença**, [s.l.], 2017. Disponível em: <https://www.diferenca.com/pesquisa-descritiva-exploratoria-e-explicativa/>. Acesso em: 22 mar. 2021.
- DIAS, J. M. G. *et al.* Mortalidade materna. **Rev. Med. Minas Gerais**, [s.l.], v. 25, n. 2, p. 173-179, 2015. Disponível em: <http://www.rmmg.org/artigo/detalhes/1771#>. Acesso em: 20 fev. 2021.
- ESTRELA, F. M. *et al.* Gestantes no contexto da pandemia da Covid-19: reflexões e desafios. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 30, n. 2, p. 1-5, jul. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/zwPkqzqfcHbRqyZNxzfrg3g/?lang=pt>. Acesso em: 23 fev. 2021.
- FURLAN, M. C. R. *et al.* Gravidez e infecção por Coronavírus: desfechos maternos, fetais e neonatais – Revisão sistemática. **Rev. Cuid.**, Bucaramanga, v. 11, n. 2, e1211, Aug. 2020. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2216-09732020000200407&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 26 fev. 2021.
- HOLANDA, L. S. *et al.* Infecção por COVID-19 em Gestante Cardiopata. **Arq. Bras. Cardiol.**, São Paulo, v. 115, n. 5, p. 936-938, nov. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/abc/a/FHRcpqd3sjN6v7XgV7CQVBq/?lang=pt>. Acesso em: 26 jul. 2021.
- JANSEN, R. Brasil é o 11º em nº de publicações científicas sobre covid; USP lidera entre instituições do País. **Terra**, [s.l.], 22 nov. 2020. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/ciencia/brasil-e-o-11-em-n-de-publicacoes-cientificas-sobre-covid-usp-lidera-entre-instituicoes-do-pais,bbc816dc0bcba4daae19109b4ed16c7f8ntcmng5.html>. Acesso em: 27 fev. 2021.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- MARTINS, G. A.; PINTO, R. L. **Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos.** São

Paulo: Atlas, 2001.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVIERI, J. Mulheres infectadas: grávidas fazem parte do grupo de risco da Covid-19? **PEBMED**, [s.l.], 14 dez. 2020. Disponível em: <https://pebmed.com.br/mulheres-infectadas-gravidas-fazem-parte-do-grupo-de-risco-da-covid-19/>. Acesso em: 26 fev. 2021.

RAMALHO, C. COVID-19 na gravidez, o que sabemos? **Acta Obstet. Ginecol. Port.**, Coimbra, v. 14, n. 1, p. 6-7, mar. 2020. Disponível em http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1646-58302020000100001&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 26 fev. 2021.

SCHUELER, P. O que é uma pandemia. **Fiocruz**, Rio de Janeiro, 14 out. 2020. Disponível em: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia>. Acesso em: 20 fev. 2021.

SOUZA, A. **O que explica a taxa de mortes de gestantes por Covid-19 no país**. **Portal Lunetas**, [s.l.], 22 set. 2020. Disponível em: <https://lunetas.com.br/o-que-explica-a-taxa-de-mortes-de-gestantes-por-covid-19-no-pais/#caderno>. Acesso em: 26 fev. 2021.

SPOMMF. Gravidez e Coronavírus 2019 (COVID-19): o que os obstetras precisam saber. **Acta Obstet. Ginecol. Port.**, Coimbra, v. 14, n. 1, p. 45-46, mar. 2020. Disponível em http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1646-58302020000100011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 24 fev. 2021.

TESINI, B. L. Coronavírus e síndromes respiratórias agudas (covid-19, mers e sars). **Manual MSD**, [s.l.], 2020. Disponível em: <https://www.msdmanuals.com/pt/profissional/doen%C3%A7as-infecciosas/v%C3%ADrus-respirat%C3%B3rios/coronav%C3%ADrus-e-s%C3%AAdndromes-respirat%C3%B3rias-agudas-covid-19-mers-e-sars>. Acesso em: 20 fev. 2021.

TRENTINI, M.; PAIM, L. **Pesquisa em enfermagem: uma modalidade convergente assistencial**. Florianópolis: UFSC, 1999.

Capítulo 9

*CARACTERIZAÇÃO DA
SÍNDROME DE BURNOUT EM
PROFISSIONAIS DE
ENFERMAGEM: REVISÃO
NARRATIVA*

CARACTERIZAÇÃO DA SÍNDROME DE BURNOUT EM PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM: REVISÃO NARRATIVA

Francisca Thayná Ferreira do Monte¹

Maria Kailany Barros de Sousa¹

Andréia Elane Silveira²

Marcélid Berto da Costa³

RESUMO

A síndrome de Burnout corresponde ao estresse laboral crônico que envolve atitudes comportamentais negativas relacionadas ao trabalho. O presente estudo buscou, a partir da literatura, evidenciar a síndrome de Burnout em profissionais de enfermagem, debatendo pontos que caracterizam a doença. Trata-se de uma revisão de literatura narrativa, de natureza básica, objetivos exploratórios e descritivos e abordagem qualitativa. Foram utilizados como fonte de pesquisa os artigos científicos nas bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), cujo delineamento temporal se deu entre os anos de 2009 e 2020, anos de maior afastamento laboral em virtude da síndrome. O período de coleta dos dados aconteceu entre fevereiro e março de 2021. Com base nos artigos descritos observou-se que a síndrome acarreta prejuízos ao profissional, ao paciente e a instituição, onde se faz necessário o conhecimento da doença para preveni-la ou minimizá-la.

Palavras-chave: síndrome; Burnout; profissionais; enfermagem.

INTRODUÇÃO

O estresse é definido como desgaste do organismo que alavanca as alterações do desvio da normalidade fisiológica humana (psicofisiológico), que ocorrem quando o indivíduo é exposto a situações que lhe amedronte, irrite ou lhe faça extremamente infeliz. Alguns autores citam que se trata de um vocábulo introduzido como sinônimo de frustração, cansaço,

¹ Discente do Curso Técnico em Enfermagem da Instituição Ícaro de Sousa Moreira.

² Enfermeira - Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Especialista em Saúde da Família - Universidade Federal do Ceará (UFC). Docente do Curso Técnico em Enfermagem da Instituição Ícaro de Sousa Moreira.

³ Enfermeira - UNIFOR. Mestre em Ensino na Saúde - Universidade Estadual do Ceará (UECE). Coordenadora Curso Técnico em Enfermagem e Docente na instituição Ícaro de Sousa Moreira.

ansiedade, desamparo e desmotivação, sendo responsável por grande parte dos problemas, em centros urbanos (MENECHINI; PAZ; LAURTER, 2011).

Segundo dados do *International Stress Management Association* (ISMA) Brasil, 70% dos brasileiros acabam tendo problemas com o estresse, dos quais 30% podem desenvolver o Burnout (PORTELA *et al.*, 2015).

O estresse ocupacional ou laboral (vinculado ao trabalho) encontra-se ligado à falta de capacidade do trabalhador de se (re)adaptar a situações adversas cotidianas. Os mesmos referem-se às perturbações psicológicas e psíquicas associadas às vivências de trabalho. Os principais fatores que o provocam estão ligados à organização, administração, sistema de trabalho e as relações humanas. Portanto, deve-se entender que o esgotamento laboral não está ligado somente ao meio externo, a qual o trabalhador se inter-relaciona, mas também a problemas internos do trabalhador (SILVA *et al.*, 2019).

Na atualidade existe uma preocupação com a saúde mental dos trabalhadores da área da saúde. É visto o aumento de afastamentos permanentes do trabalho por doenças mentais. Estudos relatam ocorrências de transtornos mentais comuns (TMC) em profissionais da enfermagem (COUTO *et al.*, 2014).

As condições de trabalho da equipe de enfermagem têm sido consideradas inapropriadas em relação aos aspectos do ambiente gerador de riscos à saúde mental. Alguns exemplos das dificuldades encontradas por estes profissionais são: remuneração inadequada; sobrecarga de trabalho, jornadas e turnos exaustivos influenciando a fadiga, mudanças constantes de setor; desvalorização da profissão e carga psíquica, podendo desencadear a síndrome de Burnout (SILVA *et al.*, 2019).

Esta síndrome é caracterizada por três componentes que afetam o profissional. A primeira é a exaustão emocional, que é diagnosticada a partir da falta de energia, derivado tanto do esgotamento mental ou físico; a segunda é a despersonalização, que causa o distanciamento do indivíduo com os pacientes tornando a relação desumanizada; e a terceira é a baixa realização profissional, ou seja, a insatisfação com seu desempenho levando a frustração e a baixa autoestima (MARTINS *et al.*, 2019).

A síndrome de Burnout manifesta-se através de quatro classes sintomatológicas sendo: física, defensiva, comportamental e psíquica. Afeta normalmente profissionais cuidadores quando em contato direto com os usuários, destacando-se o profissional de enfermagem que está exposto à sobrecarga física e mental nas demandas de seu trabalho (PORTELA *et al.*, 2015).

Sendo assim, a justificativa em pesquisar sobre a temática dá-se pelo interesse em entender pontos que caracterizam a doença e evidenciam a ocorrência da síndrome de Burnout em profissionais de enfermagem. A pesquisa traz benefícios aos profissionais de enfermagem e a sociedade em geral, permitindo a visibilidade do tema, principalmente considerando o contexto pandêmico da atualidade. A doença, mesmo conhecida, ainda precisa ser divulgada e refletida em virtude da sua alta incidência, tornou-se um tema relevante a ser discutido.

Destarte, o estudo objetiva de forma geral caracterizar a síndrome de Burnout em profissionais de enfermagem, e mais especificamente descrever os fatores desencadeantes da doença, bem como sintomas e consequências, formas de prevenção e tratamento.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de revisão narrativa, de natureza básica, objetivos exploratórios e descritivos e abordagem qualitativa. De acordo com Rother (2007), as revisões narrativas envolvem explanações amplas que buscam discutir determinado tema sem prender-se a um rigor metodológico, ou seja, constitui-se basicamente da análise de publicações através de interpretações e análises críticas do próprio autor.

Os dados aqui apresentados foram selecionados através de um levantamento bibliográfico, em diferentes bases de dados com descritores controlados (Síndrome de Burnout e profissionais de enfermagem) nos seguintes sites: *Brasil Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) e Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) sobre os temas relacionados à Síndrome de Burnout e seus fatores desencadeadores de modo a permitir a visibilidade aos profissionais da saúde e sociedade em geral para o entendimento de fatores, sinais e sintomas, consequências, prevenção e tratamento.

O período do levantamento bibliográfico ocorreu em fevereiro de 2021 a março de 2021 e foi montada uma base de dados com artigos científicos. Os artigos utilizados correspondem ao recorte temporal dos anos de 2009 a 2020, neste período a síndrome se tornou um dos motivos de maiores afastamentos de profissionais de enfermagem, ou seja, se tornando um tema abundantemente estudado em diferentes revistas nas áreas de enfermagem, psicologia e medicina.

Logo após o levantamento bibliográfico, foram selecionados artigos considerados relevantes pelos autores para serem analisados, que deram origem a três categorias de discussão.

RESULTADOS

Foram encontrados 22 artigos. Desses, 12 foram elencados para compor o escopo de análise e outros 10 foram excluídos por não trazerem informações relevantes com relação a síndrome e sim ao estresse, contendo na pesquisa profissionais que não eram da enfermagem e por analisarem apenas a dimensão da exaustão emocional. Estrão descritos no quadro 1 a seguir.

Quadro 1 – Relação dos trabalhos acadêmicos utilizados nesta revisão de literatura

Título	Autor(es)	Ano de publicação	Revista/Editora
Fatores ocupacionais associados aos componentes da síndrome de Burnout em trabalhadores de enfermagem.	Meneghini; Paz; Laurtert.	2011	Texto & Contexto Enfermagem
Risco para o desenvolvimento da síndrome de Burnout nos profissionais do centro de saúde 24 horas do bairro Nova República.	Couto <i>et al.</i>	2014	Revista em Foco - Fundação Esperança
Fatores desencadeantes da síndrome de Burnout nos profissionais de enfermagem: uma revisão integrativa.	Silva <i>et al.</i>	2019	Revista Saúde & Ciência online
Síndrome de Burnout em profissionais de enfermagem de serviços de urgência e emergência	Portela <i>et al.</i>	2015	Revista de pesquisa: Cuidado e Fundamental
Fatores desencadeantes da síndrome de Burnout nos profissionais da área da saúde	Martins <i>et al.</i>	2019	<i>Revista Journal of Health</i>
Síndrome de Burnout enfermeiros: consequências na atividade profissional	Batista <i>et al.</i>	2019	Revista Brasileira Interdisciplinar

Fatores geradores da Síndrome de Burnout em profissionais da saúde Generating factors of Burnout Síndrome in health professionals.	Almeida <i>et al.</i>	2016	Revista de pesquisa: Cuidado e Fundamental Online
Fatores desencadeantes da síndrome de Burnout em enfermeiros	Marques <i>et al.</i>	2019	Revista de Enfermagem - UFPE Online
Fatores que influenciam o desenvolvimento da síndrome de Burnout em profissionais de enfermagem	Andrade	2014	FAEMA
Fatores que influenciam a síndrome de Burnout em graduandos de enfermagem	Araújo	2017	FAEMA
Os fatores desencadeantes para a síndrome de Burnout em profissionais de enfermagem	Souza	2011	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Síndrome de Burnout-Fatores preditores em enfermeiros no pré e intra hospitalar de urgência e emergência	Santos; Souza.	2015	Grupo Tiradentes

Fonte: elaborado pelas autoras (2021).

DISCUSSÃO

Os artigos selecionados foram analisados, e as informações encontradas foram organizadas em três categorias temáticas para permitir melhor compreensão, a saber:

1. Conceituação e caracterização da doença;
2. Sintomas e consequências da síndrome de burnout nos profissionais de enfermagem;
3. Manejo clínico da doença.

Categoria 01 - Conceituando e caracterizando a Síndrome Burnout

O estresse e a síndrome de Burnout

O termo estresse não pode ser confundido com Burnout, pois o estresse gera reações de agressões diversas, podendo causar perturbações do equilíbrio interno do ser humano. No entanto, Burnout corresponde ao estresse laboral crônico que envolve atitudes comportamentais negativas relacionadas ao trabalho. No campo da enfermagem, atinge a organização, os pacientes e o próprio trabalho quando os métodos de enfrentamento são insuficientes. Diante disso, o estresse pode influenciar no seu trabalho, ocasionando uma série de sintomas prejudiciais à saúde, sendo relatados em maior número sintomas psicológicos em relação aos físicos (SILVA *et al.*, 2019; PORTELA *et al.*, 2015; COUTO *et al.*, 2014).

Fica evidente através dos autores analisados que o profissional de enfermagem sofre um desgaste emocional considerável, visto que as sobrecargas bem como as más condições de trabalho acabam afetando o bem-estar físico e mental. Destacam-se alguns sintomas psicológicos e físicos enfrentados pelos mesmos: irritabilidade excessiva, perda do senso de humor, insônia e problemas de memória. Um indivíduo que desenvolve atividades que vão além das suas atribuições (que é, muitas vezes, o caso dos profissionais de enfermagem) acaba sofrendo maior estresse, que acabam repercutindo em sua saúde diminuindo sua imunidade, acarretando o surgimento de doenças e seu agravamento (SILVA *et al.*, 2019; PORTELA *et al.*, 2015; COUTO *et al.*, 2014; ALMEIDA *et al.*, 2016).

Fatores associados ao Burnout

Compreende-se que as atividades realizadas pela enfermagem exigem alto grau de organização, produtividade e a dispensação de tempo, necessitando de um autocontrole emocional. Sabe-se que quando os fatores ocupacionais negativos persistem, podem desencadear a síndrome, estimulando um processo de desgaste gradual do humor e desmotivação (SILVA *et al.*, 2019; PORTELA *et al.*, 2015).

Desenvolveu-se a partir da análise dos resultados dos 12 artigos selecionados, uma lista de correspondência dos fatores desencadeantes da síndrome de Burnout em profissionais de enfermagem e sua citação pelos autores, descritos no quadro 02 a seguir.

Quadro 2 – Fatores desencadeantes da síndrome de Burnout presentes nos artigos selecionados. Fortaleza, CE, 2021

Fatores	Frequência absoluta
Jornada excessiva	06 artigos
Insatisfação profissional	03 artigos
Despersonalização	10 artigos
Exaustão emocional	10 artigos
Estresse	10 artigos
Fadiga laboral intensa	03 artigos
Tempo de formação	04 artigos
Recursos insuficientes	02 artigos
Profissionais do sexo feminino	03 artigos
Contratos temporários	02 artigos
Duplo vínculo empregatício	03 artigos
Ambiente de trabalho	09 artigos
Suporte familiar e social	01 artigo
Desvalorização da profissão (Remuneração inadequada e sobrecarga de trabalho)	08 artigos

Fonte: elaborado pelas autoras (2021), adaptado de Marques (2019).

Exaustão emocional, despersonalização e insatisfação profissional

A exaustão emocional é caracterizada pela falta de energia para lidar com situações do dia a dia, falta de entusiasmo e um sentimento de esgotamento de recursos, derivado tanto do esgotamento mental ou físico. Além disso, trabalhadores que sofrem desgaste emocional relatam insônia, tensão e dor de cabeça constantes (PORTELA *et al.*, 2015; SOUZA, 2011; COUTO *et al.*, 2014).

A despersonalização ocorre quando o trabalhador adota uma atitude negativa especificamente com os seus pacientes, sendo seguido de ansiedade, irritabilidade e falta de motivação. Caracteriza-se por tratar os pacientes, colegas e a instituição como objeto, causando distanciamento do indivíduo tornando a relação desumanizada (COUTO *et al.*, 2014; MARTINS *et al.*, 2019; MENEGHINI; PAZ; LAURTERT, 2011).

O ambiente de trabalho pode ser afetado por fatores existenciais presentes na vida dos trabalhadores da saúde, como jornada prolongada, múltiplas tarefas, ambiente irregular e remuneração inadequada, o que leva o mesmo a trabalhar de forma automática, sem condições de se dedicar as suas habilidades e competências, afetando o seu desempenho, levando o mesmo a frustração, baixa autoestima e consequentemente a depressão (MARTINS *et al.*, 2019; MARQUES *et al.*, 2019). O principal público a ser atingido por estes fatores são as profissionais do sexo feminino.

Na enfermagem, a mulher tende a apresentar uma maior exaustão emocional, devido à dupla jornada (trabalho e casa), já que a predominância do sexo feminino caracteriza a força de trabalho desde o surgimento da enfermagem (MENEHINI; PAZ; LAURTERT, 2011; PORTELA *et al.*, 2015). A enfermagem possui como representatividade duas mulheres (Anna Nery e Florence Nightingale).

Desvalorização da profissão (remuneração inadequada e sobrecarga de trabalho) e a interferência na relação social e familiar

Um fator a que o profissional de enfermagem está exposto e que o prejudica é a sobrecarga de trabalho. Isto faz com que ele perca a qualidade de suas habilidades dentro do ambiente de trabalho, aumentando os níveis de estresse, a falta de tempo, de materiais, de recursos físicos e de organização. A somatização de rotinas acaba muitas vezes a ser um problema grave na vida do indivíduo podendo causar sentimento de frustração, angústia incapacidade e inutilidade (PORTELA *et al.*, 2015; MARTINS *et al.*, 2019; SILVA *et al.*, 2019).

Alguns profissionais para aumentar o salário costumam adquirir outro emprego, visto que o salário oferecido no mercado é baixo tornando obrigatória a dupla jornada em busca de um salário maior, fazendo com que o profissional intensifique o desgaste físico e mental, já que este não absorve a demanda material e humana de novos hábitos (SILVA *et al.*, 2019; PORTELA *et al.*, 2015; MARTINS *et al.*, 2019).

A necessidade de se atingir um nível salarial aceitável para a categoria e para manter estabilidade os obriga a atuar em duplas jornadas, diminuindo consideravelmente o tempo que passam com a família (MARTINS *et al.*, 2019). A falta de um tempo de qualidade com aqueles entes que lhe são queridos, ou com amigos, ou ainda para realizar ações de esporte e lazer privam o indivíduo de se relacionar de forma positiva e saudável com outras pessoas.

Ausência do suporte familiar e social afeta o indivíduo, que perde a confiança e o apoio destas instituições sociais, favorecendo a ocorrência de certas circunstâncias negativas ao ser humano (MARTINS *et al.*, 2019).

Faz-se necessária a atuação efetiva de fiscalização dos órgãos de conselho de classes profissionais, visibilizando as normativas de duplo trabalho, pisos salariais e redução de jornadas com objetivo de reduzir a sobrecarga e proporcionar qualidade de vida à respectiva classe (MARTINS *et al.*, 2019; ANDRADE, 2014).

Também é importante a manutenção do convívio familiar, com comunicação adequada, visando suporte emocional que evite danos a estes laços comuns da vida humana. (MARTINS *et al.*, 2019).

Categoria 02 - Sintomas e consequências da Síndrome de Burnout nos profissionais de enfermagem

A síndrome de Burnout acarreta a perda da qualidade de vida do indivíduo, da sua família e do convívio social, gerando diversos sintomas físicos, defensivos, comportamentais e psíquicos (ANDRADE, 2014; ARAÚJO, 2017) que podem ser observados no quadro 03 a seguir:

Quadro 3 – Sintomas físicos, defensivos, comportamentais e psíquicos apontados nos artigos de inclusão. Fortaleza, CE, 2021

Físicos	Defensivos	Comportamentais	Psíquicos
<ul style="list-style-type: none"> • Fadiga constante e progressiva; • Distúrbios do sono; • Cefaleias, enxaquecas; • Perturbações gastrointestinais; • Imunodeficiência; • Transtornos cardiovasculares; • Distúrbios do sistema respiratório; • Disfunções sexuais; • Alterações menstruais nas mulheres; 	<ul style="list-style-type: none"> • Tendência ao isolamento; • Sentimento de impotência; • Perda de interesse pelo trabalho (até pelo lazer); • Absenteísmo • Ironia; • Cinismo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Negligência ou excesso de escrúpulos; • Irritabilidade; • Incremento de agressividade; • Incapacidade de relaxar; • Dificuldade na aceitação de mudanças; • Perda da iniciativa; • Aumento do consumo de substâncias; • Suicídio. 	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de atenção e concentração; • Alterações de memória; • Lentificação do pensamento; • Sentimento de alienação; • Sentimento de solidão; • Impaciência; • Sentimento de insuficiência; • Baixa autoestima;

<ul style="list-style-type: none"> • Problemas alérgicos; • Gripes e resfriados. 			<ul style="list-style-type: none"> • Labilidade de autoaceitação; • Astenia, desânimo, disforia, depressão; • Desconfiança, paranoia.
--	--	--	--

Fonte: elaborado pelas autoras (2021), adaptado de França *et al.* (2014 *apud* ARAÚJO, 2017).

Baseado nas manifestações sintomáticas aqui apresentadas, é válido ressaltar que o desenvolvimento da síndrome dependerá das características que a pessoa apresenta. Portanto, os sintomas poderão variar em momentos distintos, pois nem todos desenvolveram a síndrome ou apresentaram todos os sintomas (ANDRADE, 2014; SANTOS; SOUZA, 2015; ARAÚJO, 2017).

A síndrome ocasiona diversas consequências aos profissionais nos âmbitos físico e psicológico, gerando sequelas aos ambientes profissional e social. E, devido a sua alta incidência, tornou-se um problema de saúde pública (ARAÚJO, 2017).

O Burnout tem consequências negativas no ambiente laboral, ocasionando a má qualidade do trabalho e atendimento, gerando imprudência, negligência e imperícia além da predisposição a acidentes pela falta de atenção e concentração, levando o abandono do trabalho. (ANDRADE, 2014; ARAÚJO, 2017).

O exercício da profissão reúne diversos fatores que, poderão provocar problemas de saúde. No exercício da profissão existe muita frustração e descontentamento em relação ao trabalho, o que é consequência de uma sobrecarga devido à demanda e falta de profissionais em razão da baixa remuneração (ANDRADE, 2014; BATISTA *et al.*, 2019).

Categoria 03 - Manejo clínico da doença

Medidas preventivas e tratamento do Burnout

A síndrome afeta o desempenho no trabalho e na saúde podendo ser porta de entrada para outras doenças (MARTINS *et al.*, 2019). A constatação precoce da síndrome é necessária para incentivar a adoção de medidas preventivas, como o uso do instrumento de autoavaliação *Maslach Burnout Inventory* (MBI) (ANDRADE, 2014; ARAÚJO, 2017).

As prevenções e intervenções devem ser centralizadas em estratégias individuais, coletivas e organizacionais, podendo auxiliar e diminuir o Burnout e suas consequências sobre a saúde do profissional e da instituição (ANDRADE, 2014).

Diante disso, algumas medidas podem ser utilizadas para prevenir ou reduzir o desencadeamento da síndrome, como: estipulação de piso salarial digno, redução da carga horária e a valorização profissional (SILVA *et al.*, 2019; MARTINS *et al.*, 2019).

É necessário a repercussão de tratamentos que visem a melhoria em âmbitos físicos, como o uso de técnicas de relaxamento, alimentação, exercícios e repouso adequado, incluindo medicação se necessário; já no âmbito psíquico é preciso o auxílio no processo de autoconhecimento, usando métodos psicoterapêuticos e a busca da convivência social; e no tratamento do hábito social, planejar-se economicamente, socialmente e na saúde, planejando também a revisão das formas de organizações do trabalho (ANDRADE, 2014; ARAÚJO, 2017; BATISTA *et al.*, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É perceptível na construção do trabalho, que a síndrome de Burnout ocorre em resposta ao estresse laboral crônico, causada por diversos fatores, acarretando prejuízo ao profissional, a instituição, ao paciente e a sociedade.

A enfermagem torna-se uma das profissões mais estressante, suscetível ao adoecimento, em decorrência de vários fatores como jornada excessiva de trabalho e a desvalorização da profissão. Considera-se fundamental que o profissional tenha conhecimento da síndrome de Burnout, ajudando a prevenir e/ou minimizar a doença.

A partir disso, é essencial o diagnóstico preciso e precoce, para assim prevenir ou diminuir as consequências. Tais riscos influenciam diretamente na saúde física e mental colaborando ao desencadeamento de níveis mais altos de sintomas psicológicos e emocionais que interferem no trabalho.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. *et al.* Fatores geradores da síndrome de Burnout em profissionais da saúde. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental**, [s.l.], v. 8, n. 3, p. 4623-4628, jul./set. 2016.
- ANDRADE, M. Fatores que influenciam o desenvolvimento da síndrome de Burnout em profissionais de enfermagem, **FAEMA**, [s.l.], v. 3, n. 1, p. 913- 930, ago. 2014.
- ARAÚJO, A. Fatores que influenciam o desenvolvimento da síndrome de Burnout em graduandos de enfermagem. **FAEMA**, [s.l.], v. 44, n. 2, p. 274-279, dez. 2017.
- BATISTA, K. O. B. *et al.* Síndrome de Burnout em enfermeiros: consequências na atividade profissional. **Revista Brasileira Interdisciplinar da Saúde**, [s.l.], v. 1, n. 4, p. 61-65, abr. 2019.
- COUTO, E. *et al.* Risco para o desenvolvimento da síndrome de Burnout nos profissionais do centro de saúde 24 horas do bairro Nova República. **Revista em Foco**, [s.l.], v. 11, n. 22, p. 20-25, 2014.
- MARQUES, J. *et al.* Fatores desencadeantes da síndrome de Burnout em enfermeiros. **Revista de enfermagem**, [s.l.], v. 13, n.1, p. 483-490, jan. 2019.
- MARTINS, A. *et al.* Fatores desencadeantes da síndrome de Burnout em profissionais da área da saúde. **Revista Journal of Health**, [s.l.], v. 1, n. 21, p. 2178-3594, jan./jul. 2019.
Disponível em:
<http://www.cesage.com.br/revistas/index.php/JournalofHealth/article/view/930/401>. Acesso em: 24 jul. 2021.
- MENEGHINI, F.; PAZ, A.; LAURTERT, L. Fatores ocupacionais associados aos componentes da síndrome de Burnout em trabalhadores da enfermagem. **Texto & contexto - enfermagem**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 225-233, abr./jun. 2011. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/tce/a/Gbs37jbpJttGj9T3PpR4BGj/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 24 jul. 2021.
- PORTELA, C. *et al.* Síndrome de Burnout em profissionais de enfermagem de serviços de urgência e emergência. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, [s.l.], v. 7, n. 3, p. 2749-2760, jul./set. 2015. Disponível em:
<https://www.redalyc.org/pdf/5057/505750947034.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2021.
- ROTHER, E. T. Revisão sistemática x revisão narrativa. **Acta. paul. enferm.**, [s.l.], v. 20, n. 2, jun. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>. Acesso em: 11 mar. 2021.
- SANTOS, D. S.; SOUZA, O. V. Síndrome de Burnout-fatores preditores em enfermeiros no pré e intra hospitalar de urgência e emergência. **Grupo Tiradentes**, [s.l.], v. 2, n. 4, p. 132-136, set. 2015.
- SILVA, P. M. C. *et al.* Fatores desencadeantes da síndrome de Burnout nos profissionais de enfermagem: uma revisão integrativa. **Revista Saúde & Ciência Online**, [s.l.], v. 8, n. 3, p.

115-125, set./dez. 2019. Disponível em:
<https://rsc.revistas.ufcg.edu.br/index.php/rsc/article/view/31>. Acesso em: 24 jul. 2021.

SOUZA, A. Os fatores desencadeantes para a síndrome de Burnout em profissionais de enfermagem. **UFMG**, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 183-187, jun. 2011.

Capítulo 10

*CONSTRUÇÃO DE UM VÍDEO
EDUCATIVO PARA ORIENTAR A
AUTOADMINISTRAÇÃO DE
INSULINA A PACIENTES
INSULINODEPENDENTES*

CONSTRUÇÃO DE UM VÍDEO EDUCATIVO PARA ORIENTAR A AUTOADMINISTRAÇÃO DE INSULINA A PACIENTES INSULINODEPENDENTES

Gabriel da Silva Ferreira¹
Jamilly Lillian Silva de Sousa¹
Maria Eugênia de Sousa Lino¹
Carlos Kellery Feitosa da Silva²
Alessandra Luiza Alves do Nascimento Celedônio³
Francisco José Mendes dos Santos⁴
Jorge Luís Jardimino⁵

RESUMO

Este trabalho relata a experiência de construção de um vídeo educativo, apresentando detalhadamente o passo a passo percorrido até a finalização desta ferramenta criada por estudantes de nível técnico em enfermagem. A atividade foi realizada durante os meses de fevereiro a abril no ano de 2021, por estudantes de nível técnico em enfermagem. Trata-se de um estudo de natureza básica, objetivos exploratórios e descritivos e abordagem qualitativa. A intenção deste trabalho é facilitar o acesso a informações para orientar pacientes insulínodpendentes como devem proceder durante a autoadministração de insulina em suas residências. Utilizou-se como recurso para a criação do vídeo o aplicativo Benime com base operacional Android. O vídeo é educativo e animado por imagens que contribuem para o entendimento dos pacientes contando ainda com a fala de um narrador explicando informações básicas pertinentes acerca da insulínoterapia. Concluímos que a construção de vídeos educativos é benéfica e potencializa o processo educativo em saúde tanto aos pacientes como também serve como ferramenta a todos os profissionais de saúde na prestação de assistência preventiva.

Palavras-chave: insulínoterapia; Diabetes Mellitus; autoadministração.

¹ Discente do Curso Técnico em Enfermagem da Instituição Ícaro de Sousa Moreira.

² Enfermeiro. Docente do Curso Técnico em Enfermagem da Instituição Ícaro de Sousa Moreira.

³ Enfermeira - Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Especialista em Gestão da Clínica pelo Instituto de Ensino e Pesquisa Sírio Libanês.

⁴ Química - Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor de Química da Instituição Ícaro de Sousa Moreira.

⁵ Biologia - UNINOVE. Professor de Biologia da Instituição Ícaro de Sousa Moreira.

INTRODUÇÃO

A diabetes mellitus (DM) é uma doença metabólica que tem como principal característica a hiperglicemia e está associada a complicações e disfunções nos órgãos (BRASIL, 2006). Dentre os vários tipos de diabetes, este trabalho propõe-se a discorrer sobre a diabetes mellitus do tipo 1.

A DM tipo 1 apresenta-se como uma doença autoimune, pois o organismo ataca precisamente as células beta que realizam a função de criação e excreção da insulina dentro do organismo. Quando tal eventualidade ocorre, o organismo passa a ter altas taxas glicêmicas presentes na corrente sanguínea ocasionando a patologia, não estando a mesma associada ao excesso de peso e sendo tratada comumente com injeções de insulina, conforme a Sociedade Brasileira de Diabetes (SBD, 2019).

O tratamento para diabetes mellitus também é feito simultaneamente com a adoção de um estilo de vida mais saudável, como a incorporação de atividades físicas, seguimento rigoroso de dietas planejadas por profissionais da área da saúde competentes a esta função. Todo cuidado, tratamento e instrução são voltados para o equilíbrio glicêmico do paciente.

Segundo os dados da Secretaria da saúde do estado do Ceará (2018), a prevalência global de diabetes foi estimada em 7,6 %. Atualmente, o risco ao longo da vida de desenvolver diabetes é de 40% para homens e mulheres na população geral, e de 50% para pessoas negras. Pacientes com diabetes do tipo 2 têm um risco muito alto de ter sobrepeso ou obesidade (80% a 90%).

Segundo Leonardi (2020), no Brasil dados do ano de 2019 apontavam que cerca de 13 milhões de pessoas viviam com diabetes, e isso equivale a 6,9% da população. Este número está a crescer em 2020: estipula-se que 9,3% de adultos, na faixa etária entre 20 a 79 anos de idade, vivem com diabetes e que 1,1 milhão de crianças e adolescentes com idade menor que 20 anos mostram diagnósticos de diabetes tipo 1.

Levantamentos feitos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) apontam que, na década de 1990, uma em cada 15 mil crianças tinha a doença. Atualmente, a proporção é de uma para cada 8 mil. Outros dados também indicam que o número de meninos e meninas menores de 5 anos com diabetes pode dobrar no ano que vem, em relação ao que foi registrado em 2005. Atualmente, 4% de todas as crianças diagnosticadas com diabetes tipo 1 têm menos de dois anos. O Brasil passou da 8ª posição, com prevalência de 4,6%, em 2000 para a 6ª posição, 11,3%, em 2030. Em 2017 o Brasil estava em 3º lugar com números de crianças e adolescentes com diabetes

mellitus tipo 1 (ATLAS..., 2017).

A educação em saúde promovida aos pacientes diabéticos tem como principal objetivo garantir que tenham acesso ao conhecimento necessário acerca da prevenção, do tratamento e do manejo da doença, promovendo a incorporação e assimilação de novos hábitos garantindo melhor qualidade de vida. Destaca-se a importância da educação em saúde também a seus familiares e/ou cuidadores, pois desta maneira, pode-se alcançar a baixos índices de agravo da doença.

Estudos de Batista *et al.* (2013) e Correa (2014) identificaram que pacientes usuários de insulina cometem erros em diversos momentos no processo relacionados a aplicação do medicamento. Para Diógenes *et al.* (2012), pacientes que apresentam dificuldades de conhecimento em relação a insulinoaterapia são os mesmos que possuem níveis de escolaridade baixos, e estes têm maiores chances em não dar continuidade ao tratamento de forma adequada.

Outros autores reforçam que a participação dos profissionais das unidades básicas de saúde tem relevante importância na intervenção e atuação precoce diante das dificuldades levantadas pelos pacientes, e que isto pode minimizar danos. Neste mesmo estudo, é apontado que a participação dos enfermeiros, mesmo com todo conhecimento técnico/científico, é menos expressiva na orientação do processo de autoadministração de insulina em residência, comparado com à atuação dos médicos. Contudo, percebe-se que é de extrema relevância a educação em saúde destinada para pacientes diabéticos (STACCIARINI; HASS; PACE, 2008; CORREA, 2014).

A educação em saúde para pacientes portadores de diabetes atualmente conta com uma grande variedade de recursos tecnológicos informativos, como por exemplo o álbum seriado impresso apresentado por Rodrigues e Gonçalves (2020). Em seu estudo, demonstra que a elaboração e validação de um tipo de tecnologia inovadora é muito útil e possui aplicação prática e efetiva que atende a necessidade da demanda, considerando as dificuldades que profissionais de saúde possuem em dispor de materiais pedagógicos acessíveis para orientação de administração de insulina. O propósito inicial foi criar materiais didáticos para pacientes que realizam insulinoaterapia e auxiliar a todos os profissionais envolvidos no processo de atendimento, em um desenvolvimento contínuo de educação em saúde.

Vale ressaltar que a utilização de tecnologias educacionais torna o aprendizado mais simples, permitindo que os objetivos da equipe multidisciplinar possam ser alcançados, garantindo uma educação horizontal que possibilitará o cuidado, a prevenção e o bem-estar dos pacientes com diabetes.

Além disso, profissionais de saúde, devem ser capacitados para educar e compreender, o perfil sociocultural de cada paciente, analisando cada situação vivenciada pelo mesmo e por

seus familiares, desenvolvendo práticas educativas para promoção da educação dos pacientes diabéticos. Tais práticas educativas devem ser feitas por meio de uma equipe multiprofissional da unidade básica de saúde com desígnio de concretizar os objetivos de ensino em saúde voltados aos pacientes com DM. É fundamental que estes pacientes sejam preparados a realizar autoadministração de insulina pois, desta maneira, haverá melhor adaptação e manuseio do medicamento de forma segura e eficaz, sem a necessidade de deslocamentos contínuos à unidade básica de saúde para realização e uso do tratamento.

O interesse pelo tema deu-se pela necessidade de esclarecimentos por parte dos pacientes sobre esse procedimento, cujo preceptor e autor deste artigo relatou experienciar em sua vivência prática. Constantemente, pacientes relatam dificuldades ao realizar o procedimento de autoadministração de insulina, devido a fatores como: causar sangramentos, dores, e aplicação em locais errados de administração. Além disso, observa-se que o armazenamento e o preparo dos materiais não são feitos de forma adequada. Em virtude dos fatos mencionados, tem-se como justificativa do trabalho a necessidade de existir instrução e motivação aos pacientes/usuários quanto à autoadministração de insulina.

É relevante, portanto, que pacientes façam o uso correto da medicação, para controle glicêmico e para evitar o agravamento de sua patologia bem como para garantir a implementação segura e eficaz do procedimento por parte dos profissionais.

Destarte, o objetivo deste trabalho foi construir um vídeo educativo que oriente os pacientes insulínod dependentes como fazer a autoadministração de insulina.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo do tipo relato de experiência, de natureza básica, objetivos exploratórios e explicativos, com abordagem qualitativa.

A atividade foi realizada durante os meses de fevereiro a abril no ano de 2021, por estudantes de nível técnico em enfermagem, com a construção de um vídeo direcionado a usuários de insulina, que tenham a sua disposição aparelhos tecnológicos passíveis de transmissão de mídia (celulares, computadores, tablets, entre outros).

O vídeo será norteador para que os pacientes que já autoadministram insulina a realizem de forma correta, segura e eficaz. Ademais, também poderá ser destinado a pacientes que estão ingressando a insulínoterapia.

Em um primeiro momento, foi realizado um levantamento bibliográfico acerca da

administração de insulina em residência, utilizando como fonte de pesquisa referências reconhecidas como instrumentos de direção para a construção do vídeo. Todas as discordâncias de opiniões foram discutidas em grupo junto do orientador para alcançarmos o consenso.

Fez-se necessário realizar estudos de diferentes aspectos acerca da administração de insulina, com a finalidade de elaborar um roteiro guia para usuários contendo informações essenciais para o vídeo, a saber: técnica para autoaplicação de insulina e informes sobre a reutilização das seringas e agulhas. No mais, foram criados dois vídeos pilotos para auxiliar na escolha de *software* que tivesse uma melhor qualidade para o desenvolvimento do produto. Utilizamos o aplicativo Benime para o desenvolvimento do vídeo, disponibilizado no Google *Play Store* em Sistema Operacional Android.

Houve também discussões relacionadas à sequência lógica de conteúdo para o vídeo, seguindo um padrão do mais simples ao mais complexo, levando-se em consideração o uso de uma linguagem acessível ao público-alvo, de forma clara e simples, por se acreditar que o uso desse recurso pode auxiliar o objetivo pedagógico a ser executado.

Usou-se como critério de escolha para ilustrar o vídeo as imagens, formas e animações capazes de simular um ambiente propício a autoadministração de insulina. O uso de diversas cores nos títulos foi tratado como relevante, em razão de atrair mais a atenção para contemplação do vídeo. Obedeceu-se a ordem das cores para os títulos: laranja, lilás, vermelho, verde, preto e para finalização vermelho novamente.

Durante a fase de desenvolvimento deste artigo, foram encontradas dificuldades no percurso de escrita, explicada pela necessidade de aprofundamento do conhecimento e na apreensão de informações relacionadas ao tema pela equipe.

Logo, foi necessário nos debruçar em pesquisas relacionadas ao tema, em outros artigos científicos sobre o assunto, sendo satisfatórias a busca realizada em materiais de referências reconhecidos e confiáveis. Também foram encontradas adversidades na fase construtiva do vídeo devido ao custo monetário atribuído ao uso das plataformas de software, valores monetários considerados altos para nossa realidade, para permitir acesso das plenas ações e funções das ferramentas digitais. Solucionamos o problema utilizando uma plataforma de base operacional Android (Benime), que permitiu de forma menos onerosa a construção do vídeo.

O processo produtivo do vídeo deu-se por fragmentação, realizado em cinco partes devido ao número limitado de páginas (forma como é chamado o cenário do vídeo em espaço branco) permitidas pelo aplicativo. Para evitar o prolongamento e perda de algum fragmento do vídeo, ficou decidido que as cinco partes deveriam ser unidas formando um único tape de vídeo.

O título escolhido para o vídeo foi: “Como aplicar insulina”, com duração de 04 minutos

e 24 segundos, onde são apresentadas instruções aos pacientes usuários insulínodépendentes para autoadministração e controle da dosagem da insulina em suas residências, a fim de promover maior eficiência, controle e bem-estar. Lembrando que esse ajuste é feito após os exames laboratoriais.

A construção de materiais educativos direcionados a um público de pacientes que possam ter baixo nível de escolarização e pouco conhecimento de como usar certas tecnologias, requer o uso da linguagem mais simples, garantindo-lhes entendimento e fácil manuseio no acesso.

Assim, durante a criação das páginas (forma como é chamado o cenário do vídeo em espaço branco), primou-se pela simplificação de textos encontrados na literatura acerca da orientação em autoaplicação, os transformados em um texto de linguagem acessível e de fácil de compressão.

Quadro 1 – Roteiro final utilizado para elaboração do vídeo, dividido respectivamente em categorias e conteúdos

Categorias	Conteúdos
Introdução	Diabetes é uma doença metabólica que causa aumento de glicose no sangue. A glicose funciona como fonte de energias para as células. No diabetes tipo 1, o organismo não produz a insulina, a glicose deixa de entrar na célula, ficando presa no sangue. No tipo 2, organismo passa a produzir pouca insulina ou existe uma resistência da célula a insulina. Um dos tratamentos para a diabetes é com injeções de insulina e com a adoção de um estilo de vida mais saudável.
Como transportar a insulina do posto de saúde até sua casa?	É necessário colocar em uma bolsa térmica ou em caixa de isopor.
Como se deve armazenar a insulina?	A insulina deve ser guardada na porta da geladeira, mas se não for possível, coloque em locais frescos, longe do calor e luz do sol. A insulina aberta pode ser usada em até 30 dias, mas se você vir mudanças na cor ou grânulos, não use.
Preparo	Agora vamos falar sobre o preparo da medicação. Então muita atenção! É importante pedir orientação ao profissional de saúde sobre as escalas

	das seringas e sobre a dose a ser tomada. Tire a ampola de insulina da geladeira 30 minutos antes de administrar. Lave as mãos com água e sabão. A insulina deve ser suavemente misturada. Role o frasco nas mãos por 20 vezes. Aspire ar na seringa, depois, retire a proteção da agulha e injete o ar dentro na ampola. Aspire novamente até a dose prescrita. Retire as bolhas, batendo com o dedo até sumirem.
Como aplicar a insulina?	Primeiro, escolha um local para aplicação. Os locais para aplicação são: braços (na parte externa e superior), coxas (na face externa de frente e lateral), na região abdominal com três dedos de distância do umbigo, em qualquer direção e nos flancos. Faça uma prega no local onde vai ser aplicado, pegue a seringa como um lápis, introduza em um ângulo reto de 90°, solte a prega, injete a insulina, e espere cinco Segundos para tirar a seringa, reencape a agulha com o máximo cuidado para o próximo uso. A agulha e a seringa podem ser usadas até oito vezes pela mesma pessoa. Não pode haver ferida aberta ou infecção de pele no local de aplicação. Não use mais: nem a seringa e nem a agulha se a aplicação estiver sendo dolorosa, também, se a escala da seringa estiver apagada. Faça um rodízio dos locais de aplicação de 15 a 20 dias para evitar a Lipodistrofia (que são buracos, ou acúmulo de gordura que causa caroços.
Considerações finais	Se for necessário, volte ao vídeo e veja novamente. Obrigado pela atenção!

Fonte: elaborado pelos autores (2021).

Vale ressaltar que a elaboração e o desenvolvimento desse quadro exigiram diversas pesquisas relacionadas ao tema, baseada em consultas bibliográficas das autoridades em saúde reconhecidas no Brasil, e seguindo rigorosamente o que é preconizado pela literatura do Ministério da Saúde, principalmente, nos manuais DIABETES MELLITUS (BRASIL, 2006) e ESTRATÉGIAS PARA O CUIDADO DA PESSOA COM DOENÇA CRÔNICA: DIABETES MELLITUS (BRASIL, 2013).

Para que possamos alcançar um processo real de promoção da saúde a clientes diabéticos que necessitam autoadministrar insulina, é necessário gerar empoderamento: ou seja, precisamos construir no usuário a mentalidade de que ele é corresponsável por promover sua própria saúde e bem-estar através da apropriação de saberes e implementação de práticas corretas de autocuidado livre de danos.

O processo de empoderamento leva tempo e pode ser alcançado através das ações de educação em saúde, onde os profissionais empenham tempo e energia para fomentar nos usuários a apreensão de saberes necessários para garantia de aplicação e manutenção do tratamento, seguindo rigorosamente os protocolos de segurança necessários.

Educar para saúde, entretanto, não é tarefa fácil e exige a utilização de formas estratégicas para atingir seus objetivos. Um destes métodos é centrado na significação, ou seja, em dar sentido ao que é praticado dentro do contexto vivido social e culturalmente pelos usuários.

No Método pedagógico de Paulo Freire, o processo educativo ocorre estando centrado na mediação educador-educando. Ao educador cabe mostrar ao educando que ele traz consigo uma gama de conhecimentos advindos de suas experiências, e ao educador é incumbida a tarefa de auxiliar na organização desses conhecimentos, relacionando os saberes trazidos pelo educando com os saberes escolares. Ademais, o método pedagógico de Freire também parte de tematizações a serem trabalhadas, através de ilustrações que representem aspectos da realidade concreta dos alunos, a fim de suscitar debates que levem a problematização das situações vividas (PEREIRA, 2018).

É o mesmo que deve acontecer metaforicamente entre profissional-usuário, onde a equipe de saúde pode partir dos saberes prévios do usuário para direcionamento das ações a serem implementadas no tratamento de sua doença. O desenvolvimento de um relacionamento educativo entre profissional-usuário é capaz de promover a autoconfiança do cliente, sendo a ação educativa em saúde um ato contínuo de recriação e de ressignificação enquanto condição de possibilidade para adoção de uma postura conscientizadora e libertadora, dentro de uma perspectiva contínua de diálogo e reflexão sobre a ação com o objetivo para ampliar a visão de mundo e a participação ativa do indivíduo em todas as esferas da vida em sociedade (PEREIRA, 2018). Para tal, é imprescindível que os profissionais acessem e utilizem todas as ferramentas possíveis, principalmente as tecnologias da informação e comunicação por estarem em destaque na contemporaneidade.

Segundo o estudo de Araújo, Britto e Cruz (2008), os avanços da tecnologia da informação e comunicação (TICs) permitiu aos profissionais de saúde a utilização de novos meios para veicular a informação sobre doenças, prevenção, educação aos próprios profissionais e pacientes. A web também é utilizada para exposição do estado físico e emocional de cada pessoa, podendo ser usado como ferramenta pedagógica enquanto propõe um espaço para interações colaborativas e interativas entre as pessoas.

O uso desses instrumentos é de grande auxílio para os profissionais de saúde, pacientes e estudantes, sendo facilitadores para o aprendizado, podendo oferecer interações entre as

pessoas compartilhando o conhecimento. O vídeo criado neste estudo pode ser acessado através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=uX6DVf-Kx8k>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho relatou a experiência de produção de um vídeo educativo designado para o ensino de pacientes e usuários de insulina acerca da autoadministração.

Concluiu-se que a elaboração, desenvolvimento e construção do presente material educativo foi uma ação complexa, exigindo minuciosas pesquisas relacionadas ao ambiente e público a ser envolvido no processo de educação em saúde, exigindo o máximo de cuidado com as informações pesquisadas. Embora complexo e desafiador, entendemos que o material produzido é de suma importância para apoiar pacientes usuários de insulina que necessitam autoadministrar o medicamento e para outras pessoas envolvidas no processo, como fonte de conhecimento e informação, servindo como “tutorial”, objetivando minimizar os erros e garantir a segurança e eficácia do tratamento implementado.

Além disso, foi uma grande oportunidade de crescimento e aprendizagem para os pesquisadores. Vale destacar que a elaboração de materiais educativos exige dedicação máxima para serem alcançados os objetivos pretendidos.

Ademais, a produção de vídeos educativos enquanto ferramenta de ensino garante eficácia para o público-alvo, consistido como recurso de auxílio, repassando conhecimento de forma prática acerca da questão da autoadministração de insulina por pacientes insulínod dependentes em suas residências. Portanto, o uso de vídeos educativos é adequado para tal objetivo.

Nesse sentido, espera-se que a construção desta ferramenta informativa possibilite a apreensão e disseminação de conhecimentos que favoreçam o aprendizado, tanto aos pacientes insulínod dependentes, como também aos profissionais de saúde envolvidos no processo de produção, permitindo assim a troca de experiências e conhecimento mútuos.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, L. M. B.; BRITTO, M. M. S.; CRUZ, T. R. P. Tratamento do Diabetes Mellitus do Tipo 2: novas opções. **Arq. Bras. Endocrinol. Metab.**, [s.l.], v. 44, n. 6, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/abem/a/VVbkRYkksT6M5m6HkkNtFhd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 fev. 2021.
- ATLAS IDF 2017 - Diabetes no Brasil. São Paulo: SBD, Disponível em: <https://www.diabetes.org.br/profissionais/images/2018/poster-atlas-idf-2017.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2021.
- BATISTA, J. M. F. *et al.* O ensino em grupo do processo de aplicação de insulina. **Rev. Eletr. Enf.**, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 71-79, jan./mar. 2013. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/16179/15523>. Acesso em: 30 jan. 2021.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Diabetes Mellitus**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2006. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diabetes_mellitus.PDF&ved=2ahUKEwj0wNH5s6jvAhX1LLkGHT2sAgQQFjACegQICBAO&usq=AOvVaw2aD9pVD-yEyGpALrxq7FOc. Acesso em: 23 fev. 2021.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Estratégias para o cuidado da pessoa com doença crônica: Diabetes Mellitus**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/estrategias_cuidado_pessoa_diabetes_mellitus_cab36.pdf. Acesso em: 25 fev. 2021.
- CEARÁ. Secretaria da Saúde. Doenças crônicas não transmissíveis. **Boletim Epidemiológico**, Fortaleza, p. 1-10, 20 nov. 2017. Disponível em: https://www.saude.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/9/2018/06/boletim_doencas_cronicas_nao_transmissiveis_20_11_2017.pdf. Acesso em: 15 fev. 2021.
- CEARÁ. Secretaria da Saúde. Doenças crônicas não transmissíveis. **Boletim Epidemiológico**, Fortaleza, p. 1-10, 14 nov. 2018. Disponível em: https://www.saude.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/9/2018/06/Boletim-Epidemiol%C3%B3gico-DCNT-2018-14_11_2018-final.pdf. Acesso em: 15 fev. 2021.
- CEARÁ. Secretaria da Saúde. Doenças crônicas não transmissíveis. **Boletim Epidemiológico**, Fortaleza, p. 1-11, 22 nov. 2019. Disponível em: https://www.saude.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/9/2018/06/boletim_epidemiologico_DCNT_22_novembro_2019.pdf. Acesso em: 15 fev. 2021.
- CORREA, I. B. **Educação em saúde aos pacientes diabéticos insulino dependentes: promoção do autocuidado**. 2014. 26 f. Monografia (Especialização em Atenção Básica em Saúde da Família) — Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/registo/Educacao_em_saude_aos_pacientes_diabeticos_isulino_dependentes__promocao_do_autocuidado/462. Acesso em: 16 fev. 2021.

DIÒGENES, M. A. R. *et al.* Insulinoterapia: conhecimento e práticas utilizadas por portadores de diabetes mellitus tipo 2 [Insulin therapy: knowledge and practices used by patients with type 2 diabetes mellitus]. **Rev. enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 746-751, 2012.

Disponível em: [https://www.e-](https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/5998)

[publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/5998](https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/5998). Acesso em: 2 fev. 2021.

LEONARDI, E. O mapa do diabetes no Brasil para a farmácia clínica. **ICTQ**, São Paulo, 2020.

Disponível em: <https://www.ictq.com.br/varejo-farmaceutico/745-o-mapa-do-diabetes-no-brasil#>. Acesso em: 16 fev. 2021.

PEREIRA, L. C. Método Paulo Freire. **Passei Direto**, [s.l.], 2018. Disponível em:

<https://www.passeidireto.com/arquivo/57756466/metodo-paulo-freire>. Acesso em: 16 fev. 2021.

RODRIGUES, S. C.; GONÇALVES, L. S. Tecnologia educacional para pessoas em uso de insulina. **Ciênc. cuid. Saúde**, [s.l.], v. 19, 2020. Disponível em:

<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1121518>. Acesso em: 20 fev. 2021.

SALCI, M. A.; MEIRELLES, B. H. S.; SILVA, D. M. G. V. Educação em saúde para prevenção das complicações crônicas do diabetes mellitus na atenção primária. **Esc. Anna Nery**, [s.l.], v. 22, n. 1, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/ean/v22n1/pt_1414-8145-ean-2177-9465-EAN-2017-0262.pdf. Acesso em: 16 fev. 2021.

SBD. **Diretrizes**: Sociedade Brasileira de Diabetes: 2019-2020. São Paulo: Sociedade Brasileira de Diabetes, 2019. Disponível em:

<https://www.diabetes.org.br/profissionais/images/DIRETRIZES-COMPLETA-2019-2020.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2021.

SILVA, J. P. Aplicação de insulina passo a passo: construção de vídeos educativos para pacientes e cuidadores. **Esc. Anna. Nery**, [s.l.], v. 25, n. 1, 2021. Disponível em:

[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-81452021000100209&script=sci_abstract&tlng=pt)

[81452021000100209&script=sci_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-81452021000100209&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 17 fev. 2021.

STACCIARINI, T. S. G.; HASS, V. J.; PACE, A. E. Fatores associados à auto-aplicação da insulina nos usuários com diabetes mellitus acompanhados pela Estratégia Saúde da Família. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 6, jun. 2008. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csp/a/BC5DJYwCBFVxN4N3FLBP9Ws/?lang=pt>. Acesso em: 4 fev. 2021.

Capítulo 11

*ACIDENTES DOMICILIARES
ENVOLVENDO QUEIMADURAS
OU INTOXICAÇÕES DURANTE A
PANDEMIA: REVISÃO SOBRE OS
CUIDADOS EMERGENCIAIS*

ACIDENTES DOMICILIARES ENVOLVENDO QUEIMADURAS OU INTOXICAÇÕES DURANTE A PANDEMIA: REVISÃO SOBRE OS CUIDADOS EMERGENCIAIS

Andressa Carneiro do Nascimento¹

Anny Tamires de Sousa¹

Francisca Rafaelly Alves Farias¹

Zeferina Bezerra Pimentel Monteiro do Rêgo²

Ana Zaiz Flores Hormain Teixeira de Carvalho³

RESUMO

Diante do quadro epidemiológico pelo qual a população mundial vem passando por conta da COVID-19, a preocupação com a higiene e desinfecção de objetos e especialmente das mãos têm sido as principais preocupações dentro dos domicílios. Contudo, o aumento do uso de produtos, como é o caso do álcool 70% e da água sanitária, que se intensificou neste período por ajudarem na manutenção da limpeza dos lares e serem consideradas medidas eficazes no combate ao vírus causador da COVID-19, contribuíram para o aumento no número de casos de acidentes domésticos. Objetivou-se descrever os cuidados e procedimentos que devem ser realizados após o acidente, no caso de queimaduras e intoxicação, bem como analisar quais motivos levam à sua maior incidência durante a pandemia de COVID-19. Este trabalho foi elaborado por meio de revisão bibliográfica, na qual foram selecionados livros e artigos sobre a temática disponíveis na web. Foram selecionados um total de 5 produções científicas. Quanto ao tipo de produção acadêmica, um era livro e os demais eram artigos. O ano de publicação variou de 1993 a 2020. Quanto à temática abordada, um estudo teve como foco os primeiros socorros de forma geral, um tratou especificamente das queimaduras, um enfocou os acidentes domiciliares em crianças e dois abordavam as intoxicações. Observou-se a necessidade inerente de se investir em campanhas de prevenção a intoxicação e queimaduras, diante dos novos potenciais riscos, que surgiram e se agravaram muito durante a pandemia.

Palavras-chaves: queimadura; intoxicação; COVID-19; cuidados.

¹ Estudante do Curso Técnico em Enfermagem. Escola Estadual de Educação Profissional (EEEP) Ícaro de Sousa Moreira.

² Enfermeira Especialista em Qualidade e Segurança no Cuidado ao Paciente (Hospital Sírío Libanês). Professora orientadora de Estágio da EEEP Ícaro de Sousa Moreira.

³ Enfermeira. Doutora em Enfermagem - Universidade Federal do Ceará (UFC). Docente da Faculdade de Ensino e Cultura do Ceará (FAECE).

INTRODUÇÃO

Durante a pandemia de COVID-19, houve um aumento significativo na adesão e manutenção por hábitos de higiene mais eficazes. As pessoas passaram a se preocupar mais em manter a limpeza e desinfecção nos ambientes domiciliares e no trabalho e, com isso, houve um aumento considerável no uso de produtos químicos como álcool e água sanitária.

Os dados apontam para um aumento nos registros de ocorrência tanto de intoxicação como de queimaduras no Brasil relacionadas a maior manipulação de produtos químicos, estatística que poderia ser ainda maior se não houvesse precariedade do sistema de coleta de informações, subnotificações ou simplesmente ausência, em alguns casos, da procura da vítima por socorro em unidades de saúde (MESQUITA, 2020).

As queimaduras representam um sério problema de saúde pública e seus números vêm se tornando cada vez mais alarmantes. Segundo dados, em acidentes com crianças de um a quatro anos, por exemplo, a queimadura ocupa o sexto lugar em óbitos, e a quinta posição em crianças de cinco a nove anos (MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO PARANÁ, 2013).

A intoxicação é outro acidente grave causado quando uma pessoa se expõe a determinadas substâncias, o organismo pode absorvê-las por diferentes vias, como: inalatória, oral (ingestão) ou cutânea (pele). Segundo o Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (Sinitox) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), em 2015 foram registrados 88 mil casos de intoxicação humana em todo Brasil.

Segundo dados do Centro de Informação e de Assistência Toxicológica (Ciatox), os registros de intoxicação no Brasil aumentaram até 23%, de janeiro a abril de 2020, em relação ao mesmo período de 2019 (MESQUITA, 2020). Já segundo a Sociedade Brasileira de Queimaduras (SBQ), o Brasil registra aumento de 25% em queimaduras desde o início da pandemia de COVID-19 no Brasil. Dentre as principais causas para estes dados tão alarmantes podemos enfatizar, o manuseio indevido de água sanitária e álcool, bem como o seu armazenamento inadequado, em locais de fácil acesso por crianças.

Medidas de segurança devem ser adotadas para a prevenção dos acidentes domiciliares. A vigilância sanitária atua diretamente em medidas de ação que buscam diminuir ou prevenir os riscos dos acidentes com produtos químicos dando algumas recomendações no que diz respeito ao armazenamento, uso e descarte desses produtos pela população.

Os cuidados prestados às vítimas de acidentes domésticos são essenciais para a recuperação dessas pessoas. Porém, para algumas ações serem eficazes, elas precisam ser

realizadas com destreza e agilidade, logo depois do acidente. É de suma importância ter então pessoas capacitadas em diferentes ambientes para realizar o primeiro atendimento, antes da chegada de assistência médica ou ida a unidade de saúde. Essa assistência emergencial pode acontecer por meio do atendimento pré-hospitalar ou dos primeiros socorros.

A escolha do tema justifica-se em decorrência do aumento de casos observados pelas pesquisadoras durante o período da pandemia, tanto em seu ambiente familiar quanto em notícias e dados coletados em jornais, matérias, redes sociais e de pessoas que presenciaram ou vivenciaram algum caso de acidente doméstico neste período, e não souberam como agir durante o ocorrido, nem quais medidas deveriam ser tomadas, medidas estas que são de suma importância serem realizadas corretamente e imediatamente após o acidente.

Assim o objetivo desta pesquisa, é descrever os cuidados e procedimentos que devem ser realizados após o acidente, no caso de queimaduras e intoxicação, bem como analisar quais motivos levam à sua maior incidência durante a pandemia de COVID-19.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica, com objetivos exploratórios e descritivos e abordagem qualitativa, elaborado através da leitura e análise de livros e artigos sobre o tema em questão, com identificação dos fatores que levaram a sua maior ocorrência durante a pandemia no Brasil.

Foram selecionados livros e artigos que abordavam o tema mediante busca na *web* a partir das seguintes palavras-chaves: queimadura; intoxicação; COVID-19; cuidados. Após a leitura do material selecionado foram escolhidas cinco publicações por tratarem do tema com direcionamento mais específico e atenderem melhor ao objetivo deste estudo. A partir da leitura cuidadosa dos materiais, foi feita uma análise descritiva das produções selecionadas, seguida de discussão acerca desta temática a partir de reflexões e interpretações das informações disponíveis na literatura a respeito do tema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O quadro 1 apresenta uma descrição das produções selecionadas na presente revisão quanto ao título/ano, tema e relevância das informações apresentadas. Quanto ao tipo de produção acadêmica, um era livro e os demais eram artigos. O ano de publicação variou de 1993 a 2020. Quanto à temática abordada, um estudo teve como foco os primeiros socorros de forma geral, um tratou especificamente das queimaduras, um enfocou os acidentes domiciliares em crianças e dois abordavam as intoxicações.

Quadro 1 – Apresentação dos dados analisados nos artigos

Título/Ano	Categoria	Tema	Relevância
S.O.S Primeiros Socorros – vol. I; II; III (HARTLEY, 1993).	Livro	Primeiros socorros.	Ações realizadas nos primeiros socorros, prestados as vítimas de acidentes.
Prevenção de queimaduras (BRUNA, 2018).	Artigo Portal	Queimaduras.	Principais medidas de prevenção de queimaduras no ambiente doméstico, sobretudo durante a pandemia.
Acidentes na infância em ambiente domiciliar (REGIANI; CORREA, 2006).	Artigo	Acidentes domiciliares em crianças.	Evidencia a falta de informação preventiva, que deveria ser realizada constantemente pela área da saúde.
Saúde alerta para o risco de intoxicação e acidentes domésticos (MESQUITA, 2020).	Artigo Website	Aumento dos casos de intoxicação, com produtos utilizados na limpeza dos lares, durante a pandemia.	Identificação das razões que levarão a sua maior incidência neste período, bem como ações para coibir o seu acontecimento.

Saiba o que fazer em casos de intoxicação (BRAZ, 2018).	Artigo Portal	Cuidados a serem prestados no caso de intoxicação, antes do atendimento médico.	A importância de saber as medidas adequadas, em cada situação de intoxicação, e a descrição de tais medidas.
---	---------------	---	--

Fonte: elaborado pelas autoras (2021).

Apesar de serem bastante frequentes no dia a dia, os acidentes domésticos ainda representam um grande risco no ambiente familiar. Seja de uma ‘simples’ queimadura ao encostar por acidente em uma panela durante o preparo de alguma refeição, ao óbito por ingestão acidental de veneno, utilizado constantemente nos lares para controlar pestes como roedores, do mais ameno ao mais severo, o fato é que todos os cidadãos estão sujeitos a sofrer algum destes incidentes ao longo de sua vida.

Diante do cenário atual, o risco de tais acidentes no ambiente domiciliar cresce a cada dia. O medo de contrair COVID-19 juntamente com a falta de atenção e manuseio indevido, vem fazendo cada vez mais vítimas, dentro dos lares. Evidencia-se que queimaduras por álcool em gel, e intoxicação por água sanitária, são apenas alguns dos inúmeros acidentes causados por produtos utilizados no combate ao COVID-19.

Deve-se levar em consideração também outro fator extremamente prejudicial ao acidentado como as crendices acerca dos cuidados prestados após tais acidentes, que podem agravar ainda mais o seu estado de saúde. Tais ensinamentos antigos como beber leite ao se intoxicar com algum produto químico ou passar creme dental ou manteiga na queimadura, além de prejudicar a integridade física do acidentado podem lhe custar a vida.

As queimaduras são os acidentes mais comuns no cotidiano sejam elas de primeiro (leve), segundo (com bolhas) ou terceiro grau (onde tem necrose, tecido queimado preto ou branco). Estimativas do Ministério da Saúde no ano de 2020 do Brasil apontam cerca de um milhão de novos casos de vítimas de queimaduras ao ano, sendo 100 mil atendimentos hospitalares e, destes, cerca de 2.500 óbitos em função das lesões.

Ao se encontrar diante dessa situação, é necessário lavar bem o local atingido em água corrente por no mínimo 15 minutos. Deve-se observar também se há formação de bolhas, levando em conta que nunca se deve estourar, logo em seguida deve cobrir a área afetada com um pano limpo, e se dirigir a unidade de saúde mais próxima. Nunca é recomendado aplicar

qualquer produto de higiene como creme dental ou alimento como manteiga ou banha de porco sobre o local atingido, pois prejudicam a integridade da pele já lesionada.

Já as intoxicações, vêm se tornando cada vez mais frequentes diante da pandemia. Tal agravamento se deu em sua maioria pelo aumento na utilização de produtos químicos, usados na higiene do lar. Segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), no ano de 2019 houve um aumento de mais de 23% nos casos de intoxicação por produtos de limpeza.

Neste caso, as medidas a serem tomadas dependem da região do corpo que a substância em questão atingiu. Entretanto a primeira ação deve ser ligar imediatamente para uma instituição de saúde responsável por prestar orientações em caso de envenenamento ou chamar uma ambulância, ligando o 192, só então as próximas ações devem ser executadas.

No caso de inalação, deve-se remover a vítima do ambiente contaminado o mais rápido possível, colocá-la em posição lateral de segurança, especialmente se estiver inconsciente para evitar que sufoque caso precise vomitar; quando houver contato com a pele, deve-se lavar a pele da vítima com água e sabão e remover roupas manchadas pela substância; caso tenha entrado em contato com os olhos, deve-se lavar os olhos com água fria durante 20 minutos; em caso de envenenamento. Não é recomendado dar líquidos à vítima, pois pode favorecer a absorção de alguns venenos e provocar o vômito, o melhor a se fazer é esperar o socorro chegar.

As medidas listadas acima, apesar de parecerem simples, são cruciais para evitar o agravo do acidente, e para amenizar as suas consequências no acidentado.

Medidas como manter produtos de higiene, limpeza e químicos fora do alcance de crianças, evitar o armazenamento em outras embalagens que não a original do produto que esteja devidamente etiquetada, ler e seguir as instruções do rótulo, evitar a mistura de produtos químicos, inutilizar embalagens vazias são algumas medidas de prevenção de acidentes que devem ser reforçadas diariamente, com ampla e fácil divulgação para a sociedade em geral.

Após análise dos artigos, livros e sites, constatou-se que houve um crescente aumento nos casos de intoxicação e queimaduras e que, em sua grande maioria, esse aumento foi decorrente da falta de informações claras, acerca de como coibir e tratar tais incidentes, dentro da nova realidade que estamos vivendo.

Observou-se durante a elaboração deste artigo, que as misturas de diversos produtos químicos, feito pelas donas de casa, como água sanitária, cloro e álcool, é a responsável pela maioria dos casos de intoxicação. Tais, misturas feitas para potencializar a limpeza dos lares, podem ser extremamente nocivas à saúde.

Com a utilização quase constante de álcool 70%, principalmente em gel, as pessoas acabam, em um momento de descuido, esquecendo que esse produto é extremamente

inflamável. Tal descuido acaba acarretando os dados tão alarmantes, acerca do aumento do número de casos.

Observou-se também que o maior tempo em casa, tem sido de muita influência para o acontecimento de acidentes com crianças. Principalmente as que tendem a passar muito tempo sem supervisão de adultos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou identificar e descrever e os cuidados realizados após acidentes em caso de queimaduras e intoxicação, bem como os principais fatores que levam a sua maior incidência durante a pandemia.

Através de análise do referencial pesquisado, observou-se a necessidade inerente de se investir em campanhas de prevenção a intoxicação e queimaduras, diante dos novos potenciais riscos, que surgiram e se agravaram muito durante a pandemia. A informação é a principal arma da população no combate aos dados tão alarmantes citados, principalmente a população mais carente, que acaba estando mais vulnerável a ocorrência destes incidentes.

São inúmeras as campanhas de prevenção e combate ao novo coronavírus, muito se aborda a importância de se usar o álcool, e outros produtos químicos para evitar a contaminação e propagação da COVID-19, entretanto, acabou-se deixando de lado o risco que a utilização de tais produtos tem dentro dos lares.

Diante do exposto, observou-se que o Ministério da Saúde tem que investir na prevenção dos acidentes domésticos, por meio de campanhas que alertem a população, não somente do perigo que o mal uso destes produtos pode causar, como também as formas de se evitar esses incidentes nos lares, e principalmente as ações corretas a serem executadas após a ocorrência de tais situações. Campanhas estas a serem disponibilizadas em todas as mídias audiovisuais, como a televisão, o rádio e principalmente pela internet, visando que a informação chegue a toda população, de diferentes idades e classes sociais.

Foi possível identificar também a necessidade de se ensinar os primeiros socorros nas escolas, para crianças e adolescentes, por serem a maioria nos casos de acidentes, as crianças e adolescentes necessitam de atividades que promovam a prevenção dos acidentes domésticos, bem como aprender como executar os primeiros socorros. A criação de um novo fluxograma curricular nas escolas que abordasse primeiros socorros, a ser trabalhada da infância a

adolescência, poderia reduzir consideravelmente a incidência de tais eventos, além de ser extremamente importante para a sociedade.

Visando o retorno as aulas presenciais, constatou-se também a necessidade de serem realizados treinamentos com os funcionários das instituições de ensino para a nova realidade do uso desses produtos químicos também no ambiente escolar e com maior intensificação por todos os funcionários em todos os ambientes da escola, ajudando assim a manter normas de segurança que evitem não somente a contaminação dos alunos, professores e demais funcionários, como possíveis acidentes no âmbito escolar.

Sugerimos que o núcleo gestor das escolas viabilize palestras *online* com os pais e responsáveis de seus alunos, abordando os acidentes domiciliares e as ações de prevenção e cuidado diante de tais situações.

REFERÊNCIAS

BRAZ, R. Saiba o que fazer em casos de intoxicação. **Portal Drauzio Varella**, [s.l.], 2018. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/drogas-licitas-e-ilicitas/saiba-o-que-fazer-em-casos-de-intoxicacao>. Acesso em: 7 fev. 2021.

BRUNA, M. H. V. Prevenção de queimaduras. **Portal Drauzio Varella**, [s.l.], 2018. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/dermatologia/prevencao-de-queimaduras/>. Acesso em: 7 fev. 2021.

HARTLEY, J. **S.O.S primeiros socorros**: volumes 1, 2 e 3. Porto Alegre: Leia Livros, 1993.

MESQUITA, M. R. Saúde alerta para risco de intoxicações e acidentes domésticos. **Saúde**: Governo do Estado de Goiás, Goiânia, 12 jun. 2020. Disponível em: <https://www.saude.go.gov.br/noticias/11039-ses-alerta-para-risco-de-intoxicacoes-e-acidentes-domesticos>. Acesso em: 7 fev. 2021.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO PARANÁ. Criança e adolescente: segurança infantil - Dia nacional da Luta contra queimaduras. **Criança Mppr**, Curitiba, 6 jun. 2013. Disponível em: <https://crianca.mppr.mp.br/2013/06/11484,37/>. Acesso em: 7 fev. 2021.

O'MALLEY, G. F.; O'MALLEY, R. Princípios gerais da intoxicação. **Manual MSD**, [s.l.], fev. 2018. Disponível em: <https://www.msdmanuals.com/pt-br/profissional/les%C3%B5es-intoxica%C3%A7%C3%A3o/intoxica%C3%A7%C3%A3o/princ%C3%ADpios-gerais-da-intoxica%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 14 mar. 2021.

QUAIS os sintomas de intoxicação por produtos químicos. **DB Toxicológico**, São José dos Pinhais, 20 mar. 2020. Disponível em: <https://www.dbtoxicologico.com.br/artigo/quais-os-sintomas-de-intoxicacao-por-produtos-quimicos>. Acesso em: 10 mar. 2021.

REDEDOR, S. L. Queimadura: o que é, sintomas tratamentos e causas. **Hospitais Rede D'Or São Luiz**, [s.l.], c2021. Disponível em: <https://www.rededorsaoluiz.com.br/doencas/queimaduras>. Acesso em: 10 mar. 2021.

REGIANI, C.; CORREA, I. Acidentes na infância em ambiente domiciliar. **REME – Rev. Min. Enf.**, Belo Horizonte, v. 10, n. 3, p. 277-279, jul./set. 2006. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/reme.org.br/pdf/v10n3a12.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2021.

REIS, M. Primeiros socorros para envenenamento. **Mais tua saúde**, [s.l.], dez. 2020. Disponível em: <https://www.tuasaude.com/primeiros-socorros-para-envenenamento/>. Acesso em: 3 mar. 2021.

SILVA, M. F. *et al.* Fatores determinantes para a ocorrência de acidentes domésticos na primeira infância. **J. Hum. Growth. Dev.**, Santo André, SP, v. 27, n. 1, p. 10-18, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbcdh/v27n1/pt_02.pdf. Acesso em: 13 fev. 2021.

VIANA, A. O que fazer em caso de queimadura. **Mais tua saúde**, [s.l.], mar. 2021. Disponível em: <https://www.tuasaude.com/primeiros-socorros-para-queimaduras/#:~:text=A%20queimadura%20de%20%C2%BA%20grau,bolhas%20ou%20incha%C3%A7o%20do%20local>. Acesso em: 6 mar. 2021.

Capítulo 12

*A DEPRESSÃO NA PESSOA IDOSA:
UMA REVISÃO NARRATIVA DA
LITERATURA*

A DEPRESSÃO NA PESSOA IDOSA: UMA REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA

Ana Livia Carvalho Lima¹
Layara Layra de Almeida Alexandre Silva¹
Adriano Silva Eugenio²

RESUMO

A depressão é um problema de saúde pública que atinge cerca de milhões de pessoas no mundo, apresentando uma incidência que vem aumentando nos últimos anos. Diante desta problemática, destacou-se o idoso no contexto da pesquisa com um percentual de 15% de prevalência para algum sintoma depressivo, o que requer uma atenção especial, ações de prevenção e cuidado para este tipo de população. Sendo assim, tem-se por objetivo compreender como se dá a depressão na terceira idade e quais os processos de prevenção e tratamento da doença na literatura nacional. Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, de caráter amplo, onde foi acessada a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), a base de dados do Google Acadêmico, e a biblioteca *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). Foram considerados artigos disponíveis em texto completo (do tipo original, de revisão ou atualização) de forma gratuita, e estudos que abordavam a temática, entre os anos de 2016 e 2021. Os resultados evidenciaram o perfil dos idosos acometidos pela depressão, formas de tratamentos, chegada ao serviço de saúde e comorbidades associadas. A pesquisa também mostrou a importância do estímulo ao autocuidado, ativação e engajamento deste público e familiares em atividades educativas, treinamento profissional de saúde e ampliação do sistema como fatores importantes ao cuidado destes usuários.

Palavras-chave: depressão; idoso; epidemiologia; revisão.

¹ Estudante do Curso Técnico em Enfermagem. Escola Estadual de Educação Profissional (EEEP) Ícaro de Sousa Moreira.

² Enfermeiro. Especialista em Docência na Educação Profissional nos níveis básico e técnico. Professor e Orientador de Estágio na EEEP Ícaro de Sousa Moreira. *E-mail:* adrianoeugenio@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Atualmente, percebe-se um aumento de pessoas com 65 anos ou mais, nos países em desenvolvimento, na medida em que envelhecem, as pessoas passam a perder sua autonomia, começam a serem excluídas da produção (torna-se quase impossível conseguir emprego, pois não lhes dão mais chances, e sem emprego passam a ter menos dinheiro) e, conseqüentemente consomem menos bens e serviços.

Logo, o pouco recurso que possuem é utilizado para consumo de medicamentos, visto que adoecem mais devido às debilidades inerentes da faixa etária, o que culmina em um ciclo vicioso apontado por Andrade e Martins (2011), onde se instaura a cultura do sobreviver em lugar do viver. Aponta ainda que, os problemas de saúde adicionados das vulnerabilidades sociais propiciam transtornos de humor e depressão, considerados significativos clinicamente.

É importante destacar a diferença de tristeza e depressão, em que tristeza é um estado momentâneo que envolva sentimentos que levem a este fato, como perdas, decepções, distúrbios dos mais variados e das mais diversas formas, que muitas vezes é considerado saudável e bem avaliado pelos médicos. Porém, quando esses sintomas persistem e são acompanhados de apatia, indiferença, desesperança; apresentam-se sinais claros de depressão, o que é comum no público idoso, por muitas vezes, perderem a independência.

A depressão caracteriza-se pela presença de humor predominantemente depressivo e/ou irritável e diminuição da capacidade de sentir prazer ou alegria, podem estar seguidos de uma sensação subjetiva de cansaço e/ou fadiga, acompanhados de alterações do sono e apetite, desinteresse, pessimismo, lentidão e ideias de fracasso.

Segundo Grinberg (2006), a Organização Mundial da Saúde (OMS) considera a depressão como a quarta causa específica de incapacitação social, com perspectivas de ser a segunda causa de incapacitação em países desenvolvidos e a primeira nos países em desenvolvimento no ano de 2020.

Além disso, ainda temos que contar com uma das dificuldades dos profissionais ocasionadas por um diagnóstico tardio, ou muitas vezes, sequer conseguem, fazer a distinção do quadro de debilidade senil, como mostra Sousa *et al.* (2017) em seu estudo que nos mostra como é reduzido o diagnóstico da depressão em idosos, onde aproximadamente 50% destes, não são diagnosticados por profissionais da saúde pelo fato dos sintomas serem semelhantes ao processo de envelhecimento.

Diante deste contexto, a identificação da depressão em idosos é relevante na prática clínica dos profissionais de enfermagem, pois possibilita intervenções precoces e efetivas, além da prevenção baseada nos fatores de risco.

Vale ressaltar que a ajuda da família nesse momento é de fundamental importância para alcançar resultados satisfatórios, pois neste período da vida muitos idosos sentem-se incapazes, sendo desprezados e abandonados tanto pela sociedade, quanto pelos parentes.

O tema surgiu da inquietação dos pesquisadores em se aprofundar no conhecimento sobre o assunto, pois apresentam convivência muito próxima dos idosos de suas famílias, e com o advento da pandemia, percebe-se que a depressão junto com outros transtornos mentais ganhou força, atingindo principalmente uma camada da população mais vulnerável, que é a terceira idade.

Assim, para a realização da pesquisa, partiu-se da elaboração da seguinte questão norteadora: “O que a literatura nacional fala sobre o perfil, processo de prevenção e tratamento da depressão em idosos?”. E para respondê-la, este estudo objetivou de maneira geral compreender a depressão na terceira idade, e especificamente descrever o perfil atingido, bem como processos de prevenção e tratamento da doença.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, que possui caráter amplo e se propõe a descrever o desenvolvimento de determinado assunto, sob o ponto de vista teórico ou contextual, mediante análise e interpretação da produção científica existente. Essa síntese de conhecimentos a partir da descrição de temas abrangentes favorece a identificação de lacunas de conhecimento para subsidiar a realização de novas pesquisas. Ademais, sua operacionalização pode se dar de forma sistematizada com rigor metodológico (BRUM *et al.*, 2015).

A revisão foi realizada nos meses de fevereiro e março de 2021. Para responder à questão norteadora “O que a literatura nacional fala sobre o perfil, processo de prevenção e tratamento da depressão em idosos?”, foi acessada a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), a base de dados do Google Acadêmico, e a biblioteca *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). Foram utilizadas as seguintes palavras-chaves para a busca: Depressão; Idoso; Epidemiologia e Revisão.

Os dados coletados para a seleção dos artigos analisados nesta pesquisa obedeceram aos seguintes critérios de inclusão: artigos disponíveis em texto completo que abordaram a temática específica para a população idosa, recorte temporal de 2016 a 2021 e estudos disponíveis na língua portuguesa.

Foram encontrados 136 estudos, sendo que após a leitura dos títulos e resumos, 16 artigos foram selecionados para serem lidos na íntegra, selecionou-se ao final um total de 11 artigos. Após esta etapa, realizou-se a análise dos artigos de acordo com seus resultados, com base na literatura disponível sobre a temática.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ressalta-se que as palavras-chaves utilizadas na busca possibilitaram encontrar vários artigos, porém, muitos não faziam relação com a finalidade da pesquisa, visto que o intuito inicial seria encontrar estudos com a temática de depressão no idoso.

O quadro 1 apresenta uma síntese das informações dos 11 artigos selecionados, com apresentação do título, tipo de estudo, ano e principais resultados. O ano de publicação variou de 2016 a 2020, com destaque para os artigos publicados no ano de 2018 (n= 5). Evidenciou-se ainda que todos os artigos selecionados eram estudos de revisão de revisão e tiveram como autoria as seguintes categorias profissionais: Enfermagem (n=5; 45,4%), Psicologia (n=4; 36,3%), Medicina (n=1; 9,0%). Um artigo não especificou a titulação de seus autores.

Quadro 1 – Síntese das informações retiradas das publicações da base de dados

Título	Tipo de estudo	Autor/Ano	Principais resultados
Assistência ao idoso que convive com depressão na atenção básica: revisão narrativa de literatura	Revisão narrativa de literatura.	Dantas (2018)	Percebeu-se que a depressão tem atingido a população idosa que convive com os fatores predisponentes do envelhecimento; e que a atenção básica precisa criar mecanismos para o enfrentamento desse problema de saúde, qualificando a equipe multiprofissional para lidar com essa condição de saúde do idoso, minimizando os impactos do

			estado depressivo aos idosos, a família e a sociedade de um modo geral.
Assistência de enfermagem na depressão na terceira idade	Pesquisa bibliográfica.	Costa e Wronski (2017)	Verificou-se que a assistência de enfermagem é fundamental para o diagnóstico precoce e para o cuidado do idoso, como profissional que planeja ações estratégicas junto às equipes de saúde para auxiliar essa população tão carente de atenção e cuidados.
Características da depressão em idosos	Revisão bibliográfica de literatura.	Alexandra, Morais e Coutinho (2017)	Os resultados dizem respeito à primeira etapa do Projeto de Pesquisa desenvolvido na disciplina “Práticas de Pesquisa na área de Saúde”. Como principais resultados encontrados podem destacar a importância da atividade física, convivência social e lazer, como fatores predeterminantes no tratamento e na recuperação do idoso.
Depressão em idosos: uma revisão sistemática da literatura	Revisão sistemática da literatura.	Lima (2016)	Os resultados evidenciaram o perfil dos idosos acometidos pela depressão, formas de tratamentos, chegada ao serviço de saúde e comorbidades associadas. Também mostrou a importância do engajamento deste público e familiares em atividades educativas, treinamento profissional de saúde e ampliação do sistema como fatores importantes ao cuidado.
Idoso, depressão e aposentadoria: uma revisão sistemática da literatura	Revisão sistemática da literatura.	Silva, Turra e Chariglione (2018)	Foram analisados e organizados os artigos em quatro categorias temáticas: demonstraram que dificilmente a aposentadoria é considerada como um fator de risco à saúde em todas as fases

			da vida e como agente causador de depressão em idosos.
A depressão e a pessoa idosa: uma revisão da literatura	Pesquisa bibliográfica narrativa de cunho qualitativo.	Matos, Fonseca e Andrade (2020)	Como resultado identificou-se que a depressão como enfermidade mental no idoso, associada a elevado grau de sofrimento psíquico, configura-se dentro de um conjunto amplo de componentes onde atuam fatores genéticos, eventos vitais, como luto e abandono, e doenças incapacitantes, portanto a depressão no idoso apresenta-se como uma ameaça de sua qualidade de vida.
Depressão na terceira idade: um estudo sobre envelhecimento	Revisão Sistemática da Literatura.	Carmo, Freire e Párraga (2017)	Fatores de riscos psicológicos, biológicos e sociais, estão relacionados às causas da depressão na terceira idade. Percebe-se uma baixa produção de artigos na área da psicologia, sendo assim, é importante a realização de mais pesquisas sobre essa temática e repensar sobre os cuidados para prevenção e tratamento da depressão na terceira idade.
Depressão em idosos: uma revisão de literatura	Pesquisa bibliográfica integrativa.	Mello e Teixeira (2011)	As pesquisas ressaltam como consequência da depressão o aumento do risco de morbidade e mortalidade, aumento da utilização dos serviços de saúde, negligência no autocuidado, baixa adesão aos tratamentos terapêuticos, e por fim, o suicídio
Fatores associados à depressão em idoso	Revisão integrativa de literatura.	Nóbrega <i>et al.</i> (2015)	Para melhor qualidade o idoso necessita ter conhecimento sobre sua condição e as doenças que podem lhe acometer, o que a auxilia na promoção da própria saúde,

institucionalizados: revisão integrativa			reduzindo o sofrimento. Contribuindo para o envelhecimento ativo, tornando-a participativa na sociedade, onde demonstra autonomia sobre a própria velhice
Assistência de enfermagem na atenção básica a pessoa idosa com transtorno depressivo: uma revisão integrativa	Revisão integrativa de literatura.	Queiroz (2020)	O estudo traz em sua composição grande relevância para o âmbito da saúde no momento, tendo em vista que realiza uma averiguação acerca da literatura já produzida sobre a temática, no intuito de contribuir com o tema.
Características da depressão em idosos	Revisão de Literatura.	Rocha e Cioffi (2014)	Podemos relacionar e promover a atuação multiprofissional para um melhor diagnóstico do distúrbio, garantindo assim uma rápida intervenção. O incentivo da participação familiar deve começar pelo profissional de enfermagem. Para que isso ocorra, faz-se necessário a implantação de cursos de capacitação na área da saúde mental.

Fonte: elaborado pelos autores (2021).

Segundo Ortiz e Wanderley (2013), o envelhecimento está diretamente relacionado com as transformações tanto do corpo, como da mente. E estas modificações acabam afetando a qualidade de vida, promovendo um conjunto de mudanças que, ao desenvolver doenças (físicas ou psíquicas) podem causar barreiras modificando a vida destes idosos.

A pesquisadora Lenita Wannmacher (2016) em parceria com a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS/OMS) descreve que o envelhecimento e suas consequências, podem ser fatores de risco para a depressão. Hoje, 10% das pessoas com 60 anos ou mais apresentam a doença que necessita de intervenção; mostrando também 40% dos acometidos desta patologia.

Em estudo realizado por Rabelo (2009) e Caixeta e Ferreira (2009), foi comprovado que a prevalência de depressão é de 14,4% nos hospitais, 10,4% na comunidade e 7,7% em pacientes da atenção primária. Segundo a pesquisa, a depressão irá aumentar em idosos na faixa etária a partir de 85 anos, devido ao provável surgimento da incapacidade de se locomoverem, juntamente com a visão diminuída, prejuízo cognitivo embora leve, e a percepção da perda de memória bem como tabagismo.

Sobre depressão geriátrica Barroso e Tapadinhas (2006) nos falam que ela é ainda pouco identificada, pois o quadro clínico é comum nos idosos devido tanto pelas perdas, como também pelas mudanças ocorridas. Em relação à vivência, o idoso se encontra em vários dilemas de sua vida, tais como: diminuição ou falta de apoio familiar, econômico e social; seguido do surgimento das incapacidades, perdas de entes queridos, conduzindo assim o idoso ao isolamento e solidão.

Percebe-se que, com o aumento da idade, o idoso vai perdendo gradativamente a autonomia, como também perda da funcionalidade, agravamento de algumas doenças, perda do seu papel social, vem a solidão, viuvez, perda de entes queridos, insegurança financeira; fatores que estão diretamente relacionados ao desenvolvimento da depressão.

Outro aspecto que merece destaque falando da solidão e do luto é que, estes acontecimentos estão presentes na maioria das pessoas que se encontram no processo de envelhecimento como já foi mencionado, porém com o agravante da institucionalização, a situação torna-se ainda mais estressante e desencadeadora de depressão. Dentre as causas que resultam na ida dos idosos aos asilos, temos: as condições precárias de saúde, necessidade de reabilitação, distúrbios do comportamento, falta de recursos financeiros e por fim o abandono familiar.

Segundo Teston, Carreira e Marcon (2014), os idosos que moravam em outras instituições que não fossem a sua própria casa, apresentavam uma chance maior (três vezes mais) de apresentar a depressão. A partir dessa constatação podemos deduzir que, o apoio da família é fundamental tanto para o processo da qualidade de vida, como na prevenção da depressão.

Rocha e Cioffi (2014) trazem em destaque os sintomas mais comuns da depressão, dentre eles temos: diminuição do sono; perda de prazer nas atividades habituais; sentimento de nostalgia e de culpa e desesperança; perda de memória; isolamento social; humor depressivo; desinteresse por coisas que antes era prazeroso; agitação ou retardo psicomotor, redução da concentração.

Diante disso, o idoso ao se deparar com o diagnóstico da depressão pode encontrar várias formas de tratamento, amenizando assim os seus efeitos, para que possa ter uma vida mais satisfatória e duradoura; nem que para isso tenha que recorrer ao uso de farmacoterapia, dietoterapia, acompanhamento psicológico, entre tantos outros.

Como discorre Salmaso *et al.* (2014), o aumento da população idosa no mundo tem ocasionado não somente uma preocupação, como uma necessidade dos serviços de saúde em se adaptar a este tipo de atenção mais especializado. Vários são os problemas de saúde consequentes do envelhecimento, porém a depressão tem tido papel de destaque, pois quando não tratada pode levar a incapacidades, consumo excessivo de recursos hospitalares e morbidade.

Fatores estes que, segundo Pinho, Custódio e Makdisse (2009), promove maiores investimentos na área de políticas públicas de saúde e pesquisas, além de provocar um aumento na capacitação especializada por parte dos profissionais interessados em atuar ou que já atuam junto a essa clientela.

De acordo com os autores, percebe-se que, os serviços de saúde exigem maiores demandas de políticas públicas de saúde, principalmente voltados a pessoa idosa, tendo em vista que, seu crescimento é inevitável. Lidar com as adversidades e limitações advindas com o envelhecimento é um tanto difícil para o idoso, e essa situação torna-se mais extrema, quando problemas de saúde, como é o caso da depressão acaba acometendo-o.

Em estudos feitos obedecendo ao espaço temporal da pesquisa, temos: Paula *et al.* (2013), uma população de idosos (120) de um ambulatório de geriatria, foi observado que a idade variava entre 60 e 79 anos; (66%) eram mulheres e (43%) tinham entre 1 e 4 anos de escolaridade formal. (63,33%) dos indivíduos da amostra, eram independentes em relação às atividades de vida diária e (31,67%) nas atividades instrumentais de vida diária. A presença de déficit cognitivo em (29%) dos idosos e (32%) apresentavam sintomas depressivos.

Outro estudo, de Gonçalves e Andrade (2010), com uma amostra de (102) idosos, encontrou-se a idade variando de 60 a 91 anos e a média de 71,5 anos; a maioria eram mulheres, casados e aposentados; (38,2%) eram hipertensos; (11,8%) diabéticos; (20,6%) com hipertensão e diabetes; (40,2%) procuraram atendimento por doença do sistema osteomuscular; (34,3%) do aparelho circulatório e (14,7%) por doenças endócrinas. A prevalência de depressão foi de (50%), sendo os casos mais grave em torno de (13,7%).

Silva e Andrade (2013) em seu trabalho nos fala que, em um ambulatório de geriatria no interior do Nordeste brasileiro, foram entrevistados (102) idosos, com idade variando de 60 a 91 anos com média de 71,5. A maioria destes, era do sexo feminino, casados, brancos,

residentes em casa própria e aposentados. A qualidade de vida associou-se de forma significativa com o sexo feminino, ser divorciado e branco. Apresentou correlação negativa com idade avançada e sintomas depressivos.

Diante destes dados acima apresentados, percebe-se uma associação significativa entre depressão, idade, sexo e doenças secundárias que se refletem diretamente na qualidade de vida destes idosos.

Paula *et al.* (2013) nos trazem em seus estudos observação da predominância de uma faixa etária compreendida entre 60-91 anos, e uma associação significativa entre depressão e idade, sexo, raça e atividade física, o que reflete na qualidade de vida dos idosos.

Ramos *et al.* (2015) nos fala que no processo de depressão, o sexo feminino tem apresentado uma fragilidade maior, devido a vários fatores principais relacionados à família, genética e hormônios. Outros fatores secundários existentes incluem: faixa etária, restrições socioeconômicas, baixa escolaridade, atribuições de personalidade, distúrbios do sono, inadequações da moradia, déficit no suporte social, eventos de vida estressantes, quadro psiquiátrico prévio, declínio cognitivo, restrições funcionais e morbidades, sejam elas crônicas ou agudas.

De acordo com Aguiar e Santos (2014), quando a depressão é diagnosticada antecipadamente, existe uma possibilidade maior na eficácia do tratamento, podendo inclusive se chegar até o restabelecimento. Estes autores ainda descrevem que a intervenção com o antidepressivo é fundamental, pois não inabilita e nem deixa o paciente dependente. E, associando a psicoterapia, pode permitir a reorganização dos aspectos psicológicos, melhorando inclusive a sua percepção a respeito da depressão e na solução dos enfrentamentos, minimizando o efeito do estresse. Porém, vale ressaltar que, a psicoterapia sozinha não extingue o aparecimento de novas crises depressivas.

O diagnóstico tardio da depressão traz dificuldades para o tratamento, sendo assim, é necessário que as pessoas do convívio do idoso, estejam atentas aos sintomas, visto que dificilmente o idoso irá à busca do tratamento. Quando a depressão é descoberta precocemente, existem maiores chances de cura e tratamento (AGUIAR; SANTOS, 2014).

Lima *et al.* (2016) em sua pesquisa discerniram estratégias que ajudam na eficácia do tratamento da depressão na terceira idade dentro da atenção primária, sendo necessário trabalhar de modo multiprofissional envolvendo então “ativação e engajamento das pacientes e familiares, treinamento profissional de saúde e ampliação do sistema” (p. 6). Os tratamentos e prevenções da depressão na terceira idade são essenciais para a garantia da qualidade de vida e saúde mental desta população.

A pesquisa de Aguiar e Santos (2014) foi realizada nos vinte e seis Programas de Saúde da Família (PSF), da cidade de Valparaíso de Goiás, com o intuito de analisar as causas mais relevantes no tratamento da depressão em idosos. De acordo com o estudo, os sinais que mais prevalecem durante a depressão é o humor deprimido, diminuição da massa corporal, variação de sono, cansaço e pensamentos suicidas. Foi possível verificar também sintomas de diminuição da disposição, sentimentos de baixa autoestima, arrependimento exagerado ou incongruente, falta de concentração e se existem ideias ou tentativas que acontecem o suicídio. Ressaltam a relevância do cuidado familiar para auxiliar no tratamento da depressão nos idosos, como por exemplo, auxílio no uso dos medicamentos, cuidado, proteção e a paciência.

Vale ressaltar que o apoio e a atenção principalmente dos amigos podem trazer resultados expressivos para o idoso durante o seu tratamento.

Em relação aos medicamentos utilizados no tratamento para depressão, temos como alguns estudos; dentre eles: Alexopoulos *et al.* (2010), demonstrou que a homocisteína pode ter uma associação positiva com o processamento da linguagem e velocidade de processamento em idosos depressivos. Porém, faz um alerta de que os profissionais médicos devem atentar-se para os parâmetros de custo e benefício, uma vez que a homocisteína está relacionada com o surgimento de doenças cardiovasculares como Acidente Vascular Cerebral (AVC), doença coronariana ou infarto cardíaco, devendo-se avaliar o risco benefício para sua prescrição.

Segundo Cruz *et al.* (2006), os benzodiazepínicos (BZD) são fármacos com atividade hipnótica e ansiolítica, possuem eficácia nos transtornos ansiosos, além de ação hipnótica, amnésica, anticonvulsivante e relaxante muscular.

De acordo com o mesmo autor acima citado, entre os diversos derivados BZD, o diazepam destacou-se com 34 milhões de prescrições no ano de 1991.

Em sua pesquisa, Istilli *et al.* (2010) abordou que a Fluoxetina, antidepressivo da classe dos inibidores seletivos da recaptação da serotonina, é um dos medicamentos mais utilizados no tratamento da depressão, os motivos pelos quais é prescrito incluem: a ansiedade, angústia, insônia, alteração de humor, nervosismo, infelicidade, distímia, distúrbios alimentares, estresse, falta de concentração e desânimo excessivo.

Percebe-se que, o uso indiscriminado e excessivo desses e outros fármacos, podem expor os pacientes a efeitos adversos desnecessários e interações medicamentosas potencialmente perigosas. Em relação a isso, os idosos que, são particularmente vulneráveis aos efeitos adversos de medicamentos, vêm sendo justamente os indivíduos que mais os consomem.

Mais de 80% dos idosos tomam no mínimo um medicamento diariamente, o que aumenta os riscos de uso inadequado (CRUZ *et al.*, 2006).

Um ponto que mereceu destaque, embora não faça parte diretamente da pesquisa foi a importância dada a prática do exercício físico para o evento de depressão na população. Existem vários relatos e indicação sobre os efeitos benéficos da atividade física para melhorar a depressão em pessoas idosas. Isso devido ao bem-estar psicológico ocasionado pela influência mútua ou pela formação e acolhimento de redes com relações afetivas estabelecidas.

Melo *et al.* (2018) avaliou o efeito da dança de salão no tratamento da depressão, uma vez que produz benefícios físicos, psicológicos e sociais; nos quais os idosos manifestam suas necessidades e debilidades. Neste trabalho foi observado que a prática regular de dança de salão é um instrumento alternativo para o tratamento da depressão em idoso.

Neste sentido, observa-se que a atividade física é mais um importante aliado no tratamento dos sintomas depressivos, pois promove a diminuição do estresse e o risco da ansiedade, assim como é um fator relevante na melhoria da qualidade de vida, adiando os sintomas depressivos, diminuindo o risco de doenças cardiovasculares e proporcionando um bem-estar físico e mental.

Mello e Teixeira (2011) demonstraram que o autocuidado, o apoio da família, a melhoria da dieta, exercícios físicos e utilização do montante mínimo de drogas psicotrópicas, podem evitar a cronicidade de condições psiquiátricas comuns.

Como é perceptível, procuramos abordar de maneira geral como se comporta tanto o perfil, como a epidemiologia da depressão na terceira idade, sendo vista sob a ótica de outras profissões, não se limitando somente a enfermagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A depressão é uma condição clínica de grande relevância em idosos, pois aumenta a morbimortalidade, impacta negativamente a capacidade funcional e a qualidade de vida destes indivíduos. Deve ser investigada de maneira rotineira, pois é uma condição muito prevalente e tratável; a melhora dos sintomas e a remissão completa do quadro são possíveis e deve ser perseguida.

Ao analisar os resultados, constata-se um aumento significativo nos índices de depressão em idosos, visto que este público com o passar da vida, torna-se vulnerável a tais problemáticas. Percebe-se ainda que, com o aumento da idade, o idoso vai perdendo gradativamente a autonomia, como também perda da funcionalidade, agravamento de algumas

doenças, perda do seu papel social, vem a solidão, viuvez, perda de entes queridos, insegurança financeira; fatores que estão diretamente relacionados ao desenvolvimento da depressão.

Quanto ao perfil dos idosos, constatou-se os que desenvolveram depressão foram aqueles que, possuem faixa etária média entre 60-79 anos, prevalência da doença no sexo feminino, menor grau de escolaridade, execução de atividades diárias, déficit cognitivo e doenças crônicas estando associado aos sintomas depressivos.

Em relação a prevenção e tratamentos, observou-se que a detecção precoce apresenta maior eficácia para a cura; porém a tardia traz dificuldades no tratamento.

Vale ressaltar que, o estudo também mostrou a importância do estímulo ao autocuidado, o engajamento dos pacientes e familiares no tratamento, treinamento dos profissionais de saúde e ampliação do sistema são fatores essenciais para o cuidado destes pacientes.

Quanto às formas de tratamento, observa-se ainda o uso excessivo da terapia medicamentosa, de forma que os profissionais precisam voltar o seu olhar urgente para a implementação de métodos não farmacológicos; embora observe-se de forma ainda tímida alguns tratamentos como terapias, uma vez que estes não produzem efeitos prejudiciais ao organismo e desperta para atividades cognitivas.

Outro fator que merece destaque é a presença da atividade física como um relevante fator para a tal feito, visto que em alguns estudos, observamos idosos que não apresentam depressão, pois praticam atividades físicas regularmente.

Dentre as limitações da pesquisa, destaca-se a baixa quantidade de estudos atuais que trabalhem esta temática de forma mais específica, principalmente a necessidade de mais trabalhos de campo; pois pesquisas que enfatizem a prevenção e o tratamento são primordiais para a construção de uma literatura rica sobre depressão na terceira idade.

Faz-se necessário um olhar mais atencioso para essa população. O idoso precisa estar inserido no contexto familiar para ser acolhido e ajudado.

Finaliza-se abordando que, a depressão não faz parte do envelhecimento, nem todo indivíduo que envelhece terá depressão. Ela tem tratamento e não pode ser vista como consequência natural do envelhecimento.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, L. S.; SANTOS, W. L. Conhecimento dos enfermeiros quanto ao tratamento da depressão na terceira idade. **Revista de Divulgação Científica Sena Aires**, [s.l.], v. 2, p. 177-184, 2014. Disponível em: <http://revistafacesa.senaaires.com.br/index.php/revisa/article/view/133/78>. Acesso em: 17 set. 2021.
- ALEXANDRA, L.; MORAIS, A. T. S.; COUTINHO, M. L. Características da depressão em idosos. In: SEMANA DE PESQUISA DA UNIVERSIDADE TIRADENTES, 19., 2017, Aracaju. **Anais eletrônicos** [...]. Aracaju: Universidade Tiradentes, 2017. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/sempesq/article/view/7871>. Acesso em: 3 maio 2021.
- ALEXOPOULOS, P. *et al.* Homocysteine and cognitive function in geriatric depression. **Neuropsychobiology**, [s.l.], v. 61, n. 2, p. 97-104, 2010. Disponível em: <https://www.karger.com/Article/Pdf/275821>. Acesso em: 17 set. 2021.
- AMBRÓSIO, G. O nexos causal entre depressão e trabalho. **Revista LTR: legislação do trabalho**, São Paulo, v. 2, ano 77, p. 193-204, fev. 2013.
- ANDRADE, A. I. N. P. A.; MARTINS, R. M. L. Funcionalidade familiar e qualidade de vida dos idosos. **Millenium**, Portugal, v. 40, p. 185-199, 2011. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/millenium/article/view/8227>. Acesso em: 18 set. 2021.
- BARROSO, V. L.; TAPADINHAS, A. R. Órfãos geriátricos: sentimentos de solidão e depressividade face ao envelhecimento – Estudo comparativo entre idosos institucionalizados e não institucionalizados. **Psicologia.pt.**, [s.l.], 2006. Disponível em: https://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo_licenciatura.php?codigo=tl0091. Acesso em: 17 set. 2021.
- BRUM, C. N. *et al.* Revisão narrativa da literatura: aspectos conceituais e metodológicos na construção do conhecimento da enfermagem. In: LACERDA, M. R.; COSTENARO, R. G. S. (org.). **Metodologias da pesquisa para a enfermagem e saúde: da teoria à prática**. Porto Alegre: Moriá, 2015. p. 123-142.
- CAIXETA, G. C. S.; FERREIRA, A. Desempenho cognitivo e equilíbrio funcional em idosos. **Revista Neurociências**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 202-208, 2009. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/neurociencias/article/view/8542>. Acesso em: 19 set. 2021.
- CARMO, C. B.; FREIRE, M. O.; PÁRRAGA, M. B. B. Depressão na terceira idade: um estudo sobre envelhecimento. **TCC - Psicologia**, Várzea Grande, 2017. Disponível em: <https://www.repositoriodigital.univag.com.br/index.php/Psico/article/view/82>. Acesso em: 18 set. 2021.
- CARREIRA, L. *et al.* Prevalência de depressão em idosos institucionalizados. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 19, p. 268-273, jun. 2011.

COSTA, J. S.; WRONSKI, J. V. R. **Assistência de enfermagem na depressão na terceira idade**. 2017. 25 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Enfermagem) — Centro Universitário São Lucas, Porto Velho, 2017. Disponível em: <http://repositorio.saolucas.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/2307/Jan%C3%A1y%20dos%20Santos%20Costa,%20Juliana%20Val%C3%A9ria%20Ribeiro%20Wronski%20-%20Assist%C3%Aancia%20de%20enfermagem%20na%20depress%C3%A3o%20na%20terceira%20idade.pdf?sequence=1>. Acesso em: 10 jul. 2021.

CRUZ, A. V. *et al.* Uso crônico de diazepam em idosos atendidos na rede pública em Tatuí-SP. **Revista de Ciências Farmacêuticas Básica e Aplicada**, [s.l.], v. 27, n. 3, p. 259-267, 2006. Disponível em: <https://rcfba.fcfar.unesp.br/index.php/ojs/article/view/555>. Acesso em: 17 set. 2021.

DANTAS, I. L. A. **Assistência ao idoso que convive com depressão na atenção básica: revisão narrativa de literatura**. 2018. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Enfermagem) — Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2018. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/7761>. Acesso em: 17 set. 2021.

GONÇALVES, V.; ANDRADE, K. Prevalência de depressão em idosos atendidos em ambulatório de geriatria da região Nordeste do Brasil. **Rev. bras. geriatr. gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, ago. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbgg/a/yMkm8wyNbJyHkKrKKj6Ykkc/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 18 set. 2021.

GRINBERG, L. P. Depressão em idosos: desafios no diagnóstico e tratamento. **RBM rev. bras. med.**, [s.l.], v. 63, n. 7, p. 317-330, jul. 2006.

GULLICH, I.; DURO, S. M. S.; CESAR, J. A. Depressão entre idosos: um estudo de base populacional no Sul do Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 691-701, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/pSFfRQxB6FMP8RjCJxRt55G/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 17 set. 2021.

ISTILLI, P. T. *et al.* Antidepressivos: uso e conhecimento entre estudantes de enfermagem. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, [s.l.], v. 18, n. 3, p. 132-139, maio/jun. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/mSh7ypdwHsQH84RKzk7kh4s/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 set. 2021.

LIMA, A. M. P. *et al.* Depressão em idosos: uma revisão sistemática da literatura. **R. Epidemiol. Control. Infec.**, Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 2, p. 97-103, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5704/570463798010.pdf>. Acesso em: 17 set. 2021.

MATOS, Z. M.; FONSECA, R. S. S.; ANDRADE, P. D. A depressão e a pessoa idosa: uma revisão da literatura. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ENVELHECIMENTO HUMANO, 7., 2020, Campina Grande. **Anais eletrônicos [...]**. Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <http://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/73770>. Acesso em: 31 out. 2021.

MELLO, E.; TEIXEIRA, M. B. Depressão em idosos. **Revista Saúde UNG**, [s.l.], v. 5, n. 1, p. 42-53, 2011. Disponível em: <http://revistas.ung.br/index.php/saude/article/view/562/916>. Acesso em: 17 set. 2021.

MELO, C. C. *et al.* A influência do tempo de prática de dança de salão nos níveis de depressão de idosos. **Revista de psicologia del deporte**, [s.l.], v. 27, n. 4, p. 67-73, 2018. Disponível em: <https://ddd.uab.cat/record/187808>. Acesso em: 17 set. 2021.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

NÓBREGA, I. R. A. P *et al.* Fatores associados à depressão em idosos institucionalizados: revisão integrativa. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, 2015, v. 39, n. 105, p. 536-550, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/gfFFTzQKvvCLzr3SWHCXJ6C/?lang=pt>. Acesso em: 11 nov. 2021.

NUNES, S. *et al.* Ansiedade, depressão e enfrentamento em pacientes internados em um hospital geral. **Psicologia, Saúde & Doenças**, Lisboa, v. 14, n. 3, p. 382-388, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/362/36229333002.pdf>. Acesso em: 17 set. 2021.

ORTIZ, B. R.; WANDERLEY, K. D. A. S. Reflexões sobre o uso da escala de depressão geriátrica (GDS-15) em idosos hospitalizados. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 307-316, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/18553/13741>. Acesso em: 17 set. 2021.

PARK, M.; UNÜTZER, J. Geriatric depression in primary care. **Psychiatr Clin. North Am.**, [s.l.], v. 34, n. 2, p. 469-487, jun. 2011. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21536169/>. Acesso em: 19 set. 2021.

PAULA, A. F. M. *et al.* Avaliação da capacidade funcional, cognição e sintomatologia depressiva em idosos atendidos em ambulatório de geriatria. **Rev. Bras. Clin. Med.**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 212-218, jul./set. 2013. Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/1679-1010/2013/v11n3/a3767.pdf>. Acesso em: 19 set. 2021.

PINHO, M. X.; CUSTÓDIO, O.; MAKDISSE, M. Incidência de depressão e fatores associados em idosos residentes na comunidade: revisão de literatura. **Rev. bras. geriatr. gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 123-140, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbagg/a/pnkmQNBjCkKGjJBH35bypTD/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 17 set. 2021.

QUEIROZ, A. F. **Assistência de enfermagem na atenção básica a pessoa idosa com transtorno depressivo: uma revisão integrativa**. 2020. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) — Faculdade Nova Esperança de Mossoró, Mossoró, 2020. Disponível em: <http://www.sistemasfacenern.com.br/repositorio/admin/acervo/7ad971a7b31d5725eb31c0052dce1abc.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2021.

RABELO, D. F. Comportamento cognitivo leve em idosos: avaliação, fatores associados e possibilidade de intervenção. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 65-79,

nov. 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/4414/2986>. Acesso em: 17 set. 2021.

RAMOS, G. C. F. *et al.* Prevalência de sintomas depressivos e fatores associados em idosos no norte de Minas Gerais: um estudo de base populacional. **J. bras. psiquiatr.**, v. 64, n. 2, p. 122-131, abr./jun. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/YrxY6mfSKSb4c4TFWPZtg8q/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 17 set. 2021.

REICHERT, C. L. *et al.* Physical activity and depressive symptoms in community-dwelling elders from southern Brazil. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, [s.l.], v. 33, n. 2, jun. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/F5tyDSwXtQyp7vdyN5D9xXp/?lang=en>. Acesso em: 17 set. 2021.

ROCHA, L. P. O.; CIOFFI, A. C. S. Caracterização da depressão entre idosos. **Revista Eletrônica da Univar**, [s.l.], v. 2, n. 12, p. 56-60, 2014.

SALMASO, F. V. *et al.* Análise de idosos ambulatoriais quanto ao estado nutricional, sarcopenia, função renal e densidade óssea. **Arq. Bras. Endocrinol. Metab.**, São Paulo, v. 58, n. 3, abr. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/abem/a/FgRTdwLNcNCTbGbQs4BZKZd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 set. 2021.

SANTOS, N. F.; SILVA, M. R. F. As políticas públicas voltadas ao idoso: melhoria da qualidade de vida ou reprivatização da velhice. **Revista FSA**, Teresina, v. 10, n. 2, p. 358-371, abr./jun. 2013. Disponível em: <http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/130/97>. Acesso em: 10 mar. 2021.

SARGINSON, J. E. *et al.* FKBP5 Polymorphisms and Antidepressant Response in Geriatric Depression. **Am. J. Med. Genet. B. Neuropsychiatr Genet.**, [s.l.], v. 153B, n. 2, p. 554-560, 2010. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2897151/>. Acesso em: 18 set. 2021.

SILVA, I. M. C.; ANDRADE, K. L. Avaliação da qualidade de vida de idosos atendidos em um ambulatório de geriatria da região Nordeste do Brasil. **Rev. Bras. Clin. Med.**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 129-134, 2013. Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/1679-1010/2013/v11n2/a3561.pdf>. Acesso em: 17 set. 2021.

SILVA, J. R. *et al.* Cuidado de enfermagem ao idoso institucionalizado e deprimido. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ENVELHECIMENTO HUMANO, 4., 2015, [s.l.]. **Anais eletrônicos** [...]. [S.l.: s.n.], 2015. v. 2, n. 1.

SILVA, M. M.; TURRA, V.; CHARIGLIONE, I. P. F. S. Idoso, depressão e aposentadoria: uma revisão sistemática da literatura. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo, v. 10, n. 2, p. 119-136, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://seer.imed.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/2858>. Acesso em: 31 out. 2021.

SOUSA, K. A. *et al.* Prevalência de sintomas de depressão em idosos assistidos pela estratégia de saúde da família. **REME: rev. min. enferm.**, v. 21, n. 2, p. 82-93, 2017.

Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/reme.org.br/pdf/e1018.pdf>. Acesso em: 17 set. 2021.

TESTON, E. F.; CARREIRA, L.; MARCON, S. S. Sintomas depressivos em idosos: comparação entre residentes em condomínio específico para idoso e na comunidade. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, DF, v. 67, n. 3, p. 450- 456, maio/jun. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/nHq5RLKmTbV4dDBWFNZKZPm/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 17 set. 2021.

WANNMACHER, L. Abordagem da depressão maior em idosos: medidas não medicamentosas e medicamentosas. **OPAS/OMS – Representação Brasil**, Brasília, DF, v. 1, n. 1, fev. 2016. Disponível em: https://www.paho.org/bra/dmdocuments/Abordagem%20idosos_F001.pdf. Acesso em: 17 set. 2021.

Capítulo 13

*ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NAS
DOENÇAS REUMATOLÓGICAS:
CARACTERIZAÇÃO E
CONTRIBUIÇÕES NO CUIDADO
ASSISTENCIAL AO PACIENTE*

ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NAS DOENÇAS REUMATOLÓGICAS: CARACTERIZAÇÃO E CONTRIBUIÇÕES NO CUIDADO ASSISTENCIAL AO PACIENTE

*Ana Thaís de Sousa Ribeiro¹
Bárbara Vitória Oliveira Barbosa¹
Maria Clara Lima dos Santos¹
Adriano Silva Eugenio²*

RESUMO

As doenças reumáticas favorecem a uma alta taxa de prevalência em todo o mundo, como também, levando a um número expressivo de incapacidade funcional. Percebe-se que, ao longo das últimas três décadas, os profissionais de enfermagem em reumatologia vêm se tornando cada vez mais uma parte essencial e indispensável dentro da equipe multidisciplinar. Este trabalho objetivou realizar uma pesquisa acerca do papel do Enfermeiro no manejo das doenças reumatológicas. A revisão narrativa foi realizada nos meses de fevereiro a março de 2021, onde foi acessada a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) juntamente com a base de dados do Google Acadêmico e a biblioteca *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). Um grupo formado por três avaliadores iniciaram as buscas, onde foram utilizadas para tanto, a análise e interpretação da produção científica já existente selecionando, após algumas etapas, 13 artigos para leitura de texto na íntegra. A amostra final foi composta por 6 artigos. Constatou-se a importância da atuação da Enfermagem em reumatologia frente aos cuidados, a eficácia das consultas, e as ações de cuidados de enfermagem na prevenção de doenças reumatológicas. Dessa forma, percebe-se a necessidade de o profissional enfermeiro utilizar constantemente, no seu ambiente de trabalho, todas as ferramentas que implementem a educação em saúde como orientação, rastreamento da doença para reduzir o sofrimento do paciente e o impacto que ela pode causar na sociedade. No Brasil ainda existe um caminho amplo a ser percorrido para o reconhecimento do papel da enfermagem em reumatologia. Sugere-se o desenvolvimento de pesquisas que explorem os conhecimentos da Enfermagem no contexto brasileiro.

Palavras-chave: enfermagem; doenças reumatológicas; cuidados de enfermagem.

¹ Estudante do Curso Técnico em Enfermagem. Escola Estadual de Educação Profissional (EEEP) Ícaro de Sousa Moreira.

² Enfermeiro. Especialista em Docência na Educação Profissional nos níveis básico e técnico. Professor e Orientador de Estágio na EEEP Ícaro de Sousa Moreira. *E-mail:* adrianoeugenio@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O envelhecimento da população mundial traz consigo inúmeras implicações nas condições de saúde. A transição epidemiológica, acompanhada do fenômeno da transição demográfica, tem revelado um novo panorama nos indicadores de saúde e nos perfis de morbimortalidade.

Nesse contexto, a tendência atual é termos um número crescente de indivíduos, principalmente idosos que, apesar de viverem por mais tempo, apresentam maiores condições crônicas. Dessa forma, as doenças crônicas aparecem como grandes vilãs para a manutenção da saúde e da qualidade de vida da população.

De acordo com Nunes e David (2014), as doenças crônicas estão diretamente relacionadas a causas diversas, marcadas por início progressivo, de previsão incerta, podendo ter uma longa ou indefinida duração. Elas também apresentam um caminho clínico que vai se modificando ao longo do tempo com períodos de agravamento, podendo inclusive provocar incapacidades que demandem a necessidade de intervenções seguidas de mudanças no estilo de vida em um processo de cuidado continuado que nem sempre levam à cura.

As doenças reumáticas, para Gusmão *et al.* (2014), favorecem a uma alta taxa de prevalência em todo o mundo, como também, levando a um número expressivo de incapacidade funcional. Essas condições formam um grupo que produz alterações sistêmicas envolvendo o tecido conjuntivo do corpo. Por esse motivo, acabam afetando os vasos sanguíneos, as serosas e as mucosas do trato aerodigestivo.

Segundo Mota *et al.* (2009), no campo da Reumatologia, várias doenças, tais como artrite reumatóide, lúpus eritematoso sistêmico, artrite reativa, artrite psoriática, espondilite anquilosante, dentre outras, necessitam com uma certa frequência, do uso de imunossupressores para o tratamento.

Em relação às patologias supracitadas, uma das mais comuns é a artrite reumatóide, Araújo e Leite (2016, p. 5), nos fala sobre esta doença:

Dentre as doenças crônicas, a artrite reumatóide (AR) é uma doença autoimune, de caráter inflamatório e de etiologia desconhecida, caracterizada por poliartrite periférica, simétrica, que leva à deformidade e à destruição das articulações, em virtude da erosão óssea e da cartilagem, podendo também, ocorrer manifestações sistêmicas associadas.

Segundo Sousa *et al.* (2017), sua apresentação clínica é variada e capaz de afetar o organismo por inteiro, não se limitando apenas à inflamação articular. Sintomas como dor,

fadiga, rigidez matinal, alterações do sono e depressão podem acabar afetando a qualidade de vida das pessoas. Por este motivo, a continuação do acompanhamento torna-se um desafio constante, e para que isso ocorra, o mesmo deve ser especializado, contínuo e sistematizado.

O tratamento das doenças reumatológicas inclui abordagens não medicamentosas e medicamentosas. Entre os medicamentos utilizados, há os que controlam apenas os sintomas e os que atuam diretamente no processo da doença, chamados de medicamentos modificadores do curso da doença (MMCD). Esses MMCD's podem ser sintéticos ou biológicos e o advento dos últimos mudou, de forma significativa, o tratamento das doenças reumáticas, uma vez que auxiliaram na diminuição do processo inflamatório e na inibição do dano estrutural progressivo (DABÉS; ALMEIDA; ACURCIO, 2015, p. 2600).

Percebe-se que, ao longo das últimas três décadas, os profissionais de enfermagem em reumatologia vêm se tornando cada vez mais uma parte essencial e indispensável dentro da equipe multidisciplinar.

Assim, o cuidado do enfermeiro torna-se relevante na eficácia do tratamento de pacientes com doenças crônicas, baseado em protocolos que vem dar suporte frente aos desafios e inovações nessa área. Esses desafios, como nos fala Nunes e David (2014), vão desde a tomada de decisão clínica durante o primeiro contato, até a reabilitação do paciente. Fundamentados na efetividade do tratamento em condições crônicas, os enfermeiros podem atuar na perspectiva de um cuidado mais amplo estabelecendo e programando intervenções.

Ao se reportar à prática no Brasil, muitas vezes os pacientes, os reumatologistas, e até mesmo os profissionais de enfermagem podem não dar a devida importância que a informação tem. E isso se evidencia quando nos deparamos com pacientes que, ao sair das consultas com reumatologistas, se sentem inseguros em relação ao que vão fazer a respeito da continuidade do seu tratamento.

Durante o último ano do curso Técnico em Enfermagem houve um despertar sobre a necessidade em aprofundar o conhecimento nessa área após ter conhecido um portador dessa doença, sendo este um familiar de um dos membros da equipe. Esse familiar mostrava-se confuso com o tratamento e inseguro a respeito do seu futuro e qualidade de vida.

Desta forma, tal estudo objetivou compreender como acontece a assistência de enfermagem aos pacientes com doenças reumatológicas buscando expandir os conhecimentos sobre as práticas de enfermagem no campo da reumatologia.

METODOLOGIA

Foi elaborado um estudo de revisão de literatura narrativa, de natureza básica, onde se propõe a fazer descrição do desenvolvimento do assunto, sob o ponto de vista teórico ou contextual. Foi utilizada para tanto, a análise e interpretação da produção científica já existente. De acordo com Brum *et al.* (2015), essa síntese de conhecimentos a partir da descrição de temas abrangentes acaba favorecendo a identificação de lacunas de conhecimento, servindo ainda para auxiliar a realização de novas pesquisas.

Para responder à questão norteadora, “Como acontece a assistência de enfermagem aos pacientes portadores de doenças reumatológicas?”, foi acessada a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), juntamente com o buscador Google Acadêmico e a biblioteca *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) por meio de uma busca avançada nos meses de fevereiro e março de 2021, utilizando os termos delimitadores da pesquisa, “Enfermagem”, “Doenças Reumatológicas” e “Cuidados de Enfermagem” como descritores para o levantamento de dados nos últimos 6 anos. O recorte temporal se justifica pelo fato de que foi dada prioridade aos estudos mais recentes que abordavam o assunto, porém percebeu-se a escassez tanto do tema abordado como de trabalhos publicados.

Os dados coletados para a seleção dos estudos analisados nesta pesquisa obedeceram aos seguintes critérios de inclusão: artigos e Trabalhos de Conclusão de Curso disponíveis em texto completo (do tipo original, de revisão ou atualização) de forma gratuita; estudos que abordavam a temática específica nos últimos 06 anos (2016 a 2021) e disponíveis na língua portuguesa. Foram excluídos os artigos repetidos.

A discussão foi promovida com a bibliografia direcionada pela revisão de conteúdos, cuja finalidade incide na compreensão de como ocorre a assistência de enfermagem a pacientes com doenças reumatológicas.

Os estudos pré-selecionados foram lidos na íntegra, analisando se atendiam aos critérios pré-estabelecidos. Por fim, foi feita uma síntese das publicações selecionadas, na intenção de organizar e avaliar os estudos em relação à questão norteadora.

No quadro abaixo são apresentadas as etapas para seleção dos estudos. Foram identificados 343 artigos, a partir da busca realizada por três avaliadores que procederam a leitura do título e resumo de cada um por meio da pesquisa feita na base de dados, chegando-se ao total de 21 artigos. Destes, foram selecionados para a etapa de leitura de texto na íntegra um total de 13, sendo que, qualquer discordância entre os avaliadores era debatida até o estabelecimento de um consenso. A amostra final foi composta por 06 estudos selecionados e os artigos foram analisados quanto ao ano de publicação, título de pesquisa, objetivo do estudo, tipo de estudo e amostra.

Quadro 1 – Etapas na seleção dos estudos

Identificação	Artigos incluídos por meio da pesquisa em bases de dados (n=343)
Seleção	Artigos selecionados após leitura de títulos e resumos (n=21). Artigos excluídos após duplicatas em bases de dados (n =08).
Elegibilidade	Artigos selecionados para leitura na íntegra (n=13). Artigos excluídos após leitura na íntegra (n=7), justificativas: os artigos não correspondiam à questão norteadora.
Inclusão	Artigos selecionados (n=06).

Fonte: elaborado pelos autores (2021).

O quadro 1 apresenta uma síntese das informações dos estudos selecionados. Os artigos que compuseram a amostra foram constituídos por publicações entre os anos de 2016 e 2021. Os estudos se concentraram na língua portuguesa, dentre os quais: 02 referentes ao ano de 2016 (33,3%); 01 referente ao ano de 2017 (16,6%); 02 referentes ao ano de 2018 (33,3%); e 01 referente ao ano de 2019 (16,6%).

Percebeu-se que, apesar das publicações mostrarem objetivos diversos em relação aos cuidados de enfermagem em doenças reumáticas, optamos por escolhê-las devido em seus documentos apresentarem comprovações científicas da abordagem de paciente reumatológicos. Diante dos resultados encontrados, resolvemos agrupá-los em categorias para análise, tendo em vista que apresentam focos variados.

Quadro 2 – Síntese das informações dos estudos selecionados

Artigo/ Ano	Título	Objetivo	Tipo de estudo/Amostra
Artigo/ 2018	Assistência de enfermagem nas doenças reumatológicas: revisão integrativa	Identificar as evidências científicas acerca da assistência de enfermagem aos pacientes com doenças reumatológicas.	Revisão Integrativa/34
Artigo/ 2018	Assistência integral de enfermagem ao idoso acometido por osteoporose: uma revisão integrativa	O objetivo desta pesquisa é investigar e contextualizar a osteoporose e suas particularidades na população idosa.	Revisão Integrativa/11
Artigo/ 2017	Eficácia de consultas realizadas por enfermeiros em pessoas com artrite reumatóide: revisão sistemática	Determinar a eficácia das consultas de enfermagem no controle da atividade da doença e de outros outcomes reportados em comparação com as consultas realizadas apenas por reumatologistas, em pessoas com artrite reumatóide.	Revisão Sistemática/04
TCC/ 2016	O papel do enfermeiro frente aos cuidados do portador de artrite reumatóide	O presente trabalho buscou investigar o papel do Enfermeiro frente aos cuidados do Portador de Artrite Reumatóide, com intuito de identificar e Contribuir para o cuidado e qualidade de vida desses pacientes	Revisão Bibliográfica e Descritiva/28
TCC/ 2016	Evidências sobre os fatores de risco associados à osteoporose e seu reflexo no cuidado	Discutir as ações para o cuidado de enfermagem na prevenção da osteoporose tendo em vista a QV do indivíduo. Tem como objetivos específicos: identificar os fatores de risco para o desenvolvimento da	Revisão Bibliográfica/09

	de enfermagem: revisão bibliográfica	osteoporose; descrever causas que geram a osteoporose e suas repercussões na QV do indivíduo; e elencar ações de cuidado de enfermagem para a prevenção da osteoporose tendo em vista a QV do indivíduo.	
Artigo/ 2018	Fraturas osteoporóticas de fêmur em idosos: uma revisão da literatura sobre o papel da enfermagem	Demonstrar através de uma revisão bibliográfica a literatura brasileira a relação entre fraturas osteoporóticas de fêmur e a morbimortalidade entre idosos no Brasil, levando em consideração o papel da Enfermagem nos processos de cuidado desses pacientes	Revisão Bibliográfica/08

Fonte: elaborado pelos autores (2021).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Categoria 01 - O papel da enfermagem em reumatologia

Como referido, a enfermagem em reumatologia é uma especialidade prática e contribui significativamente para o tratamento de pacientes com doenças reumáticas.

O desenvolvimento do papel da enfermagem em reumatologia segue uma tendência mundial entre os profissionais de saúde de fornecer um tratamento mais proativo, baseado em evidências e na preferência do paciente.

Portanto, pode-se certificar que os estudos trazem evidências fortes que validam o papel do enfermeiro na prática clínica e fundamentam a teórica para o desenvolvimento da enfermagem reumatológica. Porém, outro ponto importante a se ressaltar é o fato de grande parte dos estudos encontrados nessa revisão serem internacionais, abrindo precedente para questionar em qual lugar está a enfermagem Brasileira quando se fala a respeito da assistência em Reumatologia.

Vivienne e Michael (2018), em seu estudo nos falam que o perfil de trabalho dos enfermeiros na reumatologia foi modificado à medida que ganharam mais independência realizando estudos que embasaram teoricamente sua prática, fornecendo assim maiores informações sobre infusões e administração. Além disso, a ênfase aumenta para a educação liderada por enfermeiros, especialmente para pacientes portadores de artrite inflamatória crônica (AIC) com doença estável, que levaram à melhoria do bem-estar global, autoeficácia, autoavaliação da atividade da doença, empoderamento e conhecimento.

Nunes e David (2014) corroboram com esse achado mostrando que, em sua pesquisa em relação aos desafios da enfermagem reumatológica, a dimensão educativa, é constituinte da prática do enfermeiro como um elemento central para a sua atuação em reumatologia.

Sem prescindir do conhecimento clínico, trata-se de proporcionar ao paciente portador de um agravo limitante e sem perspectiva de cura, apenas de controle, não somente um suporte cognitivo que mantenha e estimule a autonomia no autocuidado diário, inclusive o medicamentoso, mas também que se ofereça como espaço de interação e acolhimento às demandas emocionais, reafirmando o caráter integral do cuidado de enfermagem. Um dos desfechos encontrados foi onde o aconselhamento a respeito das práticas de saúde mais saudáveis poderia ser uma estratégia para o manejo da doença.

Esse achado entra em consenso com Ryan, McCabe e Adams (2015), que os resultados de sua pesquisa mostraram as áreas-chave onde os enfermeiros de reumatologia tinham uma necessidade contínua de educação adicional e constante em fornecer conselhos sobre exercícios, os efeitos colaterais dos AINEs e a relação entre dor e sono.

Categoria 02 - Eficácia das consultas de enfermagem

Tradicionalmente, as pessoas com doenças reumáticas são monitorizadas periodicamente em consultas médicas. Vários estudos comprovam resultados favoráveis quando este seguimento é realizado também por enfermeiros, nomeadamente na capacidade funcional, na qualidade de vida, na dor (NDOSI *et al.*, 2014), e na satisfação global (KOKSIVK *et al.*, 2013; NDOSI *et al.*, 2014; PRIMDAHL *et al.*, 2014).

Para além destes resultados é ainda evidente a não-inferioridade (não existindo diferenças estatisticamente significativas) das consultas de enfermagem em relação às consultas com reumatologista.

Os resultados sugerem ainda que, quando comparamos as consultas de Enfermagem com as consultas com Reumatologistas ou com as consultas partilhadas sem agendamento, não

se observa diferenças significativas no controle da atividade da doença, existindo até benefícios, embora não atinjam um nível de significância estatística em que as pessoas ficam mais satisfeitas com as consultas de Enfermagem.

Dures *et al.* (2014), em seu estudo, nos mostra que as consultas foram melhoradas à medida que os profissionais se afastavam do aconselhamento didático, ou seja, falando menos e ouvindo mais. Esta mudança de postura por parte dos profissionais colocando os pacientes para assumir um papel mais ativo, se encaixa no modelo de promoção realizada no Reino Unido e nos Estados Unidos da América (EUA), onde há uma abordagem centrada no paciente para a prestação de cuidados de saúde.

Outros resultados revelam que, os conhecimentos dos pacientes estão diretamente relacionados ao tempo de consulta com o enfermeiro. Alguns ainda trazem que, o tempo gasto pelos enfermeiros está diretamente relacionado ao nível de satisfação e disposição do paciente a respeito do atendimento e da condução da doença.

No estudo de Robinson *et al.* (2018) vemos que as percepções dos enfermeiros sobre os limites de tempo para suas consultas pareciam ter um impacto sobre sua disposição de encorajar perguntas dos pacientes.

Desta forma, percebe-se que as consultas de enfermagem, que fornecem tempo e espaço para o apoio mental e educação do paciente, trazem benefícios incalculáveis para o paciente fazendo com que este conheça sua condição, e assim se transformem no protagonista da sua saúde.

Categoria 03 - Ações de cuidados de enfermagem na prevenção de doenças

A Enfermagem identifica-se por meio do cuidado e por isso possui como competência o ato de cuidar do ser humano em todas as conjunturas do seu processo de viver (SEBOLD *et al.*, 2016).

Conforme Lima (2017), a Enfermagem é uma ciência humana, de pessoas e de experiências, voltada aos cuidados de seres humanos para os estados de saúde e de doença, e transversalmente ligada entre pessoas, profissionais, ciência, estética, ética e política.

Pereira *et al.* (2015), em seu trabalho, acrescenta que a essência da Enfermagem é o cuidar, e o cuidado significa desvelo, solicitude, zelo, atenção, sendo realizado no contexto da vida em sociedade. Revela ainda que os profissionais de Enfermagem são parte fundamental da equipe multiprofissional, possuindo papel importante tanto na adesão ao programa, como também, ao tratamento dentro das perspectivas de conhecimento, competências e atitudes

contribuindo para a modificação de hábitos, realização de exercícios regulares, automassagem, relaxamento, higiene postural, alongamento e melhoria do sono, dentre eles.

Todos estes referem relevância no apoio a modificações de hábitos de vida visando à melhora na qualidade de vida e, também, na sintomatologia (PÉREZ-VELASCO *et al.*, 2015).

Nessa perspectiva, e por um campo ainda pouco explorado, foram evidenciados poucos artigos publicados nos últimos seis anos, sendo identificados apenas 06 artigos que satisfizeram aos critérios da pesquisa referentes à compreensão da atuação da enfermagem frente às doenças reumatológicas.

Diante disto, é notório que a produção de conhecimento científico na área ainda ocorre de forma muito lenta e insatisfatória, necessitando de um aprofundamento maior sobre o assunto, para que desperte o interesse dos profissionais em realizarem trabalhos e pesquisa no intuito de valorizar e ressaltar o trabalho executado por esta categoria.

Outro aspecto que merece atenção reside no fato de que, compete ao enfermeiro realizar assistência integral às pessoas e famílias quando indicado ou necessário. Dentre estes cuidados, temos as consultas de Enfermagem, onde o enfermeiro realiza ações específicas, que tem o objetivo de oferecer a assistência ao paciente durante o processo doença (VASCONCELOS *et al.*, 2009).

Para Sampaio *et al.* (2013), o profissional de enfermagem deve ser crítico e atuante executando suas funções juntamente com os demais membros da equipe de saúde no sentido de fornecer ao paciente o que necessita, seja a respeito da cura, recuperação, orientações, bem como auxiliar no controle de complicações.

O enfermeiro tem como ferramenta essencial no cuidado a promoção e prevenção da saúde, com intuito de melhorar a qualidade de vida.

Os enfermeiros precisam ensinar o autocuidado aos pacientes sob sua responsabilidade, como forma de garantir mudança de comportamento e participação no tratamento (TORRES *et al.*, 2010).

Para Sampaio *et al.* (2013), é necessário que o enfermeiro trace um plano de cuidados considerando as particularidades de cada um, buscando captar informações pessoais através da consulta de enfermagem, por meio de uma avaliação criteriosa. Para que as ações de autocuidado possam ser compreendidas e desenvolvidas pelos pacientes a fim de alcançar um manejo eficaz do tratamento (ARAÚJO; LEITE, 2016, p. 18).

Conforme Torres *et al.* (2010), as ações educativas proporcionam informações e habilidades aos indivíduos, consciência crítica e maior visibilidade do seu estado de saúde, a

partir da compreensão da sua patologia e assim se tornarão aptos a realizarem suas próprias escolhas e utilizarem em prol de si.

Observa-se que a falta de conhecimento sobre a doença tanto dos cuidadores quanto dos próprios pacientes, associada à inadequada capacitação e integração entre os profissionais de saúde relaciona-se diretamente ao problema da adesão ao tratamento.

Desta forma, a assistência de enfermagem junto ao cliente consiste em um conjunto de orientações para a saúde, fazendo com que ocorra a conscientização e mudança de comportamento do mesmo frente a sua problemática, com a finalidade de levá-lo a atuar preventivamente minimizando os danos decorrentes da evolução natural da doença, investindo ainda no desenvolvimento da capacidade e das habilidades do indivíduo para o autocuidado. O enfermeiro pode colaborar ativamente e determinante para que este indivíduo leve uma vida mais independente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa identificou também que, no Brasil ainda existe um caminho amplo a ser percorrido para o reconhecimento do papel da enfermagem em reumatologia, principalmente decorrente dos achados bastante escassos. Sabendo que, a circunstância da enfermagem muda conforme a sua localidade, logo, fica como sugestão, futuras pesquisas que explorem os conhecimentos da Enfermagem no contexto brasileiro, visando o reconhecimento e a independência profissional.

A pesquisa identificou apontamentos acerca do papel do enfermeiro no contexto da equipe multidisciplinar e os cuidados que estão à disposição para o manejo dos pacientes acometidos por doenças reumáticas.

Percebemos que, a reumatologia surge como um campo promissor, onde podem enriquecer seus saberes e expandir suas funções.

Recomenda-se, portanto, que os enfermeiros estejam sempre preparados e atualizados para que possuam um nível de competência e habilidades no intuito de promover uma assistência melhorada e embasada cientificamente, pois na medida em que isso acontece, os benefícios serão estendidos aos pacientes, como vistos nos resultados das consultas de Enfermagem, que mostram pacientes mais satisfeitos quando as intervenções de Enfermagem são feitas de forma individualizada, sistematizadas e integral.

As consultas de enfermagem comprovam que são mais eficazes no controle da atividade da doença, como também, na redução do impacto sentido e na satisfação das pessoas com doenças reumatológicas.

A falta de conhecimento sobre a doença associada à inadequada capacitação e integração entre os profissionais de saúde se relaciona diretamente ao problema da adesão ao tratamento.

É necessário que, a atuação do enfermeiro junto aos pacientes, pois possibilita a aproximação com os mesmos, que precisam ser assistidos em suas dúvidas e questionamentos, oportunizando-os a compreensão de que é possível conviver com a doença; e devido à realização do tratamento de maneira adequada, a melhoria de sua qualidade de vida.

Dessa forma, percebe-se a necessidade do profissional enfermeiro utilizar constantemente no seu ambiente de trabalho todas as ferramentas que implementem a educação em saúde, rastreamento da doença para reduzir o sofrimento do paciente e o impacto que ela pode causar na sociedade.

REFERÊNCIAS

ALBRECHT, G. S. **Assistência de enfermagem nas doenças reumatológicas: revisão integrativa**. 2018. 52 f. Monografia (Graduação em Enfermagem) — Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/38462>. Acesso em: 18 set. 2021.

ALEXANDRINO, A.; MEDEIROS, M. R. S. Assistência integral de enfermagem ao idoso acometido por osteoporose: uma revisão integrativa. *In: CONGRESSO NACIONAL DE ENVELHECIMENTO HUMANO*, 2., 2018, Curitiba. **Anais eletrônicos** [...]. Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/50274>. Acesso em: 18 set. 2021.

ARAÚJO, V. S.; LEITE, J. C. R. A. P. **O papel do enfermeiro frente aos cuidados do portador de artrite reumatóide**. 2016. 22 f. Artigo (Graduação) — Curso de Enfermagem, Centro de Ensino São Lucas, Faculdade São Lucas, Porto Velho, 2016. Disponível em: <http://repositorio.saolucas.edu.br:8080/xmlui/handle/123456789/1915>. Acesso em: 18 set. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria SCTIE nº 66, de 06 de novembro de 2012. Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas - Artrite Reumatóide. **Ministério da Saúde**, Brasília, DF, 2012.

BRUM, C. N. *et al.* Revisão narrativa da literatura: aspectos conceituais e metodológicos na construção do conhecimento da enfermagem. *In: LACERDA, M. R.; COSTENARO, R. G. S.*

(org.). **Metodologias da pesquisa para a enfermagem e saúde**: da teoria à prática. Porto Alegre: Moriá, 2015. p. 123-142.

DABÉS, C. G. S.; ALMEIDA, A. M.; ACURCIO, F. A. Não adesão à terapia biológica em pacientes com doenças reumáticas no Sistema Único de Saúde em Minas Gerais, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 12, p. 2599-2609, dez. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00169514>. Acesso em: 18 set. 2021.

DURES, E. *et al.* Rheumatology clinicians' experiences of brief training and implementation of skills to support patient self-management. **Bmc Musculoskeletal Disorders**, [s.l.], v. 15, n. 1, p. 1-9, mar. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1186/1471-2474-15-108>. Acesso em: 18 set. 2021.

GONÇALVES, S. O. **Evidências sobre os fatores de risco associados à osteoporose e seu reflexo no cuidado de enfermagem**: revisão bibliográfica. 2016. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem e Licenciatura) — Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/2526/Samara%20Oliveira%20Gon%c3%a7alves.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 set. 2021.

GUSMÃO, R. J. *et al.* Achados otorrinolaringológicos em um grupo de pacientes com doenças reumatológicas. **Revista Brasileira de Reumatologia**, [s.l.], v. 54, n. 3, p. 172-178, maio/jun. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbr/a/C4n8HSbYvqzF7H3dfTZKykb/?lang=pt>. Acesso em: 18 set. 2021.

KOKSIVK, H. S. Satisfação do paciente com as consultas de enfermagem em um ambulatório de reumatologia: um ensaio clínico randomizado de 21 meses em pacientes com artrites inflamatórias. **Annals of the Rheumatic Diseases**, London, v. 72, p. 836-843, 2013.

LIMA, M. J. **O que é enfermagem**. São Paulo: Brasiliense, 2017.

MANGIAVACCHI, B. M.; CARDOSO, H. S. G.; SILVEIRA, R. D. Fraturas osteoporóticas de fêmur em idosos: uma revisão da literatura sobre o papel da enfermagem. **Interdisciplinary Scientific Journal**, São Carlos, v. 5, n. 3, p. 57-74, jul./set. 2018.

MOTA, L. M. H. *et al.* Vacinação contra febre amarela em pacientes com diagnósticos de doenças reumáticas, em uso de imunossupressores. **Rev. Soc. Bras. Med. Trop.**, Uberaba, v. 42, n. 1, p. 23-27, fev. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsbmt/a/BHL6rPwszq5LDGz554DBYGy/?lang=pt>. Acesso em: 18 set. 2021.

NDOSI, M. *et al.* O resultado e a relação custo-eficácia dos cuidados conduzidos por enfermeiros em pessoas com artrite reumatóide: um ensaio clínico randomizado multicêntrico. **Annals of the Rheumatic Diseases**, London, v. 73, p. 1975-1982, 2014.

NUNES, A. S.; DAVID, H. M. S. L. Os desafios da enfermagem reumatológica: uma perspectiva emergente no cuidado. **Rev. enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, [s.l.], v. 22, n. 6, p. 853-857, nov./dez. 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/12459>. Acesso em: 18 set. 2021.

OLIVERA, G. K. S. Assistência de enfermagem ao portador de artrite reumatóide: um enfoque na atenção primária de saúde. **VEREDAS FAVIP - Revista Eletrônica de Ciências**, [s.l.], v. 3, n. 2, jul./dez. 2010.

PEREIRA, A. C. S. *et al.* “O que é a enfermagem?”: concepções de acadêmicos de Enfermagem sobre o que significa ser enfermeiro. **Itinerarius Reflectionis**, [s.l.], v. 11, n. 1, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/rir/article/view/34037>. Acesso em: 18 set. 2021.

PÉREZ-VELASCO, M.; PEÑACOBÁ-PUENTE, C. Autoeficácia y automanejo de los hábitos saludables en fibromialgia. **Enfermería clínica**, [s.l.], v. 25, n. 3, p. 133-137, maio/jun. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.enfcli.2015.02.001>. Acesso em: 18 set. 2021.

PRIMDAHL, J. *et al.* Cuidados compartilhados ou consultas de enfermagem como alternativa ao acompanhamento reumatologista para pacientes ambulatoriais com artrite reumatóide com baixa atividade da doença - resultados de pacientes de um ensaio clínico randomizado controlado de 2 anos. **Annals of the Rheumatic Diseases**, London, v. 73, p. 357-364, 2014.

ROBINSON, S. M. *et al.* An exploration of the experiences of rheumatology nurses counselling patients on methotrexate therapy. **Musculoskeletal Care**, [s.l.], v. 16, n. 4, p. 463-470, ago. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1002/msc.1361>. Acesso em: 18 set. 2021.

RYAN, S.; MCCABE, C. S.; ADAMS, J. The Current Knowledge and Confidence of Rheumatology Nurses in Providing Advice on Pain Management. **Musculoskeletal Care**, [s.l.], v. 14, n. 1, p. 62-66, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1002/msc.1113>. Acesso em: 18 set. 2021.

SAMPAIO, C. F. S. *et al.* **Crenças e valores culturais na adesão da pessoa ao tratamento e controle da artrite reumatóide**. 2013. Monografia (Graduação em enfermagem) — Centro de Ciências da Saúde, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.

SEBOLD, L. F. *et al.* Cuidar é... percepções de estudantes de Enfermagem: um olhar heideggeriano. **Esc. Anna Nery**, [s.l.], v. 20, n. 2, p. 243-247, abr./jun. 2016. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/eean.edu.br/pdf/1414-8145-ean-20-02-0243.pdf>. Acesso em: 18 set. 2021.

SOUSA, F. I. M. *et al.* Eficácia de consultas realizadas por enfermeiros em pessoas com artrite reumatóide: revisão sistemática. **Revista de Enfermagem Referência**, [s.l.], n. 13, p. 147-156, abr./jun. 2017. Disponível em: https://rr.esenfc.pt/rr/index.php?module=rr&target=publicationDetails&pesquisa=&id_artigo=2685&id_revista=24&id_edicao=111. Acesso em: 18 set. 2021.

TORRES, H. C. *et al.* Avaliação estratégica de educação em grupo e individual no programa educativo em artrite reumatóide. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 43, n. 2, abr. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/HHmrMcqQct6BY6y4yPt4VPg/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 18 set. 2021.

VASCONCELOS, L. B. *et al.* Consulta de enfermagem como oportunidade de conscientização em artrite reumatóide. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, v. 2, n. 2, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/686/762>. Acesso em: 18 set. 2021.

VIVIENNE, L.; MICHAEL, S. Nurses' roles in the management of chronic inflammatory arthritis: a systematic review. **Rheumatology International**, [s.l.], v. 38, n. 11, p. 2027-2036, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1007/s00296-018-4135-9>. Acesso em: 18 set. 2021.

WATTS, R. A. *et al.* The outcome and cost-effectiveness of nurse-led care in the community for people with rheumatoid arthritis: a non-randomised pragmatic study. **Bmj Open**, [s.l.], v. 5, n. 8, p. 1-8, ago. 2015. Disponível em: <https://bmjopen.bmj.com/content/5/8/e007696>. Acesso em: 18 set. 2021.

Capítulo 14

*ATIVIDADES DE PRIMEIROS
SOCORROS NAS ESCOLAS:
REVISÃO NARRATIVA*

ATIVIDADES DE PRIMEIROS SOCORROS NAS ESCOLAS: REVISÃO

NARRATIVA

João Felipe Martins da Silva¹

Rafaela Pereira da Silva¹

Tamires Nascimento da Silva¹

Amanda Peres Lustosa²

Ana Zaiz Flores Hormain Teixeira de Carvalho³

RESUMO

Os primeiros socorros são intervenções que devem ser feitas da forma mais rápida com procedimentos simples, que buscam evitar agravamentos até a chegada de atendimento especializado. Essas intervenções são importantes, pois podem evitar a morte do indivíduo. Objetivou-se descrever as evidências da literatura sobre atividades de primeiros socorros nas escolas, com ênfase nas principais estratégias utilizadas, suas potencialidades e fragilidades. Trata-se de uma revisão narrativa composta por sete artigos científicos consultados entre os meses de fevereiro e março de 2021 disponíveis na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), selecionados por meio de critérios tais como: artigos publicados nos últimos cinco anos, com texto completo disponível e idioma em português. A partir das leituras realizadas surgiram duas categorias: “Estratégias para o ensino de primeiros socorros” e “Potencialidades e fragilidades nas estratégias aplicadas”. Nesse sentido, verificou-se como potencialidades a utilização de metodologias educativas ativas proporcionando aos envolvidos nas estratégias: aulas expositivas, cartilha educativa, avaliações pré e pós-teste, porém, também se observou fragilidades como o curto período das oficinas e não expansão para outros públicos dentro da escola. O conhecimento da população sobre os primeiros socorros é fundamental para evitar danos às vítimas, ou até mesmo a morte. Nesse sentido, a educação em saúde deve ser adotada pelos profissionais como instrumento primordial para facilitar o aprendizado.

Palavras-chave: primeiros socorros; escola; educação.

¹ Estudante do Curso Técnico em Enfermagem. Escola Estadual de Educação Profissional (EEEP) Ícaro de Sousa Moreira.

² Enfermeira Especialista em Centro cirúrgico, sala de recuperação pós-anestésica e central de material e esterilização (IDE). Residência em Saúde da família e comunidade - Escola de Saúde Pública do Ceará (ESP/CE). Professora orientadora de Estágio da EEEP Ícaro de Sousa Moreira. E-mail: amandaperesfanor@live.com

³ Enfermeira. Doutora em Enfermagem - Universidade Federal do Ceará (UFC). Docente da Faculdade de Ensino e Cultura do Ceará (FAECE).

INTRODUÇÃO

Os primeiros socorros são intervenções que devem ser feitas da forma mais rápida com procedimentos simples, que buscam evitar agravamentos até a chegada de atendimento especializado (BARSOTTI, 2019). Essas intervenções são importantes, pois podem evitar a morte do indivíduo.

Evidencia-se que os acidentes que ocorrem entre as crianças acometem infantil, acometem cabeça, face e membros, estando associados principalmente às quedas, cortes e fraturas (MALDA *et al.*, 2009; BEM *et al.*, 2008; DEL CIAMPO *et al.*, 2011). Ressalta-se que os acidentes que ocorrem dentro do ambiente escolar podem acontecer a qualquer momento. Contudo, são mais frequentes durante as práticas esportivas e recreativas, bem como nas pausas das aulas e/ou no horário de intervalo para lanche (SENA; RICAS; VIANA, 2008). Os alunos também podem vivenciar outras situações clínicas específicas, como por exemplo, desmaios, sangramento nasal, engasgo, entre outras.

Dados da Organização não Governamental (ONG) Criança Segura comprovam que acidentes são as maiores causas de morte de crianças de 0 a 14 anos no Brasil (CRIANÇA SEGURA BRASIL, 2020). O ambiente educacional é um local onde se tem a presença de diversas crianças que estão em processo de interação e desenvolvimento do senso crítico e no qual se trabalha diferentes atividades esportivas que podem desencadear acidentes. Os acidentes que ocorrem no cenário escolar podem repercutir em sequelas irreversíveis e morte, caso não ocorra um atendimento imediato e de forma adequada (LEITE *et al.*, 2013).

No ano de 2018, foi sancionada a Lei nº 13.722, conhecida como Lei de Lucas, em referência à morte de uma criança em uma escolada da cidade de Campinas-SP após sofrer engasgo com alimento durante o recreio e não receber socorro em tempo oportuno na escola. Essa lei estabelece que:

Art. 1º Os estabelecimentos de ensino de educação básica da rede pública, por meio dos respectivos sistemas de ensino, e os estabelecimentos de ensino de educação básica e de recreação infantil da rede privada deverão capacitar professores e funcionários em noções de primeiros socorros (BRASIL, 2018, p. 1).

A Lei nº 13.722/2018 torna obrigatória a capacitação em noções básicas de primeiros socorros para professores e funcionários de estabelecimentos de ensino públicos e privados de educação básica e recreação infantil. Sendo assim, observa-se a importância do ensino de técnicas de primeiros socorros nos espaços educacionais (SILVA *et al.*, 2017).

O interesse em estudar essa temática emergiu a partir de experiências pessoais vivenciadas na escola, onde se observou situações que demandavam ações de primeiros socorros e a falta de preparo dos profissionais para prestar os cuidados de forma efetiva e em tempo oportuno.

A pesquisa objetivou descrever as evidências da literatura sobre atividades de primeiros socorros nas escolas, com ênfase nas principais estratégias utilizadas, suas potencialidades e fragilidades.

METODOLOGIA

Este trabalho trata-se de uma revisão narrativa da literatura desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas (GIL, 2010).

A busca de artigos foi realizada entre os meses de fevereiro e março de 2021 na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). A consulta foi realizada através da utilização de descritores controlados cadastrados nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “primeiros socorros”, “escola” e “educação”. Foram inclusos artigos publicados nos últimos cinco anos, com texto completo na íntegra e idioma em português. Inicialmente, foram pré-selecionadas dez produções científicas. Dessas, duas eram teses e em uma não foi possível ter acesso ao texto completo, perfazendo uma amostra final de 7 artigos.

Para análise dos artigos selecionados, foi criado um quadro com as principais características dos estudos selecionados: autores, revista, ano, título, objetivo, metodologia e resultados. Após a análise os resultados dos artigos selecionados foram divididos em duas categorias: “Estratégias para o ensino de primeiros socorros” e “Potencialidades e fragilidades nas estratégias aplicadas”. As informações foram analisadas à luz da literatura disponível sobre a temática.

Os artigos selecionados foram devidamente referenciados, respeitando os aspectos éticos que envolvem a pesquisa de qualquer natureza, destacando o nome dos autores e pontos relevantes das pesquisas.

RESULTADOS

Caracterização e descrição dos estudos selecionados

Dentre os 7 artigos selecionados, o ano de publicação variou de 2017 a 2020, com maior concentração de artigos publicados em 2017 (n=3). Quanto ao objetivo, houve destaque para pesquisas direcionadas à avaliação da eficácia de intervenções educativas sobre primeiros socorros (n=2) e desenvolvimento de tecnologias destinadas a esta finalidade (n=2). Somente um artigo não havia sido publicado em uma revista da área da enfermagem. Quanto ao tipo de estudo, 2 eram estudos descritivos com abordagem quantitativa, um era um estudo quase-experimental, um era estudo de revisão, um era estudo metodológico e um era um relato de experiência. (Quadro 1).

Quadro 1 – Caracterização dos estudos selecionados quanto a autores, revista, ano, título, objetivo, metodologia e resultados

Número do artigo	Autores, revista, ano	Título	Objetivo	Metodologia	Resultados
1	GRIMALDI, M. R. M. <i>et al.</i> , Rev. enferm. UFSM, 2020.	A escola como espaço para aprendizado sobre primeiros socorros.	Implementar estratégia educativa sobre noções básicas de primeiros socorros e verificar o conhecimento destes antes e após a intervenção educativa.	Pesquisa quantitativa, descritiva, exploratória, realizada com 48 estudantes do nono ano. Para verificar o conhecimento, utilizaram-se dez questões objetivas e de múltipla escolha como pré e pós-teste.	Observou-se que em ambas as escolas houve um acréscimo de acertos no pós-teste em relação ao pré-teste, demonstrando que os estudantes foram capazes de agregar a maior parte do conteúdo discutido durante assim oficinas.
2	ZONTA, J. B. <i>et al.</i> , Rev. Latino-Am. Enfermagem, 2019.	Autoconfiança no manejo das intercorrências de saúde na escola: contribuições da simulação <i>in situ</i>	Analisar as contribuições da simulação <i>in situ</i> na autoconfiança de professores da educação infantil e fundamental.	Estudo quase experimental, do tipo pré e pós-teste. Aplicou-se em 76 professores dois instrumentos pré e pós simulação <i>in situ</i> , os quais foram: escala visual analógica de autoconfiança e questionário para avaliar o conhecimento na temática.	A comparação dos resultados de autoconfiança pré e pós simulação <i>in situ</i> identificou promoção da autoconfiança ($p < 0,001$) em especial para aqueles professores com menor tempo de experiência profissional ($p = 0.008$), sem vivência prévia semelhante ($p = 0.003$) e que participaram ativamente da simulação ($p = 0.009$).
3	SILVA, D. P. <i>et al.</i> , Rev. enferm.	Primeiros socorros: objeto de ensino de primeiros	Avaliar o impacto do ensino de primeiros	Estudo bibliográfico, descritivo, tipo revisão integrativa, com busca de	Foram incluídos sete estudos. Embora não se observe um padrão

	UFPE on line, 2018.	educação em saúde para professores	socorros no conhecimento e habilidade de professores.	artigos entre os meses de novembro e dezembro de 2017, nas bases de dados LILACS, BDENF e MEDLINE.	de métodos de intervenção nos estudos analisados, os testes pré-intervenção revelaram resultados inferiores em relação aos testes pós-intervenção.
4	ZONTA, J. B.; EDUARDO, A. H. A.; OKIDO, A. C. C., Esc. Anna Nery, 2018.	Autoconfiança para o manejo inicial das intercorrências de saúde na escola: construção e validação de uma escala visual analógica	Descrever a construção e validação da escala visual analógica de autoconfiança dos professores com relação ao manejo inicial das intercorrências de saúde na escola.	Estudo metodológico desenvolvido a partir do procedimento teórico, empírico e analítico. Projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa.	Escala constituída por 12 itens referentes as principais intercorrências de saúde na escola, índice de validação de conteúdo de 100% na segunda rodada, compreensível pelo público-alvo e com alta consistência interna entre os itens.
5	SILVA, L. G. S. <i>et al.</i> , Rev. Enferm. foco, 2017.	Primeiros socorros e prevenção de acidentes no ambiente escolar: intervenção em unidade de ensino	Descrever uma ação educativa com professores do ensino primário e identificar possíveis situações de risco para acidentes.	Relato de experiência, utilizando a observação e roda de conversa para a coleta de dados.	Construíram-se duas dimensões empíricas, que permitiram constatar que a estrutura observada apresenta fatores de risco para acontecimentos e há deficiência no conhecimento sobre o atendimento primário

6	GALINDO NETO, N. M. <i>et al.</i> , Acta Paul Enferm, 2017.	Primeiros socorros na escola: construção e validação de cartilha educativa para professores	Construir e validar uma cartilha educativa para professores da educação infantil e ensino fundamental I sobre primeiros socorros na escola.	Estudo metodológico realizado a partir da construção de uma cartilha, com posterior validação por 22 juízes e avaliação de 22 professores.	O material foi avaliado pelos professores como bem ilustrado, compreensível e esclarecedor, de forma que se apresenta como um material educativo para ser utilizado pela enfermagem em instituições de ensino e na capacitação de profissionais da educação.
7	MESQUITA, T. M. <i>et al.</i> , Revista Ciência Plural, 2017	Recurso educativo em primeiros socorros no processo ensino-aprendizagem em crianças de uma escola pública	Avaliar a efetividade de uma estratégia de ensino -aprendizagem baseada em um recurso educativo para identificação de procedimentos de primeiros socorros em alunos do ensino fundamental.	Estudo analítico com abordagem quantitativa, desenvolvido em uma escola. Foi ministrada uma aula sobre primeiros socorros em duas turmas, uma fez o uso do recurso educativo e a outra participou de aula expositiva, avaliando-se os recursos mediante aplicação de questionário construído pelos pesquisadores em uma amostra de 46 alunos.	A turma que utilizou o recurso educativo obteve maior número de acertos (87%) em relação a turma que utilizou apenas aula expositiva (37%).

Fonte: elaborado pelos autores (2021).

Estratégias para o ensino de primeiros socorros

As principais estratégias usadas para o ensino de primeiros socorros é sempre procurar realizar uma demonstração para que as pessoas possam identificá-la e assim poder realizar de modo correto o atendimento a pessoa que está em situação de risco, pode ser, também, realizada aulas práticas, aplicação de pré e pós-teste a fim de mensurar o conhecimento, vídeos aula, experiências nas quais os demais possam replicar o que foi passado sobre primeiros socorros (ZONTA *et al.*, 2019; GRIMALDI *et al.*, 2020).

Mesmo que grande parte de agravos relacionados à saúde na infância acontece em domicílio, a escola não fica isenta destas intercorrências pelo motivo de que as crianças passam a maior parte do seu dia nelas. Visto isso, Zonta *et al.* (2019) em seu estudo, mostra a importância dos professores e profissionais da escola terem conhecimento e confiança ao aplicar os primeiros socorros em uma situação de risco.

No artigo de Grimaldi *et al.* (2020) foi realizada uma pesquisa quantitativa, descritiva, exploratória, feita com 48 estudantes do nono ano. A atividade foi desenvolvida por monitores graduandos em enfermagem e por enfermeiras que passaram por treinamento com profissional do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência.

Nesse caso, os profissionais utilizaram aulas expositivas, práticas e vídeos, que abordavam assuntos e condutas de primeiros socorros, ressaltando noções de biossegurança para aqueles que prestam assistências para que evitem contaminação ou que se tornem vítimas. A coleta de dados foi feita por meio de um questionário de pré e pós teste para avaliar o conhecimento dos alunos em relação aos primeiros socorros e após a realização do projeto. Logo, concluiu-se que os estudantes obtiveram um aprendizado significativo por meio da intervenção educativa, o que ressalva a importância da implementação da disciplina de primeiros socorros nas escolas (GRIMALDI *et al.*, 2020).

A revisão integrativa de Silva *et al.* (2017) demonstra que as atividades de primeiros socorros impactam positivamente nos níveis de conhecimento e habilidade de primeiros socorros em professores escolares, os encorajando a terem mais estudos futuros que explorem essa temática, fornecendo embasamento científico, instrumentos e ferramentas para essas práticas, melhorando a sua efetividade, e incentivando profissionais a dedicarem-se a essa atividade.

No estudo de Mesquita *et al.* (2017) executou-se uma pesquisa com 46 alunos da faixa etária de 9 a 13 anos que cursavam o 5º Ano do fundamental. Foram realizadas 2 etapas. A 1ª etapa foi realizado um questionário de 8 perguntas sobre primeiros socorros, depois foi

ministrada uma palestra sobre o assunto. A 2º etapa foi realizado outro questionário também sobre primeiros socorros, com o objetivo de verificar e comparar o conhecimento construído durante a aula. A partir dos resultados pode-se concluir que houve uma decisão no uso de recurso educativo em primeiros socorros como facilitador no processo de ensino-aprendizagem. Foi notada uma evolução entre o 1º e 2º questionário aplicado com as crianças e adolescentes. O 2º Mostrou uma melhora superior ao 1º.

No estudo de Galindo *et al.* (2017) buscou-se validar uma cartilha para professores da educação infantil e fundamental sobre os primeiros socorros. Na cartilha contém informações acerca das condutas corretas para os casos de crise convulsiva, lesões por calor, rebaixamento de consciência, obstrução de vias aéreas, intoxicação exógena e afogamento.

Os artigos demonstraram como potencialidades a utilização de metodologias educativas ativas como facilitadoras desse processo de ensino e aprendizagem, proporcionando aos envolvidos nas estratégias: aulas expositivas, cartilha educativa, avaliações pré e pós-teste, elaboração e reformulação de novas técnicas de acordo o planejamento da experiência educacional proposta. Porém, também teve fragilidades como o curto período das oficinas e observou-se que provavelmente essas atividades de ensino de primeiros socorros não tiveram continuidade, o que desperta para novas pesquisas e intervenções que deem continuidade ao ensino de primeiros socorros.

Potencialidades e fragilidades nas estratégias aplicadas

O método do Zonta *et al.* (2019), proporcionou um aprendizado de maneiras corretas de agir em situações de risco, que podem ocorrer nas escolas, os participantes que eram professores foram estimulados a vivenciar ativamente pelo menos um cenário. Nesse sentido, destacam-se aspectos que poderiam ser melhorados, tais como melhorar a participação dos professores, visto que de 76 somente 32 atuaram ativamente. Outro aspecto relevante é que não incluíram funcionários que não são educadores.

O estudo de Zonta *et al.* (2018), proporcionou uma segurança a mais nas escolas, aumentando a confiança dos professores da instituição, em avaliar e oferecer o primeiro atendimento nas seguintes intercorrências de saúde: febre, engasgo, crise convulsiva, queda, ferimento profundo e sangramento e parada cardiorrespiratória. Porém esse tipo de habilidade não deveria ser restrito somente ao professor, e sim a todos os profissionais os profissionais da instituição.

No estudo de Mesquita *et al.* (2017) foi possível em alguns casos prover um atendimento rápido e prático, realizado por qualquer pessoa que tenha os conhecimentos necessários, evitando agravamento. Por outro lado, se não realizada de maneira correta pode afetar de maneira negativa a situação, podendo piorar o estado da vítima. Por isso, destaca-se que para além da aula expositiva, podem ser realizadas outras atividades, como práticas, vídeos, a fim de agregar mais conhecimento.

A prática da educação em saúde significa contribuir para que as pessoas adquiriram autonomia para identificar e utilizar as formas e os meios para preservar e melhorar sua vida. É uma atividade que requer grande atenção dos profissionais por sua magnitude e deve ser entendido como um instrumento de construção da participação popular nos serviços de saúde ao mesmo tempo que possibilita o aprofundamento da intervenção na vida cotidiana das famílias e sociedade (MESQUITA *et al.*, 2017).

No trabalho de Silva *et al.* (2017) o estudo idealizou a criação e realização de um projeto sobre educação e saúde sendo como o foco principal os primeiros socorros em escolas, proporcionando maior segurança aos alunos e demais professores na escola. Nesse sentido, o trabalho teve como objetivo descrever uma ação Educativa de modo rápido, prático e fácil que possa ser manuseado por qualquer pessoa responsável no lugar que ocorreu o acidente.

No estudo de Galindo *et al.* (2017) observou-se a importância de ter sido apresentado uma cartilha educativa de boa qualidade e com conteúdos adequados para viabilizar a compreensão das informações para o público-alvo. Demonstrou ser um recurso útil e que pode ser utilizado para contribuir na formação de professores e com a capacitação dos professores.

Por fim, o trabalho de Silva *et al.* (2018) mostra a importância de avaliar o impacto do ensino de primeiros socorros no conhecimento e habilidade de professores, os tornando capazes de agirem em uma situação de risco. Avaliar as atividades nesses casos é tarefa relevante e que pode sinalizar aspectos que foram positivos e aspectos que podem melhorar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo tem o objetivo de orientar e ressaltar a importância de primeiros socorros em escolas para todo o corpo docente, na primeira categoria foi citada as estratégias que foram usadas para orientação de primeiros socorros e na segunda categoria, a gente pontuou as potencialidades e fragilidades mostradas nos artigos.

Essas intervenções são importantes, pois podem evitar a morte do indivíduo e lesões permanentes. A escola é um lugar estratégico para abordar essa temática, por meio das diversas técnicas e uso de recursos, tais como: aulas expositivas, vídeos, aplicação de testes, rodas de conversa, cartilha, dentre outros. Destaca-se que ao realizar estas atividades, haja uma parceria real entre os educadores e educandos.

O conhecimento da população sobre os primeiros socorros é fundamental para evitar danos às vítimas, ou até mesmo a morte. Nesse sentido, a educação em saúde deve ser adotada pelos profissionais, como instrumento primordial utilizando assim de estratégias educativas para facilitar o aprendizado.

O ensino dos primeiros socorros em escolas vai ser de grande utilidade para aplicar em situações em que necessite de uma ação imediata para amenizar os danos a vítima. Pensando nisso, encorajar estudos futuros que explorem esse tema, disponibilizando embasamento científico, instrumentos e simulações próximas da realidade de uma situação de risco, vai servir para melhorar a efetividade e reduzir os riscos em de acidentes mais graves em escolas.

Nesse sentido, este trabalho serviu de grande aprendizado para a formação profissional e estudo da temática abordada, poderá servir como base para futuras pesquisas que objetivem ensinar primeiros socorros nas escolas, utilizando tecnologias de ensino aprendizagem diversos.

REFERÊNCIAS

BARSOTTI, G. M. Revisão integrativa: importância da orientação de técnicas de primeiros socorros para leigos. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, São Paulo, 22 maio 2019. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/saude/primeiros-socorros>. Acesso em: 17 fev. 2021.

BEM, M. A. M. *et al.* Epidemiologia dos pequenos traumas em crianças atendidas no Hospital Infantil Joana de Gusmão. **Arq. catarin. med.**, [s.l.], v. 37, n. 2, p. 59-66, 2008. Disponível em: <http://www.acm.org.br/acm/revista/pdf/artigos/550.pdf>. Acesso em: 19 set. 2021.

BRASIL. Lei nº 13.722, de 4 de outubro de 2018. Torna obrigatória a capacitação em noções básicas de primeiros socorros de professores e funcionários de estabelecimentos de ensino públicos e privados de educação básica e de estabelecimentos de recreação infantil. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 193, p. 2, 5 out. 2018. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=05/10/2018&jornal=515&pagina=2&totalArquivos=171>. Acesso em: 19 set. 2021.

COELHO, J. P. S. L. C. Ensino de primeiros socorros nas escolas e sua eficácia. **Revista Científica do ITPAC**, Araguaína, v. 8, n. 1, jan. 2015. Disponível em: https://assets.unitpac.com.br/arquivos/Revista/76/Artigo_7.pdf. Acesso em: 12 fev. 2021.

CRIANÇA SEGURA BRASIL. Ong Criança Segura divulga análise das principais causas acidentais de mortalidade infantil na Semana Nacional de Prevenção de Acidentes. **Criança Segura**, [s.l.], 2020. Disponível em: <https://criancasegura.org.br/noticias/acidentes/ong-crianca-segura-divulga-analise-das-principais-causas-acidentais-de-mortalidade-infantil-na-semana-nacional-de-prevencao-de-acidentes/>. Acesso em: 19 set. 2021.

DEL CIAMPO, L. A. *et al.* Características clínicas e epidemiológicas de crianças acidentadas atendidas em um serviço de pronto-atendimento. **Pediatria**, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 29-34, 2011. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002253245>. Acesso em: 19 set. 2021.

GALINDO NETO, N. M. *et al.* Primeiros socorros na escola: construção e validação de cartilha educativa para professores. **Acta Paul Enferm.**, São Paulo, v. 30, n. 1, jan. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/appe/a/MSchgJRB6rds7HHx4TbWZ9B/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 19 fev. 2021.

GAWRYSZEWSKI, V. P.; KOIZUMI, M. S.; JORGE, M. H. P. M. As causas externas no Brasil no ano 2000: comparando a mortalidade e a morbidade. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, ago. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/TBjY33gKpTsSD3G6ZCbpZCh/?lang=pt>. Acesso em: 12 fev. 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GRIMALDI, M. R. M. *et al.* A escola como espaço para aprendizado sobre primeiros socorros. **Rev. Enferm. UFSM**, Santa Maria, RS, v. 10, p. 1-15, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/36176/html>. Acesso em: 18 fev. 2021.

JORGE, M. H. P. M.; GAWRYSZEWSKI, V. P.; LATORRE, M. R. D. O. I - Análise dos dados de mortalidade. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 31, n. 4, p. 05-25, ago. 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101997000500002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 fev. 2021.

LEITE, A. C. Q. B. *et al.* Primeiros Socorros nas Escolas. **Extendere**, [s.l.], v. 2, n. 1, p. 61-70, 2013. Disponível em: <http://periodicos.uern.br/index.php/extendere/article/view/778>. Acesso em: 19 set. 2021.

LIBERAL, E. F. *et al.* Escola segura. **J. Pediatr. (Rio J.)**, Porto Alegre, v. 81, n. 5, p. s155-s163, nov. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jped/a/8sLR3tHL5z6tFh6m97567Bp/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 16 fev. 2021.

MALDA, D. C. *et al.* Perfil dos atendimentos de emergência por acidentes envolvendo crianças menores de dez anos – Brasil, 2006 a 2007. **Ciênc. saúde coletiva**, [s.l.], v. 14, n. 5, p. 1669-1679, 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Deborah_Carvalho_Malta/publication/240767229_Perfil

_dos_atendimentos_de_emergncia_por_acidentes_envolvendo_crianas_menores_de_dez_ano_s_Brasil_2006_a_2007/links/54f5b73c0cf21b1d8f03ac44.pdf. Acesso em: 19 set. 2021.

MESQUITA, T. M. *et al.* Recurso educativo em primeiros socorros no processo ensino-aprendizagem em crianças de uma escola pública. **Revista Ciência Plural**, Natal, v. 3, n. 1, p. 35-50, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/rcp/article/view/11464/8587>. Acesso em: 19 fev. 2021.

MINAYO, M. C. S.; GUALHANO, L. Acidentes são a principal causa de morte violenta no mundo. **SciELO em Perspectiva**, [s.l.], 2017. Disponível em: <https://pressreleases.scielo.org/blog/2017/01/05/acidentes-sao-a-principal-caoa-de-morte-violenta-no-mundo/>. Acesso em: 11 fev. 2021.

SENA, S. P.; RICAS, J.; VIANA, M. R. A. A percepção dos acidentes escolares por educadores do ensino fundamental, Belo Horizonte. **Rev. Méd. Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 18, n. 4, p. 47-54, 2008. Disponível em: <http://www.rmmg.org/artigo/detalhes/1400>. Acesso em: 19 set. 2021.

SILVA, D. P. *et al.* Primeiros socorros: objeto de educação em saúde para professores. **Rev. enferm. UFPE on line**, Recife, v. 12, n. 5, p. 1444-1453, maio 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/234592>. Acesso em: 18 fev. 2021.

SILVA, L. G. S. *et al.* Primeiros socorros e prevenção de acidentes no ambiente escolar: intervenção em unidade de ensino. **Rev. Enferm. foco**, Brasília, DF, v. 8, n. 3, p. 25-29, 2017. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/893/394>. Acesso em: 18 fev. 2021.

SOUZA, C. R. *et al.* **Primeiros socorros no ensino fundamental**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Naturais) — Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2013. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/6031/1/2013_CeciliaRegi naDeSouza.pdf. Acesso em: 11 fev. 2021.

TUMELERO, N. Revisão de literatura e revisão bibliográfica em apenas 4 passos. **Blog do Mettzer**, Florianópolis, 9 jan. 2018. Disponível em: <https://blog.mettzer.com/revisao-da-literatura/>. Acesso em: 24 fev. 2021.

ZONTA, J. B. *et al.* Autoconfiança no manejo das intercorrências de saúde na escola: contribuições da simulação *in situ*. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 27, n. 3174, 2019. Disponível em: http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692019000100359&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 18 fev. 2021.

ZONTA, J. B.; EDUARDO, A. H. A.; OKIDO, A. C. C. Autoconfiança para o manejo inicial das intercorrências de saúde na escola: construção e validação de uma escala visual analógica. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 4, 13 set. 2018. Disponível em: http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452018000400215&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 18 fev. 2021.

IMAC Editora

E-mail: contato@editoraima.com.br
Site: www.editoraimac.com.br

ISBN 978-65-995347-3-7